

LIBRERIA
DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM
NA CONQUISTA, E DESCURRIMENTO
DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA DECIMA.

P ARTE PRIMEIRA.



LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M. DCC. LXXXVIII.

Com licença da Real Mæte da Comissão Geral sobre o
Exame, e Censura dos Livros, e Privilégio Real.

BIBLIOTECA DO J. L. T. CO. E. C. B. L. C. I. O. N. O

THOMAS JOSÉ DE BARRAS QUEIROZ

OF 352A

281304

✓ 29/62 4.12.1 4.0
OF 352A 281304

281304 4.12.1 4.0
OF 352A 281304

281304 4.12.1 4.0
OF 352A 281304

281304 4.12.1 4.0

281304 4.12.1 4.0
OF 352A 281304

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTEM
NESTA PARTE PRIMEIRA
DA DE CADA X.

LIVRO I.

CAP. I. De como por morte do Viso-Rey D. Luiz de Ataide succedeo na Governança da India Fernão Telles: e das cousas em que provoco primeiro que entrasse no inverno. Pag. 1.

CAP. II. De como o Idatxá foi morto por hum pagem, e lhe succedeo no Reyno seu sobrinho Abralento: e da liga que o Melique, e Cutubixa fizeram contra elle: e dos Embaixadores que mandaram ao Governador Fernão Telles. 8.

CAP. III. Dos navios que o Governador mandou a Costa do Masuliputão esperar humas náos de inimigos que lá estavam: e da Armada que ordenava pera o Malavar: e de como chegou huma fusla de Ormuz com hums papeis, que El Rey D. Philippe mandava, de como ficava jurado por Rey de Portugal: e do que o Governador mais fez. 14

CAP. IV. De como El Rey D. Filipe foi jurado por Rey na Cidade de Goa. 22.

CAP. V. Em que se contém hum Alvará dos Governadores, por que mandão, que ainda que as Patentes, Alvarás, e Provisões dos Cargos, e Offícios que derem, não vão assignados por mais que por tres delles, valhão tão inteiramente, como se o foram por todos sincos: e huma Carta de El Rey nosso Senhor, em que dá poder ao Conde de Atouguia D. Luiz de Ataide, Viso-Rey da India, e o faz seu Procurador, e de seu filho o Sereníssimo Príncipe D. Diogo, pera em nome de ambos poder receber, e acceptar omenagem, e vassallagem dos Capitães, Vereadores, Fidalgos, Soldados, e mais Estados que houver na India. 27.

CAP. VI. Em que se contém a Sentença que os Governadores deram naquelle declaração, a quem pertence a herança dos Reynos de Portugal. 32.

CAP. VII. Do grande patrimônio que El Rey Filipe herdou em todo este Oriente, com todos os Reynos de Portugal: e do estado em que nesse tempo estavam as coisas da India. 42.

CAP. VIII. De como o Governador Fernão Telles despediu Matheus Pires com Procuração bastante pera todas as Fortalezas

gas do Norte, para jurar por todas El-Rey D. Philippe: e do aviso que mandou a El-Rey por terra, que levou Feronymo de Lima: e de como Mathias de Albuquerque foi aps huns Paraos, que tomou em Carapatão.

54.

CAP. IX. De como El-Rey D. Philippe elegero D. Francisco Mascarenhas por Viso-Rey da India: e do contrato que fez das nãos da Correira: e do que aconteceo a Francisco Mascarenhas na viagem ate chegar a Goa.

61.

CAP. X. Do que aconteceo na jornada a Gonçalo Vas de Camões, e Antonio Pereira Pinto: e da grande briga que tiveram com huma nôo do Rey de Pegú, e com huma Armada sua: e de como morreu aquelle Rey, e lhe sucedeo seu filho, e soltou os Portuguezes que estavam cativos, e de outras cousas.

74.

CAP. XI. Do que neste tempo aconteceo nos estreitos de Meca, e da Persia: e de como tres Galés de Rumes foram d'nostra Povoação de Mascate, e a assolaram, roubaram, e destruiram: e do que fizeram os Portuguezes que nella estavam.

84.

CAP. XII. Do que mais fizeram os Turcos ate se recolherem, e do que aconteceo aos moradores de Mascate: e das novas que

foram a Ormuz : e de como D. Gonsalo de Menezes mandou huma Armada em busca dos Turcos. 93.

CAP. XIII. De como esta Armada foi á costa dos Nastiques : e da destruição que fez por toda ella : e de como em Ormuz juraram por Rey a ElRey D. Philippe : e da viagem que fizeram por terra as pessoas que mandaram, assim o Governador Fernão Telles, como o Conde D. Francisco Mascarenhas Viso-Rey. 99.

CAP. XIV. Do que aconteceu ao Governador Fernão Telles até se embarcar para o Reyno : e de como se fechou a casa em que estam os retratos dos Viso-Reys com o seu : e do que sobre isso se nota. 106.

CAP. XV. De todos os Viso-Reys, e Governadores, que governaram a India, e que estam neste caso, com o tempo que cada hum governou. 110.

CAP. XVI. De todas as Armadas que os Reys de Portugal mandaram á India, até que ElRey D. Philippe sucedeo nestes. 116.

L I V R O II.

CAP. I. De como a não do Reyno chegou a Malaca, e D. João da Gama jurou a ElRey D. Philippe por Rey : e co-

mo D. Francisco Mascarenhas mandou por Capitão Mór de Malavar a Mathias de Albuquerque: e da Armada dos Aventureiros que o Viso-Rey ordenou, de que fez Capitão Mór D. Simão da Silveira; e por falecer antes de se embarcar, foi eleito em seu lugar Diogo Lopes Coutinho.

149.

CAP. II. Do que aconteceio à Armada de Mathias de Albuquerque na Malavar.

157.

CAP. III. Do que mais aconteceio este verão a Mathias de Albuquerque: e de como destruiu as Rainhas da Serra, e de Olala.

162.

CAP. IV. Do que aconteceio à Armada dos Aventureiros em Surrate com huma não de Caliche Mabamed: e de como os Mogores saltearam alguns soldados nossos: e de como Diogo Lopes Coutinho lhe queimou a Aldeia dos Abexius, e de outras cousas.

169.

CAP. V. De como o Conde D. Francisco Mascarenhas mandou seu sobrinho D. Jeronymo com huma Armada ao Estreito: e do aviso que mandou à Costa de Melinde, e Mocambique por haver novas de Galés: e do que aconteceio à Armada dos Aventureiros em Surrate: e de como os Mogores foram sobre Damão.

180.

CAP.

CAP. VI. De como os Mogores entraram pelas terras de Damão: do dano que fizeram: e do que fez o Conde Viso-Rey D. Francisco Mascarenhas em lhe dando as novas do cerco. 187.

CAP. VII. De como D. Gilcaes Mascarenhas chegou a Damão: e do que os Mogores fizeram pelas Tanedarias: e da vista que deram à Cidade: e da escaramuça que os nossos tiveram com elles. 193.

CAP. VIII. Do que mais aconteceu em Damão: e das grandes diferenças que houve entre o Capitão da Cidade, e dos Adventureiros: e de como os Mogores trattavam de paz: e de como o Viso-Rey mandou Gutiérre de Monroy a invernar a Dio, e do que lhe sucedeu. 200.

CAP. IX. Das coisas que o Viso-Rey pro-
veu, e dos Capitães que despachou para
fora: e do que aconteceu o resto do verão
a Matbias de Albuquerque até se reco-
lher. 209.

CAP. X. Do que aconteceu a Fernão Roto Machado na viagem até Moçambique, e a D. Jeronymo Mascarenhas no Estrei-
to de Méca até chegar a Ormuz: e de como foi contra os Nequilins, e do que com elles aconteceu. 214.

CAP. XI. De como os Capitães de El Rey de

de Lara tomaram a Fortaleza de Xamel, e outras que o Rey de Ormuz tinha no Magostão. 219.

CAP. XII. De como os nossos foram caminhando pera Xamel: e do que lhes aconteceu até chegarem lá: e do sitio daquelle terra, e Fortaleza. 225.

CAP. XIII. De como se passou a artilharia á outra banda com muito risco: e de como começaram a bater o Xarabando: e de como o vanbaram por assalto. 233.

CAP. XIV. De como D. Francisco foi avisado que o filho de El Rey de Lara tinha socorrer os seus: e de como os nossos se fortificaram: e do ardil que os Amadizes usaram com os Laris, porque se enregaram a partido: e da grande crueza que os Amadizes com elles usaram. 241.

CAP. XV. Das cousas que sucederam em Damão, acabante o cerco: e de como os nossos foram contra o Rey de Sarzeta, e lhe queimaram a sua Cidade, e destruiram suas terras. 248.

L I V R O III.

CAP. I. De como o Turco mandou prever a Fortaleza que tinha nos Estados da Persia: e de como Oxa se confederou com Semechombel Gorgiano contra

tra os Turcos: e da batalha que com el-
les teve, em que os desbaratou. 260.

CAP. II. De como Roque de Mello chegou
a Melaca: e de como huma grande Ar-
mada do Achém foi sobre aquella Forta-
leza: e da bateria que deo os nãos que
estavam no Porto. 271.

CAP. III. De como os Turcos, que biam na
Armada do Achém, ordenaram humas
balsas de fogo pera queimarem as nãos:
e de como Nuno Monteiro, que andava
no estreito em huma Galaca, foi soccor-
rer a Malaca: e da aspera batalha que
teve com a Armada do Achém: e de co-
mo por desastre tomou fogo, e se abra-
zou, e queimou. 277.

CAP. IV. De como Fernão de Miranda foi
a Surrate esperar as nãos de Meia, e
tomou huma Cidade de Balata: e do gran-
de motim que houve em toda a Armada
contra o Capitão Mór. 287.

CAP. V. De huma não do Hecbar, que foi
reprezada em Goga, a que acudiu Fer-
não de Miranda: e de como o Viso-Rey
a mandou largar: e do castigo que deo
Fernão de Miranda aos moradores do
Castelete. 300.

CAP. VI. Das cousas que neste anno acon-
teceram em Maluco: de como o Governa-
dor das Manilhas escreveu a Diogo de
Azam-

Azambuja, Capitão de Tidore: e de como estava jurado em Portugal El Rey D. Filipe, e de outras cousas. 307.

CAP. VII. De como Diogo de Azambuja mandou pedir socorro ao Governador de Manilha, por lhe faltar o de Malaca: e de como lho mandou por D. João Ronquilho: e das cousas que succederam até chegar D. Alvaro de Castro, que faleceo. 313.

CAP. VIII. Das Armadas que o Viso-Rey D. Francisco Mascarenhas ordenou: e das naos que este anno de 582. partiram do Reyno: e do que lhe succederam na viagem. 321.

CAP. IX. Das cousas que o Viso-Rey mais proveo: e de como Mathias de Albuquerque foi ao Malavar, e Guterre de Monrooi a Caranor: e de como D. Miguel da Gama se foi pera o Reyno na sua nāo Reliquias. 328.

CAP. X. Do que acontecece a Fernão de Miranda na Costa do Norte: e de como D. Jeronymo Mascarenhas chegou a Goa, e o Conde seu Tio o tornou a mandar embarcar pera irem castigar o Colle. 335.

CAP. XI. De como o Capitão de Bacaim com D. Jeronymo, e Fernão de Miranda foram contra o Colle: e do que lhe a-

col-

conteco até chegarem á sua Cidade, e
a queimaram, e destruirão. 342.

CAP. XII. De como os nossos se foram re-
colhendo: e dos recontres que tiveram com
os inimigos: e dos casos que nelle suc-
cederam. 348.

CAP. XIII. Da desastrada perdição de D.
João da Gama, vindo de Malaca: e de
como se salvou no batel: e do que passou
até chegar a Cochim. 355.

CAP. XIV. De outra não que se perdeu
vindo da China junto de Ifor: e dos re-
cados que passaram entre o Capitão de
Malaca, e aquelle Rey sobre a fazenda,
que elle roubou della. 362.

CAP. XV. Do que aconteceu a D. Gileanes
Mascarenhas no Malavar todo o resto do
verão: e do que aconteceu a André Fur-
tado de Mendoza no rio de Cunhale com
bumas Galeotas de Móozos. 371.

CAP. XVI. Da antiguidade da Cidade de
Barcelor na Costa Canaria: e de como os
moradores della trataram de tomar a
nossa Fortaleza, e por traição, a que
não houve efeito por chegar a ella D.
Gileanes Mascarenhas: e de como elle
destruiu as Aldeias de Asselona, e Cucu-
li nas terras de Salfete. 379.

CAP. XVII. Dos tratos que mais tiveram
os Chatins de Barcelor pera lhes entre-
ga-

garem a Fortaleza, os quaes foram descubertos: e de como o Viso-Rey mandou André Furtado a soccorrella: e das cousas em que mais proveo o Viso-Rey. 385.

L I V R O IV.

CAP. I. Das cousas que este anno de 583. em que andamos succederam em Persia: e de como Oxá foi contra seu filho Abax Mirza, que estava no Coboracône por induzimento de Mirza Salmas Georgiano. 392.

CAP. II. De como sabendo o Turco da ida do Xii ao Coboracône, mandou proseguir na empreza da Persia: e das cousas que nella succederam. 402.

CAP. III. De como os moradores das Aldeias de Cuculi, e Salsete mataram o Padre Rodolfo Aquavita, e outros quatro Companheiros, e a razão porque. 410.

CAP. IV. Do que mais aconteceu em Barcelor: e da guerra que André Furtado fez aos Chatins: e dos navios que o Conde em Agosto despedio pera o Malavar: e de como D. Jeronymo Mascarenhas partio pera Malaca com huma Armada. 517.

CAP. V. Da Armada que este anno de 583. partio do Reyno, na qual El Rey proveo

o Arcebispado da India: e do novo contrato que se fez das náos com Manoel Caldeira: e de como D. Gileares Mascarenhas foi por Capitão Mór ao Malabar: e do que aconteceu a André Furteado até elle chegar. 422.

CAP. VI. De como Soltão Almodafar Rey de Cambaya, que o Mogor trazia prezo, fugio, e tornou a conquistar aquelle Reyno: e de como o Conde D. Francisco mandou Fernão de Miranda com huma Armada a enseada de Cambaya, e do que lhe sucedeu. 428.

CAP. VII. Das alterações que houve no Reyno de Idalxid: e de como alguns Capitães trataram de metter Cofucham de posse daquelle Reyno: e do que sobre isto fez o Conde D. Francisco Mascarenhas: e de como partiu para o Norte: e do que sucedeu a Fernão de Miranda. 433.

CAP. VIII. Do que fez o Mogor, tanto que soube das cousas de Cambaya: e de como huma náo sua, que vinha da India, foi ter a Goga: e de como Balthazar de Siqueira partiu de Dio com alguns navios para a reprezar, e do que passou. 441.

CAP. IX. De como Mizarchão chegou a Cambaya: e dos recontros que teve com a gente de ElRey ate chegar o Hecbar: e

e de como El Rey Amodafar lhe largou o Reyno, e se recolheu: e do que fez o Conde D. Francisco no Norte: e de como os Malavares mataram D. João de Castro: e da morte de D. Gonsalo de Menezes.

448.

CAP. X. Das ceusas que aconteceram em Goa, estando o Vizo-Rey no Norte: e de como Cufochão foi levado por engano ao Balogate, onde lhe tiraram os olhos: e do que sucedeu ao Vizo-Rey até chegar a Ciaa.

454.

CAP. XI. De como Pedro Lopes de Sousa trouxe a Goa Cid Ali, e Bebi Acila: e do que passaram em Goa: e do que aconteceu a D. Gileanes Mascarenhas no Malavar: e das pazes que fez com o Comorim.

460.

CAP. XII. Do que sucedeu a D. Jeronymo Mascarenhas em toda a viagem até se tornar para a India: e do que lhe aconteceu em Ceilão: e dos assaltos que João Correa de Brito mandou dar em terras do Rajú.

466.

CAP. XIII. De como El Rey de Cochim desistiu do direito que tinha na Alfandega, e o trespassou a El Rey de Portugal: e dos alvorozos que houve naquella Cidade sobre este negocio.

472.

L I V R O V.

CAP. I. Das coisas que succederam em Cambaya: e de como o Magor tornou a senhorear aquelle Reyno. 481.

CAP. II. De como o Turco mandou Ferat Baxá a prover os Fortes que tinha nos Estados da Persia: e da batalha que Símão Bel deu a Resuan Baxá, em que o desbaratou. 486.

CAP. III. De como Francisco Gale foi por ordem de El Rey descubrir a Costa da nova Hespanha de 40. graus para sima: e da derrota que levou desde o porto de Acapulco até Japão, e dahi até tornar ao mesmo porto. 493.

CAP. IV. De como Fernão Roto Machado chegou a Maluco, e de sua morte: e como Diogo de Azambuja tornara a ficar naquella Fortaleza de Maluco: e da morte de El Rey Babu de Ternate: e das diferenças que houve sobre a herança daquelle Reyno. 503.

CAP. V. De como o Conde D. Francisco Mascarenhas mandou matar os culpados na morte dos Padres da Companhia, que mataram em Cacult: e da marha que Gomes Eannes de Figueiredo Capitão de Rachal teve pera os haver ás mãos. 509.

CAP. VI. Da Embaixada que o Viso-Rey mandou ao Oxá pelo Padre Fr. Simão de Moraes da Ordem de Santo Agostinho: e da occasião que houve para isso: e do que lhe aconteceu na jornada. 514.

CAP. VII. De como D. Gileanes Mascarenhas foi ao Malabar: e de como entrou o río de Sanguicer para castigar aquelle Naique: e do desastre por que foi morto. 520.

CAP. VIII. Do que mais aconteceu a estes navios, e lhe sucedeu, e de como chegaram á Barra de Goa as ilhas Caranya, e Boa-Viagem, que tinham partido do Reyno, em companhia de D. Duarte de Menezes, que vinha per Viso-Rey da India. 530.

CAP. IX. Das Armadas que o Conde D. Francisco mandou para fôra: huma de Contocoulões para o Norte, de que foi por Capitão Mór Pedro Homem Pereira, e outra para o Malabar, em que foi D. Jeronymo Moscarenhas, e do que lhe sucedeu: e das notícias que chegaram do Viso-Rey D. Duarte de Menezes ser em Cochim. 534

CAP. X. De como se perdeu o Galeão que bia para Ceilão, e a gente, e dinheiro se salvou, e outras coisas. 539.



DECADA DECIMA

Da Historia da India.

L I V R O I.

C A P I T U L O I.

De como por morte do Viso-Rey D. Luiz de Ataíde sucedeoo na Governança da India Fernão Telles: e das cousas em que provôeo primeiro que entrasse no inverno.



ALECIDO o Viso-Rey D. Luiz de Ataíde, como no fim da nona Decada fica dito, foi aberto seu Testamento, em que se mandava enterrat na Igreja dos Reys Magos, na cova em que estavam os ossos de seu Irmão D. João de Ataíde. Esta morte do Viso-Rey parecc que.

Couto. Tom. VI. P. I.

A



2 ASIA DE Dioco de Couto

estava já por elle profetizada havia mecos de hum anno ; porque falecendo Antonio Botelho seu Primo com Irmão, mandando-se enterrar naquelle cova , fazendo-lho a saber , respondeo que a tinha guardado pera si ; porque muitas vezes por hum certo juizo Divino vem a acontecer o que hum homem facilmente diz , sein cuidar que o pôde vir a ser. Foi o corpo do Viso-Rey vestido no habito de S. Francisco , e nos sima o da Cavallaria de nosso Senhor Jesu Christo , e acompanhado do Cabido , Ordens , Irmandade da Misericordia , e de todos os Fidalgos , Cavalleiros , e Officiaes da Fazenda , e Justiça , e foi levado á Igreja dos Reys Magos , em cuja Capella foi depositado. E logo o Bispo de Malaca D. João Ribeiro Gayo , que servia de Presidente da Relaçao por ordem do Viso-Rey , em cuja mão estavam as sucessões da Governança da India , posto em sima dos degráos do Altar , e o Secretario Manoel Botelho Cabral , tirou da manga hum maço das sucessões , que o anno atrás passado tinham mandado os Governadores , e Defensores do Reyno , com huma Instrucçao , em que mandavam , que se não usasse das que tinha mandado o Cardeal Rey por respeitos que pera isso tiveram ; e aberto o maço , acharão-lhe nelle cinco Provisoes com

com títulos de 1.^a 2.^a 3.^a 4.^a e 5.^a e tomando a primeira, a entregou ao Secretario, que a amostrou no ar ao povo, porque vissem que estava cerrada com o sello das Armas Reaes, que foi examinada pelo Capitão da Cidade, e pelo Ouvidor Geral; e a acharam inteira, limpa, e sem vicio, nem suspeita de ser aberta, nem falsificada; e visto bem tudo, a tomaram ao Secretario, que em alta voz leu o soberano de sôra, que assim dizia, « Pelos Governadores, e Defensores do Reyno, e Senhorios de Portugal, - esta primeira sucessão da Governança da India feita a 26. de Março de 1560. se abrirá, sendo easo, que Deos não permitta, que faleça D. Luiz de Ataíde, Conde de Atouguia, Viso Rey da India » e assignados ao pé todos os cinco Governadores. Abrindo-se a sucessão, a foi o Secretario lendo em alta voz, cujo theor era o ordinario nestes Estados, e nella se achou Fernão Telles. E dizem que Ruy Pires de Tavora, que estava nos degrãos por deitás do Secretario, pondo os olhos na Provisão, por muito que o Secretario trabalhou pela encubrir com a borda debaixo que virou sobre ella, vio nomeado Fernão Telles, de quem era muito amigo; e sahindo-se de alli, entrou em huma cella, onde elle estava re-

colhido , com D. Pedro de Menezes , que
muitos haviam que succederia naquelle lu-
gar ; e o Conde D. Luiz assim o dava
a entender , porque nunca em quanto se
achou mal o quiz despachar pera ir entrar
na Capitania de Dio. Chegado Ruy Pires
a Fernão Telles , o levou nos braços , dan-
do-lhe os parabens , que elle recebeo sem
alteração alguma. Após elle logo chegou
o tropel dos Fidalgos , de quem com grande
alvoroço foi levado nos ares , porque
por suas partes , e qualidades era muito
amado , e bemquisto de todos. O Bispo ,
e o Secretario , depois de lida a Provisão ,
foram a elle , e lha notificaram ; e elle a
acecito , e se foi pera a Capella maior ,
onde estava o corpo do Conde D. Luiz ;
e o Capitão D. Tristão de Menezes , assen-
tado em huma cadeira , e o Governador
posto de joelhos diante delle , lhe deo em
suis mãos em nome de ElRey a omena-
gem do Estado da India pela fórma acol-
tumada nelle.

Acabado isto , o Licenciado André Fer-
nandes , que servia de Chanceller do Esta-
do , lhe deo juramento sobre hum Missal
de cumprir com as obrigações daquelle
cargo pela ordem acostumada , que o Se-
cretario lhe hia lendo ; e acabado este auto ,
que foi aos 10. dias do mez de Março

de 1581. enterrado o corpo do Conde, recolheo-se o Governador pera dentro, com bem differente sentimento dos parentes, amigos, e criados de hum, e outro, porque hums choravam a perda do Viso-
Key, outros festejavam a nova sucessão do Governador; e assim quasi que estavam repartidos, todos os que presentes estavam, nestes dous actos de tristeza, e alegria, cousa que geralmente acontece em todas as do mundo, em que ha tanta diferença, que as mesmas que daim prazer a hum, o fazem perder a outros; porque as mais altas, e maiores felicidades da terra não succedem senão por outras maiores perdas, e adversidades alheias.

Recolhido o Governador, pedirão-lhe os Vereadores de mercê que se detivesse alguns dias, em quanto lhe preparavam seu recebimento; e porque o verão se hia acabando, e tinha muitas cousas em que prover, lhe concedeo só tres, em que despachou muitos negocios, e deo o cargo de Chanceller ao Licenciado Franciseo de Frias, escusando o Bispo de Malaca do trabalho da Relação, pedindo-lhe se embarcasse pera a sua Prelazia, que havia dias estava sem elle, como elle logo sez. O Governador foi escrevendo pera Malaca, e Maluco, mandando dar pressa ao

6 ASIA DE Diogo de Couto

Galeão, que havia de levar os provimentos pera esta Fortaleza, de que era Capitão Fernão Ortiz de Tavora. Passados os tres dias, partio o Governador dos Reys Magos em huma fersmota Galé, acompanhado de muitos nayos, outros cimbandeirados, e entramados, e cheios de muitos instrumentos de prazer, e alegria; e assim foi entrando pelo rio assim com grandes salvas de artillheria, assim do mar, como da terra, e desembarcou no caes da Fortaleza, que estava com muitos arcos, e ramos, e com tanto concurso de gente que o hiam ver, que não cabiam na porta da Cidade, e o esperaram os Vereadores, e em nome da Cidade se lhe fez huma boa ordenada falla, em que lhe davam os parabens de sua successão; e apôs ella lhe deo o Vereador mais velho o juramento de guardar seus fôros, privilegios, e liberdades; e tomando-o debaixo do Pallio, foi levado á Sé acompanhado do Cabido, que o esperou da porta da Cidade pera dentro; e depois de dar graças a Deos nosso Senhor, se recolheo pera seus aposentos; e a princira cousa que fez foi despachar D. Pedro de Menezes pera a Capitania de Dio, de que era provido, e lhe deo huma Galé pera levar sua mulher, porque era casado com D. Luiza Coutinha, filha de

Ma-

Manoel Coutinho, hum Fidalgo honrado, que morrco indo pera Portugal a requerer, e lhe deo muito liberal despacho, por ser hum Fidalgo velho na India, e muitos serviços, e merecimentos, e muito respeitado de todos os Viso-Reys por sua autoridade, saber, e conselho.

Este Fidalgo partio já em Abril; e chegando a Chaul, por achar ameaças de interno, e nao querer arriscar a Galé no golfo de Dio, a tornou a mandar pera Goa, e se mudou a dous, ou tres navios ligeros, em que passou áquella Fortaleza. O Governador deo tambem grande aviamento a outras cousas, e mandou entibarcar pera Maluco muitas roupas, dinheiro, munções, e outros provimentos que o Conde D. Luiz tinha já pera Japão, de que era Capitão D. João de Almeida, irmão do Contador Mór, que a comprou á Cidade de Malaca, por lhe ter El Rey feito mercê della pera sua fortificacão, que quiz que precedesse a todas por ser pera bem comum, e defensao daquella Cidade; e assim escreveo logo o Governador em succedendo a todas as Fortalezas Norte, e Sul, fazendo-lhes a saber de sua successão, e despedio Lourenço Dias de Moraes por Veador da Fazenda pera as Fortalezas do Norte: e com isto se recolhēram as Armas das

8 ASIA DE Diogo de Couto

das, que andavam fóra, e o Governador fez mercês aos Capitães, e soldados della, com o que se cerrou o inverno.

C A P I T U L O II.

De como o Idalxá foi morto por hum Págem, e lhe sucedeo no Reyno seu sobrinho Abralxem: e da liga que o Melique, e Cutubixa fizeram contra elle: e dos Embaixadores que mandaram ao Governador Fernão Telles,

Por seguirmos a ordem que levamos de o princípio das nossas Decadas, que contamos as coisas alheias no inverno; em que não ha que fazer com as nossas, guardámos estas pera este lugar, porque sucederam pouco antes que falecendo o Conde D. Luiz de Ataíde, porque foi assim necessário pera as contarmos todas juntas; pelo que se ha de saber, que sendo Rey em Visa por Alja Idalxá; que foi o que por aquelle soberbo cerco á Cidade de Goa, sendo a primeira vez Viso-Rey da Índia o mesmo D. Luiz de Ataíde, como temos já tratado na nossa oitava Decada, em que se pôde ver.

Este Rey como era torpe, cujo, e infame, e pera suas torpezas tomava quasi por

por força os filhos a seus Capitães, sucede-o este anno passado de 1580. tomar hum de dezoito annos pera vinte, mancebo de brio, e de animo valeroso, que vendo que El Rey o queria affrontar, e çujar, valendo-se de huma adaga que levava, remetendo com elle, o matou, e se acolheio tão prestes, que quando ouvirem os gritos, já elle estava posto em falvo. Viveo este maldito Rey sincuenta e tantos annos, e destes reinou vinte e tres, e dous mezes; e acudiudo os Capitães, e Regedores do Reyno, por não haver Príncipe Herdeiro, alevantáram por Rey hum dos dous sobrinhos do morto, o chamado Abralcimo, filho segundo do Xthomas, hum dos dous irmãos, que elle matou, como na Setiima Decada fica dito no Cap. I.

Era este Rey Abralcimo moço de dez annos, e quasi forçosamente tomou a tutoria, e governo de todo o Reyno hum Capitão chamado Camalcham, casta Abexim, homem muito poderoso, e de grande prudencia, e conselho; e pelas partes que tinha, fez subir aquelle moço na Cadeira do Reyno, sendo o outro irmão mais velho, e a quem de direito (se entre Mouros o houvera) lhe pertencia.

Este Camalcham a primeira cousa que fez em alevantando o moço por Rey, foi

pren-

prender o irmão , e mandallo meter na fortaleza de . . . com grandes guardas , donde depois fahio , sendo Vito-Rey Mathias de Albuquerque , sobre que se levantaram grandes guerras naquelle Reyno , conio na undecima Decada diremos , se Deos nos der vida , e aos Reys favor pera os escrevermos . O Governo deste homem foi muito invejado de todos os Capitães , principalmente de Quisbalcham , filho de outro Quisbalcham , que já fora Regedor daquelle Reyno em tempo de Alja Idalxá mais de quinze annos ; e tendo estes praticas sobre este negocio com alguns Capitães , ajuntáram suas gentes ; e primeiro que fossem sentidos , entráram pela Cidade de Visa , por onde estava a Corte , e dando de supito nos Paços , mataram Camalcham ; e o Quisbalcham lançou mão do Rey , e do Governo , em que esteve só quatro mezes . Neste tempo os Abexins , que sam todos de guarda de ElRey , e de tanta confiança como Genizaros do Turco , ou como os Mamelucos , com os antigos Soldões do Egypto , sofrendo aquillo mal , fizeram tres Cabeças a tres grandes Capitães chamados o Calascham , Ariniocham , Diloruacham , e foram contra a Cidade de Visapur ; e não ousando o Quisbalcham a esperálos , fugio pera a Corte de Melique , e os Abexins lan-

lançaram mão do Rey, e ficaram aquelles tres Capitães governando tudo.

Mas como o mando repartido por muitos causa sempre inveja, e odio, não sofrendo Dilutuacham, hum dos tres Regedores, companhia no Governo, lá teve modo com que prendeo os dous em huma Fortaleza, e elle ficou só com todo o poder, no que o ajudaram quatro filhos que tinha já homens, grandes cavalleiros, e muito poderosos; e pera se mais segurar em sua tyrannia, repartio os filhos pelas mais partes do Reyno, e principaes forças, pera que de nenhuma parte se pudeisse temer, ficando o Reyno só, debaixo de sua chave, sem eleição daquelle Rey, porque elle mandava, e dispunha em tudo como queria. Os dous Capitães Abexins, que elle tinha prezos, escandalizados daquelle negocio, lá tiveram maneira com que mandáram algumas pessoas de confiança a tratar com o Conde D. Luiz de Ataíde alguns negocios, quando o acharam já muito mal; e todavia ainda os ouvio, e elles lhe pediram da parte dos Abexins que lhes dêste Cufichão filho de Mialé pera o metterem no Reyno, e que não queriam mais que deixallo elle passar da outra banda, porque logo lhe acudirão todos os Capitães, porque andavam escandalizados;

e juntamente com isto solicitaram tambem o Jamaluco, e o Cutubixa, pera que entrassem nesta liga. Os enviados que mandou a estes Reys tal manha tiveram com elles, que os indignaram contra o tyranno, e prometeram de favorecerem o Miale, e de o ajudarem a metter no Reyno; e pera significarem isto ao Conde D. Luiz, lhe mandaram seus Embaixadores pera saberem delle o modo que queria ter naquelle negocio. O Viso-Key ouvio os primeiros enviados; e como estava enfermo, nao só lhe não deo orelha áquelle negocio, mas mandou segurar o Cufuchão na Torre de Menagem, porque se não fosse de Goa, por convir assim ao Estado da India; e poucos dias depois do Governador Fernao Telles succeder no governo, chegaram os Embaixadores daquelles Reys, e do Melique, chamado Logeadigar Mahamede, e o do Cobixa Coge Gilão Mali, e antes de entrarem em Goa, teve o Governador aviso, e mandou preparar seu recebimento, que se lhe fez com grande magestade; e sabendo que vinham sobre couisas de Cufuchão, o mandou tirar da Torre da Menagem, e poz em sua casa por honra daquelles dous Reys, e ouvio os Embaixadores que da parte de seus Reys lhe pediram que lhe dësse Cufuchão, filho de Ma-
Ju-

luchão pera o meiterem de posse do Reyno de Visapor, Via de Chaul, promettendo partidos muito honrados pera o Estado.

O Governador Fernão Telles poz aquelle negacio em Conselho dos Capitães velhos, e por todos se assentou que não convinha dar-se Cufuchão, porque era hum penhor que o Estado tinha da paz, e socego do Balagate, e com que sempre tinham enfreado o Idalká; e que quando houvesse de ser metter-se em seu Reyno, que era mais credito do Estado ser por ordem dos Viso-Reys, que governassem a India, que não por outra alguma pesquisa, assim fariam os partidos muito à honra, e proveito. Com esta resolução respondeu o Governador aos Embaixadores, dando-lhes desculpas muito licitas de lhes não entregar o Cufuchão, e mandou ter com aquelles Reys grandes satisfações, e cumprimentos, com o que os Embaixadores se tornaram mui satisfeitos: assim ficarão as coulas do Balagate ate nós tornarmos a ellas.

C A P I T U L O III.

Dos navios que o Governador mandou á Costa do Masulipatão esperar humas naos de inimigos que lá estavam: e da armada que ordenava pera o Malavar: e de como chegou huma fusta de Ormuz com bons papeis, que El Rey D. Filipe mandava, de como ficava jurado por Rey de Portugal: e do que o Governador mais fez.

Por cartas que o Governador teve no inverno do Capitão de S. Thomé, foi avisado de como em Masulipatão estavam duas naos de Achem carregando ferro, pelouros, e outros petrechos de guerra, que devia ajuntar pera ir contra Malaca; e outra de El Rey de Pegú, a qual era tão poderosa, como qualquer de Portugal, e tão rica que só de direitos foi avaliada em cento e cinquenta mil cruzados. O Governador pareceo-lhe obrigação mandar acudir áquillo, e arrimar sobre aquellas naos, assim porque o Achem não passasse lá, como por haver ás mãos a de Pegú, por se satisfazer da affronta que lá se fez ao Capitão, que foi fazer aquellas viagens, que aquelle prendeu com todos os Portuguezes: sobre o que o Viso-Rey D. Luiz de

Atal-

Ataíde, aquelle verão antes que falecesse, lhe tinha mandado por Embaixador a Fernão de Lima, que ainda lá estava, sem ser respondido, como na nona Decada fica dito; e também porque tomado aquella não, que era tão rica, podia remediar, e enriquecer o Estado: pelo que com muita brevidade mandou preparar quatro navios, em que entravam duas Galeotas de Camelotas, e elegera pera esta jornada Gonçalo Vaz de Camões; e tanta pressa se deu à Armada, que ao principio de Agosto se apartou do caes: e por andar a barra ainda muito soberba, assentou-se que sahisse por Goa a Velha, pera onde foi esperar conjunção pera se fazerem á vela. Os Capitães dos outros navios eram Antonio Pereira Pinto, Alvaro Colaço, e Francisco Serrão: deu o Governador por regimento ao Capitão Mór, que se fosse lançar sobre o porto de Masulivarão a esperar aquellas naos, e que tomado a de Pegú, voltasse com ella pera Goa; e que Antonio Pereira Pinto com os outros tres navios atravessasse o Reyno de Pegú, e fizesse por aquella costa toda a guerra que pudesse pela prizão dos Portuguezes; e a Antonio Pereira Pinto deu huma Provisão, pera em ausencia de Gonçalo Vaz de Camões ficar sendo Capitão Mór, com os mesmos poderes, e regimento.

Esta

Esta Armada esteve em Goa Velha dez oito dias, sem o tempo lhe dar lugar pera poder sahir pera fora, coimettendo-a elles cada dia duas vezes. No cabo delles huma manhã, que deo jazigo, sahio o Capitão Mór a barra, e com elle o navio de Francisco Serrão, e na mare da tarde sahiram os outros dous, e foram seguindo seu caminho. Gonçalo Vaz de Camões, por achar o vento travessão, e muito rijo, se recolheo antes de noite aos Ilhcos de Angediva; e Antonio Pereira Pinto, e Alvaro Colaço foram correndo com pouca vela: e por se não atreverem a tomar Angediva, por passarem já de noite, foram correndo de longo, fazendo Antonio Pereira sinal ao passar com huma bombarda, pera que soubesse que hia passando. O Capitão Mór ao outro dia se sahio das Ilhas, e foi seguindo sua derrota, onde os deixaremos pera seu tempo, porque lhe necessario continuarmos com outras cousas. Partida esta Armada, ficou-se o Governador negociando, porque bem entendeo o que lhe havia de vir a suceder; e toda via não se desculpou a despachar, e negociar alguns navios pera mandar diante ao Malavar, em quanto não fosse o Capitão Mór, que havia de ser, posto que desejou poupar o dinheiro que achou no thesouro por

por morte do Vizo-Rey pera o entregar ao que viesse, pera o achar pera as despezas do Estado, por não pedir logo emprestado, com elle poderia fazer as Armadas que quizesse, e nomear os Capitães Mores, no que se não perdia tempo, porque a muito tardar poderiam chegar as náus ate vinte de Setembro, mas desta opinião o tiraram alguns amigos, affirmando-lhe que mais estimaria o Vizo-Rey que viesse achar as Armadas feitas, que dinheiro no thesouro, porque seria trabalho de que o tiraria; e que também poderiam chegar as náus tão tarde, que primeiro se cachaesse o mar de corsarios, ao que era necessário acudir, e prover na guarda da cafila, que havia de ir á Costa de Malavar a buscar os provimentos pera a Cidade, e a defender que se não enchessem delles os Malavares, porque esta era a mór guerra que se lhes podia fazer; e parecendo isto bem ao Governador, mandou dar pressa ao concerto das náus, e elegeo por Capitão Mór de Malavar a Mathias de Albuquerque, e lhe nomeou doze galés, e dezesseis fustas, começando elle a correr com muita pressa com o aviamiento dellas.

Andando o Governador nesta occupação, ao primeiro de Setembro chegou huma fusta de Ormuz, que o Capitão daquel-

la Fortaleza D. Gonçalo de Menezes mandava com huns papeis, que El Rey D. Filipe lhe enviou por terra pera os elle encaminhar ao Viso-Rey. Causou este navio grande alvoroço no povo; porque como as cousas do Reyno ficavam por determinar, estavam todos esperando pelas náos pera saberem a resoluçao dellas.

O Capitão do navio, que se chiamava Lourenço Marques, desenbarcou já de noite, e foi ter com o Governador, e lhe deu as cartas de D. Gonçalo com todos os papeis que do Reyno vieram, e o Governador os abriu, e achou nelles huma Sentença, que os Juizes, e Governadores de Portugal deram por El Rey D. Filipe, em que se determinavam perteneer-lhe o Reyno de Portugal por neto de El Rey D. Manoel.

Com ella vinha auto solemne, por que se mostrava ficar jurado por Rey em todo o Reyno; e assim vinha mais huma carta sua pera o Viso-Rey D. Luiz de Ataide, e outras pera os Estados Ecclesiastico, e Secular: humas dirigidas ao Arcebispo, que se entregaram ao Cabido por elle ser falecido; e outra pera os Vereadores da Cidade de Goz, em que com palavras de Principe Christão justificava sua causa, e dava conta de sua sucessão, e lhes pedia, e roga-

gava, que assim o houvessem por bem, por quanto elle, como Rey natural, e Pai de todos, estava determinado ao reger, e governar, e a Ihes guardar todos os fôtos, privilegios, e liberdades, que Ihes tinham concedido, de que tambem vinha o traslado, que eram muitos, e grandes, que por serem as Chronicas do Reyno o seu proprio lugar, os não posso aqui.

Vinha tambem duas Cartas da Cidade de Lisboa, huma pera a de Goa, e outra pera o Viso-Rey, em áho lhe dava conta em como El Rey D. Filippo fora julgado por Rey de Portugal, e que por tal ficava jurado em todo o Reyno, encorrmendando-lhe muito que logo o fizessem assin, como delles confiava, pois entendiam todos quanto ganhavam em ter por Rey hum tão Catholico, e tão Poderoso Principe.

Esta Carta vinha assignada por Manoel Telles Barreto Ferreira de Sá dos Oculos, e Damião de Aguiar, que então eram Vereadores, e por todos os mais Officiaes da Camara.

Vinha assim mais entre os papeis huma procuraçao de El Rey pera o Viso-Rey D. Luiz de Ataide, ou pera quem em seu lugar estivesse, com poderes bastantes pera em seu nome tomar posse da India, e com

virtude de sobestabelecer outros Procuradores pera as mais Cidades, e Fortalezas della.

Vistos todos estes papeis, e cartas pelo Governador, dizem que mandara chamar os Licenciados Gonçalo Lourenço de Carvalho, e Francisco de Frias, e lhes mostrara tudo, e pedira conselho sobre o que faria, e com elles assentou de jurar logo ElRey D. Philippe, e fazer-lhe a menagem da India; porque como elle a tinha dado aos Governadores, e Defensores do Reyno, em que conforme aos estilos delle prometico de não entregar a India, senão a elles, e a seu certo recado, que claramente lhe diziam, que jurando ElRey D. Philippe por Rey de Portugal, dando-lhe a menagem daquelle Estado, o haviam por desobrigado a lhe obedecer; e logo resoluto o Governador nisto, ao outro dia fez chamamento de todos os Prelados, Vereadores, Fidalgos, Capitães, e Oficiaes da Justiça, e Fazenda. Presentes todos, mandou ler os papeis pelo Secretario; e acabando de se lerem, se levantou, e disse a todos, que fossem dar graças a Deos nosso Senhor por rainha mercê, e que se fizessem todos prestes pera o dia seguinte jurarem a ElRey D. Philippe: e assim cavalgou logo, e se foi á Sé. Desta novidade ficaram

todos muito sobresaltados, e tristes, lembrando-lhes novamente aquella desastrada perdição de todo Portugal, e de hum Rey pedido a Deos com tantas lagrimas, romarias, procissões, e esmolas, acabar tão miseravelmente com hum tão grande exercito, em que quasi todos os homens da India perderam pais, irmãos, parentes, e amigos, e que naquelle Rey moço se acabara a sucessão dos Reys naturaes; e como os mais daquelles Fidalgos em sua mocidade se creárao com elle, que cada dia lhes fazia merces, e honras, lembrando-lhes que os Reys de Portugal sempre tratárao seus vassallos como filhos; e que agora, posto que El Rey D. Filipe era havido por muito Catholico, e humano Príncipe, toda-via primeiro que lhes viesse a saber os nomes, passariam muitos tempos: e que fôrçado havia de haver novo modo de procedimento, porque sempre mudanças de Reynos trazem grandes novidades. Todas estas cousas lhes davam muitos cuidados, não deixando com tudo de proseguirem naquelle sua antiga lealdade, em que os Portuguezes sempre foram extremados de todas as nações do mundo. O Governador, depois de dar graças a Deos, recolheo-se para se fazer prestes para o outro dia celebrar aquelle anno.

CAPITULO IV.

*De como El Rey D. Filipe foi jurado por
Rey na Cidade de Goa.*

Recolhidos todos dalli, não deixaram alguns, segundo nos disseram, de mandar dizer ao Governador, que as náos do Reyno não podiam tardar muito, e que não lia contra sua obrigação esperar por elles, pera que com as novas certas da vida, e saude de El Rey, celebrar aquello auto com maior solemnidade: que aquillo eram pepeis, que vinham por terra desarrados, que bom seria esperarem pelos que haviam de vir nas náos, pois aquelle negocio não padecia perigo na tardança; e que todo se faria depois mais a serviço de El Rey, e com mais gosto, e apparato. O Governador como era prudente, e precatado, não quiz dilatar nada daquella execucao; porque posto que aos Fidaigos parecesse aquillo bem, não faltariam outros alguns que lhe estranhassiem qualquer detençā que naquelle caso fizesse, de que lhe fariam grandes culpas; porque como estava sabido creai-se em sua mocidade com o Prior do Crato, e seu pai, e parentes seriam da obrigação do Infante D. Luiz seu Pai, qualquer dilacão naquelle negocio lhe

lhe poderia fazer muito nojo, ao menos com os que lhes não parecessem bem suas cousas, como os que costumam a desdenhar de tudo. E como elle queria mostrar a limpeza, e fidelidade de seu appellido, quiz que se visse que nem obrigações particulares de criação, e amizade, nem outros alguns respeitos eram bastantes para o inudarem daquella sua antiga lealdade, nem pôr-lhe por isso culpas, que nelle haviam de ser mais estranhadas que em todo outro Fidalgo, que naquelle lugar estivera; e assim viveo sempre neste Estado tão puro, e precatado nestas materias, que nunca neli quiz aceitar cartas do Prior do Crato, quando tratava de sua pertenção, e se queria justificar com todos os Fidalgos: em fini, que assira pelas razões que assim dissemos, como por ganhar por mão ao Viso-Rey que vielle, tratou de ter feito tudo: e assim ao outro dia pela manhã, que foram tres de Setembro, se ajuntaram na Sé de Goa todos os tres Estados, o Cabido em nome do Ecclesiastico, por estar a Sé vagante por morte do Arcebispo D. Henrique de Tavora, e os Prelados de todas as Religiões; o Capitão da Cidade, os Fidalgos, e Capitães, Vereadores, Juizes, Mestres, Cidadãos, Cavalleiros, Ouvidor Geral, Chanceller, Desembargador,

res , e muita parte do povo. O Governador posto na Capella , mandon dizer a todos que hontem , que foram dous dias do mez , lhe fizeram a saber como o muito alto , e Catholico Rey D. Philippe fora declarado por Rey de Portugal , por Sentença dos Governadores , e Defensores do Reyno , que logo alli foi lida pelo Secretario com huma Provisao de ElRey , em que mandava , que , conforme ao direito dos Governadores , este Estado o jurasse por Rey , o que todos por todas suas livres vontades tinham acceptado com muito contentamento , e promettido de assim o jucarem por Rey , e Senhor , pelo que eram alli unidos pera isso : e logo mandon a D. Tristao de Menezes , Capitao da Cidade , que romnasse nas maoes a bandeira das Armas Reaes de Portugal , o que elle fez , e se poz á mao direita do Governador , que logo se assentou de joelhos diante de hum Altar , que pera isto estava preparado com hum Missal aberto , e hum Crucifixo em sima , em que elle poz as maoes , e o Secretario lhe foi lendo a forma do juramento , que elle foi dizendo em alta voz , na forma seguinte :

» Eu Fernão Telles de Menezes , Capitão General , e Governador deste Estado da India , recebo por meu verdadeiro
» Rey ,

» Rey , e Senhor natural ao muito Pode-
 » roso Rey Catholico D. Philippe nosso Se-
 » nhor ; e juro nestes Santos Evangelhos ,
 » em que tenho postas as mãos , de conhe-
 » cer por meu verdadeiro Rey , e Senhor
 » natural , e de obedecer , e cumprir inten-
 » ramente seus mandados , e de guardar , e
 » defender as Fortalezas que nis forem
 » entregues , e de cumprir inteiramente a
 » omenagem que dellas tenho dado , e o
 » juramento que tenho feito , como se o
 » dera , e fizera ao dito Senhor Rey D. Fi-
 » lippe. E por fim de seus dias juro nestes
 » Santos Evangelhos de ter , e conhecer
 » por meu verdadeiro Rey , e Senhor na-
 » tural a seu filho primogenito D. Diogo ,
 » e a todos os seus sucessores. »

Acabado este juramento , mandou o
 Governador ler a Proeuração de El Rey ,
 em que o fazia seu Procurador bastante pe-
 m em seu nome tomar o juramento das
 Cidades , e Villas do Estado , e das mais
 pessoas dos tres Estados Ecclesiastico , No-
 breza , e do Povo , por cuja virtude o Pa-
 dre Deão Braz Dias , Cabeça do Cabido ,
 em nome do Estado Ecclesiastico se pez
 de joelhos diante do Governador , e com
 as mãos em hum Missal fez o mesmo ju-
 ramento ; e depois em nome de toda a
 Nobreza o fez D. Tristão de Menezes ,
 Ca-

Capitão da Cidade, e os Fidalgos velhos; que alli se acharam, e derradeiros os Vereadores da Cidade em nome de todo o Povo.

Acabados os juramentos, alevantou o Capitão a bandeira Real no ar, e disse muito alto: *Real, Real, pelo muito Catolico Rey D. Philippe de Portugal nosso Senhor*, após o que se tocaram logo muitos instrumentos, e repicaram todos os sinos com mostras de geral alegria. De alli se sahio o Governador acompanhado daquelle concurso todo, elle a cavallo, e diante o Capitão com a bandeira Real, e foi correndo as ruas publicas, acclamando El Rey D. Philippe por Rey de Portugal, com muitas trombetas, e charangas, que tocavam todas as vezes que o Capitão acabava de acclamar por Rey.

Acabado este acto, recolheram-se á Sé, onde tornaram a por a bandeira a huma ilharga do Altar mór, e o Governador se foi pera seus apoiamentos. Dali a alguns dias se jogaram cauas, e correram touros o mais louçã, e custosamente que a brevidade do tempo deu lugar. De tudo isto fez o Secretario seus autos, assignados pelo Governador, e pelos tres Estados.

CAPITULO V.

Em que se contém hum Alvará dos Governadores, por que mandão, que ainda que os Patentes, Alvaráis, e Provisões dos Cargos, e Offícios que derem, não vão assignados por mais que por tres delles, valhão tão inteiramente, como se o foram por todos sincos: e huma Carta de El Rey nosso Senhor, em que dá poder ao Conde de Atouguia D. Luiz de Ataide, Viso-Rey da India, e o faz seu Procurador e de seu filho o Sereníssimo Príncipe D. Diogo, pera em nome de ambos poder receber, e acceitar omenagem, e vassallagem dos Capitães, Vereadores, Fidelegos, Soldados, e mais Estados que houver na India.

Nós os Governadores, e Defensores destes Reynos, e senhorios de Portugal, &c. Fazemos saber a vós Viso-Rey, e Governador nas partes da India, e ao Vereador da Fazenda em elles, e ao Ouvidor Geral, Desembargadores, e quacsquer outras justiças das ditas partes, a que este for apresentado, que por quanto algumas Patentes, e outras Provisões, que passamos de Cargos, Offícios, e outras cousas pera as ditas partes, vam assignadas por tres de nós

nós somente , e podia nisto haver alguma dúvida , havemos por bem , e mandámos , que posto que não vam assignadas por mais que de tres , se comprão , e guardem inteiramente , como se foram assignadas por todos sinec , por quanto no Regimento que El Rey D. Henrique nosso Senhor que Deos tenc nos deixou , declarou que as Provissões da qualidade das taes passam passar com tres sinec sómente ; e para se saber como assim o havemos por bem , mandámos passar este , que se cumprirá inteiramente , como nelle se contém , o qual será registado nos livros da Fazenda das ditas partes , e da Relação dellas , e valerá como Carta , feita , assignada , e passada pela Chancellaria , e posto que por ella não seja passada , sem embargo das Ordenações que o contrario dispõem. Gaspar de Seixas o fez em Almeirim a 25. de Março de 1580. O Arcebispo de Lisboa. D. João Malcarenhas. Francisco de Sá. D. João Tello. Diogo Lopes de Sousa.

Traslado da Carta de Sua Magestade.

Dom Filipe , por graça de Deos Rey de Portugal , e dos Algarves , d'aquém , e d'alem mar , em Africa Senhor de Guiné , e da Conquista , Navegação , Commercio

cio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, &c. Faço saber aos que esta minha Carta de bastante poder virem, que pela minha, e mui justa confiança que tenho de D. Luiz de Ataíde, Conde de Atouguia, do meu Conselho de Estado, e Viso-Rey nas partes da India; e confiado outro sim que os Capitais Mores, Governadores, Vereadores, e Officiaes das Camaras, Fidalgos, Cavalleiros, Soldados, e mais Povos das Cidades, e Fortalezas das ditas Partes, sabendo (como devem ter sabido) que por falecimento do Senhor Rey D. Henrique meu Tio, que Deos tem, me pertenceu justa, e legitimamente a successão, e senhorio dos ditos Reynos, e señorios de la Corona de Portugal (como tambem lhes constará pelo Alvará, e Decreto, que os Governadores do dito Reyno sobre isto passarem) cumprindo com aquillo a que ao justamente estam obrigados: lembrando-se da sua, e da antiga lealdade de seus antepassados, me receberão, declararão pacientemente por seu verdadeiro Rey, e Senhor natural de todos os ditos Reynos, e señorios, como Deos foi servido que o seja, e ao Sereníssimo Príncipe D. Diogo, meu mui caro, e mui amado filho primogénito, por Rey, e meu sucessor delles por fin de meus dias, e a todos os meus

meus descendentes, e sucessores: dou por
dor ao dito Conde Vifo-Rey, e o faço meu
bastante Procurador, com poder de sobes-
tabelecer de seus sobstabelecidos, em meu
nome os possa receber por meus bons, e
leaes Vassallos, e do dito Serenissimo Prin-
cipe meu filho por fim de meus dias, e de
todos os mais meus descendentes, e succe-
sores, como dito he, e receber delles oine-
nagem, e juramento de fidelidade, e leal-
dade, e fazer todos os mais autos que em
tal caso se requerem, e costumam fazer,
com todas suas intendencias, e dependen-
cias, pesto que sejam tres, e de tal quali-
dade que requeirão mais expressa declara-
ção, especialmente para poder prometer
às ditas Cidades, e Fortalezas, Capitães,
e Oficiaes da Governança, Fidalgos, Ca-
valleiros, soldados, e mais gente dellas
sobre minha fé, ou palavra Real, que lhes
guardarei, e mandarei guardar todos, e
quaesquer privilegios que tiverem dos Se-
nhores Reys meus predecessores de glorio-
sa memoria, usos, e costumes, assim, e não
inteiramente, como por elles lhes foram con-
cedidos, e guardados, que se lhes cumprirão
respectivamente, como por elles lhe
foram concedidos, e guardados, que se lhes
cumprirão respectivamente, no que a cada
hum tocar, todas as graças, mercês, e li-
ber-

berdades, e franquezas, que nas Cartes de Almeirim, por minha parte propoz, e offereceo o Duque de Ossuna meu Primo para todos os naturaes dos ditos Reynos, e senhorios, de que com esta se lhe envia-
rá o traslado sobscrito, e assignado por Nuno Alvares Pereira, meu Secretario dos ditos Estados da India, e sellado com o sello de minhas Armas Reaes da dita Coroa de Portugal; e prometto de haver por bem, firme, e valioso deste dia pera todo o sempre, em meu nome, e do dito Sere-
nissimo Principe meu filho, e de todos os mais sucessores della pelo dito Conde Vi-
lo-Rey, e cada hum de seus sobstabelecidos, feito, e concedido pela maneira que dito he. Em verdade deste poder, e pera firme-
za de tudo, lhe mandei passar esta Carta por mim assignada, e sellada com o dito sello. Dada na Cidade de Badajóz a sete de Novembro de mil quinhientos e oitenta annos. El Rey. Eu Nuno Alvares Pereira, Secretario de S. Magestade Catholica, a fiz escrever por seu mandado. Pereira.

C A P I T U L O VI.

Em que se contém a Sentença que os Governadores deram naquelle declaração, a quem pertence a herança dos Reynos de Portugal.

OS Governadores, e Defensores destes Reynos, e Senhorios de Portugal. Fazemos saber aos que este Alvará virem, que EI Rey D. Henrique nosso Senhor, que Deos tem, poucos dias depois que sucedeo na Coroa dos ditos Reynos, vendo-se muito enfermo, e sem herdeiros descendentes, por não estar certo a quem pertencia a sucessão delles por seu falecimento, nos elegeo por Governadores, pera que falecendo elle antes de haver Principe legitimamente jurado, governassemos os ditos Reynos, em quanto assim os não houvesse. E porque não houvesse depois de seus dias quem pudesse duvida em nos dar a obediencia, nos declarou em sua vida por Governadores na Cidade de Lisboa pera usarmos do dito cargo depois de seu falecimento, como dito he. E porque o dito Senhor viveo alguns mezes depois, e sempre procedeo no conhecimento da causa da sucessão pera averiguar a quem pertencia, e hum dos pretendentes era D. Antonio, filho não legi-

timó do Infante D. Luiz, que Deos tem, dizendo que o dito Senhor fora casado com sua māi, e que era legitimo, e como tal havia de preceder a todos os pertendentes; e depois de ser ouvido sobre o caso ordinariamente, e sua prova, recebido foi pelo dito Senhor Rey D. Henrique com muitos Juizes Ecclesiasticos, e Seculares por sentença declarado por não legitimo, e foram algumas das suas testemunhas prezadas por falsas, e induzidoras de outras testemunhas para o mesmo efeito; e pelo que neste caso fez, e por outras desobediencias que commetteo contra o dito Senhor Rey, foi por sentença desnaturalizado do Reyno, e condenado que nunca mais nelle entrasse sob pena de caso maior, e foi-lhe sua fazenda que tinha da Coroa confiscada; e que todos os naturaes do Reyno que o favorecesssem, ou acompanhasssem, ou lhe dessem favor, ou ajuda, direita, ou indireitamente, em qualquer parte que estivesse, incorresssem nas maiores penas; e depois de determinado o dito incidente, precedendo o dito Senhor na causa principal da successão, entendendo a justiça que El Rey Catholico D. Filippe seu sobrinho tinha ácerca da successão da Coroa destes Reynos, pelo muito amor que sempre teve á Senhora D. Catharina sua

sobrinha (hui dos pertendentes) mandou dizer á dita Seuhora o que entendia acerca da dita sucessão, declarando-lhe como antes de dar Sentença queria tratar de concertos entre ella, e S. Magestede, e assim haver algumas mercês, e privilegios; e sendo as Cortes juntas, que pera isso mandou convocar, mandou dizer em Juntas publicas aos Tres Estados do Reyno pelo Bispo de Leiria D. Antonio Pinheiro, que estava muito perto de dar a Sentença pelo dito Senhor Rey Catholico seu sobrinho, e que antes disso seria bem que se accomodassem com meios justos, e honestos. E tendo consentido nisso, e beijando-lhe por isso a mão os Estados Ecclesiastico, e da Nobreza, e tendo-lhe remetido a elle os assentos dos ditos meios, e condições, vendo o dito D. Antonio que o dito Senhor Rey estava tão chegado ao fim de seus dias, que por sua enfermidade se esperava por horas seu falecimento (e a fim de se levantar com o Reyno, como depois fez) por si, e por seus sequazes induzio alguns dos Procuradores dos Póvos, pera que movessem, como moveram, dívidas, e requerimentos impertinentes pera dilatar a resolução, como de feito dilatarão alguns dias, nos quaes nosso Señor foi servido de levar o dito Senhor Rey

Rey para si, ficando nós no dito governo pela maneira que estava allentado, e obedecidos dos bons, e leaes Portuguezes, seguindo o estilo, e exemplo dos Iens antepassados, com toda a paz, e tranquillidade; porém o dito D. Antonio estando condenado, e desnaturalizado, como dito ~~he~~, sem nossa licença, e authoridade se veio meter na Villa de Santarem, acompanhado de muita gente sedicosa, e rebelde, induzindo os Procuradores das Cortes a rebelliões, e desobediencias, encaminhadas todas ao aleventarem por Rey: pelo que nos foi necessário para quietação da patria despedir Cortes sem resolução alguma do que tanto importava, por quanto também por Direito ficavam quebradas, e dissolutas com o falecimento do dito Senhor Rey, que as mandou ajuntar. E posto que nos constava da tenção do dito Senhor Rey D. Filipe, nos foi muitas vezes mandado requerer, conforme a ella, a notoriedade de sua justiça, que o jurásemos por Rey natural destes Reynos, e Senhorios, oferecendo-nos por sua Real clemencia, e benignidade privilegios, honras, e mercês em grande utilidade á Republica Portugueza, como entendia que o dito Senhor Rey seu Tio desejava: sem embargo de tudo, nós rececando haver tumulto

multos, e grandes desordens por parte do dito D. Antonio, e dos rebeldes, e desleaes que o seguiam, o não fizemos; e sendo-nos com grande instaneja por muitas vezes protestado por parte de S. Magestade, que o fizessemos, como eramos obrigados, senão que entraria com exercito a tomar posse dos ditos Reynos, como de Direito Divino, e Humano entendia que o podia fazer, querendo nós proceder nisso com a quietação que convinha aos ditos Reynos, e a toda a Christandade, mandámos outra vez ajuntar Cortes, as quaes o dito D. Antonio novamente começou de perturbar, induzindo, e solicitando alguns dos Procuradores dellas a seguir sua parcialidade, e ao levantarem por Rey, sendo nós, por causa das enfermidades da Villa de Almeirim, e por outros respeitos, mudados á Villa de Setuval pera nella farzermos as ditas Cortes, e darmos ordem a quietação pública, com declarar o dito Senhor Rey Catholico por Legitimo sucessor da Coroa dos ditos Reynos, com honestos, e proveitosos meios de concerto pera o bem commun, seguindo nisso a tençao do dito Senhor Rey D. Henrique. Tendo o dito D. Antonio entendido esta nossa determinaçao, e que tinha por muito certo que todos os Estados consentiriam nel-

nella, como já em vida do dito Senhor Rey tinham consentido os ditos dous Estados Ecclesiastico, e da Nobreza, e muita parte do Estado no povo, na Villa de Santarem aos dezanove dias do mes de Junho passado com alguma gente sedicosa, e rebelde, convocando, e alvorocando grande parte da gente popular com grandes tumultos, quebrando as portas da Camara da dita Villa, tirou a bandeira Real que nella estava, e pelas ruas se fez appellidar por Rey contra vontade do Alcaide Môe, que não pode fazer a resistencia que convinha pelo tomar desaperecido, e contra vontade dos Officiaes da Camara, que entendendo aquella injusta rebellião, e alevantamento, se ausentaram, por se não acharem presentes a ella, e dahi se foi a Lisboa; e achando-a despejada da gente Nobre por causa da peste, fez alevantar alguma gente do povo, e proaceclar-se Rey, mettendo-se na Casa Real com grandes tumultos, e exioreões, contra vontade, e com grande perturbação de todos os Officiaes da Camara, de que os mais se ausentaram, e vieram fugindo a nós á dita Villa de Setuval, e todos os mais bons, e lezes, que não ousaram de lho contradizer, nem de resistir á furia dos sediciosos, e rebeldes que o seguiam contra o jura-

men-

mento que tinham feito de obediencia , e
lealdade ao Governo , e Regimento delle.
E sendo-lhes notorio não pertencer ao dito D. Antonio a successão dos ditos Reynos , e não ser legitimo , e ser condenado , e desnaturado por desleal , e rebelde
a seu Rey , e Senhor , como dito lie; e se-
guindo todos os seus sequazes sua con-
unacia , deslealdade , e rebellião em tanto
deslervigo de Deos , e perturbação , e des-
quietação do Reyno , e de toda a Repu-
blica Christã , vieram sobre nos na dita
Villa de Setuval , onde estávamos , assim
pera nos matarem , como a outras muitas
pessoas illustres do Conselho de Estado , e
outras que pertendiam a paz , e quieração
pública , do qual insulto , e traição esca-
pamos com muito perigo. E ora postos em
nossa liberdade , declaramos ao dito D. An-
tonio por inimigo da patria , e desleal , e
rebelde contra seu Rey , e Senhor natural ,
e a todos os que o seguem , ou tomão ,
ou tomarem sua voz ; e os haveremos por
condemnados em todas as penas estabele-
cidas por Direito , e pelas Leis ordenadas ,
e costumes destes Reynos , e Señorios de
Portugal , em que incorrem os taes rebel-
des , e desleaes , e mandamos que se ex-
cutem nelles com todo o rigor de justiça ,
e se cumpra assim mesmo , e execute em
sua

suas pessoas , e fazendas a sentença que o dito Senhor Rey D. Henrique pronunciou contra elle dito D. Antonio , e seus sequazes ; e damos authoridade aos vassallos de quaequer pessoas que agora seguem , e ao diante seguirem , que possam por si só tomar a voz de El Rey , e ficar realengos , e izentos de seus senhorios , e jurisdicções ; e conformando-nos outro sim com a tençao que o dito Senhor Rey D. Henrique ácerca da successão , e com o recado que mandou á Junta das Cortes pelo Bispo de Leiria : e por assun o entendermos por Letrados com quem communicámos esta materia de successão , declararamos ao dito Senhor Rey Catholico D. Philippe por nosso Rey , e Senhor natural , havendo outro sim respeito ás muitas graças , e mercês , privilegios , liberdades , e frauquezas que S. Magestade ha concedido a estes Reynos : e assim o notificámos a todos os Duques , Marquezes , Condes , Prelados , Regedor da Justiça da Casa da Supplicação , e Governador da Casa do Civel , e Desembargadores das ditas Casas , Alcaides Móres , Corregedores , Juizes , Vereadores , Procuradores , Místeres , Alcaides dos Castellos , e Fortalezas , Fidalgos , Cavalleiros , Estudeiros , Oficiaes , e Homens de bem , de qualquer qualidade , e condição que

sejam , de todas as Cidades , Villas , e lugares de todos os ditos Reynos , e Senhorios ; e mandamos a todos em geral , e a cada hum em especial , sob cargo de juramento de fidelidade , que receberãm , e sob pena de caso maior , que hajam ao dito Senhor D. Philippe por Rey , e Senhor natural nosso , de todos os ditos Reynos , e Senhorios da Coroa de Portugal , como de Direito o he , e lhe pertence , e por tal o obedecãm , e lhe entreguem todas as Fortalezas , e Castellos de todas as Cidades , Villas , e Lugares , obedecendo a elle , e a seus mandados no alto , e no baixo , como de seu verdadeiro Rey , e Senhor natural que he , e o jurem por tal , fazendo-lhe o juramento , e omenagem devido , segundo o costume dos ditos Reynos : e havemos , e declarâmos por traidores , e delinqüentes todos os que o contrario fizerem desde o dia que a sua noticia vier esta nossa declaraçao , e que incorram em todas as penas estabelecidas por Direito , em que os tales incorrem ; e para este efeito elevâmos , e havemos por levantados quaesquer juramentos , e omenagens que pelo dito Senhor Rey D. Henrique , ou por nós , ou por nosso mandado sejam tomados , e recebidos de quaesquer pessoas , e os transferimos , e traspassâmos em favor

de

de S. Magestade Catholica, como se por elle, e por seu mandado lhe foram tomados. E pera certeza de tudo, mandamos passar este Alvará, por nós assinado, e valerá como Carta, e não passará pela Chancellaria, sem embargo das Ordenações do segundo Livro Título vinte, que o contrario dispõem. E no caso que pera tudo o sobredito haver cumprido efeito, haveremos aqui por expressas, e declaradas: e mandamos que tudo se cumpra, e guarde, como se neste contém, sem embargo de quaesquer Leis, e Ordenanças, ou costumes que em contrario haja, porque todas as haveremos por derogadas, vista a qualidade do caso, e do tempo, e sem embargo da Ordenação do legundo Livro Título quarenta e nove, que diz que se não entenda derogada Ordenação alguma, se della, e da substancia della se não fizer expressa menção. Eu Christovão Velho, Escrivão da Camara desti Villa de Castro-Matim, subscrevi o Alvará assima, escrito por mandado dos Senhores Governadores, e em sua presença, hoje dezessete de Julho de mil quinhentos e oitenta annos. D. João Malcarenhas. Francisco de Sá. Diogo Lopes de Sousa. Christovão Velho.

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

THOMÉ JOSÉ DE BARROS QUEIROZ

CA-

CAPITULO VII.

Do grande patrimonio que El Rey Philippe herdou em todo este Oriente, com todos os Reynos de Portugal: e do estado em que nesse tempo estavam as cousas da India.

JA que temos jurado El Rey D. Philippe por Rey, será bem que mostremos o grande patrimonio que em tudo este Oriente herdou com os Reynos de Portugal, e o estado em que as cousas da India estavam postas, que nas nossas Decadas atrás temos dado largamente conta de todas; mas pois entramos com Rey novo, daremos nova relação delas, e faremos huma breve descripçao de todo este Oriente: pelo que se ha saber, que esta muito grande, e muito rica Provincia, a que comumente chiamamos India, deixando a divisão que della todos os Geografos fazem, pois por ora pertendemos só mostrar o que dizemos, a dividiremos em cinco partes, conformando-nos assim com o mesmo titulo que della os mesmos Reys de Portugal em seu novo descubrimento tornaram, como com as notabilissimas divisas com que a natureza separou humas das outras; e assim a primeira será a Ethiopia,

segunda Arabia, terceira Persia, quarta India, e a quinta a faremos daquelle grande multiidão de Ilhas, filhas daquelle Indico Oceano, que todas juntas podem constituir huma taminha, ou maior parte, que qualquer das outras, em que os Reys de Portugal ganhárao, e conquistarão muitos ricos Reynos, e Senhorios, como logo se verão.

Comecemos logo pois com a primeira parte, que he a Etiopia, que por encurtarmos, faremos do cabo das correntes até á boca do sino Arabico, que em si contém tanto numero de cafres barbaríssimos, e idólatras, como na noea Decada se pode ver, posto que o mais do marítimo, e todas as Ilhas adjacentes ás suas costas sejam povoadas de Mouros, e Mozardis, que por seguiram a Zaire, neto de Dóce, filho d'Alc, casado com Oxa, filha de Mafamedo, e tereim algumas opiniões contra o Alcorão, havendo os Arabios por heréticos, os perseguirão de feição, que lançados da terra, foram povoar estas partes, misturando-se por casamentos com os cafres naturaes d'entre quem nasceraim huns mistícos, a quem chamão Badius, que habitam o certão de toda aquella costa desde Melinde ate o Cabo de Guardafui, gentes crueis, e ferozes, que se mantêm de roubos, e ladroices.

Affim que tornando a esta parte que
hiamos dizendo, nella possuem os Reys
de Portugal as Fortalezas de Corala no
Reyno de Quetive, e no de Monomotapa
os douis Fortes de S. Marcal no Senna, e
o de Sant-Iago em Teti, mais de cento e
sincuenta leguas pelo grande rio de Cu-
ma assim: assim de huma, como da outra
parte ha muitos Reys vassallos, que Fran-
cisco Barreto sujeitou á Coroa de Portugal,
como na nona Decada dizemos na descri-
ção de toda esta cafraria com o commer-
cio de todas as minas do Monomotapa,
Malucas, Bunca, Butua, e todas as mais:
correndo a costa adiante, possuem a For-
taleza de Moçambique com todos os Reys
da costa de Melinde, Guiloo, Mombaca,
onde já tem Fortaleza, a Mopate, Atodo,
Sio, Calife, Osa Brava com todas as Ilhas
adjacentes: aquella costa, que todos pagão
pareas, e obdeccem como vassallos, tudo
isto se comprehende debaixo do titulo da
Ethiopia, que se divide da segunda parte,
que he Arabia, pelo famoso lino Arabico,
ou mar Roxo, como vulgarmente lhe cha-
mam.

Esta segunda parte da Arabia (a que
os Mouros dizem Ayman) seimeou a na-
tureza daquellea multidão de Mouros Ara-
bios ja diferentes em seita dos Mosaimos
atrás,

atrás, por seguirem a Bubal, a Oumar, e a Othoman, que elles hão por verdadeiros Califes. Em esta parte está aquella abominável casa de Matamede com tanto opprobrio, e affronta da Religiao Christa, e toda hoje he submettida ao Imperio Otomano, e nella ganharam os Reys de Portugal muita parte, e ainda hoje possuem os posseos do Coriate, Calaiate com a nova Fortaleza de Mascate, e mais Xeques vizinhos de Soar, Coifaçao, e Cotala com o celebrado Reyno, e Ilha de Baharem, muito famosa pelas perolas excellentes, finas que nella ha, e com mais de vinte leguas de costa, em que estam as Cidades de Lasa, e Catifa governadas por Xeques debaixo da jurisdictiao do Capitão de Ormuz.

Esta segunda parte se divide da Persia, que he a terceira, por outra baliza não menos notavel, que he o sino Persico, a que communmente chamamos estreito de Baçotá: tambem nesta terceira parte a natureza prantou outro genero de Mouros diferentes em crença, e ritos dos Arabios, por seguirem a Ali, neto de Matamede, que elle por sua morte deixou nomeado no Califado, sobre que huns, e outros tem de continuo grandissimas guerras, por hayer a Abudas, a Oumar, e a Othoman por scismaticos.

Nesta terceira parte , a que coimmumente chamamos da Persia, sendo na verdade da Provincia como temos já em outras partes dito , possuem os Reys de Portugal o muito formoso rio India. E por que esta parte ha tamanha , a dividiremos em duas com a divisao dos Geografos, que ha dentro , e fóra do Ganges ; e começando pela parte de dentro do Ganges , ha tudo o que jaz do mesmo rio , indo até á boca do celebrado Ganges , que se estende por huma , e outra costa mais de quinhentas e cincoenta leguas , que ha toda povoada de dous generos de gentes , bem diferentes em ritos , leis , e costumes : huns Mouros , a que chamão Soneis , que de trezentos annos a esta parte se senhorçarão de todo este Industão ; os outros naturaes , gentios , idólatras , tambem muito diferentes em Religião. Nesta parte dentro do Ganges tem os Reys de Portugal a mór parte de seu patrimonio , ganhado , e sustentado com o sangue de muitos Martyres ; e começaremos da fermosa Cidade de Dio , de quem podemos dizer , que em Fortaleza , e magestade pode competir com todas as da Europa ; que quando os Portuguezes entrarão em a India , era cabeça do potente Reyno de Cambaia ; e quasi opposta a ella esta a muito forte , e fer-

sermosa Cidade de Daimao , como portas
 que fecham toda aquella enseada , com as
 Tanadarias , e Fortalezas de sua jurisdic-
 ção , que passa de vinte e quattro leguas ,
 Povoadas de fertilissimas , e abundantissimas
 aldeas , cujos foros rendem ao Estado mui-
 to. Vai adiante deste rio Agaçaim até o de
 Bomjaim , que serão oito leguas , a famo-
 sa Cidade de Baçaim com as Tanadarias ,
 e Fortalezas de sua jurisdiçao , que são
 Allari , Manora , Agaçaim até Bandora ,
 Taná , Curanjá , com a espantosa Ilha de
 Salsete , que pelos soberbos , e raros Pago-
 des que nella ha , se mostra que foi já ca-
 beça de todos estes Reynos : até aqui che-
 garam os limites do antigo Reyno de Cain-
 baia. He esta Cidade de Bacaim das me-
 lhores , e mais bem povoadas de todas as
 da India , por haver nella muitos , e prin-
 cipaes Fidalgos com rendas , e aldeas
 muito grossas de que se sustentam : vai lo-
 go abaixo a rica , e sermosa Cidade de
 Chaul , celebrada hoje pelo grande , e es-
 pantoso cerco , como o que o Islamaluca
 fez por , com setenta mil combatentes ,
 sem rasa , sem muros , cavas , nem ba-
 uartes , senão defendida do Capitão Mor
 D. Francisco Mascarenhas , que depois foi
 Vizo-Rey dos Estados da India , como
 nesta Decada se verá ao diante , que foi
 hum

hum insigne Capitão, e com os peitos dos valerosos Portuguezes, que sempre o foram de suas Cidades: mais adiante posseu os Reys de Portugal aquella muito fresca, e muito rica Ilha de Goa, cabeça de todo este Estado, cuja antiguidade se não acha em alguma outra escritura; mas acha-se que foi sempre tão continuada, e estimada dos estrangeiros, que andava entre elles por adagio: Vamo-nos recrear as frescas sombras de Goa, e a gostar a doçura do seu bethel; e assim lhe chamaram por excellencia Geomonti, que he o seu verdadeiro nome, que em sua lingua quer dizer terra prospera; e pela continuaçāo do nome vieram os naturaes por abbreviar a lhe chamar *Goe*, tirando-lhe o *monti*; e vindo-lhe nós a mudar a letra *e*, lhe chamamos *Goa*, nome por que he conhecida em todo o Oriente: os naturaes lhe chamam Frisvari, que quer dizer trinta Aldeas, por outras tantas que tem, que todas são já povoadas de Christãos, repartidos por dez, ou doze Freguezias, que ha por fora da Ilha, não faltando na Cidade, em que ha mais de sessenta mil Christãos. Esta Ilha com as terras firmes de Salsete, e Bardez, que são da Coroa de Portugal, rendem muito; e discorrendo pera hairo até ao Cabo Camorim na costa do Camaram,

ram, estão as Fortalezas de Onor, Barcelor, Mangalor, e adiante no Malavar Cannenor, Cranganor, Ceilão; e como cabeça de todas a fermosa Cidade de Cochim, feira, e amparo das naos de Portugal, e de todas as partes do Oriente; que ainda que não he grande em renda, todavia he sumptuosa em magestade de Templos, e edificios.

E voltando-se o cabo, vai toda a costa das pescarias, em que os Padres da Companhia tem trazido ao canal da Igreja Catholica mais de sessenta mil almas, ridadas, e arrancadas daquellas trévas, e abominações, em que o demonio tantas centenas de annos trouxe cegas, e escondidas; e passando adiante, estão as Cidades de Negaparão, e S. Thome com algumas outras povoações ricas, e portos; que ainda que não são patrimoniaes dos Reys de Portugal, são povoados de seus vassalos com Capitães seus, regidos, e governados pelas Leis de seus Reynos: por toda esta costa tem os Padres Menores trabalhado muito bem na propaganda da Lei Evangelica, com grande exemplo, e caridade.

Esta parte de dentro do Ganges vai fazecer naquelle tão famoso, e celebrado Rio, em que começa a outra parte do Ganges.

ges pera fóra , e vai fenercer no grande Reyno de Cambaia , ondc a natureza com outra notabilissima divisa , que he o rio Micon , que na lingua dos naturaes quer dizer Capitão das aguas , separeu a India daquelle famosa , e inuito grande região a que Ptholemeu chama Cinatú Regio. Esta parte da India fóra do Ganges he povoadas de outros Gentios , peiores , e mais nefandos em torpeza de ritos , e costumes , e nella possuem os Reys de Portugal muito celebrada , e nomeada Cidade de Malaca , throno , e cabeça de todo Reyno Maluco , escala principal de todas as partes Orientaes de dentro , e fóra do Ganges , e famosa pelos dous grandes , e crueis inimigos que de ambas as partes tem , Rajale Rey de Zor , e o Achem , señor de toda a Ilha Camatra , com os quaes continuamente tem grandes , e importunas guerrias , e dos quaes tem alcançado grandes , e famosas vitorias por mar , e por terra , como pelo decurso de todas as nossas Decadas se verá.

Aqui acabamos a quarta parte da nostra divisão , que he a India , e começaremos a quinta , que he a que fazemos de todas as ilhas , filhas de todo o Oceano Oriental , que por si podem constituir hum razoado Imperio , e começaremos das tab-

tas mil Ilhas de Maldivas , cujo Rey he Christão , vassallo obediente , e que reside na Cidade de Cochim com sua mulher , e casa ; a celebrada Ilha de Ceilão , onde em a Fortaleza de Colombo com os Reys nos de Janapatao (que he vassallo) e da Cota , e Candea , de que os Reys de Portugal são verdadeiros Senhores pelas per-
filhações , e doações que delle Ilhe fizeram
El Rey D. João da Cota , e D. Philippe de Candea , com a Ilha , e Fortaleza de Ma-
nar , com toda a pescaria do aljofar , que
rende hum bom quinhão : e passando de
qui a Nascente , vai o senhorio de todo
aqueelle Archipelago de Maluco , de cujas
Ilhas , que são muitas , das principaes que
pertencem ao Reyno de Ternate , he El-
Rey de Portugal direito , e verdadeiro
Rey , conforme ao novo titulo que delle
tem tomado : tem as Ilhas , e Fortalezas
de Amboino em a grande região da Chi-
na : tem tambem a Ilha de Macao , em que
está fundada a mellior , e a mais prospera
cômuna que os Portuguezes tem em todo
o Oriente , e que já está feita Bispado .

E na costa de Japão tem as Ilhas de Solor , e outras , em que os Padres da Or-
dem dos Pregadores tem colhido tal fruto
da semente Evangelica , que por todas se-
meirão , que pela misericordia de Deos

ha passante de sessenta mil Christãos, ^{co}tre os quaes foram alguns Reys, e Senhores Principaes: este ha o patrimonio que El Rey D. Philippe herdou, e dos Reynos de Portugal, dado, e confirmado aos Reys seus Predecessores em perpétua doação pelos Pontifices Martinho V. Eugenio IV. Nicolao V., e Xisto IV. com muito grandes, e liberaes privilegios, que se verão nas mesmas Bullas Apostolicas, que devem estar nos Tombos do Reyno; e não houveram peta bem de faltar na India, onde ha seu proprio lugar, onde não ha nada, como se elle não fora hum Estado peta estimarem muito suas antiguidades, que não se acharão mais que nas nossas Decadas cavadas com puto trabalho meu, e sem nenhum dos Viso-Reys, e Capitães, em quem nunca achámos favor peta nada, ao menos peta o negocio da Torre do Tombo, que El Rey D. Philippe mandou logo fundar na India, onde se não tem lançado o que elle manda por suas instruções, e os respeitos elles os saberão; mas todavia ha falta, e muito grande peta a Escritura, e ainda peta o bom governo do mesmo Estado. E tornando ao nosso fio, quando El Rey D. Philippe foi jurado por Rey ^{al}tes Estados, era Governador da India Fernão Telles, e a Sé Vacante, por haver pou-

co antes falecido o Arcebispo D. Henrique, como dizemos; Capitão da Cidade de Goa D. Tristão de Menezes; de Cofala, e Moçambique D. Pedro de Castro; de Ormuz D. Gonçalo de Menezes; de Dio D. Pedro de Menezes; de Damão Martim Affonso de Melo; de Bacaim D. Manoel de Almada; de Chaul D. Fernando de Castro; de Canágor Jorge Toscano; de Cochim D. Jorge Baroche; de Columbo em Ceilão Manoel de Sousa Coutinho; de Malaca D. João da Gama; de Tidore em Maluco D. Diogo de Azambuja; e todos estavam com os olhos postos no Reyno esperando o fim de suas cousas, porque da quietação delle dependia o remedio de todo este Estado.

CAPITULO VIII.

De como o Governador Fernao Telles despedio Mattheus Pires com Procurucao bastante pera todas as Fortalezas do Norte, pera jurar por todas El Rey D. Philippe: e do aviso que mandou a El Rey por terra, que levou Jeronymus de Lima: e de como Mathias de Albuquerque foi apôs huus Paraos, que tomou em Cearapatão.

FEstos todos os autos, e entrega da India, entendeo o Governador em mandar ás Fortalezas do Norte, e Sul fazer as mesmas diligencias, e avisar por terra El Rey D. Philippe de como ficava obedecido por Rey, sem inconveniente algum; porque como não havia de faltar no Reyno quem lhe dissesse a natureza dos homens da India, e pela sua izençao lhe haviam de fazer o caso duvidoso, quiz ser certificado do pouco alvoroco que causou aquella novidade, porque não mettesse naquelle negocio outro maior cabedal, o que tudo quiz ter feito primeiro que chegassem ás naos do Reyno, em que estava certo vir lhe successor, por lhe ser ganhado por manio, e a elle só ficar devendo El Rey tanto servizo; e com muita brevidade des-

despedio Mattheus Pires, que fora Secretario de Estado da India, com os trasladados de todos os papeis, e cartas que vieram por terra, e o sobestabeleceo por Procurador pera ir a Bacaim, Chaul, Damão, e Dijo fazer jurar El Rey D. Philippe por Rey de Portugal; e escreveo a todos aquelles Capitães, que logo se fizesse aquelle acto, e lhe mandassem instrumentos pera mandar ao Reyno; e por não gastarmos outro Capitulo nisto, todos tornaram a sucessão de El Rey D. Philippe no Reyno de Portugal muito bem, e deram suas menagens, e fizeram juramentos com a mór soleinnidade que pode ser. No mesmo tempo despedio o Governador outro navio pera as Fortalezas do Sul com procuração a pessoas de autoridade em todas ellas pera se fazer o mesino, como fizeram sem contradicção alguma. E porque estava huma não pera partir pera Malaca, lhe fez dar pressa, e mandou todos os trasladados na sentença, papeis, e procuração a D. João da Gama, Capitão daquella Fortaleza, pera fazer a mesma ceremonia, e os papeis entregou a Pascoal Machado, que hia pera servir os cargos de Feitor, e Alcaide Mór da mesma Fortaleza.

Despedidas estas embarcações todas, tratou de mandar recado por terra a El Rey

Rey D. Philippe, como lhe elle encomendava muito na carta que escrevia ao Viso-Rey D. Luiz de Ataide, e lhe mandou que assim por terra, como por mar o avisasse logo de tudo o que passasse, e elegeo pera esta jornada Jeronymo de Lima, soldado pratico nas coulas da India, e lhe deo cartas pera El Rey, e hum instrutor de como sieava obedecido pacificamente, e o mandou embarcar em huma fusta pera Ormuz pera de lá ir pela via de Bagorá, encomendando aquelle negocio muito por cartas a D. Gonsalo de Menezes, a quem mandou outra via de levar hum Judeo natural daquella Cidade; e alem dista mandou hum veneziano, e ordenou de pedir hum veneziano por via de Sués, e lhe deo cartas em cifras, e o mandou em hum Catur, de que era Capitão Diogo Nunes Pedroso, bem antigo naquelles estreitos, e lhe deo por regimento que fosse tomar Caxem, e entregasse o veneziano áquelle Rey, a quem escreveo, e encomendou muito, que desse ordem com que dalli passasse a Sués pera dalli ir a Alexandria. Este homem havia de ir em trages de Mouro com algumas mercadorias, e da viagem de ambos adiante daremos

Partidos estes navios, que foram aos ¹⁶ dias

dias do mez de Setembro , deram recado ao Governador , que pela barra de Goa passaram quatro paraos de Malavares para a banda do Norte ás prezas ; e porque se nio acudisse logo , podiam fazer muito dano nos navios dos Mercadores Portuguezes , que das Fortalezas do Norte naquelle tempo vem para Guia a buscar as náos do Reyno , de que já eram chegados alguns , mandou chamar Mathias de Albuquerque , e foi-se pôr no caes , e mandou tomar os navios dos Mercadores , que eram vindos do Norte , por estarem mais prestes , com muitos marinheiros , e mantimentos , e mandou a Mathias de Albuquerque que logo se cinharcasse nelles , e folhe apôs aquelles navios até os enfacar . Os Fidalgos , e Cavalleiros como souberam que o Governador estava no caes , acudiram a elle , e os primeiros que chegaram tomaram os navios que acharam , entulhando-se logo de muito boa soldadesca , que lhe acudio com suas armas já ao rebate . Mathias de Albuquerque deo-se tanta pressa , que no espaço de seis horas se embalhou ; porque assim elle , como os mais Capitães , que o haviam de seguir , das embarcações mandaram tomar o pão , e outro mantimento que pelas prezas se achou , com as camizas com que andavam , e suas armas se affastaram

ram do caes , onde o Governador esteve sempre ate os despedir : hiam nesta jorna-
da dez navios , de que eram Capitães D.
Gileanes Mascarenhas , André Furtado de
Mendoça , Antonio de Azevedo , Cosme
de Lafetar , João Rodrigues Coutinho ,
Gonsalo Tavares , D. Manoel de Menezes ,
D. Jeronymo de Azevedo , e outros que
não lembrao ; e fazendo-se á vela , foram
tomando falla por todos os portos por on-
de passavam ; e dos negros de huma Alma-
dia que acharam , a quem o Capitão Mór
mandou dar dez cruzados , porque lhe fal-
laſsem verdade , soube estarem os paráos
em Carapatao ; e aprestando-se , chegaram
aquele rio já de noite ; e entrando dentro ,
soubetam que era verdade o que lhe disse-
ram. Os paráos estavam na povoação , que
he mais de quatro leguas pelo rio assima ;
e tomando o reino na mão , e postos em
armas , foram canhionando pera fima com
a enchiante da maré , porque determinou o
Capitão Mór ir tomar os paráos aonde ef-
tivessem , sem ter nenhuns cumprimentos
com o Tanadar da terra , e toda a noite
foram remando , e no quarto d'alva chega-
ram perto delles. André Furtado , Antonio
de Azevedo , D. Manoel de Menezes , que
hiam diante , por levarem melliores navios ,
chegaram aos paráos , e sem fazêrem de-

lença , lhe puzeram logo as proas , e lhe lançaram dentro huma fúriada de panelas de polvora : os Mouros em sentindo fogo , logo se lançaram ao mar , e se salvaram em terra , ficando os navios despejados ; e ferrando André Furtado de huma galeota , e Antonio de Azevedo de outra , que eram as que acharam , deram-lhe cabo , e as afastaram pera fóra , e D. Manoel de Menezes rendeu , e levou consigo os outros dous , que eram calemutes. Todos estavam com todo o seu recheio ; e isto não pode ser tão depressa , que primeiro não acudissem muitos da terra ás espingardadas aos nossos.

O Capitão Mór ao estrondo da arcabuzaria apressou-se tudo o que pode , e chegou aos navios a tempo que já traziam os pardos á vela , e vinha amanhecendo ; e porque não havia já que fazer , se tornou pera a boca do rio , onde gastou todo aquelle dia , e ao outro se fez á vela pera Goa , levando os navios á toa os Capitães que os tomáram. E sendo tanto ávante como os Ilheos queimados , houveram vilta de huma náu , que no velame lhe pareceu do Reyno ; e indo a ella , souberam ser a não Caranja , de que era Capitão João de Mello da Armada de D. Francisco Maicarenhas , que vinha por Viso-Rey da In-

India, de quem não davam novas, porque não tomaram Moçambique, onde podia ser que elle se detivesse, e que não poderia tardar muito; e sabendo as novas todas do Reyno, largando a não, e dando ás vélas, chegaram de noite á barra de Goa, havendo oito dias que della tinham partido. Mathias de Albuquerque fez surgir a Armada fora, e tomou huma Almadia, e meteo-se nella, sem dar conta a ninguem; e chegando a Pangim, tomou hum Balão do Tanadas, em que foi ter a Goa, onde o Governador estava; e entrando com elle, lhe deo conta do que era passado em sua viagem, e das novas do Reyno, que elle tinha já sabido por Jeronymo da Silva, Mestre da carreira da India, que tinha mandado á costa em hum navio ligeiro a esperar as náos, que aquelle anno haviam de vir do Reyno; e depois de praticarem em algumas cousas, lhe pedio o Governador se tornasse pera a Armada, e que ao outro dia entrasse, porque lhe queria fazer recebimento, o que elle fez. E ao outro dia foi entrando com os navios dos corsários, ainda que alguns Capitães se adiantaram sem esperarem por elle. O Governador o recebço muito bem, e fez merce em nome de El Rey dos navios inimigos com todo o seu recheio aos Capitães que os tomaram.

E no mesmo dia mandou despejar as casas de Santos, que foram de Antonio Pessoa, e mandou paifar o seu fato pera ellas, por ter a Fortaleza despejada pera quando o Viso-Rey chegasse. Ao outro dia surgiu a nao Caranja na barra, e apôs ella a nao Salvador, de que era Capitão Pedro Lopes de Sousa, que vinha despachado com a Capitanía de Malaca, que tambem não dava novas do Viso-Rey.

C A P I T U L O IX.

De como El Rey D. Philippe elegeo D. Francisco Mascarenhas por Viso-Rey da India: e do contrato que fez das naos da Carreira: e do que aconteceu a Francisco Mascarenhas na viagem ate chegar a Goa.

DEsbaratada a batalha de Alcantara, e desapparecido o Prior do Crato do Reyno, passou-se El Rey D. Philippe a Elvas, aonde acudiram os Grandes do Reyno, e os Procuradores das Cidades a lhe darem a oimnagem, e ao jurarem por Rey de Portugal, conforme a sentença dada pelos Juizes Deputados, que El Rey recebeu ^{mai} humanamente, e lhe fez honras, e mercês, e de novo lhes concedeo os privi-
le-

legios, e liberdades que lhes tinha manda-
do. E logo começou a tratar das cousas que
pertenciam ao bom governo : entre estas,
ou das primeiras, foram as do Estado da
India, como patrimonio temanho, e tão
minioso dos Reys de Portugal seus Prede-
cessores (como aquelle cujos alicetees fo-
ram fundados com o sangue de muitos Ca-
valleiros, a que podemos chamar Martyres
de Christo, pois pelejando por sua Santa
Fé, acabaram) escrevendo, e mandando a
sentença que por elle se deo na herança do
Reyno por terra, como atrás dizemos Ca-
pitulo III. E porque se hia fazendo tempo
de entender na Armada, que havia de
mandar para a India, e tendo respeito á
idade, serviços, e muitos merecimentos do
Conde Viseu-Rey D. Luiz de Ataíde (que
cuidava ser vivo) parecco-lhe bem manda-
lo ir descansar de seus trabalhos, e tratou
de lhe mandar sucessor ; e porque entre
os Fidalgos, que de novo eram chegados
a lhe beijarem a mão, hum delles foi D.
Francisco Mascarenhas, que fora muitos
anos grande Pessoa na India, e muitas
vezes Capitão Mór das Armadas, Fortale-
zas de Cosala, e Moçambique, e susten-
tara aquelle grande famoso cerco que o
Inamoxa poz sobre Chaul, em que alcan-
çou nome de grande Capitão, e com os

soldados da India de muito liberal, em quem concorriam as partes que eram necessarias pera naquelle entrada moderar os homens, se nella houvesse alguma alteração pelo muito respeito que lhe todos tinham; e da sua chegada a Elvas a tres dias foi chamado, e committido pera esta jornada com palavras tão obrigatorias, que se não pode escusar; e acrescentando El Rey logo com honras, e merces, dando-lhe titulo de Conde de Villa d'Orta, de que usaria depois que tomasse posse do Estado da India, imitando nisto a El Rey D. Manoel seu Avô, que quando elegeo a D. Francisco de Almada pera ir á India, foi com regimento, que se não intitularia Governador, senão depois de ter feito nella tres Fortalezas; e assim fez mais a D. Francisco Capitão Mór dos gineteis, e da guarda da sua pessoa, como o foram seus Avôs, e lhe deu Comiendas grossas pera seus filhos, e netos, e trinta mil cruzados em dinheiro pera ajuda de custo de sua embarcação, e quarenta mil mais de merce, de que se pagaria na India, e doze Habitos das Ordens de nosso Senhor Jesu Christo, Sant-Iago, e Avis, pera poder dar a quem quizesse, e lhe passou hum Alvará pera na India poder dar os cargos de Feitoria pera baixo, e de Juizes das Alfandegas

gas a hunha só pessoa cada cargo , e por
hunha só vez , e por tempo de tres annos ,
e outras causas , de que satisfeito se des-
pedio de El Rey , e se foi pera Lisboa pe-
ra dar aviamento á Armada que havia de
levar , provendo El Rey em todas as cou-
sas da India com muita ordem , prevenin-
do-se pera tudo o que pudesse succeder .
E porque entendia muito bem que os ani-
mos dos homens com nenhuma causa mais
se moderão , e abrandao que com honras ,
e merceés , deo sobre isto largos regimentos
a D. Francisco ; e segundo algumas pessoas
dignas de fe nos disseram , muitos Alvarás
assignados em branco pera todos os prívi-
legios , liberdades , honras , e merceés que
da sua parte prometteste ás Cidades , Capi-
taes , e Fidalgos , que puzessem dúvida zo-
jurarem por Rey , que lhe ficassem logo fei-
tas , e assignadas ; porque como era Princi-
pe Christianissimo , quiz antes (se houvesse
algum desses) trazellos á obediencia por
esta via , que por castigos , e rigores : e af-
sim se disse publicamente na India , que
trazia o Vise-Rey hun Alvará em segredo
para o Conde D. Luiz de Ataide , em que
lhe fazia El Rey mereé do Titulo de Mar-
quez de Santarem , entregando-lhe a India ;
o que se lhe assim , tudo ficou em segredo ,
e nello se tornou a levar pera o Reyno .

Man-

Mandou tambem ElRey pelo Viso-Rey huma Lista , em que vinham quasi trinta Fidalgos despachados com Fortalezas , viagens , e outras coulas , e lhes escreyeron a todos Cartas muito honradas ; e porque de então corriam as náos por conta de ElRey , pareceo-lhe melhor contratallas com Luiz Celar , como fez , que servia o cargo de Provedor dos Arinazens , com as condições seguintes.

Que elle se obrigaria a mandar cada anno cinco náos , para cuja fabrica lhe daria ElRey oitenta mil cruzados mortos cada anno , ficando o contrato da pimenta da mesma maneira que ElRey D. Sebastião o tinha feito com Diogo de Castro , João Baptista Revelhalles , Jacome de Bardez , e outros que durava até o anno de 1586. e era por tempo de cinco annos , e das condições seguintes.

Que de todá a pimenta que cada anno mandasse , que haviam de ser trinta mil quintais , dariam a ElRey a metade. D. Francisco Mascarenhas fez dar pressa á Armada , e as coulas de sua embarcação ; e sendo o tempo chegado , tornou a beijar a mão a ElRey , e a despedir-se , que lhe fez ainda mais merces , e deu licença para se embarcarem com elle alguns homens , que enzavan exceptuados por então por

respeitos que El Rey pera isto teve; e ainda os despachou, e lhes fez merces, e despachou D. Francisco com muita satisfaçao: e ouvimos dizer a algumas pessoas cá na India, que lhe dera El Rey hum regimento, em que mandava, que se em Goa e não quizessem receber, que se fosse pera Moçambique; aonde se deixaria estar ate seu recado. Despedido D. Francisco, foi-se pera Lisboa, e por causa dos negocios que foram muitos, não se pode fazer à vista, senão aos onze dias de Abril de 1586, em que andamos: escolheu elle pera si não S. Lourenço, de que era Capitão Diogo Paçanha; e as mais não eram Bom Jesus, por outro nome Catanja, Capitão João de Menelao; da Salvador Pedro Lopes de Sousa, despachado com a Capitania de Malaca, e levava sua mulher Dona Barbara, filha do Doutor Gaspar de Melo, a não Reys Magos, Capitão Manoel de Miranda, filho de Vicgo de Miranda, Cainarcito Mor do Cardeal D. Henrique, que hia provido com a Fortaleza de Dio: e com a de Rachol em vida com trezentos mil reis de ordenado. A outra não era S. Pedro que havia de ir pera Malaca, de que era Capitão Leonel de Lima: e barçáramo-se nessa Armada muitos Fidalgos, e Capitães, e dos que nos lembra são os

seguintes : D. Diogo Lobo despachado com a Fortaleza de Maláca ; João Correa de Brito com a de Columbo em Ceilão ; D. Antonio de Sousa com a de Dainão ; D. Manoel Pereira com a de Baçaim ; Roque de Mello com a de Malaca ; João Correa de Brito com a de Columbo.

Esta Armada foi seguindo sua viagem por diferentes derrotas, porque logo se apartaram as náos ; as duas que dissemos foram tomar Goa ; a náo Reys Magos, Capitão Manoel de Miranda, foi tomar Cochim em Outubro ; D. Francisco Mascarenhas trabalhou por tomar Moçambique, donde chegou aos dezoito de Agosto, e surgiu fóra das Ilhas a tempo que sahia pera fóra a náo S. Pedro, que lia pera Malaca, que havia dias tinha chegado á aquela Fortaleza, e se tinha provido de agua, e mantimentos, e já hiá feita á réia. O seu Capitão tanto que vio a náo do Viso-Rey, metteo-se no tairel, e foi a elia, e se vio com elle, e lhe pedio licença pera fazer sua viagem por ser tarde, que lhe deo, e se foi seu caminho. O Viso-Rey tanto que surgiu, mandou logo a terra Diogo Paçanha a visitar D. Pedro de Castro, Capitão daquella Fortaleza, a quem escreveu huma Carta, em que lhe fazia saber de sua chegada, e era D. Pedro

Tio da mulher do Viso-Rey, Irmão de sua Mai, que era casada com o Morgado de Oliveira, que tanto que teve a Carta do Viso-Rey, e soube de Diogo Paçanha as novas do Reyno, logo se foi pera a no[n]o acompanhado do Alcaide Mór, e pessoas principaes, e o Viso-Rey o recebeuo com muitos gazallados, e honras; e recolhidos na varzuda, lhe deo D. Francisco lvima Carta del Rey, em que lhe dava conta da sua successão, e lhe pedia o jurasse ~~pois~~ Rey, pois o era de Direito; e logo tratou com D. Pedro de se fazer o dito juramento, porque elle não havia de desembarcar, porque era já tarde, e assim se fez, e deo D. Pedro, alli a omenagem nas mãos de Viso-Rey das Fortalezas de Cofala, e Moçambique por El Rey D. Filippo. Acabado isto, foi-se pera terra, e na Igreja ajuntou o Alcaide Mór, e o Provedor da Misericordia, e pessoas principaes, e o P. Antonio da Mota, Vigario da terra, e alli fizeram os autos dos juramentos Vigario em nome do Ecclesiastico; o Capitão, da Nobreza; e depois o Alcaide Mór, e Provedor da Misericordia em nome de todo o povo; e acabado o auto, tomou D. Pedro a bandeira Real nas mãos, e acompanhado de todos, foi com ella pelas ruas publicas, dizendo: *Real, Real, Real*

Real, pelo muito Catholico D. Philippe Rey
de Portugal; e os mesmos júramentos fiz-
eram pelo Príncipe D. Diego seu filho. Dis-
to tirou o Viso-Rey seus instrumentos, e
papeis assignados por todos para mandar
ao Reyno, e logo se principiou a instituir
Conde de Villa d'Orta, porque começou
a tomar alli posse da India, conforme ao
Alvará que levava; e por ser tarde, e não
ter tempo para fazer aguada, tomou algu-
mas pipas della do navio do trato que já
achou de verga d'alto, e fez-se à vela.
Daqui foi seguindo a sua derrota até havé-
vista dos Ilhéos queimados aos 26. dias de
Setembro, aondé foi a elle huma almidia
com hum homem Portuguez, de quem sou-
be estarem já furtas na barra as náos Ca-
maja, e Salvador havia dous dias, de que
ficou tonado de não pararem alguns dias
para esperarem por elle: alli soube da mor-
te do Conde D. Luiz de Ataíde, e da suc-
cessão de Fernão Telles, e de como El-
Rey D. Philippe estava já jurado por Rey
da Cidade de Goa pelos papeis que do
Reyno vieram, o que sentiu em extremo;
porque quizera elle ser o que fizera aquel-
le serviço; mas não deixou de dar muitas
gracas a Deos nosso Senhor, porque sem-
pre parecera no Reyno que haveria neste
negocio muito que fazer; mas como Deos
nos-

nosso Senhor ticha ordenado que a Coroa de Portugal se ajuntasse á de Castella, por juizos secretos, que nós não alcançamos, não houve em todo o Estado da India (como já dissemos) alteração, movimento, nem inquietação alguma, o que foi permissão Divina, porque nestas partes andavam muitos homens da obrigação do Ir-sante D. Luiz, e de seu filho D. Antonio, que em partes tão apartadas, e remotas puderam causar alguma perturbação; pois no Reyno, tão perto do castigo, não faltaram alvorotadores que o inquietaram por muitas maneiras: e tornando ao Correio, na mesma Almadia mandou embarcar Diogo Paçanha, e hum criado seu com Cartas pera o Governador, em que lhe fazia a saber de sua chegada, e provisões pera o Feitor, e Thesoureiro não correspondiu nem hum pagamento, e escreveu ao Vedor da Fazenda, e Secretario, que logo se fossem pera elle. Despedida essa Almadia, chegou de noite a bordo outra embarcação, em que hia hum Diogo Correa casado na India, e soldado velho, e conhecido do Viso-Rey, e de todos os Indalgos que com elle vinham; e entrando na nau, deu ao Viso-Rey todas as novas mais particularmente, porque era homem que dava boa razão de tudo.

Diogo Paçanha chegou ao outro dia a Goa, e deo as Cartas ao Governador, e fez as mais diligencias que levava a cargo. A não ao outro dia, em que ella surgiu na barra, que foram dezesete do mez, o Viso-Rey se desembarcou, e se foi meter na Fortaleza de Pangim, achando já o porto cheio de embarcações, que o hiam buscar. O Governador tanto que soube esperar elle em Pangim, no mesmo dia o foi visitar acompanhado de muitos Fidalgos, Parentes, e amigos; e ao desembarcar o esperou o Conde D. Francisco na praia bem á borda d'agua, onde se abracaram, e se recolheram pera lama com os Oficiaes, o Viso-Rey lhe apresentou sua Carta de guia, em que mandava El Rey que lhe entregasse a India, e que por aquella o havia por desobrigado da menagem que della tinha dado. Esta entrega lhe fez o Governador logo ali na forma ordinaria. Acabado o auto, recolheu-se Fernão Telles: no mesmo dia chegaram os Vercadores ao Viso-Rey, e lhe pediram se detivesse alguns dias, em quanto lhe preparavam seu recebimento, porque nesse queriam mostrar o alvorço, e contentamento que aquella Cidade teve com a successão de El Rey D. Philippe naquelle Estado, o que lhe elle concedeo; e nos dias que elle se deteve, foi visitado de

de todos os Prelados, Fidalgos, Cavallerros, e soldados conhecidos; e tendo já sabido que o Governador tinha eleito pera o Malavar Mathias de Albuquerque, na primeira visita que lhe fez, lhe pedio, pois tinha acceptado aquella Armada ao Governador, corresse com ella, porque assim servaria ElRey melhor servido; o que lhe disse com palavras de tanta satisfaçao, que se não pode elle esfusar, e passados os oito dias, que o Conde D. Francisco esteve em Pangim, esperando que lhe preparassem sua entrada, a fez com grandes festas, e alegrias; e á entrada da Cidade jurou de lhe cumprir seus privilegios, e liberdades, como he costume, e começoou o Viso-Rey a entrar logo nos trabalhos do Governo, que sao grandes: e na primeira cousa em que entendeo foi em despedir pera Ormuz João Correa de Brito por Vedor da Fazenda, sobstabelecendo como Procurador de ElRey, pera naquelle Fortaleza o fazer juzar, dando-lhe os traslados da sentença, papeis, e Cartas de ElRey pera o Capitão D. Gonçalo de Menezes; e com elle mandou Balthazar de Gamboa pera ir Reyna por terra com Cartas a ElRey, em que lhe dava conta de sua chegada, e de como ficava pacificamente jurado, e obedecido por Rey, e deo por regimento

João

João Correia (segundo diziam) que se achasse ainda em Ormuz Jeronymo de Lima, que o Governador Fernão Telles mandava com o mesmo recado, o não deixasse passar; e porque trazia muito encarregado de El Rey avisallo da sua chegada por todas as vias, despedio outro navio ligero, de que era Capitão Luiz de Aguiar, pera ir lançar hum Armeiro em Caxem pera de alli partir pera o Reyno. Por via de Sucz escreveo aquelle Rey, que ihe desse ordem pera a sua passagem; e Fernao Telles, em quanto senao embarcou, tirou suas Certejões, papeis, e instrumentos de como entregara a India, e do estado em que todas as Fortalezas della estavam, das Armadas todas, e mais couisas que havia.

C A P I T U L O X.

Do que aconteceu na jornada a Gonçalo Vaz de Camões, e Antonio Pereira Pinto: e da grande briga que tiveram com huma não do Rey de Pegu, e com huma Armada sua: e de como morreu aquelle Rey, e lhe sucedeu seu filho, e soltou os Portuguezes que estavam cativos, e de outras cousas.

Porque esta Armada foi ordenada pelo Governador Fernão Telles de Meneses, nos pareceo continuarmos aqui com ella, e darmos razão de tudo o que na jornada lhe aconteceu, posto que durasse todo este anno; assim porque he cousa sua, como pela não contarmos por pedaços, porque sera ocupar outros legares, que haremos de mister pera muitas cousas. Deixámos Antonio Pereira Pinto com o outro navio, de que era Capitão Alvaro Colaço, passando pelas Ilhas de Angediva, e correndo seu tempo, porque o inverno ainda não cessava; e foi elle tal, que não puderam tomar nenhum porto do Malavaç, e passaram avante; e a primeira terra que tomaram foi Coulão, onde não quizeram entrar por se não deterem, somente em quanto Antonio Pereira Pinto escreveo hu-

ma carta pera alli deixar a Gonsalo Vaz de Camões, em que lhe deo conta da sua jornada, e de como passava ávante, e o dia esperar a S. Thomé.

Partidos de alli, chegáram a Tuto Cormorim, onde fizeram aguada, e se provêram de algumas cousas, no que se detiveram dous dias. Vendo Antonio Pereira que não vinha Gonsalo Vaz, passou os baixos á outra banda, e chegou na entrada de Setembro a povoação de S. Thomé, onde se deteve oito dias, esperando por Gonsalo Vaz; e vendo que tardava, e que fazia tempo de ir esperar as náos, abrio a Provisão, e apresentou ao Capitão, que lhe poiz o Cumpra-se, e lhe deo juramento conforme a ella pera poder profeguir na quella jornada. Estando já pera se fazer á vela, chegou Gonsalo Vaz com outro náujo, e tomando alli informação das cousas a que hia, foi informado por pessoas que isto sabiam, que sua ida a Masulipatão era escusada, porque havia já novas certas que a náo do Achem desarmára, porque logo sora o seu Capitão avisado de como em Goa se faziam aquellas Galeotas prestes pera a irem esperar, porque os Mouros de Goa despediram por terra recado disso, que a outra náo do Rey de Pegú era muito poderosa, e feita ao modo das da Eu-

ropa , e que estava muito guarnecida de artilheria , e munições , e com mais de trezentos Mouros , assim Achens , como Malavares , que se alli acharam em huma Galeota , que aquelle Rey fazia embarcar por força : e que além disto metteria hum Enrbaixador , que mandava ao Achem com cincuenta homens brancos , por onde a Armada não tinha que fazer com ella. Sabendo Gonçalo Vaz a certeza daquelle negocio , assentou com os praticos da terra de passarem a Pegú a fazer a guerra que o Governador mandava fizesse ; mas vendo que o seu regimento não se estendia mais quererá affi , donde lhe mandava que voltasse pera Goa , e que António Pereira Junto fosse com os mais navios fazer aquella jornada , assentou com elle , que pois não conseguiram o efecto , pera que aquelle regimento se fizesse pelos inconvenientes já ditos , que passassem ambos companheiros a Pegú iguaes em poder , e mando ; mas que a bandeira de Christo levantaria Gonçalo Vaz de Camões em o seu navio , sucedendo haver alguma briga. Concertados nisso , aos 14. dias de Setembro se fizeram à vela ; e antes que partissem , chegou Fernão de Llina na Galeota Alexandrina , que vinha do negocio de Pegú , não bem despachado ; e porque tratou a Gonçalo

Vaz

Vaz de Camões de lhe tomar a Galeota
 pera mudar a ella Francisco Serrão, por
 ser o seu navio mais pequeno, lhe deo
 alguns furos secretos, com que se encheo
 de agua, pelo que foi forçado deixarem
 alli a Francisco Serrão, porque se affogava
 o seu navio. Partidos os tres navios, nego-
 ceou-se Francisco Serrão pera se tornar a
 Goa, e por não ir com as mãos vazias,
 deo huma volta pela costa, por ver se
 achava algumas prezas; e andando naquel-
 le ofício, deraun com elle huns paráos de
 Malavares, que invernáro por aquelles
 rios, e o tomáram, e cativaram; e passan-
 do pelo porto de S. Thome, acháram a
 Galeota Alexandrina prestes, e negoceada
 pera se partir pera Goa; e dando nella, a
 tomáram, e leváram consigo, e de passa-
 gem foram dando em algumas povoações,
 em que sizeram roubos, e danos. As Ga-
 leotas, que foram atravessando a Pegú, pu-
 zeram dezesete dias naquelle travessia, e a
 primeira terra que tomáram, foi a barra de
 Negraes, a tempo que haveria pouco mais
 de duas horas que a não de Masulipatão sur-
 gio na boca daquelle rio; e vendo-a elles
 tão fermosa de tres mastros, pareceo-lhes
 que era a não do Reyno, que errara a der-
 rota, e fora tomar alli, como já vicias-
 saram. E affirmando-se nisso pela feição
 del-

della , a foram demandar com grande alvoroco : e chegando á falla , lhe disse de dentro huma voz em Portuguez : *Andar pera velsbacos , que esta não he de El Rey de Pegu , e não tem dever com Armadas suas.* E apds isso lhe deram huma salva de bombardadas , e de espingardadas , de que lhe mataram cinco homens , e alguns marinheiros. Vendo os nossos aquillo , e conhecendo que aquella era a não , que não ousaram ir buscar a Masulipatão , houveram que Dcos nosso Senhor os levára alli pera a tomarem ; e pondo-se em armas , a rodeáram , e batéram muito rijamente com os dous camelos que levavam as Galeotas de Gonçalo Vaz , e Antonio Pereira , o que fizeram todo o dia até á noite , em que a deixaram com muitos rombos abertos por onde se hia enchendo de agua. Estando na bateria , viram do navio de Alvaro Colaço vir o batel demandar terra ; e largando tudo , o foi demandar , e o tomou entre huma restinga , e com elle á ioa se tornou ao seu lugar , e ainda á noite se foram os nossos surgir afastados da não ; e de alguns Mouros , que no batel vinham , souberam que na Cidade de Cosmi pelo rio assima estava o Principe herdeiro daquelle Reyno com mil e trezentas vélas pera ir conquistar o Reyno

de Arracão. E vendo elles que aquella Armada forçado havia de sahir por aquelle no fóra , determináram de averiguar primeiro o negocio da náo , sobre o que assentáram que se perdessem todos , ou a tomassem por credito do nome Portuguez : e assim tanto que amanheceo , tornaram a commetter a náo ; e chegando a ella , a viram muito mettida de poppa , e a gente della inquieta de huma pera a outra parte , como que acudiam a algum trabalho : e assim era , porque ficou da bateria tão aberla de poppa , que se hia ao fundo ; e entendendo o trabalho em que estavam , tornaram a apertar com ella tão rijamente , que se commetteram os que estavam nella cançar a terra a nado pera salvarem as vidas. E vendo aquillo , puzeram as proas na náo com grande determinação , e sobre a entrada riverain com os que estavam ainda dentro huma mui aspera batalha , em que os nossos fizeram muito pela entrar ; e por fim do negocio foram os inimigos mettidos á espada , ficando a náo , e todo o recheio em poder dos nossos. Os soldados como concluíram aquelle negocio , quizeram aproveitar-se da fazenda , que lhe tanto custou , e assim cada hum tomou o que quiz ; e começaram a baldear dentro dos navios tantas cousas , que estiveram as

Galeotas arriscadas a se saçobrarem com o pezo, sem os Capitães poderem acudir a isto; e vendo elles que o não se hia fundo com a agua, e que os navios estavam arriscados ao mesmo com o pezo que tinham, aconselhando-se os Capitães entre si, puzeram fogo á não por tres partes, e saltaram em as Galeotas, e começaram a alijar ao mar tudo que puderam. Estando ainda a mór parte dos soldados na não; sem lhes dar do fogo que ateava já por todas as partes, foi-lhes depois forçado recolherem-se a nado, porque as Galeotas logo se afastaram pera fora. Ao mesmo tempo chegou huma Galeota hum João Leitão, casado em Goa, que estava dentro do rio, e alli fez hum muito arrezoado resgate com os soldados, e troco de pouco encheu o navio de bo fazendas, e as Galeotas foram despejadas, e boiantes. Passado isto, faram-se os nossos pera a barra de Sirião, que he onde os Achens vam deniardar aquella Costa, e por ella andaram dezoito dias com ventos pela proa, e muito grandes correntes, por ser a monção acabada; e por não poderem passar dos Ilheos dos Mudos, onde levaram por regimento que invernassem, afentaram que voltassem pera o porto grande de Bengala, como fizeram. Succedeu nos

nos dias que por cá gastaram sahir o filho de El Rey de Pegú com toda a sua Armada pera ir contra o Reyno de Arracão, e apôs elle mandar-lhe El Rey outro recado, que tornasse a voltar em busca da Armada Portugueza, e que lha levasse, porque mais estimaria huma fusta sua, que todo o Reyno de Arracão. Com este recado tinha voltado o Principe; e tanto avante como os Ilheos Alevantados, que estam abaixo da terra de Negraes, onde pelejaram com a náo, houveram os nossos vista da Armada, a tempo que vinha sahindo pelo rio fóra; e conhecendo, e vendo tanta multidão de havios, assentaram que se fossem pera o mar, o mais que pudessem; assim porque os inimigos não eram homens que se afastassem muito da terra, como por verem se os podiam espalhar, e apanhar alguns desmandados. Os inimigos tanto que viram os nossos, e que lhe viravam as poppas a modo de lhes fugirem, cobrando mais animo, foram apôs elles mais de quatro leguas ao mar; e vendo que os levavam já de vencida, e com aquella golodice, e desfio de lhes chegarem, se adiantaram dez-e-seis embarcações as mais ligeiras; e chegando-se aos nossos, dividiram-se em tres partes pera tomar os nossos no meio, que já hum postos em armas pera pelejarem

com elles. E vendo que seis dos navios estavam mais desviados, voltaram a elles com grande determinação, e deram-lhes aquella primeira salva de bombardadas, de que lhe metteram logo tres no fundo; e pondo as proas nas outras tres, em muito breve espaço as acharam; e arremessando ao outro esquadrião de outras cinco, que acharam mais perto, deram-lhe outra salva tão bem empregada que as destruíram; e já quando chegaram ás outras cinco lhe deo aos nossos pouco; e arremessando com elles, travaram com todas luta mui arriscada batalha, em que todos perijáram de maneira que as renderam, e desbarataram de todo com morte da maior parte dos inimigos.

Acabado deste negocio, que foi muito apressado, vendo que a maior parte da Armada os vinha entrando, contentando-se com a vitoria que Deos lhes tinha dado, deram á vela com a viração, e foram-se recolhendo, levando consigo muitos inimigos cativos, e dezoito peças de artilharia, que tomáram em os seus navios, e assim vitoriosos se recolheram a invernar em Bengala; e sabendo El Rey de Artacão de sua chegada, e do muito lourado sucesso que tiveram com a Armada do Pegu, mandou visitar aquelles Capitães, e dar-lhes

lhes os parabens da vitoria , e os agrade-
 cimentos de por sua causa ficar livre da-
 quelle cerco ; e com isso lhes mandou pe-
 dir que se quizessem ver com elle , e accom-
 panharem-no , porque determinava ir con-
 tra Pegu , fazendo-lhes grandes promessas ,
 do que elles se escusaram , e alli inverná-
 ram , e no veranico voltarão sobre Pegu ,
 e acháram já aquelle Rey morto , e no
 Reyno seu filho chamado Falanha Ximi
 de Ginoco ; e da barra lhe mandaram os
 Bramás , e Pegús , que leváram cativos , e
 lhe escreveram huma carta , e outra pera os
 Portuguezes que alli estavam ; e na de El-
 Rey lhe diziam , que se a sua não não le-
 ria Mouros , e Turcos , que a não tomá-
 ram , porque o tinham por amigo do Es-
 tado ; e que a prova disto era , que aos
 Mouros todos , como a inimigos , cortáram
 as cabecas ; mas que aos Bramás , e Pegús ,
 porque eram seus vassallos , os tratáram
 sempre muito bem , como elles diriam ,
 dos quaes lhe faziam servico , e aos Por-
 tuguezes escreveram , que lhes dissessem o
 mesmo . Vendo El Rey a carta , e sabendo
 dos sens as honras que os nossos lhe fiz-
 ram , foi-lhe tão accepto , que deo libe-
 rade a todos os Portuguezes , que tinha-
 reteidos , que se foram pera a India , e
 a Armada se foi pera S. Thomé , e dahi

a Cochim , depois de dous mezes de viagem.

C A P I T U L O XI.

Do que neste tempo acontecco nos estreitos de Méca , e da Persia : e de como tres Gales de Runes foram á nossa Povoação de Mascate , e a assolaram , roubaram , e destruiram : e do que fizeram os Portuguezes que nella estavam.

Pelas terradas que todos os annos vao da Arabia de Coriate até ao Cabo de Rosolgate , e aos Portos do mar roxo com incenso , tamara , e outras mercadorias riveram em Mascate novas que no porto de Mora se faziam presles quattro Gales para virem saquear aquella Cidade. Esta nova se mandou logo a Ormuz ao Capitão , que pondo em parecer dos antigos daquella Fortaleza , se mandaria inveirar gente áquella Cidade , foi contrariado de todos , affirmando-lhe que não havia Gales em Meca , nem era possivel poderem sahir fóra , porque se haviam por seguros peças intelligencias que traziam os Turcos , haver do-se nisto de outros Mouros , como riveriam elles por lei , ou cestumie fallas verdade , com o que D. Gonsalo desistio de que

que determinava, mandando recado á-
quelles moradores, que todavia estivessem
precavados, e com grandes vigias; e que
tanto que entrasse Setembro, fosse huma
festa ao Cabo de Rosalgate a espiar as Ga-
lés, pera que se viellem, lhes pudessem
vir dar rebate, e se pôrem em salvo. Os
moradores de Mascate tinham as novas por
muito certas, porque falláram com pessoas
que lhes vieram concertar as Gales, e que
ouviram praticar na sua vinda, e que
Mouros daquella mesma Cidade os foram
convidar pera aquella jornada, prometien-
do-lhes della muito grandes promessas, e
riquezas, e que ainda lá estavam pera os
guiarem: pelo que tanto que entrou Se-
tembro, logo o Feitor de El Rey armou
humia festa, de que era Capitão Alvaro
Mourato, bom soldado, que D. Gonçalo
para isto tinha mandado com regimento,
que se fosse pôr no Cabo de Rosalgate; e
que havendo vista das Galés, voltasse pera
Mascate a dar-lhe aviso, e que passasse
apressadamente pera Orinuz, e levasse com-
sigo dous Taranquis muito ligeiros pera
mandar diante. Este homem se foi pôr co-
zido com o Cabo de Rosalgate, e se dei-
rou cistar com grandes vigias, assim por
mar, como por sima dos montes. As Galés
era verdade que se faziam prestes pera
irem

irem a Mascate ; porque (como dissemos) alguns Arabios da mesma terra deram a quelle alvitro a Mira-senão , Baxá daquellas partes , affirmando-lhe estar a terra muito rica , pelo que tinha mandado n'gocear quatro Gales , recomendando per illo algumas velhas que havia , e elegendo pera ella jornada Alibac Terco de nação , homem de sua obrigação , Collairo solto , arrabatado , e pouco Capitão. Este Mira-senão era natural de Outrato , casta christã , e governava toda aquella parte das Arbias Feliz , e Petrea , a que os Arabios chamam Ayman , e tinha sua residencia na Cidade de Haná , que está no meio da Arbia Feliz , sessenta leguas ao Norte de Moca , e outras tantas de Xael por ~~linha~~ direita , que está edificada em serra de humeço , e he toda murada de muros de adobes , quadrada , com scus baluartes muito bem feitos ; e afirmáram-nos alguns Indios doutos , naturaes della (porque vivem ali muitos) que foi fundada por Canaan ~~filho~~ de Noé , que povoou aquella parte , e que também fora caçara , e residencia da Rainha Sabá , e que tem em suas escrituras , que della sahio , quando foi a Jerusalém ver a grandeza de El Rey Salarião , e que ainda dura sua memoria em huma porta , que tem pera a banda do Norte , que se ~~cha-~~

chama Albabo Sabá , que em lingua Arabia quer dizer Porta de Sabá , porque dizem que por ella sahia , quando partio pera ver Salaimão ; outros affirmiam que não he a razão do nome esta , senão que se chama assim , porque fica pera o Norte , e que Albabo Sabá quer dizer a porta que vai pera o Norte : a terra he a mais prospera que se sabe no mundo , abundantissima de pão , gado , legumes , e frutas , em tanto , que com razão se chama Arabia Feliz : também se chama dos Escritores amigos Siria Momifera , que quer dizer cheirosa , porque nella se produz o incenso , myrrha , e esturaque. E tornando á nosfa ordem , o Baxá mandou negociar as quatro Galés , e em sim de Agosto se fez Miralebac á vela com ponentes tão rijos , que na Costa da Arabia se lhe abria huma Galé , que foi varar em terra , e elle com as tres foi seguindo sua derrota , indo demandar o Cabo de Rosalgate. Como era sagaz , entendeo mui bem que alli de longo delle havia de haver vigias , porque li se haviam de recear delle ; e affastandose da terra , cimbocou o estreito á meia barra , seiu Alvaro Mourato haver vista delle , e foi demandar Mascate.

Pelas pontas das serras , que são muito altas , pelas quaes se hiam governando , por-

porque determinava de dar sobre Mascate, primeiro que delle tivessem novas ; e sendo tanto avante com elle , deixou-se estar de dia ; e tanto que anoiteceo , o foi demandar , e não quiz ir logo ferraz o porto ; mas foi abaixo delle tomar a enseada de Sedabo , aonde desembarcou aos vinte e dous de Setembro ; e como se por em terra com a mór parte da gente , mandou as Galés que fossem entrar em Mascate , ao quarto d'alva , e que fizessem grande estrondo , e atirassem muitas bombardadas , porque os nossos se desculdassem do Cetão , e por onde elle determinava commeter a povoação ; o que sucedeo , como elle traçou. Despedidas as Galés , começou o Alibac a caminhar por terra ; e porque melhor se entenda tudo , faremos huma demonstração destas bahias ambas. Estendei a mão direita com a palma para baixo , e alargai o dedo pollegar , e demonstrador , e dos outros , e a enseada de Sedabo , que penetra tanto , como mostra o vão do dedo ; com outro vão de entre pollegar , e demonstrador he a bahia de Mascate , onde faz aquella pelle delgada de huma praia a modo de arco , pela qual se estende a povoação , que a mór parte fica encuberta pera o Cetão , e fica toda entre duas ferras. Esta enseada do Sedabo , que singimos na quel-

quelle vão do dedo demonstrador , e do do meio , faz huma serra ingreine , que não tem mais que huma subida direita assim ; e a descida vai logo cahir na baixa de Mascate. No cume desta subida faz huma quebrada , que deixa alli o caminho tão estreito , que não pôde por elle passar se não a si hum e hum ; e o Mifale foi subindo esta ladeira até passar aquella estreitura , que com hum bicho , e dez homens se podia defender ao mundo todo , porque das ilhargas sobem as ferras ingremes ao Ceo ; e descendo pera baixo achou huns peões , que estavam dormindo , com os quaes não quiz bolir , e foi tomar por detrás da Cidade , a qual era por aquella parte cercada de huma parede enfoça com tres portas , as quaes mandou tomar , repartindo cincoenta Turcos a cada huma , e alli se deixou estar com muito silencio até ouvir o sinal das Galés. Os casados de Mascate como andavam com sobrefallos , estavam prestes que lhes trouxesse a fusta recado pera em tendo rebate se pôrem em falso ; e porque lhes hia tardando , alguns que tinham embarcações prestes , quizeram-se segurar , e tinham determinado de se embarcarem no quarto d'alva. Destes era hum Diogo Machado , o qual em comecardo o quarto d'alva , se levantou pera se

ir ; e porque tinha huma quantidade de dinheiro em barris, que lhe fazia peso pelo volume , e tambem porque os não queria arriscar, determinou de os ir enterrar fora da Cidade ; e tomando caminho pera fora com tres moços de espingardas, chegando a huma das portas , antes que sahisse por ella , mandou aos escravos que se deixassem ficar da banda de dentro , porque não quiz fiar delles o lugar , em que os queria pôr ; e tomando o dinheiro , e hum saco pera cavar, foi sahindo pera fora , e elles á porta rodeada deram nelle , e de hum golpe o abriram por huma illharga , de que logo cahio morto , dando alguns gritos. Os moços que estavam da banda de dentro em os ouvindo , e sentindo gente , foram fugindo pera a povoação , dando rebate de inimigos , ficando o pobre homem sem dinheiro , e sem vida. Succedeo na mesma conjuncão ir sahindo pela barra fora hum Taranquim , em que sahia hum Paulo Correa com sua familia , pois que parece que o coração lhe denunciava alguma cousa ; e chegando á boca da bahia , deo com Galés , que já vinham entrando ; e tornando a voltar , deo rebate na povoação , que ao mesmo tempo que os escravos do outro estavam gritando *inimigos* , *inimigos*. Os moradores com aquelle alvoroco sahiram

ram desatinados de suas casas, e foram-se
ajuntar nas de João Cabaço, homem alli
principal, e tomáram conselho sobre o que
fariam; tendo já mais de setenta Portugue-
zes alli com suas espingardas, e muitos es-
cravos, que podiam mui bem pelejar com
os Turcos, se souberam a quantidade del-
les, e assim o foram muitos de parecer;
mas a grita, e pranto das mulhers, e me-
ninos era tamanha, que fazia confusão,
pelo que alguns se sahiram dalli com as
armas; e foram esperar os Turcos ás por-
tas pera lhas defenderem. As Galés tanto
que entraram na bahia, dispararam a sua
artilharia, a qual sendo ouvida do Mira-
boe, foi commettendo a entrada das por-
tas, e acháram dez, ou doze dos nossos
que os hiam buicar, e com elles travaram
uma muito ferinosa briga, em que os
Portuguezes fizeram matavilhas em danno
dos Turcos; mas como eram tão poucos,
e os inimigos tantos, foram-se recolhendo
pera a Cidade, ficando morto Ihum João
Fernandes, Capitão, e senhorio de huia
de tres náos que estavam no porto. Os mor-
adores, que estavam em casa do Cabaço,
que eram mais de quinhentas almas, entre
mulhers, e meninos, sentindo as Galés,
foram tomando o caminho de longo da
praia pera a povoação do Mataro, que se-
ria

ria huma legua pequena pera a banda de
Ormuz. Os Turcos , que foraua entraudo
a povoação apôs os nossos já manhã clara,
acharam o Padre Vigario , que se detere
em enterrar o fimo , os Santos Oleos , e
outras cousas da Igreja , o qual foi toma-
do ás mãos , e cativo ; e como a povoação
estava despejada , e não acharam resisten-
cia , começaram a saquear as casas , e achi-
ram enterradas muitas fazendas , que os
casados escondêram , porque as não pude-
ram levar ; o que tudo lhes mostaram os
mesmos Mouros de Mascate , que com el-
les vinham , que eram familiares de todas
aquellas casas , e sabiam tudo. Todo aquel-
le dia gastaram os Turcos neste saco , e tu-
do recolheram logo em as tres náos , que
no porto estavam , as quaes eram de João
Cabaco , João Fernandes dos Caens , e de
hum Pedro Fernandes de Chaul , e de noi-
te se recolheram ás Galés.

CAPITULO XII.

Do que mais fizeram os Turcos até se recolherem : e do que aconteceu aos moradores de Mascate : e das novas que foram a Ormuz : e de como D. Gonçalo de Menezes mandou huma Armada em busca dos Turcos.

A O outro dia pela manhã tornaram os Turcos a rabiscar a povoação ; e tanto cavaram , que até os Santos Oleos , e mais cousas lhes não escaparam : e pelo aborrecimento que tem á nossa Religião , juntaram lenha , e queimaram o Templo , que ardeu todo : alli ficaram todos á sua vontade , como senhores da terra , seis dias , nos quaes não deram vida a cães , gatos , nem porcos , de que alli havia huma grande quantidade ; estes perseguiam , e buscavam , ainda que já hoje os comem melhor que os Christaos , e pode ser que para isso os matassem elles. Succedeo aqui huma cousa espantosa , e foi , que deram huma espingardada em huma porca prenhe , que a abriram pelas ilhargas , e assim se foi meter no mato , onde esteve escondida todos aquelles dias que alli estiveram ; e tanto que anoticia , se hia meter na agua salgada ; e ainda depois dos moradores

res tornarem pera a povoacão, a viram
todos os dias meter no mar: veio esta
poreca a sarar, e depois pario dez bacoros:
dos quaes se tornou a inçar a terra. As
novas das Galés foram, ao outro dia que
ellas chegaram, ter a Calajate, onde este-
va por Feitor hum João do Rego da obriga-
ção de D. Gonsalo de Menezes, o qual
despedio com muita presteza hum Taran-
quim muito ligeiro com novas a Ormuz;
e outro á fusta de Alvato Mourato, que
estava no cabo de Rosalgate, que não sa-
bia nada; e o mesmo fez João Cabaço do
lugar do Matato, aonde chegou com toda
a gente, e huma poz tres dias, e outro
quatro ate Ormuz; e dando a D. Gonsalo
noticia, logo no mesmo dia despedio Mar-
tum Lopes Carrasco em hum catur com
regimento que se fosse ajuntar com Alvato
Mourato, e ambos vigiassem as Galés, em
quanto elle vegetiava huma Armada pera
mandar sobre elles. Partio este navio lo-
go, poz este negocio em effeito, e tomou
duas vias de Mercadores, e as mандou
armar, e negociar muito bem, e o mesmo
fez a huma Galé, que alli estava, e armou
mais cinco navios de remo, e elegeo pera
Capitão Mór desta Armada D. Luiz de Al-
meida, filho do Alcaide Mór de Abrantes;
e pera esta jornada se offerceram todos os
que

que havia na terra, e em quanto ella se não fez á vela, tornaremos a Alvaro Mourato, que estava na boca de Rosalgate.

Este homen por muitas diligencias que fez não soube das Gales, senão pelo Tranquim, que lhe João do Rego mandou: em lhe dando o recado, logo se fez na volta de Mascate, e despedio huns Taranquins, que levou com recado ao Capitão de Orduz, e lhe escreveo que ficava espiando as Galés, e que não havia de largar até as ensaear. E tanto que anoitececo, chegou á barra de Mascate, e comendo o remo em punho muito caladamente, entrou dentro, e chegando a huma Gale, lhe deu huma surriada com o falcão, e berços, e com toda a espingardaria, e tornou a voltar para fora. Os Turcos, que todas as noites hiam dormir ás Galés, em sentindo as bombardadas ficaram sobresaltados, cuidando que era outra cousa; e levando-se com muita pressa, foram remando após o navio, e lhe deram caça até os Ilheos da Victoria, huma legua de Mascate, donde se tornaram a recolher; e segundo os Turcos viviam descuidados, se Alvaro Mourato tivera outros tres navios com outros companhieiros, sem dúvida que os tornaram, e os mataram a todos primeiro que puderem tomar as armas. Vendo Alvaro

Mou-

Mourato dos Ilheos da Victoria voltar ^{2º} a Gales, tornou apôs ellas; e deixando-^{se} estar á vista de Mascate, aonde foi ter com elle Martin Lopes Carrasco, que lhe ^{deu} novas da Armada, que se ficava fazendo prestes, alli ficaram ambos vigiando as Galés, e os deixaram por hui pouco, por que he necessario continuar com os moradores, que se recolheram ao lugar de Mataro, onde passaram aquella noite; e ^{não} se havendo por seguros alli, assentaram ^{de} se passar á Fortaleza de Bruxes, quanto ^{le} guas pelo certão, que era de bom Arabe, chamado Catane, cabeça de huina cabilda dos Arabios, e nella estava enião ^{hui} Agoazil mui bom homem; que antes ^{de} les chegarem, pelas novas que já tinha, os sahio a receber com quarenta de cavalo ^{para} lhes dar guarda, e levou todos ^{com} sigo, e os agazalhou muito bem, e com muito amor, mandando-lhes dar todo o necessario por seu dinheiro, sem se fazer escandalo a pessoa alguma, nem lhes ^{faltou} valia de hui rosto, levando elles ^{muito} ouro, prata, peças, e dinheiro por ^{ali} falso, com ser muito persuadido dos Arabes que se soubessein aproveitar do tempo porque aquillo era huma não quebrada que dava á sua costa: mas elle sempre ^{que} que não havia de fazer traição a homens ^{que}

que se acolhiam a elle, e assim os teve com muitas honras todo o tempo que alli estiveram; e não sei por certo se ella virtude, e primor que nesse barbaro se achou, achára elle, e os seus em muitos dos nossos Capitães da India, tão obrigados por Lei Divina, e Humana a guardarem verdade, e justiça a todos, o que tudo pela ventura guardam alguns bem mal; e por bem que nos interesse deixando isto, tornemos a Orinuz.

O Capitão D. Gonçalo de Menezes deo tanta pressa á Armada, que em oito dias a fez á vela: D. Luiz de Almeida, Capitão Mór della, em huma não; e na outra Antonio de Paiva; Simão de Mello, filho do Abade de Pombeiro na Galé; e das cinco fustas eram Capitães Balthazar Vieira, Fernão da Silveira, João de Souza, Paulo Ferreira, e João Mendes Carrasco. Nestas vasilhas se embarcaram quattrocentos soldados, armados todos de peitos, espingarda, e outras armas, gente toda muito limpa, e custosa, e com proviumento para dous mezes: deo o Capitão por regimento a D. Luiz de Almeida que se quisse as Galés até dentro de Meca, se fosse necessário; e não as encontrando, se fizesse na volia dos Nautaques, e destruisse todos aquelles portos, e povoações pelos muitos riamnos, e roubos que por aquelle

estreito faziam todos os annos. Dada a Arinada á vela, foi seguindo sua derrota, em que os deixaremos.

Os Turcos tendo já escoado tudo, depois de haver seis dias que alli estavam, se fizeram á vela, levando as tres náos ⁸ toa carregadas de fazendas, e foram seguindo sua jornada de longo da costa. Á varo Mourato, e Martim Lopes as foram seguindo sem os perderem de vista até ¹⁰ Cabo de Rosalgate, donde voltaram para Mascate, e acharam já os moradores ¹² povoação; porque tanto que foram avisados da ida dos Turcos, despediram-se do Aguazil de Bruxel, que os acompanhou até os pôr em lugar seguro, porque ¹⁴ seus os não roubassein: e elles por se lhe mostrarem agradecidos daquella boa obra, tiraram outro sim huma peça de duzentos cruzados que lhe mandaram. Chegados os dous navios a Mascate, determinaram de se ir para Ormuz com as novas do que passava, e nelles se embarcaram alguns casados com suas mulheres, e filhos, por não ficarem alli com sobresaltos; e entrando na enseada poucas leguas antes de Ormuz ¹⁶ para tomarem algum refresco, e estando ¹⁸ na furtos, deo hum tempo travessão da banda do Norte tão rijo, que se socobrou o navio de Martim Lopes, em que se ²⁰ fo-

fogou hum casado com toda a sua familia, e cinco, ou seis pessoas outras, escapando Martim Lopes por estar em terra. A Armada de Ormuz chegou a Mascate, havendo oito dias que as Galeras eram partidas; e tomando o Capitão Mór conselho sobre o que faria, assentou-se que era tempo perdido todo o que se gastasse em irem apôs as Gales, porque haviam de ir mui alongadas dali; mas que fosse á costa dos Nautaques, como levava por regimento, no que pela ventura que tiveram alguns deste parecer nas prezas que daquella jornada esperavam, que não em obedecer ao regimento do Capitão de Ormuz.

CAPITULO XIII.

De como esta Armada foi á costa dos Nautaques: e da destruição que fez por toda ella: e de como em Ormuz juraram por Rey a El Rey D. Filipe: e da viagem que fizeram por terra as pessoas que mandaram, assim o Governador Fernão Telles, como o Conde D. Francisco Mascarenhas Viso-Rey.

Determinado D. Luiz a não seguir as Galés, cousa que D. Gonsalo de Meneses muito sentiu, e o reccbço por isso
G ii mal,

inal , quando tornou , por lhe affirmarem muitos homens que se as seguiria (segundo o vagar que levavam por levarem as rosias náos & roa) sem duvida as achara ; e quando as não tomara , ao menos lhe largaram a preza , mas como este Fidalgo era bom homem , e hum pouco acanhado , siou aquellas cousas ; que eram de tanta honra de quem lhe dava della pouco. Em sum , como começavamos a dizer , resoluto ir aos Nautaques , despedio as naos , que eram de mercadores , entregando todos os provimentos que nellas hiam a Mansoel do Casal , Feitor da Armada , e passou a gente aos navios do reino , e á Galé de S. mao de Mello , e armou mais tres barcaquins , de que fez Capitão Constantino Castanho , Francisco Machado , e outro ; e fazendo-se á vela , foi demandar aquella costa , que afferrou junto da Cidade de Pernani , que era muito fersmosa , e assentada na costa do mar bravo , em que assentou de dar de madrugada , primeiro que tivesse aviso da Armada , porque era isto já de noite. Indo-a demandar , adiantou-se o Teranquim de Francisco Machado ; e ~~antes~~ de chegar , houve vista de humas terras ; investindo logo huma , foi axorada , e toda a gente cativa : indo em seguimento da outra , foi dar em huma restinga de pereira ,

dra, em que tomou fundo de huma bra-
ça, e porque a Armada vinha atrás, vol-
rou a lhe dar aviso, porque não fosse va-
rar por ~~fima~~ della, com o que se desviou
logo, e sem dúvida que dava nella de meio
a ~~meio~~; e posto que o Capitão Mór se quei-
rou de Francisco Machado por correr as
estradas, porque estavam certos que os
que escaparam na outra, irem logo dar
aviso da Armada, todavia por outra parte
ele foi causa de se ella salvar, pelo per-
mitir Deos assim. Desviados os nossos das
restingas, esperaram pela manhã, e foram
committer a Cidade, que acharam despeja-
da, porque tinha já rebate pelos da terra-
da, e estavam seus moradores postos em
salvo, siccando a Cidade com todo o seu
recheio em poder dos nossos, que a saquei-
ram à vontade; e depois que não houve
que roubar, lhe deram logo, em que toda
se consumo; e o mesmo fizeram a quarenta
e sete terradas, que acharam no estaleiro,
e em o mar, não lhe deixando couça em
pé, e embarcando-se, foram pela Costa a-
baixo até Goadel, que também já estava a-
visada. Era esta Cidade grande, e rica, por
se hum porto muito accommodado, e con-
tinuado de mercadores ricos de Cambava, e
de outras partes, que estavam já recolhidos
aos matos: os nossos desembarcaram na Ci-
da-

dade, e fizeram o que na outra, por não acharem resistencia, recolhendo muitas prez-
zas, e mantimentos, e foram passando avante até á Cidade de Teim, que he dos Abiudos, gentes bárbaras, e rerozes, que vivem sobre o rio de Calaniate em compa-
nhia dos Nautaques, andam pelo mar ás prez-
zas, que são os derradeiros dos Gr-
dios de Carmania (como já em outra
parte dissemos) estava tambem esta Cida-
de despejada com o temor dos nossos, e
foi tambem mettida a ferro, e a fogo.
Estando aqui, foi ter com elles João Cor-
rea de Brito, que o Conde D. Francisco
tinha despedido pera Ormuz aos negocios
que dissemos no Capitulo VIII. do Livro
II. e delle souberam da chegada do Viso
Rey, e de como El Rey D. Philippe ficava
jurado em Goa, e de todas as mais novas
que havia, e lhe deram a elle conta dos
negocios das Galés.

Partido elle dali, foi ter a Ormuz,
onde foi mui bem recebido, e deo ao Ca-
pirão, a El Rey, e ao Guazil as Cartas de
El Rey cheias de honras, e mercês; e deo
huma Provisão ao Guazil, em que lhe fazia
novamente mercê dos cargos do Guazil-
do, e Juizado da Alfandega pera hum fi-
lho seu, o que elle teve por muito mimo,
e grande mercê; e abrindo-se os paper-
que

que levava, pelos quaes se vio ser El Rey D. Philippe jurado, e obedecido por Rey, assim no Reyno todo, como na Cidade de Goa, que era cabeça deste Estado, juntos os Estados na Igreja, fizeram todas as solemnidades acostumadas, de que se tiraram papeis, e instrumentos pera mandar ao Reyno, o que tudo se fez com a fidelidade não ordinaria nos Portuguezes. Acabados os autos, e as festas que se fizeram, despediram Balthazar de Gamboa com Cartas pera El Rey, e os trasladados de todos os papeis, e assim dos que alli se fizeram, como os que trouxe João Correa de Brito de Goa; e tambem mandaram hum Armenio por outra via com os mesmos papeis pelos não atracarem por huma sua pessoa. Já quando chegou João Correa de Brito era partido Jeronymo de Lima com os papeis, que Fernão Telles mandou a El Rey, que foi entregue a hum Judeu, que se obrigou ao pôr em Tripoli, ou Baruti, pera dali se embarcar pera a Europa, e deixou dado fianças a trazer Carta sua de coino o deixava em hum dasquelles portos; e já que estámos com este negocio entre mãos, nos pareceu bem acabarmos com suas jornadas, por não pejarmos outro lugar.

Partido Jeronymo de Lima de Ormuz, foi

foi em companhia das cafilas pela via de Suez, e Babylonía, e foi ter a Tripoli de Sinu, donde despedio o Judeo com Cartas de como chegára alli, e ficava pera se embarcar nas naos que haviam de partir, como de feito logo se embarcou, e no caminho foi tomado pelas Galés de Malta ; e levado a hum dos seus portos ; e as causas por que não na souhemos, mas contava ci o mesmo Jeronymo de Lima , que o houvera o Capitão da Galé que o tomou ^{por} suspeitoso ; e que o mandara ao Grão Mestre , a quem dera elle conta do negocio que hia , e lhe mostrara as Cartas : pelo que o mandou embarcar em huma nao de Secilia , que alli estava , e entregallo ao Viso-Rey , que sabendo ao que hia , por ganhar aquellas alviçaras com ElRey , que sabendo ao que hia , o deivece alguns dias , e despeçio hum Correio pela posta com Cartas a ElRey Philippe , e depois largou a Jeronymo de Lima , que quando chegou a Madrid já ElRey tinha as novas por via de Secilia , de que cá se queixava o Jeronymo de Lima ; e em esta materia não vemos outra informaçao mais que a que elle deu ; mas nem por isso deixou ElRey de lhe fazer merecê , dando-lhe o habito de Christo com boa tença , e lhe confirmou o cargo de Juiz da Alfandega de Goa , que

lhe o Viso-Rey D. Luiz tinha dado, e lhe deo mais outros tres annos, e outros cargos pera casamentos de suas irmans; e depois que Joao Correa de Brito despedio pera o Reyno, chegou á Cidade de Aiepo, ~~onde~~ dizem que o mataram, por lhe tomarem huma pouca de pedraria que levava. O outro Armenio, que o Conde D. Francisco mandou primeiro pera ir por via de Suez, deixou Luiz de Aguiar em Macua, ~~num~~ dos portos de Abassia, e dalli em companhia das cafilas se passou a Suez, e dahi a hum daquelles portos do mar da Cura Costa, onde se embarcou em huma nau de Secilia, e por terra tomou o caminho de Madrid, e n̄o soubemos em que tempo, sómente dizem alguns da obrigação do Conde D. Francisco, que primeiro tivera El Rey recado por sua via que pela de Fernão Telles; e porque vai pouco em averiguar isto, o deixamos.

C A P I T U L O XIV.

Do que aconteceu ao Governador Fernão Telles até se embarcar para o Reyno de como se fechou a casa em que estam retratos dos Viso-Reys com o seu: e que sobre isso se nota.

Primeiro que entremos no governo do Conde D. Francisco Mascarenhas, nos pareceu bem concluir com o do Governador Fernão Telles até o pormos no Reyno, com quem tambem acabaremos o primeiro Livro; e primeiro notaremos algumas cousas maravilhosas que nesta mudança do Reyno sucederam. Pelo que ha de saber, que primeiro que o Governador Fernão Telles se fahisse de seus apontos, mandou por o seu retrato na casa, onde estavam os outros Governadores, Viso-Reys, a que com muita razão se podia chamar a cala da fama. He esta huma fermosa casa, em que estam os retratos de todos os que governaram a India, que D. Luiz de Ataíde a segunda vez que a governou mandou fazer de novo; e o Governador Fernão Telles mandou pôr nelle dos os retratos dos que governaram a India, que antigamente estavam nas casas de Sabaio; e alguns que faltavam, que eram do

do Governador Francisco Barreto até elle Fernão Telles, mandou retratar, e renovar as mais, que foi huma obra muito necessaria, e curiosa. Nesta casa fazem os Viso-Reys, e Governadores os Conselhos, e despachos, porque ha muito fermosa, e ha muita razão que tenham elles sempre diante dos olhos aquellas Personagens, pera que trabalhem de imitar as heroicas proezas daquelles Varnes, onde ha muitos perallos, seguindo nisto a ordem dos Atheniens, que no Senado costumavam ter os retratos dos seus famosos, pera que fossem vistos, e imitados de todos: e ainda faziam mais, que mandavam no mesmo Senado recitar os feitos dos Grandes, pera que os presentes pudessem tomar exemplo; porque as Escrituras representam mais ao vivo aquellas imagens que ante os olhos se tem, no que na India houve sempre grande desculpa. E posto que as imagens que alli tem, representam ao natural aquelles illustres varões, todavia são mudas, e não falam; nem na India houve curiosos, que por elles fallassem na Escritura, o que pela ventura nasceria da falta dos favores que pera isso são necessarios, ou de se contentarem alguns de estatuas, e corpos fantásticos, não lhes lembrando quanto mais tinham por obrigação pertenderem imagens, que

que dem mais mostras das virtudes do an-
imo, que das feições do corpo, e louça-
nhias dos trajes, em que se muitos chia-
ram, não imitando nisto ao grande Age-
silao, que pertendendo muitos Artifices ri-
rallo ao natural, não consentio, como ho-
mem que estimava mais as heroicas proe-
zas, e extremadas virtudes do animo,
que elle desejava extremar-se, que não as
das feições do corpo; porque costumava a-
dizer, que estas obras eram dos Artifices,
e as outras suas, e que huma era dos
cos, e as outras dos bons. E Socrates
mesmo aconselhava a seu Rey, que pro-
curasse de deitar de si tales imagens, que
dessem mais mostras de virtudes, que de
louçainhas, e feições corporaes. E tor-
nando á nossa ordem, primeiro que Fer-
não Telles se sahisse dos aposentos dos
Governadores, pox o painel do seu retrá-
to na casa dos Illustres, com o qual áca-
boa de fechar todas as quatro paredes da
casa. E estando com o primeiro, que he-
D. Francisco de Almeida, sem ficar lugar
para nenhuma cousa mais, como pedra
que fecha a abobeda, o que pareceo per-
missão Divina fechar-se, e arrematar-se a
quella casa com o derradeiro Governador
feito pelos Reys de Portugal. Como dali
por diaante queria Deos nosso Senhor que

se começassem os mais feitos pelos Reys de Portugal, e Castella, como de feito assim foi; porque D. Francisco Mascarenhas primeiramente Vizo-Rey feito por El Rey de Portugal D. Filipe, e os mais se passaram a outra casa, posto que Mathias de Albuquerque desmanchou esta ordem, como em seu lugar diremos, no que não ha pouco que notar, começar-se a primeira casa dos Vizo-Reys feitos pelos Reys de Portugal em D. Francisco, e o mesmo a segunda casa, em que começaram a pôr os feitos pelos Reys de Portugal, e Castella, em outro D. Francisco; como também não ha causa de menor consideração, que este Reyno de Portugal se separasse do de Castella por via de femea, dando-se em dote ao Conde D. Henrique, que casou com Dona Teresa, filha de El Rey D. Afonso o VI. de Castella, em cujos descendentes andou por via masculina directamente de redor de quinhentos annos, até se acabar em outro D. Henrique, que foi o Cardeal Rey, por cuja morte se tornou este Reyno a ajuntar ao outro por via de femea, que foi a Imperatriz Dona Isabel, filha de El Rey D. Manoel, que casou com o Emperador Carlos V. de gloria memoria, de entre os quais nasceu El Rey D. Filipe, que representando a pessoa de sua mãe, tornou

a herdar este Reyno, como tambem se tem notado dos Doutos por espanto, que o primeiro Emperador de Constantinopla se chamou Constantino, e sua māi Elena, e o herdeiro, em quem aquelle Imperio acabou, assim mesmo Constantino, e sua māi Elena: é o primeiro Emperador de Roma Augusto (não contando Julio Cesar, que foi Distrador perpétuo) e o herdeiro, que tambem acabou aquelle Imperio Augustulo; as quaes cousas, que parecem abrenaturaes, não podemos dizer que aconteceram a caso, que isso seria opinião de Gentios, mas são juizos de Deos ^{de} nosso Senhor, que ordena todas estas cousas por muitos justos, e secretos juizos seus.

C A P I T U L O XV.

De todos os Viso-Reys, e Governadores, que governaram a India, e que estiveram nesta casa, com o tempo que cada hum governou.

Viso-Rey. D. Francisco de Almeida, filho do Conde de Abrantes, que ^{foi} o primeiro que do Reyno partiu com o ^{ur} titulo de Governador, e na India tomou o ^{ur} titulo de Viso-Rey: veio no anno de 150^o, governou quatro annos; e indo pera o ^{ll} Reyno,

so, foi morto pelos Cafres na Aguada do Saldanha.

Governador. Affonso de Albuquerque sucedeo a D. Francisco de Almeida em Outubro de 1509, governou seis annos; e vindo de tomar Ormuz, morreu aos Ilheos Quemados, doze leguas de Goa; tomou as Cidades de Ormuz, Goa, e Malaca.

Governador. Lopo Soares de Albergaria sucedeo a Affonso de Albuquerque, veio do Reyno o anno de 1515, governou tres annos, e foi-se pera o Reyno.

Governador. Diogo Lopes de Siqueira, Almotacel Mór do Reyno, sucedeo a Lopo Soares: veio do Reyno o anno de 1518. governou tres annos, e foi-se pera o Reyno.

Governador. D. Duarte de Menezes, senhor da Casa de Tarouca, sucedeo a Diogo Lopes de Siqueira: veio o anno de 1521, governou tres annos, e foi-se pera o Reyno.

Viso-Rey. D. Vasco da Gama, primeiro Conde da Vidigueira, e Almeirante do mar da India, o que a descubrio: partiu do Reyno o anno de 1524, com o titulo de Viso-Rey, que foi o primeiro que El-Rey D. João o III. provou: governou quatro mezes, e falececo em Cochim em Fevereiro de 1525.

Governador. D. Henrique de Menezes o Roxo, sucedeo na primeira via por morte do Vice-Rey D. Vasco da Gama: governou hum anno, e hum mez, e faleceo em Cananor em sim de Fevereiro de 1526.

Governador. Lopo Vaz de Sampayo, sucedeo por morte do Governador D. Henrique de Menezes na terceira successão em ausência de Pedro Mascarenhas, que sahio na legunda, estando por Capitão de Malaca, cujo este lugar com justiça era: e sendo verdadeiro Governador, ficou férta do numero dos desta casa: governou tres annos, e dez mezes, e foi-se pera o Reyno.

Governador. Nuno da Cunha, Veador da Fazenda do Reyno, sucedeo a Lopo Vaz de Sampayo: veio do Reyno o anno de 1523. invernou em Ormuz, e chegou a Goa em Novembro de governou nove annos, e dez mezes: fez a Fortaleza de Calecut, e a de Baçaim, e a de Dio; indo pera o Reyno, faleceo no mar.

Viso-Rey. D. Garcia de Noronha sucedeo a Nuno da Cunha: veio do Reyno o anno de 1538. governou a India hum e anno, e sete mezes, faleceo em Goa, está enterrado na Sé.

Governador. D. Estevão da Gama, filho do Conde Almirante D. Vasco: sucedeo

den por morte do Viso-Rey D. Garcia, vindo de servir a Capitanía de Malaca: governou dous annos, e hum mez, e foi-se pera o Reyno.

Governador. Martim Affonso de Sousa sucedeo a D. Estevao da Gama: partio do Reyno o anno de 1541. inverno em Moçambique com todas as náos, chegou a Goa em Maio de 1542. governou tres annos, e quatro mezes.

Governador, e Viso-Rey. D. João de Castro sucedeo a Martim Affonso de Sousa: veio do Reyno o anno de 1545. falecco em Junho de 1548. governou com o titulo de Governador dous annos, e com o de Viso-Rey, que El Rey lhe mandou, quatorze dias.

Governador. Garcia de Sá sucedeo a D. João de Castro em Junho de 1548. governou hum anno, e hum mez, falecco em Goa, e jaz enterrado na Igreja de N. Senhora do Rosario, onde tambem está sua mulher, e foi o primeiro Governador casado na India.

Governador. Jorge Cabral sucedeo por morte de Garcia de Sá: governou hum anno, e quatro mezes, e foi-se pera o Reyno em Janeiro de 1550. foi tambem casado na India.

Viso-Rey. D. Affonso de Noronha, fi-
Couto. Tom. VI. P. L. H Iho

lho do Marquez de Villa Real, veio do Reyno o anno de 1550. governou quattro annos, e foi-se pera o Reyno. Daqui por diante todos os que El Rey mandou governar á India foi com o titulo de Vizo-Reys.

Vizo-Rey. D. Pedro Mascarenhas sucedeo a D. Afonso de Noronha: veio do Reyno o anno de 1554 governou nove mezes, e falececo em Goa.

Governador. Francisco Barreto sucedeo na primeira via por morte do Vizo-Rey D. Pedro: governou tres annos, e douz mezes e meio, e foi-se pera o Reyno: depois no anno de 1570. tornou por Governador, e Conquistador da empreza do Monomotapa, e morreco no Forte de Teti.

Vizo-Rey. D. Constantino, filho do Duque de Bragança, Camareiro Mór de El Rey, sucedeo a Francisco Barreto: veio do Reyno o anno de 1558. e foi feito por la Rainha, e Cardeal Tutorcs de El Rey D. Sebastião, por haver pouco que El Rey D. João era falecido: governou tres annos, e foi-se pera o Reyno.

Vizo-Rey. D. Francisco Coutinho, Conde do Redondo, veio no anno de 1562. governou douz annos e cinco, e falececo em Goa em Março de 1564.

Governador. João de Mendoza sucedeo

depo por morte do Conde de Redondo: governou seis mezes, e foi-se pera o Rey.

Viso-Rey. D. Antonio de Noronha partiu do Reyno o anno de 1564. governou quatro annos: e indo pera o Reyno, faleceu no mar.

Viso-Rey. D. Luiz de Ataide, Senhor da Casa da Atougia, veio do Reyno o anno de 1568. foi o primeiro Viso-Rey feito por El Rey D. Sebastiao: governou tres annos, e foi-se pera o Reyno.

Viso-Rey. D. Antonio de Noronha veio o anno de 1571. governou dous annos, e mandou El Rey que entregasle a Governanca a Antonio Moniz Barreto, como fez, e foi-se pera o Reyno.

Governador. Antonio Moniz Barreto sucedeo a D. Antonio de Noronha: governou tres annos, e dez mezes, e foi-se pera o Reyno.

Governador. D. Diogo de Menezes, filho do Craveiro, sucedeo a Antonio Moniz: governou dez mezes, e foi-se pera o Reyno.

Viso-Rey. D. Luiz de Ataide, Conde de Atouguia, veio segunda vez governar a India: sucedeo a D. Diogo de Menezes, partiu em Novembro de 1577. foi ter a Goa em fim de Agosto de 1578. governou

116 ASIA DE Diogo de Couto
dous annos , e sete mezes , e faleceo ^{em}
Goa.

Governador Fernão Telles succedeo
por morte de D. Luiz de Ataide , e com
elle se fecha esta Casa , e se arreniata ^{elle}
Capitulo : governou seis mezes , e foi-le
pera o Reymo.

C A P I T U L O XVI.

*De todas as Armadas que os Reys de Po-
tugal mandaram á India , até que El-
Rey D. Filipe succedeo nestes
Reynos.*

JA que nos penhorámos no Capitulo pas-
sado em fazermos hum sumário de ^{co-}
dos os Viso-Reys , e Governadores , que
governáram este Estado , feitos pelos Rey
de Portugal , não sera fora de propósito
zermos aqui este de todas as Armadas , que
mandáram á India , até que El Rey D. ^{Fr}
lippe succedeo nestes Reynos ; e servirá isto
pera os que quizerem saber em que anno
veio tal Armada , e governou tal Viso-
Rey , acharão tudo á mão , sem revol-
rem todas as Chironicas , que fora isto es-
cusado trabalho : o escrever ne nosso , quem
o não quizer ler , pode passar por elle.

Anno de 1497. Partio Vasco da Gama

a descubrir a India a 8. de Junho, hum sabbado, com tres náos, e elle, e seu irmão Paulo da Gama em outra, e Nicolão Coelho: trazia mais hum navio com provimentos, de que era Capitão Gonçalo Nunes, criado do mesmo D. Vasco, o qual levava agua, e provimentos de sobrecellente; e depois de passado o Cabo da Boa Esperança, recolheo Vasco da Gama os mantimentos, e os repartio pelos mais náios, e a este poz fogo.

Anno de 1500. Partiram treze náos, de que era Capitão Mór Pedro Alves Cabral, a hum sabbado nove dias de Marco. Os Capitães da sua companhia, fora elle, eram Sancho de Toar, Simão de Miranda, Ayres Gomes da Silva, Nicolão Coelho, Nuno Leitão, Bartholomeu Dias Piloto Mór, o que descubrio o Cabo da Boa Esperança, Pedro Dias seu irmão, Vasco de Ataide, Pedro de Ataide, Duarte Pacheco Pereira, Luiz Pires, e Gaipar de Lemos. Descubrio esta Armada á vinda pera cá a terra do Brazil, a que poz o nome *Santa Cruz*; e na altura das Ilhas de Tristão da Cunha víram hum espantoso cometa, e logo lhe deo huma tormenta tão suposta, que a vista de toda a Armada se sobraram cinco náos. Capitães Bartholomeu Dias, Pedro de Ataide, Aires Gomes

mes da Silva, Vasco de Ataíde, e Simão de Pina.

Anno de 1501. Partiram quatro náos: Capitão Mór João da Nova, deo á ^{rei} a 5. de Março: os Capitães, a fóra elle, eram Diogo Barbosa, Francisco de Novaes, e Fernão Vinet, Florentino, que vinha por conta de Bartolomeu Mechian: armador; e Noroeste Sueste com Moçambique quarenta leguas ao mar delle desembrio á vinda a Illha a que João da Nova pôz o seu nome, e á torna viagem a Ilha de Santa Elena, em dezessete dias do Sul escassos.

Anno de 1502. Tornou a partir ^{peça} a India o mesmo Vasco da Gama, que o Rey D. Manoel honrou com o titulo de Dom, a elle, e a seus Irmãos, e o fez Almeirante do mar da India, o qual partiu de Lisboa a 10. de Fevereiro com ^{nove} náos, de que, a fóra elle, eram Capitães D. Luiz Coutinho, filho de D. Gonçalo Coutinho, de alcunha o Ramiro, filho do segundo Conde de Marialva, Pedro Alfonso de Aguiar, Francisco da Cunha, João Lopes Perestrelo, Ruy de Castanheda, Matoso, Antonio do Campo, Gil Fernandes, e Diego Fernandes Correa.

Logo apôs elle partiu Vicente ^{Socorro}, Tio do inciso Almirante, por Capitão Mór

Mór de cinco náos , debaixo da bandeira de D. Vasco da Gama , e hia pera ficar na Costa do Cabo Guardafui , e em guarda do Estreito de Meca : os Capitães das outras náos , a fóra elle , eram Braz Sodré , seu Irmão Alvaro Sodré , Fernão Rodrigues Bardaças , e Antonio Fernandes.

No mesino anno ao primeiro de Abril partiram outras cinco náos , das quaes era Capitão Mór Estevão da Gama , filio de Aires da Gama , e Primo co-Irmão do Almirante : os Capitães , a fóra elle , eram Lopo Martins de Vasconcellos , Thomaz de Carmona , Lopo Dias , e João de Buena Gracia Italiano.

Anno de 1503. Partiram nove náos em tres Capitanias ; a primeira , que partio em Março , era de tres náos , Capitão Mór Afonso de Albuquerque , Senhor de Villa Verde , filho de Gonçalo de Albuquerque : os Capitães da sua companhia eram Duarte Pacheco Pereira , e Fernão Martins de Almeida.

As outras tres náos partiram entrada de Abril , era Capitão Mór Francisco de Albuquerque , Primo co-Irmão de Afonso de Albuquerque : os outros eram Niccolio Coelho , e Pedro Vaz da Veiga : estas seis náos foram ordenadas pera tornarem com a guarda da pimenta ; e indo de volta per-

ra o Reyno, desappareceu a náo de Francisco de Albuquerque.

As outras tres náos partirão a 15. de Abril, era Capitão Mór Antonio de S^{al} danha; os maiores Capitães eram Ruy Lourenço Rivasco, e Ruy Fernandes Piteira; estas náos hiam ordenadas pera andarem de Armada no Cabo de Guardafu.

Anno de 1504. Partiram treze náos: Capitão Mór Lopo Sozres de Albergaria: os Capitães de sua companhia eram Pedro de Mendoça, Leonel Coutinho, Tristão da Silva, Lopo Mendes de Vasconcellos, Manoel Telles Barreto, Lopo de Abreu, Philippe de Castro, Affonso da Costa, Pedro Affonso de Aguiar, Vasco da Silveira, Vasco Carvalho, e Pedro Diniz: da volta que esta Armada fez pera o Reyno perdeu-se a náo de Pedro de Mendoça quatorze leguas da aguada de S. Braz.

Anno de 1505. Partiu D. Francisco de Almeida, filho do Conde de Abrantes, com o titulo de Governador da India, pera ficar nella: deo á vela em 15. de Março com vinte e huma náos; os Capitães delas eram os seguintes: D. Francisco de S^{al}, Ruy Freire, Vasco de Abreu, João da Nova, Sebastião de Sousa, Diogo Correia, Pedro Ferreira Fogaça, Lopo S^{an}ches, Philippe Rodrigues, João Serrão, Lopo de D^{es}cos,

Deos, Antão Gonsalves, Bartholomeu Dias
Cánelhano, Fernão Soares, Gonsalo Gil
de Góes, Gonsalo Pereira, Lucas de Af-
fonseca, Lopo Chaneca, João Homem, e
Antonio Vaz. Estes seis hiam em seis ca-
ravelas pera ficarem na India; e antes de
chegarem á linha de Portugal se socobrou
não de Pedro Ferreira á vista das outras
que lhe acudiram, e salvaram toda a gen-
te, e a não de Lopo Sanches varou em
terra quarenta leguas ao Sul do Cabo das
correntes, e com a pregadura, e madeira
fizeram hum caravelão, em que se embar-
caram os que quizeram, só sessenta ficá-
ram em terra, e em hum esquadrião foram
Caininho de Qofala, aonde chegaram al-
guns menos. E ainda quando foi Pedro de
Anhaya fazer aquella Fortaleza, achou vinte
e cinco vivos, e Lopo Sanches no cara-
velão desappareceo sem se saber delle.

Logo em Maio após estas Armadas
partiram cinco naos, Capitão Mór Pedro
de Anhaya, que hia fazer huma Fortaleza
em Qofala: os mais Capitães eram seu fi-
lho Francisco de Anhaya, Pedro Barreto
de Magalhães, João Leite, Manoel Fer-
nandes, e João de Queirós.

No Setembro seguinte partiram duas
naos, Capitães.. Barbuda, e Pedro Quares-
ma, que El Rey mandou descobrir o Cabo
da

da Boa Esperança, e toda aquella Costa, e Ilhas até Cofala, pera ver se achavam novas de Francisco de Albuquerque, e Pedro de Mendonça.

Anno de 1506. Partiram onze náos, Capitão Mór Tristão da Cunha, que deu á vela a 6. de Março; os mais Capitães eram Alvaro Telles Barreto, Leonel Coutinho, Job Queimado, Ruy Dias Pereira, João Gómes de Abreu, Alvaro Fernandes, Ruy Pereira Coutinho, Tristão Alvares, e João da Veiga.

Juntamente com elle partiram outras seis náos, Capitão Mór Affonso de Albuquerque, que hia pera ficar na Costa d^a Árabia, no Cabo de Guardafú, e até Moçambique havia de ir debaixo da bandeira de Tristão da Cunha: os Capitães destas náos eram Affonso de Albuquerque, Francisco de Tavora, Manoel Telles, Affonso Lopes da Costa, Antonio do Campo, João da Nova; ambas estas Armadas invernaram em Moçambique, sem passar nenhum náo á India aquella monção. Este anno em quarta feira 13. de Janeiro á huma hora denois do meio dia houve hum eclipse do Sol, que durou huma hora e meia, e corteceio tanta parte, que se viram muitas estrelas na Cidade de Cochim:

Anno de 1507. Partiram quatorze náos cin-

em 15. de Abril, repartidas em tres Capitanias, a primeira Capitão Mór Jorge de Mello, o Tranca, e com elle Henrique Nunes de Leão, e Jorge de Castro, ambos Irmãos.

De outras quatro náos era Capitão Mór Fernão Soares, os outros Ruy da Cunha, Gonsalo Carneiro, e João Collaco.

Da Armada, que era de seis náos, veio por Capitão Mór Vasco Gomes de Abreu, que hia provido na Capitanía de Cofala; os mais Capitães eram Lopo Cabreira, com quem elle hia embarcado, Ruy Gonçalves de Valladares, Pedro Lourenço, João Canoga, e Martim Coelho, e Diogo de Mello, que havia de ficar por Capitão Mór das náos, que fossem á India tomar a carga: todas estas náos invernaram em Moçambique, e só Fernão Soares foi tomar Coelum. Este anno tremeo a terra nessa Cidade a 15. de Julho por espaço de huma hora com alguns intervallos muito rijamente.

Anno de 1508. Partiram quatro náos a 5. de Abril, de que era Capitão Mór Diogo Lopes de Siqueira, que hia pera Malaca; os outros Capitães eram Jeronymo Teixeira, Gonsalo de Sousa, e João Nunes.

E porque ás costas da India o Capitão Mór,

Mór, e Governador não podiam acudir ² todas elles, ordenou El Rey de dividir ³ Estado em tres partes, por esta maneira. Do Cabo de Comorini ate á China debaixo da jurisdicção de Diogo Lopes de Siqueira; outra parte desde Cofala ate á ponta de Dio com titulo de Capitão Mór de mar da Ehiopia, Arabia, Persia, e Cambaya⁴, pera a qual elegeo Jorge de Aguiar, que havia de ir a succeder a Affonso de Albuquerque, que andava no Cabo de Guardafu, e lhe deo cinco naos, de que, a fôr elle, eram Capitães Duarte de Lemos, os Trotas, que lhe havia de succeder em ⁵ aencia, Vasco da Silveira, Pedro Correa, e Diogo Correa seu Irmão, filhos do ~~Balio~~ de Leça; e Jorge de Aguiar indo pera ³ India, se perdeo nas Ilhas de Tristão da Cunha.

A outra parte havia de ser desde ³ ponta de Dio ate o Comorim, de que ⁶ via de ser Capitão Mór, com titulo ⁷ de Governador, Affonso de Albuquerque, quem El Rey mandava que entregasse ⁸ Francisco de Almeida o Estado. No ⁹ mesmo anno partiram seis naos mais, Capitão Mór Francisco Pereira Pestana, e os ¹⁰ Capitães eram Vasco Carvalho, Alvaro Barreto, João Colaço, Gonsalo Martins de Brito, e Tristão da Silya.

Anno de 1509. Partiram doze náos a 5. de Março, das quaes era Capitão Mór D. Francisco Coutinho Marechal, que hia separado do Governador; os Capitães de sua companhia eram Pedro Affonso de Aguiar Sota-Capitão, Francisco de Sá, Veador da Fazenda do Porto, Sebastião de Sousa, Leonel Coutinho, Francisco de Sousa Mancias, Ruy Freire, Gomes Freire, Jorge da Cunha, Francisco Corvinel, Rodrigo Rebello de Castello-Braneo, Francisco Martecos, Braz Teixeira, Alvaro Fernandes, Jorge Pires Bixorda: achou o Marechal prezo a Affonso de Albuquerque em Cananor, que o tinha alli o Viso-Rey D. Francisco de Almeida, e o levou comigo a Cochim, onde o Viso-Rey lhe entregou o Estado, e se fizeram amigos: foi este o primeiro Governador, que sucedeu na Índia: e D. Francisco de Almeida se embarcou pera o Reyno, e na aguada do Saldanha foi morto pelos Cafrre, e o Marechal tambem o mataram em Calecut, onde elle, e Affonso de Albuquerque desembarcaram.

Anno de 1510. Partiram quatorze náos repartidas em tres Capitanias, quatro a 8. de Março, em que hia Diogo Mendes de Vasconcellos, e com elle Balthazar da Silva, Pedro Quaresma, e Jeronymo Sarnigo.

Lo-

Logo a 16. do mesmo mez partiram
te náos, Capitão Mór Gonçalo de Siqueira,
os outros Manoel da Cunha, Diogo Lobo, Jorge Nunes de Leão, Lourenço Lopes, João de Aveiro, e Lourenço Moreno.

Depois em Agosto a oito do mez partiram
tres náos, Capitão Mór João Serrão,
que lia descubrir a Ilha de S. Lourenço,
os outros Capitães eram Payo de Sousa,
do outro não se acha o nome.

Anno de 1511. Partiram seis náos a
19. de Abril, Capitão Mór D. Garcia de
Noronha, que depois foi Viso-Rey da In-
dia; os outros eram Pedro Mascarenhas,
o das diferenças, D. Ayres da Gama, Jorge
de Brito, Christovão de Brito, e Ma-
noel de Castro Alcoforado.

Anno de 1512. Partiram oito náos ent
Março, Capitão Mór Jorge de Mello; os
mais Jorge da Silva, Pedro de Albuquer-
que, Galpar Pereira, D. João d'Eça, Gon-
çalo Pereira, Vicente de Albuquerque,
Jorge de Albuquerque.

No mesmo anno partiram mais tre-
s náos, Capitão Mór Garcia de Sousa;
os outros Lopo Vaz de Sampayo, que
foi o das diferenças, e Simão de Mira-
da.

Anno de 1513. Partiram quatro náos
Capitão Mór João de Sousa de Lixa;

outros Francisco Correa , D. Henrique de Leão , e Jorge Lopes.

Anno de 1514. Partiram cinco náos em Março , das quaes eram Capitão Mór Jorge de Brito , e os mais Francisco Pereira Coutinho , Manoel de Mello , João Góis , e Luiz Dantas.

Anno de 1515. Partiu Lopo Soares por Governador da India , e deu á vela a 7. de Abril : levou quatorze náos , de que , a fôr de elle , eram Capitães D. Guterres de Montoy , D. Garcia Coutinho , D. João da Silveira , Jorge de Brito , Alvaro Telles Barreto , D. Aleixo de Menezes , o que depois foi Ayo de El Rey D. Sebastião , que hia provido de Capitão Mór do mar da India , Sílvio de Alcaçova , Diogo Mendes de Vasconcellos , Lopo Cabral , Simão de Oliveira , Christovão de Tavera , e Francisco de Tavora.

No mesmo anno partiram Fernão Pires de Andrade pera a China com tres náos ; os outros Capitães eram Jorge Mascarenhas , e João Rebello : chegaram a India juntamente com o Governador Lopo Soares.

Anno de 1516. Partiram cinco náos , Capitão Mór João da Silva ; os mais eram Francisco de Sousa Mancias , que se perdeu , Afonso Lopes da Costa , Diogo de Unhos ,

Unhos, e Antonio de Lima, que se perdeo na Ilha de S. Lourenço.

Anno de 1517. Partiram outras cinco naos, Capitão Mór Antonio de Saldanha; os mais Pedro Quaresma, Manoel de Lacerda, D. Tristao de Menezes, e Rafael Castanho, e huma caravela Latina.

Anno de 1518. Partiu Diogo Lopes de Siqueira por Governador da India a 6. de Março com doze naos, de que, a fôr elle, eram Capitães Ruy de Mello o Puxio, D. Ayres da Gama, Garcia de Sá, Gonçalo Rodrigues o Grego, João Gomes Chieradinheiro, Pedro Paulo, Lopo Cobreira, João Lopes Alvinoto, D. Gastão Coutinho, Sancho de Toar, e D. João de Lima, que foi o que no Cabo da Boa Esperança bravulhou com a sua náo hum peixe Agulha, e com o bico lhe deo tamanha pancada, que lho deixou todo metido no costado, cuja força fez abalar a náo de feição, que parecia dar em algum baixo; e em Cochim, dando pendor a náo, se lhe achou o bico dentro no costado, e se retirou, o qual era cousa façanhosa de ver.

Anno de 1519. Partiram treze naos, Capitão Mór Jorge de Albuquerque, os mais eram D. Diogo de Lima, Lopo de Brito, Francisco da Cunha, Pedro da Silva, Diogo Fernandes de Béja, Christovão de

de Mendoça, Gonçalo Rodrigues Correa, D. Luiz de Guinão Castelhano, que se levantou com a náو, e mateu os Oficiaes, e se foi meter dentro do Estreito de Gibraltar, João Rodrigues de Almada, Garcia Calvão, o Doutor Pedro Mendes, que lia por Veador da Fazenda, izenio do Governador, e Manoel de Sousa, que foi tomar hum lugar da Costa de Melinde, chamado o Mataro, onde o matáram com quarenta Portuguezes, que sahiram a terra, e a náo foi varar a Zanzibar, onde todos os reais foram mortos.

Na mesma companhia, e debaixo da sua bandeira partiram mais tres náos para a China, os Capitães eram Rafael Castanho, Diogo Calvo, e Rafael Prestelo.

Anno de 1520. Partiram mais dez náos, Capitão Mór Jorge de Brito, os mais eram Pedro Lopes de Sampayo, Pedro Lourenço de Mello, Gaspar da Silva, Lopo de Almeida, Pedro da Silva, Lopo de Brito, Pedro Nunes Francez, André Dias, e Ruy Vaz Pereira.

Anno de 1521. Partiu D. Duarte de Menezes, Senhor da casa de Tarouca, por Governador da India, levou onze náos, cujos Capitães eram D. Luiz de Menezes seu Irmão, que lia por Capitão Mór da India, D. João de Lima, D. Diogo de Lino. Tom. VI. P. I. I ma,

ma , João de Mello da Silva , Francisco Pereira Pestana , D. João da Silveira , Diogo de Sepulveda , Antonio Riço , Goncalo Rodrigues Grego , e Vicente Gonçalves.

No mesmo tempo partiram quatro naos para a China , de que era Capitão Martim Affonso de Mello , e os mais Vaz co Fernandes Coutinho , Diogo de Mello , seu Irmão Pedro Homem.

No mesmo anno partiram outras trez naos , Capitão Mór Sebastião de Sousa , que El Rey mandava pera ir fazer a Fortaleza da Ilha de S. Lourenço da banda de fóra pera recolhimento das naos , que po aquella parte caminhassem : dos Capitães das naos não se acham nomes : no caminho desappareceu huma das naos , e com as duas foi tomar Moçambique. Em Agosto seguinte teve recado de El Rey D. João , que sucedeo no Reyno por falecer anno El Rey D. Manoel , que se sustivesse no negocio da Fortaleza de S. Lourenço , porque se assentou em seu Conselho que era desnecessaria.

Tempo de El Rey D. João , que este anno sucedeo no Reyno.

ANHO de 1522. Partiram tres naos que foi a primeira Armada que El Rey D. João o III. mandou , da qual era Ca-

Capitão Mór D. Pedro de Castello-Branco: os mais Capitães eram D. Pedro de Castro, e Diogo de Mello.

Anno de 1523. Partiram sete náos, de que era Capitão Mór Diogo da Silveira: os outros eram Heitor da Silveira, D. António de Almada, Manoel de Macedo, Pedro de Affonsoeta, Diogo da Silva, e Ayres da Cunha, que se perdeu em Moçambique.

Anno de 1524. Partiu por Vizo-Rey da India o Conde Almirante D. Vasco da Gama, o que descubriu a India, trouxe quarenta náos: os Capitães eram D. Estevão da Gama seu filho, que lia por Capitão Mór do mar da India, António da Silveira, o que sustentou em Dic o cerco contra os Rumes, Francisco de Brito, Lopo Vaz de Sampayo, Affonso Mexia, que lia por Vedor da Fazenda, Lopo Lobo, Pedro Macearenhas, o das diferenças, D. Henrique de Menezes o Roxo, despachado com Ormuz, António Carvalho, Mense Gaspar, Christovão Rosado, que se perdeu, D. Simão da Silveira, D. Francisco de Noronha, que tambem desapareceu.

Anno de 1525. Partiram cinco náos sem Capitão Mór: os Capitães eram D. Lopo de Almeida, Philippe de Castro, que varou no Cabo de Rosalgate, Diogo de Mello,

Francisco de Anhaya, que se perdeu ^{ao} sahir de Lisboa, mas salvou-se a gente.

Anno de 1526. Partiram cinco naos ^{sete} Capitão Mór: os Capitães eram Tristão Vaz da Veiga, Antonio Galvão, Francisco de Anhaya, Antonio de Abreu, e Vicente Gil.

Anno de 1527. Partiram cinco naos ^{sete} Capitão Mór Manoel de Lacerda: os naos eram Christovão de Mendoça, Irmão Duqueza de Bragança, despachado ^{com} Ormuz, Aleixo de Abreu, Balthazar Silva, e Gaspar de Paiva: as naos do Capitão Mór, e de Aleixo de Abreu vararam na Ilha de S. Lourenço no rio de Sant-Iago, e salvou-se em terra toda a gente, que os Cafres da terra mataram.

Anno de 1528. Partiu Nuno da Cunha, Veador da Fazenda do Reyno, por Governador da India com onze naos, de que, a fôrta elle, eram Capitães Simão da Cunha, e Pedro Vaz da Cunha seu Irmão: o Simão da Cunha por Capitão Mór do mar da ^{lo} dia, João de Freitas, D. Fernando de ^{lo} ma, D. Francisco d' Eca, Francisco ^{lo} Mendoça, Affonso Vaz Zambuja, que se perdeu na Ilha de João da Cova.

Anno de 1529. Partiram cinco naos ^{sete} Capitão Mór Diogo da Silveira: os naos eram Henrique Moniz, que trouxe dous ^{elhos} Ay

Ayres Moniz, e Antonio Moniz, que depois foi Governador da India, Ruy Goines da Gran, Ruy Mendes de Mesquita, e Manoel de Macedo, que foi separado para ir a Ormuz prender o Goazil Raiz Xa-

Anno de 1530. Partiram seis naos sem Capitão Mór: os Capitães eram Francisco de Sousa Tavares, Fernão Camello, Vicente Pegado, Manoel de Brito, Pedro Lopes de Sampayo, e Luiz Alvares de Paiva.

Anno de 1531. Partiram cinco naos, que também não trouxeram Capitão Mór: Capitães eram Achiles Godinho, Diogo Rotelho, João Guedes, e Manoel de Maceio, que varou em Calecurem do Cabo de Comorim para dentro, e salvou toda a gente em terra, aonde os foram buscar de Cochim.

Anno de 1532. Partiram cinco naos, Capitão Mór o Doulor Pedro Vaz, que era por Veador da Fazenda da India, e por Capitão de Cochim: os mais Capitães eram Vicente Gil, D. Estevão, e D. Paulo da Gama, filhos do Conde Almirante, que descubrio a India, os quais hiam despedidos com a Capitanía de Malaca, o outro era Antonio Carvalho.

Anno de 1533. Partiram sete naos em suas Capitanias: a primeira era de D. João Pe-

Pereira, que hia despachado com a Capitania de Goa, Francisco de Paiva, e ^{Dio-}go Mendes; o outro Capitao Mór era ^{D.} Gonçalo Coutinho, que tambem levava a Capitanía de Goa: levou quatro náos, os Capitaes, a fôra elle, forão Nuno Furtado, Simão da Veiga, D. Francisco de Noronha, que desappareceo.

No melimo anno em Outubro partiram dez Caravclas, Capitão Mór D. Pedro de Castello-Branco: os mais Capitães eram Nicolao Juzarte, Balthazar Gonsalves, ^{Ant-}tonio Lobo, Leonel de Lima, Heitor de Sousa, Francisco Ferreira, Gonsalo ^{Fei-}nandes, João de Sousa, e Francisco Gon-^{Salves} Leme.

Anno de 1534. Partiram cinco náos, Capitão Mór Martim Afonso de Sousa, que hia pera ficar na India por Capitão Mór do mar: os mais Capitães eram ^{Dio-}go Lopes de Sousa, Antonio de Brito, Simão Guedes, e Tristão Gomes de Mina.

Anno de 1535. Partiram sete náos, Capitão Mór Fernão Peres de Andrade, os mais Martim de Freitas, Thome de Souza, Jorge Mascarenhas, Luiz Alvares, ^{Fei-}não Camelo, e Fernão de Moraes.

Anno de 1536. Partiram cinco náos, Capitão Mór Jorge de Lima: os mais Capitães D. Fernando de Lima, Martim ^{de} Frei-

Freitas, Lopo Vaz Vogado, e D. Pedro da Silva, filho do primeiro Conde Almirante.

Anno de 1537. Partiram cinco náos, Capitão Mór Jorge Cabral, que depois governou a India: os maiores Vicente Gil, Gaspar de Azvedo, Ambrosio Rego, e Duarte Pacheco.

Partiram o mesmo anno de 1537. outras cinco náos sem Capitão Mór, Capitães Diogo Lopes de Sousa, Alcixo de Sousa despachado com a Fortaleza de Cofala, e Moçambique, Henrique de Sousa Chixorro seu Irmão, e Fernão de Castro.

Anno de 1538. Partiu por Viso-Rey da India D. Garcia de Noronha com onze náos, Capitães D. João de Castro, que depois foi Viso-Rey da India, D. João de Gama, que trazia a Capitania de Cananor, D. Cristovão da Gama, filho do primeiro Conde Almirante, despachado com Malaca, Luiz Falcão com a de Ormuz, Francisco Pereira de Reiredo com a de Chatil, D. Francisco de Menezes com a de Bajaim, D. Garcia de Castro com a de Gos, João de Sepulveda com a de Cofala, Ruy Lourenço de Tavora com a de Bicaim, Bernardo da Silveira o Drago com a de Dio, este perdeu-se á vinda.

Anno de 1539. Partiram cinco náos, Ca-

Capitão Mór Diogo Lopes de Sousa, que desappareceu á tornaviagem: os maiores Roque Tello, Alvaro Barradas, Simão Sodré, e Henrique de Sousa Chixorro.

Anno de 1540. Partiram quatro naos, Capitão Mór Francisco de Sousa Tavares, os outros Simão da Veiga, Vicente Lourenço, Batevias, e Vicente Gil.

Anno de 1541. Partiu pera Governador da India Martinho Afonso de Sousa com cinco naos, Capitães D. Alvaro de Noronha, Alvaro Barradas, Francisco de Sousa, e Luiz Cayado: nenhuma não deixou a India, e todas invernaram em Moçambique, e o Governador Martinho Afonso partiu em Abril pera a India em hum Galeão, e levou em sua companhia a sua náu, que se foi perder em Bagaim: e elle chegou a Goa em Maio de 1541.

Anno de 1542. Partiram quatro naos, sem Capitão Mór, Capitães Henrique de Macedo, Baltazar Jorge, Lopo Ferreira, e Vicente Gil, que se perdeu na Costa de Meliade.

Anno de 1543. Partiram cinco naos, Capitão Mór Diogo da Silveira: os maiores Capitães Simão Sodré, D. Roque Tello, Fernao Alvares da Cunha, e Jacome Távão, que arribou ao Reyno.

Anno de 1544. Partiram cinco naos, Capitão Mór Diogo da Silveira.

Capitão Mór Fernão Peres de Andrade: os outros Capitães Luiz de Calatand, Jaime Trilão, Simão de Mello, despachado com a Capitania de Malaca, e perdeu-se em Moçambique, e Simão de Andrade arrihou ao Reyno.

Anno de 1545. Partiu D. João de Castro por Governador da India com seis naos, Capitães Jorge Cabral, que trazia a Capitania de Baçaim, D. Manoel da Silveira, que trazia a de Ormuz, D. Jerónimo de Menezes Bacallhão, que trazia a de Baçaim, Simão Sodré, e Diogo Rebello.

Anno de 1546. Partiram cinco naos, Capitão Mór Lourenço Pires de Tavira, Capitães João Rodrigues Paçanha, D. João Lobo, que trazia a Capitania de Goa, Fernão de Alvares da Cunha, Alvaro Barreiros, e D. Manoel de Lima, que tornou Goa, porque todos os mais foram a Cochim: vinha este Capitão provido com a Fortaleza de Ormuz.

Anno de 1547. Partiram seis naos sem Capitão Mór, Capitães D. Francisco de Lima, Francisco de Lima, Francisco da Cunha, Baltazar Lobo de Souza, Francisco de Gouveia, Bernardo Nacer, e D. Pedro da Silva, que se perdeu em Angóra, e toda a gente se salvou.

No mesmo anno partiram outras seis naos

náos pelas novas que foram ao Reyno do cerco de Dio , as quaes foram reparudas em duas Capitanias : na primeira Martim Correa da Silva , despachado com a Capitanía de Dio , que partio em o primeiro de Novembro ; das outras duas náos eram Capitães Antonio Pereira , que foi tomar Ormuz , e Christovão de Sá , que tomou Goa , e Martim Correa Angediva , onde invernou. Nesta Armada mандou ^{El Rey} mais tres náos da governança da India , a D. João de Castro com o titulo de Visor Rey : das outras tres náos era Capitão Mór Francisco Barreto , que depois foi Governador da India , que levava a Capitanía de Baçaim : os outros Capitães eram D. Heitor Aranha , e Pedro de Mesquita , que partiram em Dezembro , e invernaram em Moçambique por chegarem tarde.

Anno de 1548. Partiram onze náos ^{re} partidas em tres Capitanias , de cinco dellas era Capitão Mór Manoel de Mendoça , que hia despachado com a Capitanía de Sofula , e morreu em chegando a Goa : os mais Capitães eram Alvaro de Mendoça , Jorge de Mendoça , Manoel Rodrigues Coutinho , e Bastião de Ataide.

De outras tres náos era Capitão Mór João de Mendoça , os mais Diogo Rebello , Fernão Alvares da Cunha : de outras ^{tre} náos

náos era Capitão Mór D. João Henriques, que hia provido com a Capitanía de Malaca, e os Capitães das outras duas náos eram Ayres Moniz, e Antonio de Azambuja.

Anno de 1549. Partiram cinco náos, Capitão Mór D. Alvare de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia, que vinha despachado com a Capitanía de Ormuz: os mais Capitães erão Diogo Botelho Pereira, o que foi na fusta ao Reyno, que trazia a Capitanía de Canancor, Diogo de Mendes, Jacome Tristão, e João Figueira.

Anno de 1550. Partiu por Viso-Rey da India D. Antonio de Noronha, filho do Marquez de Villa Real, com cinco náos: os Capitães eram Lopo de Sousa, D. Alvare de Ataide, filho do Conde Almirante, que descubrio a India, que hia despachado com a Capitanía de Malaca, e foi tomar Pegú, D. Jorge de Menezes Baroche, e D. Diogo de Noronha de alcunha o Arcos, que se perdeu no rio de Mangão na Costa da India, e foi toda a gente por terra a Goa, e o Viso-Rey em Novembro foi tomar Ceilão.

Anno de 1551. Partirão seis náos, Capitão Mór Diogo Lopes de Sousa: os mais Capitães D. Diogo de Almeida, filho do Contador Mór, que engeitou seis annos a

Capitania de Dio, e foi tomar Cochim ^{em} Novembro, Ayres Moniz Brito, ^{Melhor} Bernardo, Jacome de Mello, Francilco ^{Lo-} pes de Sousa despachado com a Capitania de Maluco.

Anno de 1552. Partiram sete naos, Capitão Mór Fernão Soares de Albergaria: os outros Braz da Silva, Antonio Dias Pigueiró, Francisco da Cunha, D. Jorge Menezes, Antonio Moniz Barreto, despachado com a Capitania de Baçaim, e ^{foi} foi perder no rio de Betro ^{legou} trinta ^{nave} de Goa, e salvou-se toda a gente: nesse anno caiou o Príncipe D. João com a Princesa Dona Joaquina, filha do Emperador Carlos V.

Anno de 1553. Partiram quattro naos, Capitão Mór Fernão Alvares Cabral: mais Capitães D. Paio de Noronha, ^{Ruy} Pereira da Camara, e Belchior de Sousa: na não Santa Cruz, que se perdeu a ^{to} na viagem.

Anno de 1554. Partiu D. Pedro Macarenhas por Viso-Rey da India com seis naos, Capitães D. Manoel Tello, Belchior de Sousa, Miguel de Castanhoso, Fernão Gomes de Sousa, filho do Chanceller que foi tomar Ormuz, e Francisco de Gouveia: o Viso-Rey foi tomar Goa a 23 de Setembro, e na barra se perdeu a sua nao, que

se chamava S. Boaveniura, e as outras náos serão a Cochim: este anno faleceo o Príncipe D. João, e nasceo El Rey D. Sebastião.

Anno de 1555. Partiram cinco náos, Capitão Mór João de Menezes de Siqueira: os mais Capitães eram Jorge de Brito, Martim Affonso de Sousa, filho do Vedor do Cardeal D. Henrique, Jacome de Mello, e Pedro de Gees: destas náos so D. João passou ao Reyno, e as outras invernaram em Moçambique.

Anno de 1556. Partiram cinco náos, Capitão Mór D. Leonardo de Sousa: os mais Capitães Francisco de Figueiroa de Azevedo, Vasco Lourenço de Barbuda, Antonio Fernandes na nac S. Paulo, que invernou no Brazil, e chegou a Goa o derradeiro de Janeiro, e Francisco Nobre, que se perdeo nos baixos de Pedro de Bahia, e fizeram Buina Naveta, em que fizeram a Cochim.

Anno de 1557. Partiram cinco náos, Capitão Mór D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, filho do Arcediago D. Fernande, que á vinda invernou no Brazil, e á tornar viagem se perdeo na Ilha de S. Lourenço, e salvou-se no batel com perto de sessenta pessoas: os mais Capitães de sua Companhia eram Braz da Silva, Antonio Men-

Mendes de Castro, que inverno em ^{Mr} linde, e a torna viagem se perdeu na Ilha de S. Thomé, João Rodrigues Salema de Carvalho, que inverno em Moçambique.

Anno de 1558. Partiu por Vizo-Rey ^{di} India D. Constantino, filho do Duque ^{de} Bragança, com quattro naos: os Capitães eram Aleixo de Sousa, que lia por ^{Viz} dor da Fazenda geral, Pedro Peixoto ^{di} Silva, e Jacome de Mello.

Anno de 1559. Partiram cinco naos, Capitão Mór Pedro Vaz de Siqueira: os outros Capitães eram Pedro de Goes, Luiz Alvares de Sousa, Luiz Duarte de Andrade, que inverno em Moçambique, ^{Ruy} de Mello da Camara na não S. Paulo, que arribou ao Reyno.

Anno de 1560. Partiram seis naos, Capitão Mór D. Jorge de Sousa, que ficou invernoando na India, e Vasco Lourenço Carrascão, Lourenço de Carvalho, que a torna viagem inverno em Moçambique, Ruy de Mello da Camara na não S. Paulo, que se foi perder em Sumatra, e Francisco Figueira de Azevedo, que arribou ao Reyno.

Anno de 1561. Partiu por Vizo-Rey da India o Conde de Redondo D. Francisco Coutinho com cinco naos: os Capitães eram Gonçalo Costa, Manoel Jaques ^{Figueira}

Francisco Figueira de Azevedo, e Pedro Alvares Vagado.

Anno de 1562. Partiram seis náos, Capitão Mór D. Jorge Manoel na náo S. Martinho que se perdeu na volta pera o Reyno, Fernão Martins Figueira na Esperança: trazia a Capitania de Sofala António Mendes de Castro em S. Vicente, Fernão Coutinho de Azevedo no Tigre, Luiz Mendes de Vasconcellos na Rainha, e D. Rodrigo no Cedro.

Anno de 1563. Partiram quatro náos, Capitão Mór D. Jorge de Sousa na náo Caietello, Diogo Lopes de Lima na Graça, Vasco Lourenço de Barbuda em S. Filipe, e perdeu-se, estando surta na barra de Goa, Vicente Fernandes Pimentel na Algaravia arribou ao Reyno.

Anno de 1564. Partiu por Viso-Rey da India D. António de Noronha com quatro náos, elle em Santo António, Francisco Porto Carneiro em S. Vicente, António Martins de Castro na Rainha, Damiao de Sousa em Flor de Lamar.

Anno de 1565. Partiram quatro náos, Capitão Mór Francisco de Sá o dos Oculos na náo Chagas, Bartholomeu de Vasconcellos no Tigre, invernu em Mocambique e perdeu-se de volta pera o Reyno, Martim Queimado Villa-Lobos em S.

Ra-

Rafael, e Pedro Peixoto da Silva na Esperança.

Anno de 1566. Partiram quatro náos: Capitão Mór Ruy Gomes da Cunha, Capitão Mór de El Rey, na náo Santa Clara, D. Diogo Lobo na Rainha, André Bugalho nos Reys Magos, Francisco Ferreira em S. Francisco.

Anno de 1567. Partiram quatro náos: Capitão Mór João Gomes da Silva, que foi Veador da Fazenda do Reyno, na náo Reys Magos, Pedro Leitão na náo Ilém, Lourenço da Veiga na Anunciada, Vicente Trigueiros no Galeão S. Rafael.

Anno de 1568. Partiu por Vito-Rey da India D. Luiz de Ataide, Senhor da Cela de Atoouguia, com cinco náos, elle nas Cegas, Pedro Cesar na Fé, morreu afogado na praia de Cochim; Antonio Sanchez de Gamboa em Santa Catharina, e partiu este anno lo ao Reyno, porque todas as mais invernaram em Moçambique, Damião de Sousa Falcão na náo Remedios, Noel Jaques em Santa Clara.

Anno de 1569. Partiram quatro náos: Capitão Mór Filipe Carneiro: os mais Belchior de Sousa, Francisco Ferreira, João de Bairros: todas estas tres náos chegaram a Goa a 3. de Setembro.

Anno de 1570. Partiram quatro náos:

Capitão Mór Jorge de Sousa de Mendoça na nao Santa Catharina , D. João de Castello-Branco na Annunciada , Lourenço de Carvalho no Galeao S. Luiz , Nuno de Mendoça no Galeão S. Gabriel.

Anno de 1571. Partio por Viso-Rey D. Antonio de Noronha com cinco naos, elle nas Chagas , Antonio Moniz Barreto , que vinha por Governador de Malaca , em Brilem , Ruy Dias Pereira em Santa Clara , Antonio de Valladares na Fé , e Francisco de Figuigiredo em Santo Espírito : nella Armada veio alcada á India , e de Moçambique pera cá trouxe o Viso-Rey mais duas naos ; Manoel de Mesquita , Capitão , no Galeão S. João , que tinha partido primeiro que o Viso-Rey em 13. de Outubro , que vinha descubrir o Cabo da Boa Esperança , e huma Naveta , em que tinha vindo Vasco Fernandes Homem a conquista do Monomotapa com o Governador Francisco Barreto , o qual o Viso-Rey arrouou em Moçambique , e deo a Capitania a D. Jorge de Menezes , que depois foi Alferes Mór do Reyao.

Anno de 1572. Partiram quatro naos : Capitão Mór Duarte de Mello na nao Reys Magos , que se perdeu á torna viagem , Gaspar Henriques em Santa Clara , Alvaro Barreto na Annunciada , e Pedro Leitão

de Gamboa em S. Francisco, e tambem desapparecco na jornada.

Anno de 1573. Partiram quatro naos: Capitão Mór D. Francisco de Sousa na nao Santo Espírito, Antonio Rebello em S. Gregorio, Tintino de Vasconcellos em Bethlem, Luiz d' Alter em Santa Clara: destas naos a S. Gregorio se passou ao Reyno, todas as mais invernaram em Moçambique, e foi-se o Viso-Rey D. Antonio nesta Armada na nao Capitânia.

Anno de 1574. Partiram seis naos, Capitão Mór Ambrosio de Aguiar Coutinho na nao Chagas, D. Diogo Rolim na Fé, Manoel Pinto Leitão em Santa Barbara, Diogo Vaz Redovalho na Anunciada, Pedro Alvares Correa em Santa Catharina, e Bartholomeu de Vasconcellos em S. Lourenço.

Anno de 1575. Partiram quatro naos, Capitão Mór D. João de Castello-Branco na nao S. Pedro, Antonio Rebello em S. Gregorio, Fernão Boto Machado em S. Sebastião, e Alvaro Paes em S. João.

Anno de 1576. Partiu por Viso da India Ruy Lourenço de Tavora na nao Chagas, falecco antes de chegar a Moçambique, e ficou por Capitão Mór Christovão de Rovadilha, Simão Vaz Tello em S. Santo Espírito, D. Jorge Barache na fez foi.

foi se nella por Capitão Francisco de Mel-
lô Roncador, Mem Pereira de Sá em S.
Luiz, e tornou nella por Capitão D. Duar-
te de Sá o velho.

Anno de 1577. Partio Mathias de Al-
buquerque no mesmo anno por Capitão
Mór do Malavar com duas naos, elle em
Santa Catharina, e Baltazar Paçanha em
S. Jorge, e se perdeu á entrada de Mo-
sambique, e partiu em 7. de Março.

Anno de 1578. Partiram quatro naos,
Capitão Mór Pantaleão de Sá na nao Boa
Viagem, Manoel de Medeiros em S. Pe-
dro, perdeu-se nos baixos de Pedro de
Banhos, e fizeram huma Naveta, em que
todes foram a Cochim, Lourenço Soares
de Mello na nao Annunciada, Miguel d'
Ataíde em S. João.

Anno de 1579. Partio por Vise-Rey
da India D. Luiz d' Ataíde, Conde de
Atouguia, e veio na nao Santo Antonio;
Nuno Velho Pereira na Trindade, e vinha
descobrindo com a Capitanía de Sofala, e
João Alvares Soares em huma Caravela, e
invernáram todos em Moçambique, e che-
garam a Goa a 20. de Agosto.

E em Março do mesmo anno partiram
tres naos, Capitão Mór Jorge da Silva na
nao S. Luiz, Mendo da Motta em S. Gre-
gorio, Estevão Cavalleiro na nao Caranja.

Logo no Outubro seguinte partiram duas Caravelas, Capitão D. Estevão de Menezes Baroche para Goa, João de Mello para Malaca cinq̄as novas da morte de El Rey D. Sebastião.

Anno de 1580. Partiram cinco ^{não} Capitão Mór João de Saldanha na ¹¹³⁰ Chagas, Diogo Rodrigues de Carvalho ¹¹² Boa Viagem, Rodrigo de Meirelles ¹¹³ Annunciada, foi tomar Ceilão, Pedro de Paiva em S. Lourenço, Estevão Alvo em S. João, foi a Cochim.

Anno de 1581. Partiram quatro ^{não}, que foram despachadas pelos Governadores, e Defensores do Reyno, Capitão ^{Mór} Manoel de Mello da Cunha na ^{não} S. Francisco, Manoel Coelho em S. Luiz, João Debita Corte-Real em S. Gregorio, foi a Cochim, D. Simão de Menezes ¹¹⁰ Salvador, attribuiu ao Reyno.

Com esta Armada fazemos fim a todas as que os Reys de Portugal mandaram à India.

DECADA DECIMA

Da Historia da India.

L I V R O II.

C A P I T U L O I.

De como a não do Reyno chegou a Malaca, e D. João da Gama jurou a El Rey D. Filipe por Rey : e como D. Francisco Mascarenhas mandou por Capitão Mór de Malavar a Matbias de Albuquerque : e da Armada dos Aventureiros que o Viso-Rey ordenou, de que fez Capitão Mór D. Simão da Silveira ; e por falecer antes de se embarcar, foi eleito em seu lugar Diogo Lopes Coutinho.

JA² atrás temos dito no Cap. VIII. do Livro I. o como de Moçambique despedira o Conde D. Francisco Mascarenhas a Leonel de Lima pera Malaca, que chegou áquella Cidade poucos dias antes de Outubro : foi muito festejada a sua vinda por saberem novas do Reyno, e o Capitão D. João da Gama teve cartas muito honradas de El Rey D. Filipe, em que

que lhe dava confia de sua successão ; e outras de seus parentes , por quem ^{fonha} as cousas sucedidas no Reyno. Leonel de Lima , Capitão da náo , depois de desembarcado , vio-se com D. João algumas vezes , e lhe fez lembrança que feria jurar El Rey D. Philippe por Rey , pois tava já jurado em Portugal ; e tantas lembranças lhe fez destas , que se tornou D. João da Gama , por ver que queria Leonel de Lima naquelle negocio ganhar terra com El Rey , e com os homens , fazendo se cabeça , não trazendo regimento , nem papeis pera nada ; e assim lhe disse , que elle não era mais que Capitão daquelle náo , que as cousas que cumprissem pera bem do seu aviamento as requeresse , que nas outras se não mettesse , que elle sabia mui bem o que cumpria ao serviço de El Rey , cujo Vassallo era ; e com isto se fez entretendo até vir recado de Goa , que era cabeça de toda a India , que não podia tardar muitos dias ; porque pera se as cousas fazerem por ordem , era assim necessário : e assim poucos dias depois disto , que foram aos 23. de Novembro , surgiu naquelle porto a náo , em que hia Pascoal Machado com os papeis ; e por ir hum balão , que chegou a ella primeiro que surgiu , ^{que} D. João da Gama aviso de como ^{na Cidade de}

de Goa ficava jurado El Rey D. Philippe; e sem esperar por papeis, nem que desembarcasse a gente della, foi-se á Sé, donde se ajuntáram os tres Estados, e alli juráram El Rey D. Philippe, e lhe deo a homenagem daquella Fortaleza, e fez todas as outras solemnidades acostumadas; e quando desembarcou Pascoal Machado com os papeis, já tudo estava feito, e concluido, e D. João da Gama tirou-seus papeis, e instrumentos sem mandar ao Reyno na mesma mão.

E deixando estas cousas, tornemos ao Viso-Rey D. Francisco Mascarenhas, que tanto que tomou posse do Estado, começoou a correr com as suas obrigações; e das primeiras em que proveo, foi despedir ~~havia~~ não pera Ceilão, por estar aquella Fortaleza muito desbaratada, e falta de tudo pelo cerco paillado, em que lhe mandou ~~dinheiro~~, e provimentos, e tratou de despachar hum Embaixador do Rey dos Mogores, que reinava em Goa, e que queria com cartas forro pera huma não sua poder carregar em Goa pera Judá, a que os rendeiros da Alfandega de Dio puzeram embargos, por ser muito em perjuizo della, o que tudo o Viso-Rey ~~em~~ Conselho, e assentou-se que era necessário conceder-lhe, sem embargo dos inconvenientes que se apontavam, por quanto

to Otachar era Rey muito poderoso, vizinho das terras de Damão, e que muito importante conservallo em armizade pera segurança daquellas terras, e que os contratadores da Alfandega se lhes podia fazer razão daquellas quebras, conforme hum Capítulo dos contratos passados, ainda do arrendamento que então corria, que dizia, que dando-se algum cartaz falso a alguma não pera Judá, se lhe descontasse, e por elle o que se achasse nos Livros passados, a não de Judá, que na mesma Alfandega fizera direitos, pela que mais montara. E assim se achou montar a 20. a maior dezoito mil pardos de Latis, que depois por sentença descontaram este cartaz aos rendeiros da Alfandega.

Despachado este Embaixador, entendeu o Viso-Rey na Armada, que havia de ir ao Malavar, de que tinha nomeado por Capitão Mór Mathias de Albuquerque, como arra dissemos, que se fez a vela a 20. de Outubro com duas Gales, e vinte e navios, de que eram Capitães, elle da Gale Esperanca, D. Gilianes Mascarenhas da Galé S. Paulo, das Fustas Cosme de Lafetar, André Furtado de Mendoza, Christovão de Tavora, Antonio de Acevedo, Sebastião de Maçedo, Gonsalo Lho, Antonio de Mello, Lancarote S. plazas

nhis, Alvaro de Avelar, João Rodrigues de Cervalho, Antonio Vellez, Pedro Homem Pereira, Antonio de Lima, Belchior Brongel, D. Jeronymo; e D. Manoel de Arrevedo Irmaos, Affonso Ferreira da Silva, Francisco Ferreira Malavar, Pedro Fernandes seu Sobrinho, e outros; em todos estes navios hiam setecentos homens, os melhores que andavam no servico.

Partida esta Armada, quiz o Viso-Rey tambem prover de outra a Costa do Norte, porque teve noticia, e aviso por cartas de Cananor, que nos rios do Malavar se armavam muitos Corsarios pera se passarem a ella; e querendo atalhar os danos que se receavam, armou oito navios com o nome de Aventureiros, como os passados, por serem muito temidos, e receados por toda a Costa da India: e por Capitão Mór ~~segundo~~ D. Simão da Silveira, que comçou a correr com a Armada apressadamente. Estando já prestes pera se embarcar, adoeceu de uns salpicos pelo corpo, que assermaram os Medicos ser tardiño, e se recolheu a curar em N. Senhora da Graça, onde em poucos dias faleceu com grande magor, e dor de toda a India, por ser um fidilgo, que a ella veio, já homem, filho mais velho de seu pai, com muitas, e boas qualidades, e dous

dous da natureza, em quem todos traziam
 os olhos, e tinham esperanças de por
 mãos tomar ainda dura, e cruel satisfação
 do innocent sangue dos irmãos, que sem-
 pre clamaram por elle aos Ceos, ficando
 elle só de tres que eram, que todos mor-
 raram em o espaço de tres annos em o
 serviço de Deos, e de seu Rey. D. Diogo
 da Silveira, e D. Antonio da Silveira,
 dalgos, em quem todos tinham mui grande
 confiança, e esperanças, que lhes fazia
 o zelo que lhes viaiu do serviço de
 Rey, havendo já annos que D. Diogo
 nha merecido muito honrada satisfação,
 D. Antonio com não haver mais que tres
 que servia, traballhou por merecer tanto
 nelles, como outros muitos, e dignos
 serem todos irmãos; e assim o foram tanto
 em tudo, como o eram por natureza,
 parecendo-se todos não só no valor das
 armas, animo, e esforço, senão em mui-
 tas, e boas qualidades de aviso, gentile-
 za, entendimento, conselho, príncipio,
 brandura, e liberalidade, e sobre tudo na
 morte, e na brevidade da vida, que só
 pera merecer a não tiveram curta, Pois
 romando-os a morte no melhor da vida,
 acabaram todos com toda a honra, valor,
 e merecimento que puderam ter adquirido
 em mais larga vida, sendo sempre este

appellido dos Silveiras na India tão pro-
digio do seu sangue, que não ha parte em
que o não tenham derramado por serviço
de seu Deus, e de seu Rey, como foi D.
Alvaro da Silveira, que em companhia de
Lopo Soares foi morto no Estreito, Hei-
tor da Silveira, que em tempo do Gover-
nador Nuno da Cunha mataram nas Ilhas
dos Mortos, como na IV. Decada Cap. III.
Livro VII. fica dito; Manoel da Silveira,
que se achou com D. João de Castro no
segundo cerco de Dio, onde o feriram, e
depois foi morrer a Chaul, VI. Decada,
Cap. V. Livro IV. D. Alvaro da Silveira,
irmão do Conde da Sortelha, de que mui-
tas vezes fallamos nas nossas Decadas, que
foi morto em Baharem, sendo D. Constan-
tino Viso-Rey da India, o Padre Doutor
Gonçalo da Silveira seu Irmão, da Compa-
nhia de Jesus, que pelejando com as ar-
mas espirituales, foi morto pelos Cafres,
padecendo glorioso martyrio, e agora estes
irmãos, e outros muitos deste appelli-
do, que por abbreviar deixamos.

Assim que morreu D. Simão da Silvei-
ra, elegero o Viso-Rey em seu lugar Dío-
go Lopes Coutinho, filho de Lopo de Sou-
za Coutinho de Santarem, Fidalgo de mui-
tas partes, e bom conselho, que só isto
buscou sempre o Conde Viso-Rey D. Fran-
cisco

cisco Mascarenhas nas eleições que ~~foz~~,
sem ter respeito a parentes, e nem amizade , e por isto teve sempre bom sucesso em todas as causas que ordenou , e nas ~~an-~~
~~madas~~ que fez, que foram muitas em todo seu Governo , e assim foi elle muito ~~repre~~
dos inimigos do Estado : e a 14. de Novembro se fez á vela com os ditos navios, de que , fora elle , eram Capitães João Rodrigues Coutinho seu irmão , D. Francisco de Menezes , D. Francisco d' Esta , D. Manoel de Menezes , Fernão de Castro , António Collaco , e Balthazar Jorge Barata : eram estes navios os mais ligeiros que havia na India , e levavam a melhor ~~for~~
desca que então se achou ; e do que lhes aconteceu nesta jornada adiante daremos razão. E porque a Cidade de Goa ~~estava~~
falta de mantimentos , ordenou também o Viso-Rey outra Armada pera ir dar guarda á cafila dos navios , que os havia de ir buscar á Costa do Canará , de que fez Capitão Mór Guterres de Monroy de Beja. Esta Armada partiu em 6. de Dezembro , o Capitão Mór em huma Galé , e ~~quatro~~
navios mais , de que eram Capitães Jerónimo de Azevedo , Gaspar Juzarte , João Serrão , e Ruy de Sá Pinheiro ; e ~~de~~
Armada que fez Guterres de Monroy ~~de~~
veram quatro viagens dando guarda a ~~gran-~~
~~des~~

das casilas de navios de mantimentos, com que a Cidade de Goa ficou muito abastada.

C A P I T U L O II.

Do que aconteceo á Armada de Mathias de Albuquerque no Malavar.

TAURO que o Capitão Mór do Malavar Mathias de Albuquerque chegou áquela ~~Costa~~, começou a entender nas couças que convinham pera a guerra, que havia de fazer aos Mouros, deitando-lhes muitas pias em terra pera o avisarem dos pais que havia pelos rios, e das náos que perpendiam mandar pera Mecca ; e porque a povoação de Coulete pequeno era grande escala de ladroes, determinou de a mandar queimar, e commeter este nego-
cio a Francisco Fernandes Malavar (por ser Cavalleiro, e pratico nas couças da guerra, e da terra) com dezoito navios, com que huoi dia no quarto d' alva desembarcou naquella povoação com trezentos homens ; e a primeira couça em que puseram fogo foi em quatro paráos de esporão, que estavam varados, negociados pera sahirem a roubar, que ardérām todos ; e commetendo a povoação, a acháram despejada, como todas as noites o faziam todos os da-

daquella Costa; porque com medo da Armada, tanto que anoitecia, se recolliram todos os moradores pera o Certão; e não achando resistencia, nem que roubar, e raiam-lhes fogo por todas as partes, em que se consumiu toda. Em quanto se isto faziam, os Marinheiros da Armada deitaram mar perto de cincuenta Almadias, que estavam por aquella praia, que eram do serviço daquella povoação, no que os mestreiros (que só são os que nas guerras predecem os danos delas) receberam nenhavel perda, por serem o remedio de cada se sustentavam com suas pescarias, e fizeram tudo sem risco algum embarcarem-se a seu salvo, levando as Almadias por poppa dos navios.

Passado isto, mandou o Capitão Mestre pelo mesmo Francisco Fernandes quinze mil a povoação de Capocate com só quatro navios, de que era Capitão António de Azevedo, António Ferreira da Silva, Pedro Fernandes o Malavar, e o seu, e de madrugada entraram o rio, e mandou Francisco Fernandes desembarcar só António Ferreira da Silva com a gente do seu navio, e outra alguma que lhe deu dos mais, e entrou a povoação, em que não achou resistencia, e a queimou toda, recolhendo-se com dezoito Almadias, que os marinheiros

tos largáram ao mar , e ao embarcar deixaram perito de cem Mouros com os nossos , e traváram huma muito crespa briga. Es-
tando em terra Affonso Ferreira com sós
zoito homens , com que teve o impeto
dos Mouros , que magoados de verem suas
casas queimadas , se vinham metter entre os
nossos como doudos , as nossas fustas che-
gáram a favorecellos na embarcação , o que
le fez com muito tento , sem perigar ne-
nhum dos nossos , ficando os Mouros bem
escalavrados. E fendo já recolhidas as em-
barcações , arrebentou na praia hum grande
de corpo de gente , que dos lugares vizi-
nhos se ajuntou pera soccorrerem a povo-
ação , em quem os falcões das fustas fizeram
hum muito arrazoado emprego , de que fi-
caram pela praia muitos estirados.

Passado isto , soube o Capitão Mór que
no mesino rio de Capocate estava huma
não negociando-se pera Meca , que orde-
nou de mandar queimar ; e encommendan-
do aquelle negocio a D. Giliâncs Mascare-
nhas com scie , ou oito navios , cujos Ca-
pitães eram Francisco Fernandes Malavar ,
D. Jeronymo de Azevedo , Affonso Ferrei-
ra da Silva , Belchior Brigel , João Rodri-
gues de Carvalho , Pedro Fernandes Ma-
lavar , e outros , a que não soubemos os
nomes , dando-lhes por regimento , que se-
pu-

pudesse mandar queimar a não sem desembarcar, o fizesse. D. Gilianes entrou ~~hox~~ dia de madrugada pelo rio, onde ~~tomou~~ algumas pessoas, de quem soube que a não estava muito assima envasada em parte, aonde as fustas não podiam chegar: e por se não tornar sein fazer alguma coufa, ~~mai~~ dou pôr certos marinheiros, de quem ~~cos~~ fiou aquele negocio, que fossem queimar huns Bengales, que estavam cheios de ti-
zenda dos Mouros: estes muito encuberta-
mente lhes foram pôr fogo, que ateou
com muita braveza, por haver alli ~~muitas~~
eifas, e azeites, com que as lavaredas fo-
ram tamanhas, que allumiavam como de
dia: das nossas embarcações viram acudir
os Mouros a salvar suas fazendas; e apon-
tando nelles os falcões, deram em meio
daquelle cardume, em que fizeram grande
destruição, e assim muitos por salvarem
fazendas perderam as vidas. E porque
manha hia apparecendo, e a gente ~~crezia~~,
sahiram-se os nossos fora do no, deixando
a terra entregue ao fogo, e a gente em
pronto da perda das fazendas, das vidas
dos maridos, filhos, e parentes. Della
meira andou Mathias de Albuquerque fa-
zendo guerra aos Mouros, que esta ~~he~~ to-
da a que nós lhe pedemos fazer, que o
Caimorim mais sentia pelos clamores ~~dos~~
~~por~~

poobres, e mesquinhos, que cada dia acometem a lhe pedir justiça, porque (como já disse) são os que sentem mais a guerra que todos. E porque he necessario acudir ao Camori a dar guarda, e recolher os navios, que haviam de vir de Bengala, S. Thomé, Coromandel, e Negapatão, e de outras muitas partes, despedio o Capitão Mór na sua Galé com mais quatro fustas, cujos Capitães eram D. Jeronymo de Azevedo, Affonso Ferreira da Silva, Francisco Fernandes Moricale, e Pedro Fernandes. Com estes navios se foi D. Gileanes pór no Cabo de Comorim, alli esperou até recolher todos os navios daquellas partes, a que veio dando guarda até Cochim, e abaiixo de Cochim tomou Affonso Ferreira hum corocolão de Malavares, que hia fugindo delle, que lhe deo caça, varou em terra, e todavia lhe tomou o casco com o recheio, e seis Mouros vivos; e deixando as Caifas em Cochim, tornou-se o Capitão Mór, que andava pela Costa, fazendo toda a guerra que podia, com o que a tinha bem asfionbrada, e possa em muitas necessidades.

C A P I T U L O III.

Do que mais acontecco este verão a Mathias de Albuquerque: e de como destruiu as Rainhas da Serra, e de Olala.

EM quanto D. Gilcanes andou no ^{Cabo} de Comorim esperando a Cafila que trouxe a Cochim, ordenou Mathias de Albuquerque de dar hum castigo á Rainha da Serra, que jaz entre o Reyno de Calicut, e Canauor, que áquelle negocio mandou o Goazil com quinientos Naires, que a hum dia limitado deram todos juntos huns por terra, e outros por mar em suas povoações, e lhas queimaram, e destruiram, indo a nossa Armada pelo rio assaltat até a povoação da Rainha, que será dezois leguas, queimando de huma, e da outra parte muitas povoações, e cortando-lhe muitos palmares com morte, e perda de muitos que acudiram a lho defender, e deixando tudo assolado, se recolheram os nossos com dous navios que foram de Portuguezes, que os Malavares tinham roubados; e por lhe não ficar cousa por fazer pelas grandes intelligencias que Mathias de Albuquerque trazia em tudo, determinou de ir castigar a Rainha de Olala, assaltando por

Porque foi avisado que no seu rio de Mangalor começava a elevarse huma parede de ~~mar~~ a mar com dous baluartes contra o assento das pazes, como porque hia dissimulando com as parcas havia já alguns annos. E querendo pôr este negocio em effeito, lançou-lhe algumas pessoas de confiança a modo de mercadores, que hiam comprar arroz, pera verem o sitio, e modo das paredes, gente, e guarnições que a Rainha tinha, que viram tudo muito bem; e avisaram ao Capitão Mor do modo das paredes, que começavam a crescer sobre a terra huma vara de medir, que como a Rainha fazia aquillo com dissimulação por elle não attentarem na obra, não tinha gente, nem guarnição alguma. Com este recado voltou Mathias de Albuquerque com toda a Armada que trazia pera Mangalor, e chegou hum dia de madrugada sem ser sentido, e logo desembarcou em terra; e entrando as paredes, as mandou derrubar pela gente miuda, e marinheiros, e elle com toda a soldadesca foi dar na Cidade de Olala, aonde posto que achasse alguma resistencia, poz logo a maior parte dela a fogo, e lhe mandou cortar todos os palmares que tinha de redor, e disto ficou a Rainha quebrada, e os vizinhos tão atemorizados, que logo os de Carnate,

Cubia , e Nabul acudiram com as pareas que deviam , que tambem havia dous , ou tres annos que dissimulavam , e Ababula de Penabuz de novo se fez vassallo de ^o Rey de Portugal com obrigaçāo de p^rcas , consorine aos mais vizinhos.

Feitas estas cousas , e outras com mui-
ta ordem , tornou-se o Capitão Mór per-
o Malavar , aonde tinha deixado muitas
espias em todas as partes sobre as n̄as
que se negoceavam pera Meca ; e cheg-
do áquella costa , lhe deram rebate , que
no rio de Baliacor , meia legua de Pan-
ni , estava hum galeão varado esperando a
monção pera o lancarem ao mar pera car-
regar pera Meca , e pera o queimar se lhe
offereceu Francisco Fernandes ^{Malavar},
que já era vindo de Cochim com D. Gil-
des Mascarenhas , affirmando-lhe que o ha-
via de fazer sem risco algum , porque em
humha Almadia havia de fazer aquelle
gocio. O Capitão Mór lhe deo licença , e
mandou em sua companhia a Francisco
Ferreira da Silva com quinze soldados em
outra Almadia ; e tanto que anojecem-
partiram-se ambos , e o Capitão Mór se foi
pór com toda a Armada na boca do ^{rio},
por onde as Almadias foram ; e entrando
muito encubertamente , chegáram aonde o
galeão estava , e lhe puseram o fogo ^{cor}
_{mui-}

muitas partes, que se ateou de feição que em poucas horas o desfez em pó, e em cinza; e quando se isto fazia, os soldados, e marinheiros, que hiam nas Almadias, lançaram ao mar huma fusta nova, que estava travada á borda d'agua, e tomaram ás mias as vigias que nella estavam.

Feito isto, recolheram-se as Almadias muito a seu salvo, e levaram á toa a fusta, não deixando porém de ter ao embarcar huma travada briga com muita gente que recresceu ao fogo, de que alguns dos nossos sahiram feridos: foi isto muito festejado do Capitão Mór; e por ser avisado de outra parte que em Panani estava outra não á carga pera Meca, determinou de a mandar queimar, porque lhe não sahisse aquelle anno nada pera fóra; com o traquete ^{foi} surgir defrente de Panani, que he huma povoação entre Panani, e Lenor, ^{onde} hia acabar de tomar a carga: os nossos tanto que a víram farta, a rodearam com tensão de logo a commetter por todas ^{as} partes, como fizeram; e o primeiro que lhe por a proa, foi Alvaro de Avelar, que se lanceou logo dentro com os seus soldados, sem achar resistencia; porque os Mouros tanto que vitram os nossos ir demandar a não, mettêram-se em batel, e foram-se pera terra. Entrados os nossos na

não,

não, acharam alguns marinheiros, e gente mesquinha, e huma grande cópia de ~~lasse~~ tre, e rosalgar, que em Mecca tem muita valia, e acharam tambem algumas armas, e alguma artilharia; e levando-lhe as armas, deram-lhe toa, e levaram-na ao Capitão Mór, que a estimou muito, e entregou a Affonso Ferreira da Silva que a levou a Cananor, e a entregou a Cananor, como fez, que a mando logo despejar, e recolher ~~uado~~ o que tinha em armazens.

Passado isto, deram outro rebate ^{ao} Capitão Mór de outra não, que estava ^{ao} rio de Chalé a carga, que encarregou André Furtado, pera que a fosse queimar, e lhe deu oito, ou dez navios pera isto, que entrou no rio de Chalé, que por ser muito estreito, foi sempre pelejando com muita gente de huma, e da outra banda, mas elle com muito animo, por meio de nuvens de fréchas, e pelouros, chegou à não, que estava muito fortificada, e com bem provida de gente, a sim de se ~~dever~~ der. André Furtado a rodeou com os navios, e começou a bater com grande fúria, e trabalhou por lhe pôr a proa, e averiguar aquelle negocio de espada; mas os Mouros, que viram tamanha derrota, nação, não ousando a esperar os nossos, lançaram-se a testa pelo bordo mais ~~para~~ do

della, os nossos chegaram a lhe pôr as proas, sem acharem quem lha defendesse, e porque era muito trabalho, e mór o perigo de a levarem, pareceo bem a André Furtado dar-lhe fogo, como fez, mandando-lhe primeiro tirar alguma artilheria, e armas que tinha dentro, peleijando com muita gente, que de ambas as partes acudio a carregar sobre elles com nuvens de tiros, de que feririam alguns dos nossos.

Estas cousas mettêram grande medo, e espanto nos Mouros, e o Camorim não se sabia ajudar, nem dar a conselhio, sensindo bem a perda dos seus que cada dia lhe hiam clamar. Sahidos estes navios daqui, foram-se ao Capirão Mor, que deu volta a todo o Malavar com toda a Arma-
da junta, e tanto ávante como Calecut, indo o navio de Affonso Ferreira da Silva deitado de todos muito perto da terra, vio-
estar em huns vallos huns poucos de Mou-
ros, e sem fallar com nenhum dos outros
Capitães, poz a proa em terra, em que
saltou com seus soldados; e remettendo
com os vallos que estavam perto da praia,
os cavalgou, estando nelles mais de cento
e simecenta Mouros, com quem teve huma
muito aspera batalha, e da primeira furria-
da de arcabuzaria lhe derrubou alguns;

entre estes foram dous Capitães dos navios
 que todos os verões sahiam a roubar ; e
 lançando a todos dos vallos, mandou em-
 barcar hum meio falcão, e outras armas
 que alli tinham, e depois se embarcou
 muito a seu salvo com alguns feridos que
 não perigaram. O Capitão Mór posto que
 estimou muito o bom sucesso, não deixou
 de estranhar a Affonso Ferreira commeter
 aquillo sem sua licença, porque lhe pu-
 era acontecer mui grande desastre, que
 elle sentira muito, per ser á vista de toda
 a Armada. Com estas cousas se enfraçaram
 os inimigos de tal mancira, que algumas
 náos que tinham em outros portos, as er-
 vasaram em partes a que a noſta Armada
 não podia chegar ; e assim aquelle anno
 nenhuma fez viagem, no que todo o dia-
 lar recebendo notável perda pelo muito
 que a todos importa o trato de Meca, e
 com que os Mouros se sustentam, e por
 que não tem outros frutos na terra ; e to-
 do o mais resto do verão andou a Armada
 por aquella Costa queimando, e destrui-
 do muitas povoações de longo della, e
 fazendo outros danños bem grandes. B o
 principal foi no grande resguardo que o
 Capitão Mór teve em lhe não entrarem de
 fóra mantimentos, porque não ousavam de
 navegar, por lhe ter o Capitão Mór to-
 mado

mado todos os portos, com que os poz
em extremas necessidades.

C A P I T U L O IV.

Do que aconteceu á Armada dos Aventureiros em Surrate com huma udo de Caliche Mahamed: e de como os Mogores saltedram alguns soldados nossos: e de como Diogo Lopes Coutinho lhe queimou a Aldea dos Abexius, e de outras cousas.

Diogo Lopes Coutinho, Capitão da Armada dos Aventureiros, tanto que subiu pela barra de Goa fóra, como já dissemos no fim do Cap. I. do Livro II. fez sua viagem caminho do Norte pera se ir pôr sobre o rio de Surrate, como levava por regimento, pera defender a sabida das naos de Caliche Mahamede, Capitão daquella Fortaleza; porque a respeito do Estado tratava de as lançar fóra sem Cartaz, por ser o Viso-Rey avisado, que estando este Caliche na Corte do Heabar, tratando-se diante delle dos Cartazes que mandava pedir ao Viso-Rey pera sua não (como ja dissemos) quiz o Caliche ganhar terra com elle, e lhe disse, que elle também havia de mandar outra não; mas que o Cartaz que havia de levar era aquelle

le apunhado do traçado que tinha ^{na} cinta. E como tinha passado isto com o Hechar, escreveo a Surrate que a ^{na} não, que havia de vir a Meca, fosse ^{na} bem negociada, que lhe não pudesse impedir a jornada a Armada dos Portuguezes, se a houvesse; e assim se fez, porque ^{na} irmão seu, que estava alli por Capitão, ^{na} começou a prover na partida da não, e a proveo bastante mente de artilheria, nições, e gente para se poder defender. De tudo isto foi o Viso-Rey avisado por Cartas de Damiao; e porque convinha ^{na} Estado desenganar ao Caliche, que não podiam suas náos navegar sem salvo conduto, deo por regimento a Diogo Lopes que se fosse logo lançar com toda a Armada sobre Surrate, e que lhe havia de par entregar aquella não do Caliche para dar conta della, se sahisse daquelle porto ^{na} Cartaz. Este Caliche casta Chacuthou, por bre de sua nascença, e moço, se deu ^{na} letras em companhia do Hechar, e veio a ser grande douto na sua seita; e porque desde menino acompanhava ^{sempre} este Rey, foi-lhe muito accerto, e o carregou de cousas muito grandes, por homem prudente, e de bom conselho, pelo que veio a ser diante delle dos principaes; e veio a ter tanta posta, que ^{na} ²

a fazer scus irmãos que tinha grandes na Corte, e Capitães de mil, e de dous mil de cavallo cada hum; o primeiro Chancaiano, outro Mahamede Soltão, e o terceiro Jancalischou, que he torto de hum omo, grande Cavalleiro, e muito liberal, e de todos estes he o Caliche o mais moço, e ao presente será de perto de setenta annos; e quando o Hechbar conquistou os Reynos de Cambaya, lhe deo a Fortaleza de Surrate, como na priueira Decada fica dito, aonde com o que já tinha adquirido, com outras terras, aonde já estava por senhor, engrossou tanto, que nos assomou huina pessoa de sua casa, que tinha mais de vinte milhões de ouro em pedraria, e moeda, e hoje está em Laor, que he a Corte, por Vedor da Fazenda Geral de seus Reynos. E tornando a nosla Armada, que hia seguindo sua viagem, sendo entre Bombar, e Bacar, encontrou de noite hum parão de Malavares, que sentindo a Armada, foi apertando o reino o mais que pode, e alguns navios apôs elle, que o foram atropellando; e toda via Belchior Jorge Barata chegou a elle primeiro, e foi pelcijando hum bom espaço de espingardadas até chegar D. Manoel de Menezes, que lhe poz a proa, e quasi ao mesmo tempo que Belchior Jorge; e

Lançando-se todos dentro, meteram os
 Mouros á espada em breve espaço, fican-
 do-lhe o parão com todo o seu rechão
 nas mãos, que leváram pera Racá. Víogo
 Lopes Coutinho ajuntou os navios, e
 passando o Surrate, e no bando da barra
 víram surta huma ferrosa não, que pare-
 cia de quinhentas toneladas, que ~~estava~~
 de verga d'alto, como que queria fazer
 viagem. Diogo Lopes a rodeou com os
 navios, e lhe mandou perguntar que ~~não~~
 era, e pera onde hia: os de dentro
 respondéram que era do Heccbar, que
 hia carregar a Goga com Cartas do Víor
 Rey, que logo mandáram apresentar, e
 Diogo Lopes lhe paz o passe, e lhe man-
 dou dizer que fizesssem seguramente ~~su~~
 viagem, o que elles logo fizeram, e ca-
 rram á vela pera Goga. A nossa Armada
 entrou dentro no rio, e no Canal das Le-
 reiras víram a não do Caliche, que tam-
 bém era muito ferrosa; estava de longo
 das barranceiras, e por ser muito alcanni-
 lado com peanhos em terra, e por dentro
 apareceram grandes bastidos de lâncias ar-
 voradas, e correrem pera de huma, e ou-
 tra parte muitos Mouros, como ~~homens~~
 que se faziam prestes pera peleijarem. Dio-
 go Lopes Coutinho chegou á não, e lhe
 mandou perguntar cuja era, e pera onde
 hia:

hia : ao que lhe respondêram que era do Galiche , e que hia pera Meca ; mas que esperava por Cartas do Viso-Rey : ao que lhe disse o Capitão Mór , que estava muito bem ; mas que soubessem que sem ellaz não havia de sahir daquelle barra. E porque ainda não era tempo de viagem , e as aguas eram passadas , sem quem a não não podia sahir dalli , quiz o Capitão Mór correr a enseada pera haver novas de patrões , e assim atravessou a Goga , e dalli de longo da Costa a Dio , onde se proveo do necessario ; e por se vir chegando a Lua em tempo de outras aguas , tornou-se pera Serrate a vigiar a não , deixando-se estar dentro do rio a ver o que passava , e escrevo ao Viso-Rey o estado em que estava , pedindo-lhe mais navios , porque aquela não era grande , e poderosa , e que seria grande descredito do Estado sahir-se sóz a elle poder tomar por falta da Armada. E estando assim no rio , aconteceu que estando a Armada hum dia da banda do Reynol com os esporões em terra , sahio-se hum magote de vinte soldados , e foram-se deviando a passarinhaz com humas espingardas , couzas que o Capitão Mór tinha muito defendido por conhecer a natureza dos Magores ; e andando alguma cousa alongados , derain nel-

nelles alguns sincoenta de cavallo tão suspito, que não tiveram tempo de se poderem recolher, e nos primeiros encontros a alcancaram alguns sinco, ou seis; os outros feitos em hum corpo com as espingardas nos rostos, pelejando muito e forçadamente com elles, recolheram-se a hum tezo, onde com muita ordem se defendêram, derribando com as espingardas alguns, por onde os mais não ousaram os entrar: estas novas foram todas ao Capitão Mór, que as sentiu muito, e logo desembarcou com toda a gente posta em armas, e despedio seu irmão João Rodrigues Coutinho com huma Companhia de soldados, e elle com toda a mais gente se foi pôr em parte aonde viu tudo. Os nolos, que pelejavam com os Mogores, tanto que sentiram o socorro, apertaram tanto com elles, que os fizeram fugir; e ao tempo que João Rodrigues Coutinho chegou, andavam elles despindo os mortos, até as botas que todos trazem lhes descalçaram; e recolhendo-os consigo, se tornou ao Capitão Mór, que ficou muito contente, e desgostoso de lhe acontecer aquelle desastre quasi á sua vista pelo desarranjo dos soldados, que nesta materia cá nestas portas nenhum respeito tem, nem ás suas próprias vidas, pondo-as cada hora a perigo por

por hum pequeno appetite. Entre os des-
pojos que estes soldados trouxeram, foi
uma lança com humas gazuas de prata,
que foram de Portuguezes. Diogo Lopes
deixou-se ficar com aquella mágor, que el-
le por em seu peito de satisfazer, e co-
meçou a traçar modos de o fazer, tendo
dali por diante tanto resguardo na Armada,
que não deixou ir mais a terra soldado
nenhum. Estando neste propósito, che-
garam tres navios, que o Conde D. Fran-
cisco Mascarenhas mandou armaz em Chaul
com recado que lhe deram de Diogo Lo-
pes Coutinho, de que eram Capitães Ruy
Mendes, e Ruy Dias de Soufa, ami-
bos irmãos, e do outro não sabemos o
nome, com o que a Armada ficava mais
possante, por levarem estes navios mais de
cem soldados, muito bons, e escolhidos.
Diogo Lopes Coutinho como andava sen-
tido da morte dos soldados, determinou
de satisfazer aquella quebra, e ordenou em
segredo com os Capitães de dar na Aldea
dos Abexins, por ser muito povoada, que
seria pelo rio assim quasi meia legua, e
assim a cominheco huma madrugada; e dan-
do neila de supito, a entrou, queimou, e
a gente della se acolheo pera Surrate; o ir-
mão do Caliche houve aquillo por grande
quebra, e affronta sua, por serem todos

estes Mogores muito soberbos, e arrogantes, e com muita pressa acudio com quinhentos de cavallo, muita gente de pé, e alguns Elefantes, e certas peças de artilharia de campo, e chegou á vista da Aldeia a tempo que os nossos já embarcaram, por terem tudo feito a sua vontade; e chegando-se perio da praia, indo já os navios levados, lhe atiraram algumas bombardadas, e das festas lhe respondéram com outra salva, de que alguns ficaram estirados por esse campo: e quiz a desaventura que ao desamarrar dos navios se embarcaram os de D. Francisco d'essa, e de D. Francisco de Meneses, de maneira que se não puderam affastar. Vendo-os os Mogores da quella feição, carregaram sobre elles com tantos tiros, que lhe feriram a mór parte da gente, e entre elles a D. Francisco no braço direito, de que ficou aleijado, e mataram dous soldados. Os nossos que estavam embarcados, por huma parte trabilhavam por se apartarem, e por outra laboravam com a espingardaria pera affastar os inimigos, em quem faziam bem danno. O Capitão dos Mogores audava á borda da barranceira fazendo descer abaixo alguns Elefantes pera ferrarem em os navios com as trombas, e chegarem-nos mais para a terra pera os porem em secco por já

tar a maré. D. Francisco d'Esta, e os
mais soldados trabalharam, e peleijáram
tudo o que puderam, sem poderem ser
ajudados dos outros navios por causa da
força da corrente que descia pera baixo;
e tanto fizeram homens, e outros, que se des-
empeñaram, e afastaram pera fóra quasi
todos feridos, e tão cansados, que já não
podiam consigo: tirados do perigo, cura-
ram-se os feridos, e porque D. Francisco
de Menezes estava perigoso, mandou o
Capitão Mor que se fosse curar a Damão,
e lhe mandou meter todos os mais feri-
dos, e a D. Francisco de Menezes, filho de
D. Pedro o Ruivo, pera que nella tornasse
por Capitão. Esta desgraça sentio Diogo
Lopes muito, porque tinha o negocio mui-
to bem feito, senão fora aquele desastre
de se embarcaçarem os navios.

Afastados dali, tornaram-se ao seu
porto a vigiar a não; e por lhes faltar a-
gua, a foram fazer a huma Aldea assim
dista dos Abexins, onde a havia, porto
que estava pela terra dentro dous tiros de
falcão; e desembarcando com toda a gente
á borda da ribeira, mandou o Capitão
Mor a seu irmão João Rodrigues Couti-
nho com huma companhia de soldados de
espingardas a favorecer, e dar guarda aos
marinhucos, e aos moços que levayam as
Couto. Tom. VI. P. I. M ta-

vasilhas, em que haviam de trazer a agua, e elle com toda a mais gente se poz no campo á vista dos navios, e da gente que lia fazer aguada. Os da Aldea tanto que sentiram os nossos, fizeram logo muitas fumaças, que era o sinal que tinham pera na Fortaleza se saber que os nossos eram desembarcados. O Capitão de Surrate ~~che~~ valgou com muita gente, e alguns elefantes, e acudio áquella parte, que os nossos tiveram tempo pera fazer aguada á sua ventade. E por ter aviso João Rodrigues Coutinho da gente que era sahida de Surrate, mandou diante os marinheiros, e elle se deixou ficar pera ver que gente era, e se recolheu como emboscada em huma Aldea, por ver se os Magores entravam por ella com alguma desordem pera elles por der hum toque. O Capitão de Surrate chegando á Aldea, não ousou a entrar nella por se recear dos nossos, e deixou-se ficar de fora, ordenando de sua gente huma meia lua, e rodeou a Aldea toda. João Rodrigues Coutinho como os viu ~~daquella~~ mancita, deo fogo á Aldea, e foi-se fabrindo em hum corpo, e recolhendo-se pera a praia, porque se hiam os Mogores chegando, e carregando sobre elles com grandes nuvens de frechas, e peiouros; mas elles com o rosto nos inimigos, p. 2

parando sua arcabuzaria , foram-se com
muito bom compasso recolhendo á praia ;
e misturando-se com o Capitão Mór , co-
meçaram-se todos a embarcar com muito
boa ordem , fazendo-lhe campo os falcões
das fustas , que fizeram em o inimigo hum
arrazoado emprego. Embarcados os nossos
a seu salvo , assaltando-se pera fóra o na-
vio do Capitão Mór , deram dentro nelle
huina falcoada , que acertou em hum Ma-
nuel Freire de Andrade , homem Fidalgo ,
que estava assentado em huina prancha ,
de que cahio ao mar sem mais apparecer ,
de que o Capitão Mór ficou assás triste. E
porque as aguas eram acabadas , antes que
viessem outras , se fez á vela pera Dio , e
foi correndo a enseada por ver se acha-
va alguns ladrões ; e depois que se proveu
naquella Fortaleza , tornou-se a vigiar a
noite

CAPITULO V.

De como o Conde D. Francisco Mascarenhas mandou seu sobrinho D. Jeronymo com huma Armada ao Estreito : e aviso que mandou á Costa de Melinde, e Moçambique por haver novas de Galeas e do que aconteceu á Armada dos Turcios em Surrate : e de como os Almeires foram sobre Damão.

ENtre as instruções que o Viso-Rey D. Francisco Mascarenhas trazia de El-Rey muito encomendadas, era que logo mandasse huma Armada ao Estreito a defender que não fossem a elle as náos do Malavar, nem do Achem aos portos de Meca ; e porque logo, tanto que tomou posse do Reyno de Portugal, foi avisado, que por alli se vasava a mór parte da pimenta da India, causa tanto em perjuizo do trato, e commercio della ; e querendo o Viso-Rey cumprir isto, ordenou huns Armada de tres Galeões, e quatro Galeotas, e elegeo pera a jornada seu sobrinho D. Jeronymo Mascarenhas. A esta Armada se começou a dar muita presta ; e os Capitães dos Galeões, que eram Fernão de Albuquerque, e João Furtado de Mendoça, começaram a correr com elles, e com

leus Officiaes. Andando neste trabalho, a-
doceco Fernão de Albuquerque na barra,
e descuidaram-se delle os Officiaes da fa-
zenda, por não pagarem aos que com elas
corriam, e ficar entregue a alguns forçados
das Gales pera obrigarem, e darem ás
bombas; e estes desejando sua liberdade,
quebraram os ferros, e deram fogo ao
Galeão, e deitaram-se a nadar a terra, e o
Galeão ficou ardendo todo, e se perdeu
por descuido a mais fermosa peça que no
Estado havia; e assim deram isto em Por-
tugal por culpa ao Conde D. Francisco
Malcarenhas, sendo ella toda do Veador
da Fazenda, cuja obrigação he prover nes-
tas cousas. E sempre vemos na India, por
quererem poupar quatro cruzados á fazen-
da de El Rey, haver estas, e outras seme-
lhantes perdas; não havendo que nunca
esta fazenda cresce tanto, como quando
se despende no que he necessario, e no
que importa tanto, porque, como já ou-
tras vezes dissemos, he muito ordinario
neste Estado moltrarem ao Rey crescências
fantasticas, e encubrirem-lhe as perdas, e
damnos que por ellas recebem, e dando-
lhe a comer huma pirola amargosa debai-
xo de hum falso dourado.

E tornando á nossa ordem, vendo o
Viso-Rey queimado o Galeão, comprou
hu-

huma não a hum Mercádor ; e porque Fernão de Albuquerque não melhorara, nem estava em estado pera se embarcar, elegeo o Viso-Rey por Capitão em seu lugar João Barriga Simões ; e dando pressa a Armada, se fez á vela a quatorze de Junho deste anno de 1582. em que com favor Divino entramos. Os Capitães quatro Galeotas era Francisco Correa de Brito, Belchior Barbosa, Affonso da Silva Henriques, e Belchior de Paiva. Levava D. Jeronymo por regimento que se fole por a Monte de Felix, e que alli esperei todas as náos que fossem demandar o Bocage de Meca, e as tomasse, e que como passasse a monção, fosse invernar a Ormuz pera com D. Gonçalo de Menezes, Capitão daquella Fortaleza, prover as couças do Magostão, e castigarem a ElRey de Lora pela guerra que fazia a ElRey de Ormuz, tanto em danno do rendimento daquella Alfândega. Dada a Armada a vela, foi seguindo sua derrota, a quem logo toruaremos.

Pelas náos, que chegaram a Dio dos Portos de Meca, foi o Viso-Rey avisado que em Moca se faziam pretestes tres Galeotes, que eram as mesmas que foram a Mafra, sem dizerem pera onde determinavam de ir: reccando-se que quizessem passar á Cofa.

Melinde, e dar vista a Moçambique, despedio quasi no mesmo tempo duas fustas, de que foi Capitão Mór Fernão Botto Machado, homen Fidalgo, e soldado velho da India, que hia em huma, e Cosme de Faria em outra, e lhe deo por regimento que fosse á Costa de Melinde, e que achando novas certas das Galés, recolhesse os Portuguezes, que andavam na Costa, e se fosse com todos metter na Fortaleza nova de Moçambique, que estava ainda imperfeita, porque os Turcos se não houvessem della; e que da Costa despedisse Cosme de Faria com recado a D. Jeronymo Mascarenhas, que havia de estar a Monte de Felix esperando por elle pera ouvir sobre aviso ao recolher das Galés, porque assim não lhe poderiam escapar, e que em Julho mandasse elle Fernão Botto a sua fuga ás Ilhas de Angoxa, se houvessem Galés pera se fazerem em outra volta; e da viagem destes navios adiante daremos razão, porque hie necessario continuarmos com os Aventureitos, que deixámos em Surrate.

Vendo o Capitão daquella Fortaleza os saltos que os nossos andavam dando por suas Aldeas, despedio recado a Caliche Mahamede de tudo o que era passado, que tanto que se lhe disse como estava penho-

rado com o Echebar, como já dissemos, e vio que a sua não não podia sahir pera Meca por causa da nossa Armada, determinou de acudir áquillo, assim por sua honra, como por sua fazenda, pelo muito que perdia em a não não fazer viagem, pelo que logo com muita pressa despedio recado ao Cutubidicam, Capitão de Barochie, ~~organ~~ dando-lhe que ajuntasse gente de Armada, e Surrate, e fosse sobre as terras de Damão, pera que a Armada acudisse lá, a sua não tivesse tempo pera sahir fóra logo. Com este recado formou o Cutubidicam hum boni exercito de gente de cavalo, e elefantes, e artilheria, e começou a marchiar contra Damão, e entrou por suas comarcas na entrada de Março, despedindo diante hum Mogor, chamado Caliocham, com mil cavallos, que foi entrando pelas pragas Buticer, e Pecari, que são muito povoadas, e do mór rendimento de todas as mais; e tudo foi destiindo, e isolando, posto que já os naturaes tinham recolhido suas mulheres, e gado pera as terras de Sarzeta por ordem de Martin Assonse, Capitão de Dainão, que com elle se tinha concertado pera isso, e elle passados ~~seus~~ seguros; porque tanto que teve aviso daquelle exercito, logo proveo em recolher, e legurar todas estas cousas, e despedio ca

gado ao Viso-Rey, pedindo-lhe socorro, e
começou a se fortificar, porque estava a
Cidade aberta, e rota por muitas partes,
mandando pelas praganas de sua jurisdi-
ção recado, pera que se recolhessem todos
os naturaes com seus móveis, e gados pera
a terra do Rey de Sarzeta, com quem (co-
mo vizinho, e tão amigo que todas as
sua rendas tem nas Aldeas da jurisdição
daquellea Fortaleza, que são os contos) se
concertou, como assim dissemos, porque
tratou que os inimigos na primeira entra-
da não tivessem em que se cevar, e achas-
sem as terras despovoadas, e sem manti-
mentos, que fergado lhe haviam de faltar;
e a todas as Tanadarias de sua jurisdição,
que são Sanges, Denu, Tarapor, May
avisou da vinda dos Mogores, e mandou
que todas as mulheres, e meninos se fossem
para Baçaim, e que os layradores com seus
gados, e móveis se recolhessem pera os ma-
los, como fizeram. Martim Affonso trazia
espías sobre os inimigos, e cada dia era
avisado de tudo; e sem dormir, nem des-
cançar, tratou de fechar-se pelas partes que
estava roto; e por ser certificado vir já o
exercito inimigo por Balsar, e do numero
da gente que trazia, entendeo que lhe era
necessario puxar por Diogo Lopes Couti-
nho, e despedio hum nayio com cartas
suas,

suas , protestos , e requerimentos da Cida-
de , pera que se fosse meter nella , porque
estava iota , e sem gente . Com este recado
foi-lhe necessario deixar tudo , e ir-se para
Diamão , aonde foi muito festejado , e juntou
com o Capitão repartiram as estancias , e
partes mais fracas pelos Capitães de Ci-
cim , encarregando a João Rodrigues Co-
tinho o Baluarte de sobre a porta , que vai
sahir ao campo grande , por estar todo
chão , que elle com seus soldados , e ma-
nheiros reformou em poucos dias de ma-
deira , e adobes crus , com o que o fez
muito forte , e fermoso , e o guarnecço de
artilleria , e armas , ficando elle ali agra-
zallado com cincoenta soldados , e pela
mesma maneira os mais Capitães fizeram
nas partes que lhes coube , com o que a
Cidade ficou pera soffrer qualquer tra-
lho ; e porque os Mogores se vinham che-
gando , despedio o Capitão cartas ás Cida-
des de Baçaim , e Chaul , em que lhes de-
via conta do poder dos Mogores , e dos
trabalhos que esperava , e lhes pedia que
a socorressem , mandando-lhes encampar
os Templos , e a Cidade : este recado se-
deu áquellas Cidades ; e não faltando nos
valsallos Portuguezes aquelle seu ferror , e
lealdade antiga , com que sempre acudiram
á couzas desta qualidade , pelo que logo se

fizeram muitos Fidalgos, e Cavalleiros pres-
tes com navios, e soldados pera irem soc-
correr aquella Cidade. Baçaim estava mais
pero, chegáram primeiro áquella Cidade
dez, ou doze navios, cujos Capitães eram
Jorge Pereira Coutinho, Fidalgo de mais
de sessenta annos, que o zelo do serviço
de El Rey lhe fazia acudir a estas cousas,
como se fora de trinta, D. Francisco de
Mouinha, D. Francisco de Sousa, D. Diniz
d'Almeida, Duarte de Mello, D. Ruy Go-
mes da Silva, Manoel de Mello, e outros
todos com muitos, e bons soldados á sua
custa, e com grandes despezas, foram to-
dos mui bem recebidos do Capitão, e Ci-
dade, repartidos por estancias, que esta-
vam rotas, que lhe reedificaram, e fortifica-
ram muito bem com muito trabalho, e
custo seu.

C A P I T U L O VI.

*De como os Mogores entraram pelas ter-
ras de Damão: da danno que fizeram:
e do que fez o Conde Viso-Rey D. Fran-
cisco Mascarenhas em lhe dando as no-
tas do cerco.*

Dadas as cartas de Martini Affonso, Capitão de Damão, ao Viso-Rey, man-
dou logo chamar a Fernão de Miranda,

e lhe disse, que cumpria ao serviço de S. Rey que embarcasse logo pera Dainão com huma fusta, e após elle mandaria os sec-
corros que pudesse, e regimento pera fe-
ber a forma em que devia de ficar a por-
que o remedio de Dainão estava em se cile
ir meter dentro naquella Cidade. E For-
não de Miranda feiu fazer detença alguma,
se embarcou no mesmo dia, porque logo
lhe acudiram muitos Fidalgos, e soldados
seus amigos pera o acompanharem, e logo
se fez á vela em sua companhia Thome de
Sousa Coutinho em hum Catocolão com
alguns amigos, e naquella conjunção sahi-
ram tambem alguns navios de Mercado-
res, que estavam na franquia, em que tam-
bem se foram embear os soldados,
porque nas empresas desta qualidade os
amigos de honra nunca esperam que os
mandem, nem tem dever com pagas, nem
ração, tempos, nem inconvenientes delle,
que tudo facilita o desejo, e amor da pa-
tria, e o do serviço do seu Rey. No mes-
mo dia que partiu Fernão de Miranda,
despediu o Viso-Rey huma Almada com
cartas a Mathias de Albuquerque, em que
lhe dava conta da necessidade de Dainão,
e que logo despedisse dez navios os me-
lhores da sua companhia, e que os entre-
gasse a D. Gilianes Mascarenhas pera se ir
mer-

metter em Damão. Com esta brevidade sa-
 bia o Viso-Rey acudir ás necessidades do
 Estado com que remediava todas , e assim
 teve bom sucesso em todas as causas que
 emprendeo. Espalhadas as novas do cerco ,
 principiaram-se a negociar muitos Fidalgos ,
 e Cavalleiros pera os irem soccorrer , com
 que depois continuaremos , porque he ne-
 cessario fazello primeiro com Fernão de
 Miranda , que em poucos dias foi a Da-
 mão , o que os moradores estimaram muito
 pela experienzia que tinham de seu esfor-
 ço , conselho , e entendimento. O Capitão
 Martim Affonso , e Diogo Lopes Coutinho
 com os Fidalgos , Capitaes , e Vereadores
 o fôrâm receber á praia , por ter sido alli
 seu Capitão ; e elle disse a Martim Affonso
 que o Viso-Rey o mandava de socorro
 aquella Fortaleza por seu soldado , que alli
 estava com aquelles companheiros pera tu-
 do o que cumprisse ao servico de El Rey.
 O Capitão com palavras muito honradas:
 lhe agradecendo aquellas cortezias , e lhe re-
 spondendo que elle podia mandar naquella
 Fortaleza , como no tempo que nella fôrâ
 Capitão , porque entendia que assim era
 conveniente ao servico de El Rey , e lhe pe-
 diu ncasse de fôra sem obrigacão de es-
 tencia pera o ajudar na fortificação da Ci-
 dade , o que elle aceitou , e começo a

cor-

correr com ella , como a pessoa do Capitão , e de Diogo Lopes Coutinho.

Poucos dias depois disto chegaram a quella Fortaleza alguns Capitães de Génova , que partiram logo apôs de Fernão de Landa em navios seus cheios de muita , e boa soldadesca , que foram D. Martinho Silveira , D. Luiz de Menezes , Duarte de Mello , irmão de Martim Afonso , D. Duarte d'Elia , e outros que nos não lembram. Com este socorro ficava a Cidade já segura , porque era grande , e estava aberta por muitas partes : estes Capitães tomaram á sua conta pedaços de entulho , tapigos , e outras cousas , em que se exerceitavam com os seus soldados , e marinheiros : os Mogores eram já entrados pelas terras de D. mão , e tinham assentado seu arraial ao longo de huma ribeira duas leguas da Cidade , donde espalharam pelas terras gentes de cavallo , que as andavam roubando , e fizeram altas de danños , porque ainda arráram muito gado , e lavradores por recolher que leváram , cativáram , destruíram , e escaláram todas as Aldeas. Estas novas correram logo por todas aquellas Fortalezas , donde cada dia acudiam Fidalgos , e Cavalleiros de socorro. E D. Francisco de Castro , Capitão de Chaul , dando-lhe recado de D. mão , no mesmo dia despeôlo hui-
ma

ma embarcação ao Viso-Rey, e lhe mandou
 pedir licença pera elle em pessoa ir aquell-
 le soccorro, o que lhe elle mandou, e elle
 se ~~vez~~ prestes, e negocionou em poucos dias
 vinte navios mui bem guarnecidos de gen-
 te, e munições, e de tudo o mais necessa-
 rio pera a guerra, porque os Capitães del-
 le eram Fidalgos, e Cavalleiros principaes,
 e casados naquelle Cidade, que a custa de
 suas fazendas, como sempre fizeram, se
 embarcaram em companhia do seu Capi-
 tão; e dos que pudemos saber os nomes,
 sun: D. Jeronymo de Menezes, Duarte da
 Silveira, filho do Craveiro de Evora, Bal-
 thazar de Siqueira, Pedro Preto, filho de
 Francisco Preto, Ruy Mendes de Figuei-
 redo, Francisco da Cunha, Matheus de
 Gomede, João Ferreira Fialho, Gonsalo
 de Araujo, Almador Mendes Dorta, Ma-
 nuel de Valladares, André Duarte, Bel-
 chior Colaço, Manoel Bocaro, e dous na-
 vios mais, que a Cidade mandava cheios
 de mantimentos, e munições a sua custa,
 de que eram Capitães Jorge da Silva, e
 Iom João Teixeira. D. Fernando de Cas-
 tro deo á vela com todos estes navios,
 deixando a Fortaleza entregue a Alvaro de
 Carvalho, e em poucos dias entraram pela
 barra de Damão todes elles navios emban-
 deirados, disparando a sua artilharia, e
 to-

tocando seus pifanos , e tambores , ~~coufi~~
 fermosa pera ver. Foram estes Capitães bem
 recebidos , e repartidos por estancias , que
 elles reformáram , e fortificáram , ~~ficando~~
 D. Francilso de fóra pera acudir ás ~~coufi~~
 necessarias , e tomou á sua conta fechar a
 praia da ponta do Baluarte de sobre a bar-
 ra até ao mar , porque não viellesem os Mo-
 gores metter-se entre os navios , e a Cid-
 ade , obra muito necessaria ; e não particu-
 larizamos os baluartes , e estancias , ~~que os~~
 Capitães do socorro reedificáram , ~~e co-~~
 máram por estancias ; porque como a Ci-
 dade não foi batida , e o cerco não foi
 por diante , havendo por escusado , ~~holla~~
 nomear os que soubemos , porque já foram
 oferecidos a todos os trabalhos que se of-
 ferecessse naquelle cerco , por muito prolon-
 gado que fosse. D. Pedro de Menezes , Ca-
 pitão de Dio , tanto que soube dos Mogo-
 res , despedio em seu socorro deus navios
 cheios de soldados , de que foi Capitão
 Jorge da Silva Coutinho. Com estes soc-
 corros ficou a Cidade tão prospera , que já
 lhe não dava aos nossos do cerco ~~que já~~
 esperava , antes praticavam em ir ~~buscas~~
 e darem-lhe batalha em campo , por que
 não fossem louvar que os cercaram.

C A P I T U L O VII.

De como D. Gilianes Mascarenhas chegou a Damão: e do que os Mogores fizeram pelas Tanadarias: e da vista que deram à Cidade: e da escarauça que os nossos tiveram com elles.

Dada a Carta do Viso-Rey D. Francisco Mascarenhas a Mathias de Albuquerque, em que lhe deo conta da necessidade de Damão, logo com muita brevidade despedio D. Gilianes Mascarenhas com dez navios, de que, a fóra elle, eram Capitães Cosme de Lafetar, Christovão de Travura, seu irmão, Pedro Homem Pereira, Antonio Vellez, Gonsalo Coelho, Antonio de Lima, Sebastião de Macedo, D. Manoel de Azevedo, e Antonio de Azevedo: nestes navios hia a melhor soldadeira da Armada; e dada a vela, foram seguindo sua viagem; e antes de chegarem a Goa, houvetam vista de dous Catacouços de Malavates, a que deram caça; e o primeiro que chegou foi D. Gilianes, que os fez varar em terra, e lhe tomou os escos, passando por Goa, sem quererem nada della. Antes de chegarem a Chaul, tomaram hum parão de Cossarios, que todos morreram, o que o mesmo D. Gilianes

nes abalroou, e rendeo; e sem se embarcarem com outra coufa, chegaram a Daimão, aonde entraram salvando a Cidade, ferinosamente embandeirados. Foi D. Gilianes bem recebido, e seus Capitaes repartidos por estancias, com que a Cidade acabou de ficar fortalecida pera se defender a todo o poder do Grão Mogor. De todos elles soccorros chegarem logo as novas a Cutubilicham, que desconfiado poder fazer coufa alguma, e desenganado que a Cidade estava provida de soldados: Capitaes, e Fidalgos, determinou de virar as armas contra as Tanadarias, porque tambem sua tençao (como dissemos) nunca foi bater, nem commetter a Cidade, nuncalhado occupar as terras por se desaffrontar do que a nosta Armada lhe andou fazendo pelo rio de Surrate; e por saber que a Tanadaria de Tatapor era rica com mercados grossos, determinou de a mandar saquear, pera o que despedio Calischam com mil de cavallo, e alguns elefantes, de que logo foi o Capitão de Daimão avisado, e mandou recado aos Capitaes das Tanadarias, pera que estivessem sobre aviso, que os não tomassem descuidados. Os Mogores entraram por Sanges, e Dourado, queimando, e assolando tudo; e chegando a povoação de Dami, onde estava D. José

de Ataide por Capitão, e muito fortifica-
do em huma Torre que tinha com cincuenta
homens, e recolhidos de redor della todos
os naturaes com seus gados, e no rio, que
era largo, e fermo, hum navio com
vinte homens pera do mar os favorecer;
e querendo elles commetter, os esbombar-
deou D. João mui bem; e ainda lhes man-
dou sahir alguns soldados, que traváram
com os dianteiros huma escaramuça, com
que derribáram alguns, e lhes tomáram hu-
ma bandeira, que D. João mandou depois
a Vilo-Rey, e lha deram, estando num
dia solemne em S. Francisco, e elle a deo-
 aos Padres. Os Mogores escandalizados de
D. João, foram-se recolhendo, e passáram
a Fará, porque estava despejado, e o asslo-
lam, queimaram, e matáram muitos mes-
quinhos, e correram até May, onde o Ca-
pitão com os moradores estava fortificado
no Templo dos Padres de S. Domingos,
onde tambem os escandalizáram; e depois
de queimar as aldeias todas, se recolhê-
ram outra vez a Daimão cheios de despojos,
e de gados principalmente.

O Cutubichão deixou-se estar no lugar,
onde assentou o arraial, sem dar vista á
Cidade até dia de Ramos, que foi o pri-
meiro que no campo appareceram huns
quinze, ou vinte de cavallo, apôs o Ca-
pitão.

pitão do campo Francisco de Soveral, que vinha recolhendo o gado, e ao repique acudiu o Capitão, e toda a gente saiu ao campo; e por lhe parecer ciada, deteve os soldados, que já se espalhavam em ita-gotes. Os Mogores chegaram até perto do Baluarte de João Rodrigues Coutinho, mas como viram sair gente fóra, logo se recolheram, sem apparecerem mais que estes.

Passado isto, logo ao dia de Páscoa ^{pela} manhã, sabendo ser aquelle dia muito celebrado dos Christãos, o quizeram também festejar com lhes darem vista de todo o campo, e foi a horas em que estavam todos aos Offícios: dos Baluartes se fez final a Mouros, a que logo acudiram os Capitães ao campo com toda a soldadesca, que andava solta sem obrigação de estancia, e eram mais de mil homens, e foi a tempo que vinha dos Mogores a fio por entre huinas hervas leiteiras, que estavam no cabo do Campo grande, fingindo a praia a mero de Lua, que se estimaram em tres mil homens de cavallo. Os Capitães dos Aventureiros Fernão de Miranda, D. Francisco de Castro, D. Martinho da Silveira, D. Gólianes Mascarenhas, e outros saíram do campo alguns delles a cavallo com o Capitão da Cidade, que levou consigo todos os

os moradores a cavallo, com que se por-
em hum tezo, que fazia fóra da tranqueira
de João Rodrigues Coutinho pera a ban-
da da praia, onde se deixaram estar. D. Gi-
lunes com os Capitães da sua Companhia,
e toda a soldadesca com a sua bandeira
foi-se por fóra a huma parte do campo, e
o mesmo fizcram outros Capitães, que fi-
zcram sein estancias; os inimigos vinham
e agressando cada vez mais o fio; e huma
das pontas da Lua, que respondia á praia,
veio a ficar perto do porto em que estava
o Capitão com a gente de cavallo, que o
Capitão não deixou apartar delle, por não
haver alguma desordem; mas todavia fo-
ram os Mogores chegando-se tão perto,
que foi necessário sahir-lhe Fernão de Mi-
randa com alguns companheiros de caval-
lo; e antes de chegar a elles, o chamaram
de lá por Fernão de Miranda, muito cla-
ro, porque era muito conhecido entre el-
les. Este foi Calischani, que queimou Ta-
ra, porque se adiantou dos seus, brandin-
do huma lança. Fernão de Miranda em o
vendo apartar, e que era o que chamava
por elle, adiantou-se tambem dos seus, e
batco as pernas a hum fermoço cavallo
ruço rodado em que hia; e endireitando
com o Mogor, encontrou-se com elle tão
fortemente, que lhe quebrou a lança nas
ar-

armas sem o derribar por vir precintado no cavallo, como todos o fazem, recolhendo-se o Mouro muito mal ferido pera a ponta da Lua, e Fernao de Miranda pera onde o Capitão estava; e porque os nossos se começaram a misturar com os Mogores, e os soldados travavam no meio do campo huina boa escaramuça de espingardas, de que derribaram alguns, acudio o Capitão pera os recolher, por não haver algum desmancho, o que elles fizeram quasi por força, porque estavam desejosos de provarem a mão com os Mogores em batalha aprezada; e certo que pudera elle dia ser hum muito asinalado pera os Portuguezes, se houvera quem naquelle campo che marta por Sant-Iago, porque so isto havia pera os soldados romperem de todo a batalha, sem terem dever com os Capitões; mas parece que Deos não quis que fosse aquelle dia mais, pois tapou a boca a tantos homens, sem haver hum que pellidasse o Bemaventurado Santo, tão acostumada entre nós, que quer pequeno rebate logo o invocamos. Os nossos quasi por força (como já dissemos) se foram recolhendo pera de longo das tranqueiras, ficando os inimigos hum poco parados; mas logo tornaram a voltar por onde vieram, bem fustigados da artilleria

lheria dos baluartes. Em quanto isto se passou da outra banda do rio, esbombardearam a Cidade com algumas peças, que lançavam pelouros deferio coado, que vauam os tectos da casa dos Padres da Companhia, e passavam ao campo largo, e grande, sem fazer dano algum. Recolhidos os Mogores, nunca mais quizeram dar vista, porque parece que lhes foi mal da aquella; e tudo o de Catubidicham parou em escaramuças, e entreteaimentos, pera a não do Caliche poder sahir pera fóra livremente; e por derradeiro não fez viagem, porque os Mercadores não quizeram arriscar suas pessoas, e fazendas; porque ainda que a sahida não tivessem risco, a tornaviam poderia ser que a não fizessem, porque bem se entendia que haviam de achar Arinadas sobre aquella barra.

CAPITULO VIII.

Do que mais aconteceu em Damão : e das grandes diferenças que houve entre o Capitão da Cidade, e dos Aventureiros : e de como os Mogores tratavam de gzes : e de como o Viso-Rey mandou tierre de Monroy a invernar a Dio, e do que lhe sucedeo.

Neste estado estavam as cousas de Dmão ; sem haver mais que andarem os Mogores pelas terras fazendo todo o damno que podiam ; mas como o demônio he pai de zizanias , e discordias , vendo que os Mogores não inquietavam os nossos na Cidade , quiz elle ordenar dentro nella outras guerras , e travallios , que houveram de custar mais ; e assim coineçou a tomar achaques de cousas bem pequenas entre todos os Capitães , pera por elles os ir ascendendo mais em fúria , e tomarem as armas uns contra os outros ; e deixando os bicos pequenos , em que só as desconfianças peccão , trataremos das substâncias. Havia no Rio de Damão huma grande cypia de fustas daquelles Capitães , que ram de soccorro , e cada Capitanía tinha sua bandeira , e seu farol pelas quadras , a fusta de Diogo Lopes Coutinho , Capitão Mór

Mór dos Aventureiros, a de Fernão de Miranda de Azevedo, de D. Francisco de Castro, e a de D. Gilianes Mascarenhas; e como Diogo Lopes Coutinho era Capitão Mór do Norte dos Aventureiros, o Viso-Rey lhe tinha dado largas Provisões, e poderes, pera que todas as Armadas, que por toda aquella Costa se achassem, lhe obedecessem. E como o Capitão Mór do Norte dos Aventureiros por estes poderes que levava houve que era menos cabo seu estarem outras fustas dos outros Capitães com bandeiras, e fames, tirou de as ti-
nham, e ficar só a da sua fusta, como Ca-
pitão Mór que era, sobre que começou a
haver desgostos, porque Fernão de Miran-
da era hum Fidalgo velho, que acabára
de ser Capitão daquella Fortaleza, e que
o Viso-Rey mandara soccorrella com pa-
ras de muita satisfação, porque entendeo
que havia de assistir naquelle cerco, como
Capitão Mór do campo. D. Francisco de
Castro era Capitão de Chaul, e deixára a
sua Fortaleza por vir soccorrer aquella
com huma Armada de vinte navios, e que
ao Viso-Rey podia conhecer obediencia;
e D. Gilianes Mascarenhas era hum Fidal-
go muito honrado, e que viera de Mala-
var por Capitão Mór daquelles navios por
mandado do Viso-Rey, sem quer outra cou-
sa

sa em contrario : estas eram as razões , que cada hum delles tinha , e allegava por si : mas Diogo Lopes Coutinho não se acabava de quietar com haver muitos Capitães filhos , e pessoas graves , e Religiosas , que andavam mettendo a mão neste negocio pera se apaziguar , vindo-se a concluir entre todos que ao Viso-Rey só pertencia arrigar aquillo , que se lhe desse conta de tudo , pera elle ordenar o que fosse serviço de El Rey. Não se contentou o duque com isto , mas ainda passou adianie com sua malicia ; porque poucos dias depois disto sucedeo fazer hum soldado hum crime , e recolheo-se á cidadela de D. Bernardo de Menezes , donde o Capitão da Cidade o mandava prender , e não lho quizeram dar , do que elle tomado , foi levado a pessoa ; mas D. Bernardo , e seus irmãos D. Francisco , e D. Manoel de Menezes com seus soldados lhe defendêram , e acudio tambem Diogo Lopes Coutinho ; e disse a Martim Afonso , que aquelle soldado era de sua Armada , que elle trazia poderes do Viso-Rey pera ninguem entender com elles , nem os castigar : e sobre isto se atearam em razões , a que acudiram todos os Fidalgos , e gente da Armada , e se meteram em meio , e assim se recolheu cada hum pera suas casas. Martim Afonso de-

depois de ser na Fortaleza, vendo que fizera alguma cosa acanhado, e que lhe não entregaram o soldado, tomado conselho sobre este negocio com alguns amigos, aconselháram-lhe que fosse prender Diogo Lopes por rebelde, e desobediente, e assim mandou rebate ás justiças, e a todos os calados, e negoceou-se pera o ir prender. Diogo Lopes teve disso aviso, e recolheu-se em sua casa com cem homens de sua Armada com muitas armas, e panellas de polvora pera se defender. Indo Martim Alfonso pera sua casa, e chegando á rua direita, como a soldadesca toda he amiga de novidades, e bandos, como ouvifain dizer que Martim Alfonso queria prender o Capitão Mór dos Aventureiros, acudiram á rua direita postos em armas, largando as estancias; e deixando-as los, e desertas, acudiram mais de leiscentos homens á parte de Diogo Lopes Coutinho com intento de matarem Martim Alfonso, que também hia com muita gente. Os Fidalgos, e Capitães vellhos, que havia na Cidade, acudiram pera apaziguar o negocio, que estava em estado de se romper a batalha, o que fora total perdição da Fortaleza, porque estava certo morrer a maior parte dellos; e se os Mogores foram avisados daquelle negocio, muito facilmente

puderam entrar na Cidade, por estarem ^{as} eibncias soltas, e sem guardas. A confusão que havia entre os nossos era tal, que non Religiosos com Crucifixos, nem Fidalgos velhos com a sua authoridade puderam apaziguar. A cousa chegou a tanto, que alvantou hum soldado huma espingarda, e ^{miss} encarou no Capitão pera o derribar ; quiz Deos que o vilde D. Martinho da Veira, e remettendo a Martin Afonso, levou nos braços, e deu com elle dentro em huma casa. Ao mesmo tempo estancia de João Rodrigues gritaram ^a Mouros no campo, o que não era ; quiz Deos inspirar nelle, porque logo acudiram todos ás estradas, e ao campo, com o que se apartou aquella contenda. Passado isto, tornaram-se a metter pessoas graves no meio, e apazigaram aquelle Fidalgos, e tornaram a ser amigos.

Nelle mesmo dia chegaram alguns navios, que o Conde Vizo-Rey mandou dinheiro, e provimentos pera aquella Fortaleza, e nelles enviou huma Provisão a Fernão de Miranda, em que lhe mandava ficasse invernando naquella Cidade por pitão de toda a soldadesca ; mas debaixo da jurisdicção do Capitão da Cidade. ^{Cr.} ^{Di.} ^{todos} ^{Da Gi.} ^{Il-} vulgado isto, tomados os Capitães daquella mudança, principalmente

liones Mascarenhas, logo no mesmo dia, sem dar conta a pessoa viva, se embarcou no mesmo seu navio, e se foi pera Goa agravado do Conde, e dahi a dous, ou tres dias fez o mesmo Diogo Lopes Coutinho, e D. Fernando de Castro com todos os seus navios. Poucos dias depois disto chegou a Damão Zingirichain, gente do Coge Cosar, de quem na nossa quinta Decada Cap. XI. Liv. I. muitas vezes fallamos, que como era grande amigo dos Portuguezes, sabendo do cerco, partio pela posta de Cambaya, onde estava, pera metter mão naquelle negocio, e ser terceiro entre Cutubichão, e os Portuguezes; e chegando ao exercito com licença de Martim Affonso, se foi ver com elle, que o recebco bem, e o agazalhou na Casa de S. Domingos, e ali tratou sobre pazes, que por derradeiro se não effeiuáram, por lhe pedir o Capitão satisfação de todas as perdas, e danños que os Mogores fizeram pelas terras; porém falaram com elle de mandar recendo ao Viso-Rey, e do que elle mandasse o avisamento, e com isto se recolheu outra vez pera Cambaya, muito satisfeito das honras que recebeo dos Portuguezes, e o negocio de guerra ficou no estado em que estava, sem haver mais vistos, nem assaltos, antes foram muitos de parecer que fossem dar nos

nos inimigos huma madrugada com ~~duas~~
 mil homens que havia na Fortaleza, com
 que muito facilmente os poderiam desbarca-
 tar de todo, dando para isto muitas
 zões; mas Martim Alfonso não quiz arris-
 car o poder, e deixar a Cidade só, o que
 foi mão de soffrer aos soldados, porque
 publicamente pragucjavam do Capitão com
 a soltura com que o costumam a fazer na
 India; e como o Inverno se lia chegando,
 houveram os Mogores por seu partido
 colherem-se para Baroche, o que afirmam
 por mui certo que estranhou o Chebar ^{ao}
 Caliche mandar fazer aquella guerra sem
 sua licença, e ao recolher deixaram gua-
 nição de gente na pragana Bonticeer, que
 era na jurisdicção de Dainão, que até agiu
 com os Mogores por culpa dos Capí-
 tães, que foram dissimulando, de que mais
 lhe relevava aos Capitães, que estavam de
 socorro naquella Cidade. Depois de terem
 recado de serem os Mogores acolhidos, se
 recolheram para suas casas, ficando Fernão
 de Miranda por Capitão de toda a solda-
 desca que alli ficou, que foi da Armada
 dos Aventureiros, e a de D. Gilianes. Diogo
 Lopes Coutinho em chegando a ^{Gos o}
 mandou prender o Viso-Rey por culpa
 nas causas da guerra, de que depois se li-
 trou. Neste mesmo tempo foram ás terras ^{de}

de Dio tres, cu quattro mil Mogores a cavallo, que vieram da Costa de Por, e Manganor de fazer guerra ao Rey de Sabon, e deixaram-se andar da outra banda de Gonçala alguns dias; e receando D. Pedro de Menezes, Capitão daquella Fortaleza, que quizessem invernar per alli, e que intentassem saquear a Cidade, que era grande, e rica, proveo os passos do mar, e da terra de guarda, e despedio recado ao Vise-Rey do que passava, que tanto que lhe foi dado, despedio Guterre de Monroy com cem homens em huma Galé pera ir invernar em aquella Fortaleza; e chegando neste tempo a Chaul, não quiz arravessar o golfo em Galé, e freitou douz navios, em que se mudou. Indo tomar Baçaim, echou carta de D. Pedro de Menezes em mão do Vedor da Fazenda Francisco de Frias, em que lhe dizia que os Mogores eram recolhidos a Cambaya, e que assim o escrevesse ao Vise-Rey, pera que não metesse cabedal naquelle negocio, pelo que se houve ser escutado sua ida: e disto tirou Certidões, e papeis, e voltou pera Gca, deixando os soldados que liam pagos, que o Vedor da Fazenda entregou a Simão de Brito pera irem invernar com elle a Dio, que por achar o golfo mui rijo, tornou a voltar pera Baçaim.

Poucos dias depois disto , que foi na
entrada de Maio , faleceo-lhe D. Pedro de
Menezes , e succedeo-lhe o Alcaide ^{Mor} Simão de Abreu. E certo que foi grande
perda a deste Fidalgo por as partes , e qua-
lidades de sua pessoa , por ser Capitão ve-
lho na India de muita experiençā , e gran-
de conselho , de quem ElRey tinha muito
grande satisfaçāo , e estava certo ser a pri-
meira sucessāo da governança da India ,
Fidalgo bom Chrikāo , e de muita verdade ,
e muito zeloso do serviço de ElRey , com
todas as mais partes conforme ao sangue
de que procedia , porque era neto do Con-
de de Cantanhede , filho de D. Manuel de
Menezes , e de Dona Brites de Vilhena ;
foi enterrado na Misericordia daquella For-
taleza , e seus ossos foram trasladados a
Goa pera huma Capella , que tem no Cap-
itulo de S. Francisco : foi casado duas vez-
es na India , a primeira com Dona Bernarda ,
filha de D. Jorge de Sá , e a outra com
Dona Luiza Coutinha , filha de ^{Manuel} Coutinho , viuva de Luiz Freire de Andrade ,
de quem tinha huma filha chamada
Dona Ignaz Freire , que hoje he casada com
D. Diogo Coutinho , filho de D. Francisco
Coutinho o Marialva.

C A P I T U L O IX.

Das cousas que o Viso-Rey proveo : e dos Capitães que despachou pera fóra : e do que aconteceo o resto do verão a Mathias de Albuquerque até se recolher.

DEsapressado o Viso-Rey das cousas de Damão, por cujo respeito paravam todas as mais, logo tratou de despachar as que haviam de ir pera fóra, e socorrer Ceilão, por lhe terem chegado novas de fresco que o Rajú fazia mudança de si, e havia suspeita que queria tornar a provar a mão com a Fortaleza de Columbo; e porque Antonio de Sousa Godinho estava preso para ir a Pegú ás cousas que importavam, o despedio logo com regimento, que ~~passasse~~ a Mathias de Albuquerque, Capitão Mór do Malavar, mais dous Capitães, D. Jeronymo de Azevedo, e Affonso Ferreira da Silva pera irem com elle áquella necessidade; e que chegando a Columbo, ~~se~~ sendo necessário deixar-se ficar, o fizesse; e que estando as cousas quietas, passasse a Pegú a fazer seu negocio.

Partido Antonio de Sousa de Goa com vzes navios, de que, a fóra elle, eram Capitães Antonio de Faria, e João de Faria, *Conto. Tom. VI. P. I.* O che-

chegando ao Malavar, deo cartas, que levava a Mathias de Albuquerque, que lhe deo os dous Capitães que lhe pedia, e foi seguindo sua dersota; e antes de chegar a Cochim, encontráram hum Parão de Malavares, que levava hum Pangale de Christao tornado, a que foram dando caça já de noite; e apertáram tanto, que lhes foi necessário largar o Pangale para poder escapar, a quem chegou Antonio da Costa, e lhe deo toa, e recolhco-se para Cochim. Os navios da sua companhia, que o não viram voltar, foram seguindo o farol toda a noite ate pela manhã se haverem vista delle, pelo que voltaram para Cochim, acendendo acharam Antonio de Soufa; e depois de se proverem de agua, e de outras coisas, tornaram a sua viagem; e passando o Cato de Comorim, acharam já ameaços de inverno, e houve alguns pareceres de Piloto que era já tarde para se cominciar aquelle golfão; mas Affonso Ferreira da Silva, como pratico naquellas partes, e soldado lho, disse, que ainda poderiam atravessar a Ceilão, e que se fosse a soccorrer a Fortaleza de ElKey, ainda que fosse com trabalho, e com esta determinação se fizeram todos á vela contra os pareceres dos Piletos, e assim foram atravessando com muitos grossos, e no mesmo dia quebrou o mast

mastro ao navio de Joao de Faria, a quem Antonio de Sousa mandou que se fosse ao longo da Costa até á Fortaleza de Manar, e alli se provesse de outro mastro, e o fosse esperar a S. Thomé, como fez: os mais navios foram atravessando com tempo bem rijo, e chegaram a Columbo, onde foram muito festejados; e o Rajú tanto que teve novas desse socorro, não bolio comigo, e despedio a gente que tinha junta, de que logo foi avisado Joao Correa de Brito, e houve Antonio de Sousa por escusado; e deixando alli os navios de D. Jeronymo de Azevedo, e de Antonio de Faria, partio-se do longo da Costa ate Manar, e dahi passou os baixos, e foi fazer sua viagen.

Mathias de Albuquerque, Capitão Mór do Malavar, que todo este verão tinha feito huma cruel guerra aos Mouros de toda aquella Costa, vendo que se acabava o verão, mandou recolher as náos de Malaca, China, Maluco, Bengala, e mais partes com huma grande caifa, e com tudo isto se foi recolhendo pera Goa, e de caminho visitou, e proveo as Fortalezas de Canará de tudo o necessario, e dahi passou a Goa. Nesta não mandaram de Malaca huma de-
vassa, que se lá tirou contra D. Joao da Gama, Capitão daquella Fortaleza, pelas culpas que tinha na Provisão do Licencia-

do Cosme de Ruam, que lá foi por Outor dor Geral, como na nona Dccada melhor se verá, e por outras cousas, que lhe puseram, que foi pesta na Relação de Goa, ~~o~~ de foi sentenceado que fosse despejado da Fortaleza, e se viesse livrar a Goa; e com isto despachou o Viso-Rey a Roque de Mello, que viera com elle despachado com aquella Fortaleza pera ir entrar nella. ~~com~~ Di- vulgado isto por Goa, acudiu D. Miguel da Gama a ver se podia atalhar que seu irmão não fosse despejado, porque havia de ter gente sua espalhada, e receberia grande perda senão a recolhesse, sendo Capitão: mas não pode acabar com o Vi- so-Rey, mais que conceder-lhe que Roque de Mello, chegando aquella Fortaleza, tomasse posse da fazenda de EIREY: ~~de~~ mandasle como Veador da fazenda ~~de~~ em tudo, e que D. João da Gama fiscalisse sendo Capitão da Fortaleza até Agosto se- guinte, havendo elle de acabar seu tempo por fim de Outubro. Despachadas ~~ellas~~ cousas, e outros Capitães, que haviam de ir para fora, deram todos a vela a vinte de Abril por diante, Roque de Mello em huma não sua, Ayres Gonsalves de Mira- da em outra, em que hia fazer huma vi- gem da China para Japão, que tinha com- prado aos Procuradores de D. Pedro Ma- noel,

noel , irmão de D. Antonio de Vilhena , que se perdeo , fazendo esta mesma viagem , que El Rey concedeo a seu irmão no mesmo tempo que lhe a elle cabia , com condiçao que pagaria as dívidas de D. Antonio. Foi tambem em outro Galeão João Alvares Pereira pera Maluco , por ser provido daquellas viagens , com quem hia embarcado D. Alvaro de Castro , que era provido da Capitanía da Fortaleza de Tidore , e escreveo a Diogo d' Azambuja , que nella estava , huma carta mui honrada , em que lhe dizia que El Rey D. Philippe lhe fazia mercê , em huma lista que trazia de tres annos , daquelle Capitanía , na vagante dos provídos , e lhe mandou huma carta de El Rey pera elle , em que mostrava ter satisfaçao dos seus serviços , porque lhe fazia a mercê que o Conde lhe dera. Despedidos estes Capitães pera fóra , e providas as cousas de Damão , como adiante diremos , cerrou-se o inverno de Goa , em que não ha mais que vigiar as ribeiras , e visitar as Armadas , e reformallas.

C A P I T U L O X.

Do que acontecco a Fernão Boto Machado na viagem até Moçambique, e a D. Jerónimo Mascarenhas no Estreito de Bidasca até chegar a Ormuz: e de como foi contra os Nequilins, e do que com elles acontecco.

Partido Fernão Boto Machado de Goa, como atras dissemos no Cap. V. do II. Livro, foi arravessando aquelle grande golfão até haver vista da outra Costa no Cabo que chamao dos Baxás, onde toniou lingua da terra, e soube não serem passadas as Galés pera baixo, pelo que foi correndo a Costa de longo, e fazendo por ella algumas cousas que levava por regimento; e não havendo alli que fazer mais, passou a Moçambique, e deo as certas do Vizo-Rey a D. Pedro de Castro; e por não haver novas de Galés, nem ser necessario invernar naquelle Fortaleza, deo a vela pera Goa na entrada de Abril, e no caminho na altura da Cacatorá acharam tantas calmarias, que o detiveram tantos dias, que estiveram a risco de se perderem por falta de agua; e acudindo-lhes Deos nesse Senhor com vento, os tirou do perigo, e foram buscar a Costa da India já de vinte de

de Maio per diante , e neste caminho se partáram os navios. Cosme Faya foi tomar a barra de Goa , e deu novas ao Viso-Rey da sua jornada , que elle estimou ; e porque estava receoso de haver Gales pelo trabalho que poderiam dar aquella costa ; e Fernão Boto não ousando ir comitter a barra de Goa , foi buscar a de Chaul , onde entrou , e varou o navio , e escreveo ao Viso-Rey o que lhe aconteceu na jornada.

Agora continuaremos com D. Jeronymo Mascarenhas , que deixamos partido de Goa a quatorze de Janeiro passado. Esta Armada toda junta foi haver vista da costa da Arabia , e a Monte de Felix se deixou andar até á entrada de Abril , esperando pelas nřas , mandando todos os dias descobrir o mar pelos navios de reino ; e hum dia amanheceo hum delles ao mar apartado dos outros , e houve vista de huma ferrovia não , que vinha com todas as v elas ensuadas demandar aquella paragem , que tanto que houve vista da fusta logo a conhecido , e entendeo que havia por alli Armada de Portuguezes ; e virando em outra volta , deixou-se ir seu caminho : os da fusta foram seguindo ; e como era ligeira , chegou a tiro de falcão della , e lhe fez final a mainar , do que ella não fez caso ,

pe-

pelo que se puzeram por poppa , e todo aquelle dia até anoitecer a foram varcejando ás falcoadas , sem ella dar nada por isso , nem a Armada saber o que passava : e tanto que anoiteceeo , foi-se na volta da Armada , e deo conta ao Capitão Mór do que lhe acontecera. D. Jeronymo Malcarenhas sentio muito perder aquella néo , porque forçado lhe houvera de ficar nas moas , senão fora a fusta que a avisou ; e dando á vela pelo rumo que a não levava , foi correndo todo aquelle dia pera ver se a podia alcançar de vista , o que não fez , porque se tornou pera a mesma paragem , havendo que assim como aquella não viera alli demandar , o poderiam fazer outras , e assim se deixou estar com mais vigia de que antes ; e aconteceeo huma noite muito clara , e serena no quarto da madorra verem hum final no Ceo bem grande , que foi abrir-se todo o ar com tanta claridade , e resplendor que parecia de dia , e apôs isso começaram a chover labaredas de fogo tão fapanhosas , como se no ar se quebrassem fanellas de polvora , cousa que meteu grande medo em todos ; mas durou pouco e tornou o tempo a ficar como de antes. D. Jeronymo deixou-se estar alli até a mançâo de sahir pera Ormuz , como levava por gimento ; e dando á vela com toda a Ar-
mar

mada, chegou áquella Fortaleza, onde foi bem recebido; e depois de descansar, lhe deu D. Gonsalo de Menezes conta de como El Rey de Lara tinha entrado pelas terras do Magostão, e tomadas algumas Fortalezas de El Rey de Ormuz, ao que era necessário acudir, assim por aquelle Rey ter vassallo de El Rey de Portugal, como porque com aquellas guerras estavam os caminhos impedidos para as cafilas, que deixaram de vir a Ormuz, e do que aquella Alfandega recebia notável perda. Estas cousas se puseram em parecer dos Capitães, Fidalgos, e Cavalleiros velhos, e honrados, e assentaram que era necessário atalhar-se aquillo, e deitar os inimigos fóra do Magostão, e que para isto se mettesse todo o cabedal que havia naquella Fortaleza. El Rey de Ormuz com o Goazil se oferecerão a acompanhar os Capitães naquella jornada com quatro, ou cinco mil homens.

Assentado isto, começou D. Gonsalo a fazer os preparamentos necessários para aquella jornada; e porque haviam de tardar alguns dias, pediu a D. Jeronymo que fosse com sua Armada dar vista ao estreito de Baçorá, que tribalhasse por deitar os Neguins fóra daquella paragem em que estavam, e obrigarlos a irem viver á Ilha de La-

Lareca , como tinha assentado com Ruy Gonsalves da Camara , sendo Capitão da quella Fortaleza , como na nona ^{Decada} se pôde ver , os quaes Nequilins , por go-
tarem das prezas que faziam nas Terradas que vinham de Baçorá , e que elles ^{faziam} vam com seus navios , não podia havellos obrigar a nada , pelo que entenderam que era neccesario tirallos dalli , porque ^{hiam} engrossando com as prezas , e já as ter-
das deixavam de vir a Orinuz , com o que se podia dizer que aquella Fortaleza ^{estava} de cerco por mar , e por terra , porque ella de si não tinha couisa alguma por tudo lhe vir de fóra. Assentado isto , ^{negocia-}
ram-se doze Galeotas , e em huma Gale-
embarcou-se D. Jeronymo com toda a ^{gan-}
te de sua Arinada , e foi entrando pera
dentro do estreito ; e antes de chegar a
Nequili , despedio o Capitão Môr ^{hum}
Arabe em huma embarcação pequena , por
quem mandou pedir ao Xeque que quizesse
fazer razão de si , e cumprir o que estava
assentado com o Capitão passado , e que fal-
gasse antes de ser vassallo de El Rey ^{de Or-}
inuz , e amigo dos Portuguezes , que não ^{de}
El Rey de Lara : este Mouro fallou com o
Xeque dos Nequilins , que se chamava Moç ,
e tratou com elle as couisas a que hia , e lho
tornou a despedir com a resposta , ^{mandan-}
do

do pedir ao Capitão Mór seguro pera se ir ver com elle á sua Galé , que lhe elle mandou , estando já surto de seu porto : e logo veio o Xeque com alguns cabeças principaes , que D. Jeronymo recebeuo bem ; e praticado este negocio , assim os persuadio , que ficáram com elle de se passarem todos pera a Ilha de Lareca , onde vivcrani como vassallos de El Rey de Ormuz , e que não trariam mais pelo mar terradas , nem outras embarcações ligeiras , com que consumavam a roubat. Assentado isto , fizeram seus papeis , em que lhe D. Jeronymo limitou certo tempo pera se passarem a Lareca , e lhe passou carta de vassallagem , e seguros Reaes ; e feito , isto , tornou-se pera Ormuz.

C A P I T U L O XI.

De como os Capitães de El Rey de Lara tomáram a Fortaleza de Xamel , e outras que o Rey de Ormuz tinha no Magostão.

Porque nos parecco melhor deixar estas guerras que El Rey de Lara teve com o de Ormuz pera este lugar , o fizemos de industria , por contarmos todas as cousas juntas. Estes dous Reys vizinhos he coula mui

mui sabida que o de Ormuz foi sempre mui poderoso, mais que o de Lara, sendo antigamente o de Lara maior senhor que todos os que havia por aquellas partes, em quem o tempo veio a fazer o que costuma em todos os Estados, que he abater huns, e alevarntar outros. E depois que o Rey de Ormuz veio a empobrecer, trataram os de Lara de se fazerem senhores do Magostão, e de estenderem os limites de seu Reyno, mandando pera isso algumas vezes exercitos, que fizeram bem de danno; e como este desejo se herdava com aquelle Reyno, este que agora era Rey de Lara, lançando mão de algumas occasões que se ofereceram, determinou conquistar todo o Magostão, pera o que formou este veião hum arrazoado exercito, de que fez Capitão Mula Albereza, que foi entrando pelo Magostão, e tomou logo a Fortaleza de Tezer, em que estava por Capitão Mór Mahamede Casta Madis; e deixando nella guarnição, passou a Xancl, aonde estava por Capitão Coze Zanede, cabeça de todos os Amadizes, que lhe humia Cabilda que vive no Magostão, homens valentes, e determinados, que lhe entregou aquella Fortaleza sobre partidos, e fez que lhe saharia della com todos os Amadizes, mulheres, filhos, e fazendas, que lhe o Mula Al-

Albereza guardou tão mal, que em tomar-
 do posse da Fortaleza, mettêram todos os
 Amadizes a faco, e lhe tomaram suas mu-
 lheres, e filhas, e lhas deshonraram, fa-
 zendo-lhes todas as mais averações que pu-
 deram, de que os Amadizes ficaram mui-
 deshonrados, e affrontados; e em quanto
 durou o cerco, que Mula Albereza pôz
 sobre Xamel, que foram alguns dias Mir
 Mahamede Amadiz, a quem os Laris to-
 maram Tezer, havendo-se por abatido de
 lhe tomarem a Fortaleza, em que estava,
 juntando os Amadizes que pode, deo hu-
 ma noite escura sobre a mesma Fortaleza;
 e tomando os Laris desenvidados, entrou
 dentro por escadas, e metteo todos á es-
 pada, ficando outra vez de posse da Forta-
 leza, tomando a de Xamel, e ficou nella
 por Capitão Reucambar, e com elle Mir
 Liscar com seiscentos homens, muita arti-
 lleria, mantimentos, e munições; e do
 que o Magostão se despovoou todo, e as
 Caifas que costumavam a vir daquellas par-
 tes da Persia pera Ormuz, foram algumas
 roubadas dos Laris, e outras deixaram de
 vir, com o que ficou todo o Magostão tão
 destruido, saqueado, e roubado, que quasi
 ficava a Ilha de Ormuz de cerco, porque
 de lá lhe vem tudo, agua, lenha, palha
 para os cavallos, gallinhas, frangos, va-
 cas,

cas, carneiros; em fini todas as mais cou-
sas necessarias á vida humana, porque Or-
muz não tem mais de seu que terras de
Sal, e com isto a perda que começava a
sentir a Alfandega pela falta das canhas de
todas esas coulas. Tinha D. Gonsalo de
Menezes avisado ao Viso-Rey, pedindo
ajuda, e licença pera castigar El Rey de
Lara, e restituir ao de Ormuz as Fortale-
zas, e terras que lhe elle tinha tomadas,
pera que não viesssem as couzas mais em
danno daquella Fortaleza. Esta foi a rea-
ção, por que o Viso-Rey deo por regis-
tamento a D. Jeronymo, tanto que acabaisse
a monção do estreito do mar roxo, donde
o mandara, se fosse a Ormuz, e que com
D. Gonsalo Capitão daquella Fortaleza fos-
se lançar o inimigo fóra das terras do Ma-
gostão, que, como já dissemos, assentou
com elle irem ambos áquelle negocio; Pe-
lo que em quanto D. Jeronymo foi aos Ni-
quilins, fez D. Gonsalo as preparações ne-
cessarias pera a jornada, que havia de ser
no mez de Agosto; e como nella se havia
de achar El Rey, e o Geazil, era necessa-
rio muita fabrica de servidores, cavallios,
e camellos, que El Rey mandou fazer pelas
aldeas do Magostão. E em quanto aos Ca-
pitães, despedio El Rey a Rax Lardadi, e
a Mirorenha com dous mil homens, pera

que fossem diante, e recolhessem a si todos os Amadizes, que andavam espalhados, o que elles fizeram; e depois de todos juntos, forão demandar hum Castelete chamado Maurique, que se fez pera recolhimento das casilas, e pera os Mercadores deixarem alli seguros seus camellos por causa do pasto que em Orinuz não tinham, em que elava alguma gente de El Rey de Lara, e commettendo elles o Castelete, foi logo entrado, e mortos a mór parte dos inimigos. Os nossos Capitães D. Gonsalo, e D. Jeronymo, tendo prestes todas as couças necessarias, na entrada do mez de Agosto mandaram passar tudo da outra banda, ficando só a gente que haviam de levar, de que fizeram alardo, e acháram oito-centos Portuguezes, gente muito limpia, e bem armada; e entregando D. Gonsalo a Fortaleza a João Correa de Brito com duzentos homens pera sua guarda, com isto se passaram da outra banda com toda a fabrica, que era muito grande: alli ordenaram de toda a gente de pé tres bandeiras: da primeira era Capitão Ruy Dias de Souza, filho de Christovão de Souza de Santarem, que era casado naquella Fortaleza: da segunda Simão da Costa, que neita jordinha foi com tamanha fabrica de tendas, cavallos, camellos, e servidores, e Fidalgos

gos casados, que só D. Gonçalo levava maior: da outra bandeira era Capitão D. Jeronymo Mascarenhas, que hia na fanteira com a mór parte da gente de sua Armada. No meio destas bandeiras se ordenou que fosse João Furtado de Mendonça com toda a artilharia, e munições, e toda a mais bagagem, como Mestre do campo, e D. Gonçalo ficava na retaguarda com toda a gente de cavallo, que seria perro de cento. El Rey com o Goazil havia de ir pelas ilhargas do exercito com toda a gente ordinaria de suas casas, que seriam cento e vinte de cavallo, e quinhentos de pé. Nesta ordem quizeram começar a marchar, mas como he muito ordinario entre muitos Capitães haver diferença sobre jurisdição, começou D. Jeronymo a mover alteração, dizendo que a elle lhe convinha levar a Bandeira de Christo, como Capitão Mór daquellos estreitos, e pelos poderes que levava do Viso-Rey, pelo que se devem os Viso-Reys de regular nestes poderes dos parentes, porque pelos honrarem quasi sempre affrontão, e enxovalhão hum Capitão de huma Fortaleza, que pela ventura tem mais idade, serviços, e mercimentos que outro que á força de poderes, e provisões lhe quer preceder: o que vem a resultar em desfregio de El Rey, e odios entre Fidal-

dalgos, que por pequenos pontos de honra deixam perder grandes occasões: em fim a estas diferenças acudiram Religiosos, Fidalgos, Veador da Fazenda, e entre todos se veio a determinar, que ao Capitão da Fortaleza convinha levar a Bandeira de Christo, como já esta sentenceado pelo Viso-Rey D. Luiz de Ataíde nas diferenças que o mesmo Conde D. Francisco Măsarenhes, estando por Capitão Mór no cerco de Chaul, teve com Luiz Freire de Andrade, Capitão daquella Fortaleza, como na oitava Decada está dito.

C A P I T U L O XII.

De como os nossos foram caminhando para Xamel: e do que lhes aconteceu até chegarem lá: e do sitio daquella terra, e Fortaleza.

A Paziguadas as cousas entre os Capitanes, puseram-se em ordem de caminhar, e porque D. Gonsalo levava o mór apparato, e fabrica que ninguem podia levar, ainda que fosse o Viso-Rey, não se acharam servidores para todos, porque levava muita, e rica prata de serviço, huma muito grande, e bem provida dispensa de todas as cousas, como aquelle que todos

os dias dava prato da sua meza a ^{El Rey} de Ormuz , e Goazil , e muitos Fidalgos , em muita abastança , levava muitos , e fer-
mosos cavalles ajacezados de ouro , e prata pera sua pessoa , e a sua guarda , que era de homens Portuguezes de librea de muitas cores , e muitas charamelas , e trombetas , atabales , e outros instrumentos militares ; em fim tudo o mais que se podia levar , como Capitao , que sabia representar aquelle lugar no meio de tanto vizinho , Persas , Arabes , Turcos , e outros Estrangeiros , que andavam na Ilha de Ormuz , e a todo lancavam o olho ; por que como as novas sempre crescentes ^{não} bocas , era muito necessario que fosse assim , pera que vissem os vizinhos , que se hum Capitão de Ormuz se abalava com aquelle poder , e pompa , que faria hum Viso-Rey da India , que nas orelhas de todos os estranhos he hum terror ; porque como na India se não vive , senão de opinião , he necessario que os Viso-Reys , Capitães a sustentem por não vir a inellos credito . E tornando á nossa ordem ,

Vendo D. Gonsalo que faltavam servidores pera toda aquella fabrica , ^{assentos} com D. Jeronymo , que caminhava diante com todas as bandeiras , artilheria , e bagagem , porque havia de marchar de ^{ca-}gar ,

gar, e que antes de anoitecer assentasse seu campo, e tornasse a mandar os servidores, e camellos pera elle caminhar de noite, o que elle fez, e D. Gonsalo se poz logo a caminho; e como não levava artilleria, nem bagagem, andou em seis horas o caminho que D. Jeronymo tinha andado todo aquelle dia, e assentou suas tendas hum pouco affastado. Ao outro dia muito cedo tornou D. Jeronymo a caminhar, ficando alli D. Gonsalo, e sobre a tarde lhe deram huma carta do Vedor da Fazenda, em que lhe dizia, que fora avisado que a mulher de El Rey de Ormuz fazia de si mudança com toda a sua familia, e que tinha terradas prestes pera de noite se acolher: e que affirmavam alguns que o Rey de Ormuz, e o de Lara estavam concertados entre si pera matarem todos os Portuguezes, e depois apoderarem-se da Ilha, e Fortaleza de Ormuz, por isso que viu como hia, porque tudo se podia suspeitar de Mouros. D. Gonsalo com a carta ficou hum pouco sobresaltado; mas todavia pareceo-lhe que poderia aquillo ser outra cousa, porque o odio daquelles dous Reys era muito grande, e antigo, e cobrado por d-mnos muito grandes, pelo que não parecia possivel terem taes tratos; mas lembrou-lhe que todavia eram Mouros, e que se

nao podia fazer tal, e passar assim por ~~couſa~~
que tanto importava, occorreu-lhe huma
mui apressada determinaçao, que fui que-
rer-se ir ver com El Rey de Orinuz, que
tinha suas tendas hum pouco afastadas,
e mostrar-lhe a carta, e se se embaraçasse,
matallo logo. Assim com muita preſta man-
dou pôr todos em armas, sem lhe dar con-
ta do que passava; e entrando na renda
de El Rey, a mandou despejar; e ficando
sós, lhe leo a carta com os olhos nello pe-
ra ver a mudança que fazia. El Rey a ou-
vio toda com muita segurança; e depois
lhe disse, que quanto á mudança ~~da Raí~~
nha, podia ser verdade, por quanto ella
sicava desgostosa de a elle não levar ~~na~~
quella jornada, que devia de se querer vir
para elle, e que não suspeitasse outra cou-
ſa; e que se de sua lealdade concebera al-
guna suspeita, que alli o tinha, que o le-
vasse sempre comigo na sua renda; e que
a todo o tempo que fentisse alguma altera-
çao, o matasse, pondo-lhe diante o coro
os Portuguesez o fizeram Rey, e a cbri-
gaçao, que por isso, e por outras couſas
lhe tinha, e com o que D. Gonſalo se
quietou, e allegrou em sua lealdade; e
deixando-o em sua tenda, se recolheu ~~pe~~
ra seu porto.

D. Jeronymo tanto que naquelle dia

assentou seu campo, tornou a mandar os servidores, e cainellos, que tomavam repouso até á meia noite, em que D. Gonsalo começava a marchar; mas elle tanto que anoiteceu, tomou comigo vinte e cinco cavallos, e sem dar conta do que passava, deixou suas vigias ordinarias, e foi caminhando apressadamente pera onde D. Jeronymo estava, que era em Doçar duas leguas dali; e entrando na sua tenda, lhe deu conta do negocio, pedindo-lhe que sem embargo de se não recear de nada, fizesse muito sobre aviso. E depois de praticarem em outras cousas, que importavam, tornou D. Gonsalo a voltar pera o seu arraial, e chegou á meia noite; e depois de repousar huiu pouco, tornou a caminhar, e foi andando até chegar D. Jeronymo. Aquelle mesmo dia veio a Rainha ter ao exercito, e D. Gonsalo lhe fez muito grande recebimento, e assim ficou fóra de toda a suspeita, e ella foi com El Rey toda a jornada. Desta maneira foram caminhando até Xamel, levando já consigo os Capitães, que El Rey de Ormuz tinha mandado diante, com o que o exercito ficava muito poderoso: neste caminho se gastaram quatro dias, não sendo mais de oito leguas; mas deo-lhe trabalho por ser em Agosto, em que as calmas daquellas partes são cruéis.

lissimas, e haver grande falta de agua, porque fica aquella parte quasi debaixo ^{do} Tropico de Cancer, e o Sol naquelle tempo andar por derredor delle, como que aquellas arcas, e serras de sal ardem ^{em} fogo, e em labaredas.

Tanto que os nossos chegaram á vista da serra de Xamel, assentaram o arraial de longo de huina pequena ribeira, que corria pelo pé della, de huma parte todos os nossos, e da outra El Rey, Goazil, e toda a sua gente; e depois do campo assentado, fomos os Capitães com o Rey, e Goazil reconhecer o sitio da Fortaleza para verem por onde se podia commetter, e tiveram notando tudo muito de vagar, que acharam dificuldades muito grandes por causa de sua fortaleza, e sitio, que he por esta maneira.

Esta serra de Xamel he feita a feição da copa de huin chapeo cuscuzeiro, muito alta, ingreme, e medonha: pera a banda de Levante faz huma quebrada, como se se dera huma pedrada nessa copa de chapeo, que a metteo hum pouco pera dentro, o que parecia feito da contumacia das aguas das invernadas, a que tambem a industria, e arte dos homens havia de ajudar: esta quebrada vinha a responder ao pé da serra quasi da largura de ^{um} polco ^{muito}

mais de duas braças craveiras , onde pera
maior Fortaleza sua , porque não havia ou-
tra entrada , fizeram hum mui grosso muro
com huma porta pera serventia com huma
Baluarte a cada canto , que ficava sobre
ella ; e pera defensão desta porta corrêram
com hum muito forte Xarabando , que he
o que nós chamamos barbacá , afastada
hum pouco da porta de feição , que entre
hum , e outro ficava hum mui fermoso ta-
bocero , em que se agazalhavam duzentos
homens , que alli tinham de guarnição. Es-
ta barbacá tornava a fechar de ambas as
partes na rócha , e em cada remate hum
forte baluarte , e no meio outro , que ca-
bia sobre outra porta , que também tinha
pera serviço : ao redor desta quebrada da
banda de dentro corria huma baranda , em
que agazalhava a gente da Fortaleza , que
estava ordenada pera defensão daquella su-
bidão , se se entrassem ambas estas partes : e
nas barandas ficavam perpendiculares so-
bre aquelle vâo , que fazia da porta do
muro pera dentro : e estes não tinham ne-
cessidade de outras armas , que de galgas
de pedras grandes , que deitadas por alli
abaixo , faziam tamanho terremoto que
mettiam medo : a Fortaleza está posta no
cume da serra , e pera subirem a ella , ha-
via de ser por ruas subterrâncias , que pera

isso tinham feitas á mão, por onde os que ficavam de sima só ás pedradas podiam desbaratar o mundo todo, e em sima tinha sua cisterna, e armazens, e debaixo seus poços de agua mui boa. Os Larins estavam dentro mui bem providos, e fortificados, porque tanto que tiveram aviso da vinda dos Capitães, logo lançaram a gente inutil fóra, e recolheram dentro os quinhentos homens escolhidos, com que determinavam de se defender.

Os nossos Capitães assentaram que se não podia cometer a guerra senão pela parte da porta que se podia bater, e que pera passarem a artilharia havia de ser por hui caminho muito estreito, que ficava por baixo do Xarabando, que não podia ser sem risco, porque da outra banda tambem se fazia outra serra muito alta, e grossa, e por entre ambas ficava aquella passagem, que poderia ser doze até quinze passos. Visto, e notado tudo, que a serra era muito mais forte, do que lha tinham pintado, e houveram-se por enganados, ficando com bem de desconfianças daquelle negocio; mas como ao peito Portuguez não ha cousa que o acarne, determinaram de provar sua ventura, porque se desistissem daquelle jornada, cresceria aos inimigos animo pera lhe irem das vif-

villa até Orinuz; e pera se fazerem senhores de todo o Magostão, sem lho poderem impedir, com que a nostra Fortaleza padeceria trabalhos, e affrontas. Em fin, determináram de ir com o negocio por diante, e de passarem a artilharia por aquelle estreito, e baterem a barbacã, que por aquella parte ficava descuberta ao campo.

CAPITULO XIII.

De como se passou a artilharia à outra banda com muito risco: e de como começaram a bater o Xarabando: e de como o ganharam por assalto.

Asentado entre os Capitães de passarem a artilharia pelo pé da serra, ficaram prestes hum camello, huma espada, e alguns falcões, e a gente necessaria pera encar isto, e tudo entregaram a hum soldado chamado Manoel de Moraes com vinte companheiros pera guarda da artilharia, e pera favorecerem os trabalhadores; e sendo sobre a tarde, começaram a passar o camello. Indo já ao longo da barbacã, como os de sima estavam precatados, e prestes, deitaram sobre os que liam trabalhando tantos tiros de arremêço, e tantos fo-

fogos, que era cousa medonha; e como aquelle lugar era muito estreito, tudo caiu sobre elles; e tão apertados se víram todos, que queimados, e abrazados fôr-lhes forçado recolherem-se, ficando-lhes lá o camello, e hum dos companheiros morto. Vendo os Mouros desamparada peça de artilharia, e como os nossos se recolhiam tão escaldados, em anoitecendo, lançaram-se alguns por cordas abaixo, puzeram tantos materiaes de fogo sobre o camello, que lhe queimaram todo o repairo, e lhe ficou todo escondido nas cinzas. Os nossos Capitães vendo aquelle principio, e a retirada dos nossos, sentaram-no em extremo; e por ser já noite, mandaram ter grande vigia no camello, porque os inimigos o não recolhessem, despedio logo D. Gonçalo pela porta huma carta ao Veador da Fazenda, em que lhe mandava pedir hum repairo com a brevidade possível; o que elle fez com tanta pressa, que ao outro dia lhe chegou, tornando os Capitães a ver, e praticar sobre as dificuldades daquelle passagem, assentaram que todavia se passassem por alli, porque rodear a outra serra era perigo de duas leguas, de caminho todo muito aspero, e de grandes penedias, por onde a artilharia não podia passar, ficando com

com muito trabalho; e com esta resolução se negoceáram, e tornáram a encomendar o repairo ao mesmo Manoel de Moraes, para que com muitos corredores, e alguns companheiros irem diante a cavalgar o camellete, e D. Jeronymo Mascarenhas com toda a soldadesca ir detrás em sua guarda, e ficou ordenado que D. Gonçalo, El Rey, e Goazil ficasse na mesma ribeira em que estava.

Tanto que foi o quarto da madorra, foram em muito silêncio os que levavam o repairo a cargo, e começáram a entrar por aquelle paço até chegar ao camellete; e elevantando-o da cinza em que estava, cavalgáram-no no repairo; e posto que já os de sima os tinham sentido, e já começava a cahir sobre elles todos os generos de arremegos com que feriram alguns, todavia foram trabalhando, e passando o camellete até sahir ao largo, e da mesma maneira passáram as mais peças, ainda que com muito risco, e perigo dos nossos, que com sua arcabuzaria assim a montão foram sempre disparando para amedrontarem os inimigos, que por causa della não offendêram os nossos tão descubertamente. Passada a artilharia, João Furtado de Mendoça, como Mestre do Campo, passou D. Jeronymo também com todas as

bandeiras á outra banda ; e tanto que ² manheccos , escolheram o sitio pera assenttar o arraial , e João Furtado prantou a artilharia na parte que melhor lhe parecco , e alli se fortificou , e fez suas trancas , e vallos muito á sua vontade. Fortificados os nossos , e postas em orden as coufas pera a bateria , a começou João Furtado a dar na face do Xarabando com muita furia , e continuaçāo ; e posto que lhe derribatam alguns altos , não lhe puderam fazer mais outro uojo , e ainda essas ruinas eram logo repairadas , porque tudo o mais era tão forte , que não havia coufa que rompesse por elle. Algumas desconfianças começou a haver nos nossos ; mas já lhes convinha não levarem mão daquele negocio por opiniao , e assim foram continuando a bateria quinze dias continuos , sem fazerem mais que derribar os altos , como o primeiro dia , nem haver outra parte por onde os nossos pudessem cometer a entrada , por ser toda a rocha tão alta , que era coufa medonha.

Vendo os Amadizes o pouco danno que a bateria fazia , receáram que os Laris ^{def}icassem com a vitoria , e que não pudessem tomar vingança das affrontas que delles receberam ; e como estavam com esse odio mortal , andavam imaginando modos ^{pe}

pera lhes empecerem; e por fin se lhe ofereceu hum ardil muito elphantoso, que foi esse. Lá buscáram os principaes daquelle bando maneira pera escreverem huma carta a Rascambar, e a Mirlascar Capitães da terra, em que lhes diziam, que sem embargo das queixas que delle tinham, ~~todavia~~ lembrados serem todos de huma Lei, haviam que seria Mahamede muito offendido com elles os não ajudarem, e avilarem, e favorecerem em algumas cousas, que os avisava que estivessem de bom humor, porque os Portuguezes já se hiam enfadando do pouco que a bateria fazia, e entendiam que cedo se levantariam dalli, e se iriam pera Ormuz; que toda a polvora, e mais cousas que houvessem mister, que ~~elles~~ lhas dariam todas as noites em muito segredo pelo pé dos Baluartes de sobre a porta por cordas que elles de suma lancariam. Os Capitães dos Laris parecendo-lhes que não entrava naquelle negocio malicia, senão zelo de sua Lei, agradecerão-lhes muito o aviso, e a vontade, promettendo-lhes de os satisfazarem de suas queixas; e que quanto ao offerecimento que o aceitavam, e assim começaram entre ~~elles~~ a cötter cartas de avisos, e os Amadizes a provellos de polvora em tanto segredo que nunca se soube: a bateria foise

se continuando ; mas vendo o pouco que faziam naquelle parte , assentaram a artilharia em hum dos Baluartes de sobre a porta , e começaram-no a bater com muita furia ; e foi tanto melhor o emprego da bateria , que lhes derribou huma grande parte , por onde parecio que se lhes podia dar hum estalo , e ganhar-lhes o Xarabando , assim se prepararam pera elle ; e o dia que havia de ser , sendo a quarto d' alva , cometeram o baluarte , levando a dianceta João Furtado , que arremeteu com o Baluarte , e encostou nelle as escadas que levava ja pera isto , e nesta primeira arremetida deram de siua do muro huma espingardada em Ruy Dias de Sousa , de que logo cahio morto ; a subida foi committeda com muito valor , e continuada com muito esforço , e com o mesmo lhe foi defendida dos inimigos ; e ateando-se entre todos huma muito cruel batalha de espingardaria , de que ficaram alguns dos nossos feridos , João Furtado a poder de golpes , assim de seu esforço , como dos mais companheiros , se poz em serra da rotura do Baluarte , e todos passaram muito grande trabalho pelo muito que os inimigos se lhes defendiam , em que aconteceram alguns casos bem notaveis , que não particularizamos , porque nos faltou a informaçao delas ,

les , basta que por fim do negocio ficáram os nossos senhores do Baluarte , de que saíram os inimigos bem escalavrados das mãos dos valerosos Portuguezes , que tão animosamente neste combate se houveram ; e como dalli ficáram descubrindo todo o Xarabando da espingardaria , o fizeram despejar , e os Latis se recolheram pera dentro da Fortaleza , ficando muitos estirados por sima dos muros ; porém não sem dano da nossa parte , porque foram mortos ~~mais~~ , a fóra alguns feridos.

Ganhado o Xarabando , notou D. Jeronymo com os Capitães o sitio todo , e assentaram que se puzesse em sima do Baluarte a artilharia , e se batesse a porta que fechava a quebrada por onde se servia a serraria , o que se logo fez . D. Jeronymo reparou os Capitães pera de noite ficarem viando a artilharia : o primeiro quarto caiu a Vasco da Silva , e a Francisco Correa de Brito com cem homens , que porque ficavam descubertos pela banda de dentro á arrebataria dos Mouros , ordenáram pela borda do muro huma tranqueira de taboas , e madeira , com que ficáram resguardados : ao outro dia começaram a bater o Buro , que fechava a entrada da serraria , e da mesma maneira o fizeram por tres dias continuos , sem lhes fazer nenhum dano por

por sua fortaleza. Vendo João Furtado o
pouco que se fazia, mandou virar o can-
mello pera as portas que lhe pareceram
fracas, porque de noite exxergou por elles
claridade de outra banda, e ás tres bom-
bardadas deram com elles dentro, que se
os nossos estiveram prestes pera o assalto,
logo se puderam ganhar; mas como estavam
desconfiados do pouco que tinham
feito, não lhes pareceo que tão de preisa
dessem com as portas dentro, pelo que os
inimigos tiveram tempo de acudirem: e
fortificarem-se por dentro com huma
queira de páos mui grossos atravessados,
e liados uns com os outros, que era de
duas faces, que foi logo entulhado de
dados de tajamas, com que ficou sendo mu-
ito mais forte. Foi-se continuando a bateria
alguns dias, em que começoou a haver al-
guinas destemperas entre D. Gonçalo, e
D. Jeronymo sobre ccusinhas que se pude-
ram mui bem dissimular, a que acudio
João Barriga Simões, que ficou doente em
Orizur, que como era muito cavalleiro, e
de bom conselho, e todos lhe tinham res-
peito, metteo a mão entre elles, e os ten-
perou, e aquietou, e ficou no arraial acon-
selhando, e pelejando, como elle sempre
costumava a fazer em todas as partes em
que se achou.

CAPITULO XIV.

De como D. Francisco foi avisado que o filho de El Rey de Lara vinha soccorrer os seus: e de como os nossos se fortificaram: e do ardil que os Amadizes usaram com os Laris, porque se entregaram a partido: e da grande crueza que os Amadizes com elles usaram.

Indo os nossos continuando a bateria de fuma do Xarabando, vieram novas apressadas a D. Gonsalo de como hum filho de El Rey de Lara era abalado com cinco, ou seis mil homens de cavallo pera soccorrer a serra: isto metteo grande confusão no exercito; e ajuntando-se D. Gonsalo, e D. Jeronymo, fizeram chamamento de todos os Capitães, e pessoas principaes, e praticaram sobre o que se faria naquelle negocio. Alguas houve de parecer que se deviam recolher, porque o poder era grande; e se lhes tomassem o caminho de Ordaliz por onde eram providos, não haveria remedio, senão peiderem-se, que o boni seria arrebentarem a artilharia, porque não escasse em poder dos inimigos, e entrassem pelas terras. D. Gonsalo, D. Jeronymo, e outros Fidalgos, e Capitães disseram que sobre aquella artilharia de El Rey haviam

Conto. Tom. VI. P. I.

Q to-

todos de morrer , que pera sínco , ou ^{seis} mil homens , que se dizia que o Principa trazia , elles tinham poder bastante pera os irem buscar aonde quer que estivessem ; e que se os Portuguezes podiam pelejar com elles por estarem alli muitos Fidalgos , Capitães , e Cavalleiros , muito valerosos , e esforçados , que o venceriam , fortifican- do-se naquelle parte em que estavam , que fossem continuando a bateria , e trav- lhassem por concluir aquelle negocio , pri- meiro que o Principe chegasse . Com esta resoluçao mandou D. Gonçalo fortificar o seu exercito de huma parede ensossa , mu- to larga , e forte , com tres Baluarts muito grandes de madeira entulhados , em que pozo algumas peças de artilharia , e os pro- veo de muitas muniçōes , deitando elas pera todos os dias o avisarem do que pas- sava em Lara . D. Jeronymo deixou-se ^{estar} na parte da bateria , que sempre foi conti- nuando , ficando assentado que em ^{vindo} o Principe de Lara , se ajuntassem todos , onde D. Gonçalo estava : sínco dias ^{conta-} nuos batéram os nossos de sina do Lara- bando a porta da Fortaleza , em cujo muro fizeram algumas ruinas ; mas não de ^{seizão} que se pudesse por elle commetter a entra- da , pelo que se resolvéram quebrar-se a porta , e tranqueira que por dentro fizeram ^{com}

com vaisevens, ou com fogo pera entrarem por ella, porque por outra parte não poderia nunca ser: pera isto mandáram fazer mantaas muito fortes pera chegarem as portas seguramente, como fizeram, e lhe pusseram tanto fogo, que as queimaram; mas acháram por dentro outro muro mais grosso, e mais forte que o primeiro, o que os ~~acabou de~~ desconfiaram daquelle efeito de todo, e assentáram de tornar á bateria, e não se ale vantarem dali sem porem o muro por terra; e com isto acrecentáram mais peças de bater, com que foram fazendo no muro tamanha furia, que quebrantou os inimigos, e começaram a temer seu danno, porque lhes matava a artilharia muita gente, e lhes começava a fazer muitas ruinas; e o que sobre tudo os assombrhou ~~foi~~ entenderem que os Portuguezes não haviam de desistir daquelle empreza nem a concluirem, e ainda que fosse com muito risco, e perigo seu; e assim lho mandaram dizer os Amadizes, que sempre se ~~foram~~ carteando com elles, e aconselhando-lhes que se tivessem, e que se defendessem tudo o que pudessem, e lhes mandavam alguma polvora, e outras cousas que lhes elles pediam, tudo pera seu intento. Estando as cousas neste estado, chegaram novas aos Laris que El Rey de Lara

era falecido , e que o filho mais moço se apoderara do Reyno , andando o mais velho fazendo gente pera os vir soccorrer , pelo que lhes fôra necessario voltar o poder contra seu irmão , e que ambos ficavam já em campo pera se darem batalha : isto os desesperou tanto , que ficaram descorçoados , sem saberem tomar determinação do que fariam , pelo que lhes foi forçado valerein-se dos Amadizes , que haviam que eram amigos verdadeiros , e assim lhes mandaram pedir conselho naquelle trabalho. Os Amadizes , que todos os seus soccorros , e ardís foram encaminhados a este fin , entendendo-lhes as desconfianças , mandaram-lhes aconselhar que naquelle negocio já não havia mais que fazer , que cometterem alguns partidos aos Portuguezes , e entregarem-se com a segurança das vidas. Este conselho houveram elles que era de amigos , e logo alevantaram sobre o muro huma bandeira de paz ; e respondendo-lhe os nossos com outra , mandaram logo hum Embaixador , que D. Jeronymo , e D. Gonsalo ouviriam diane de El Rey ; e elle com muita humildade disse , que elles queriam entregar aquella Fortaleza a El Rey de Ormuz , cuja era , e sahirrem-se sôra de todas as suas terras , com condição que lhes fizesse mercê das vidas ,

armas, e cavallos. Os Capitães vendo seu requerimento, deixaram a resolução a ElRey, a quem aquelle negocio pertencia, que não quiz nelle fazer nada sem conselho dos Capitães, que assentaram vir-lhes bem conceder-lhe o que lhe pediam; porque para tomarem a Serra por força, havia de custar muito, e assim responderam os Capitães aos Embaixadores, que mandassem os Laris pessoas de autoridade, e com poderes para assentarem, e concluirem aquelle negocio com ElRey. Com isto vieram outros dous, ou tres dos principaes, que foram levados a tenda de ElRey, onde os Capitães estavam; e prostrados diante delle, lhe pediram da parte dos Capitães dos Laris que lhes fizesse sua Alteza mercê das vidas, armas, e cavallos, e que entregariam a Serra, e se saliriam de todas as terras do Magostão; e ElRey lhes respondeo, que dissessem aos Laris que elle lhes fazia mercê das vidas, e esmola das fazendas, porque muito antigo era fazerem os Reys de Oimuz esmolas nos de Lara; e com isto lhes mandou passar scus seguros, e sacaram scus autos, e papeis, em que ElRey, e os outros Capitães nossos assignaram. Feito isto, assentou-se que fosse Simão da Costa (por ser homem muito conhecido de todos) a tomar a entrega da Serra, e da

da Fortaleza, que foi nella recebido muito bem, e logo os Laris se começaram a ^{si-} hir com suas armas, e cavallos, e todos em ordem forain caminhando de longo ^{as} ribeira pela parte, onde estava ElRey. Os Amadizes, que eram escandalizados, ^{como} já dissemos no Cap. XI. deste Livro II. e todos os rodeios seus foram porque ^{viesssem} parar naquillo, armáram-se, e puzeram-se a huma parte do campo; e passando os Laris, deram nelles com tamanho odio, e crueza, que naquella primeira pancada mataram mais de duzentos. Aqui houve huma muito grande revolta, e confusão, porque os nossos Capitães não sabiam parre ^{da} quelle negocio; e vendo travada a batalha, armáram-se muito á presta. O Mir Larcar, que era hum dos Capitães da Serra, homem velho, grande Cavalleiro, e muito honrado, vendo aquillo, cuidando que vinha dos nossos Capitães, determinou de ou morrer, ou matar qualquer delles, e com esta determinação poz pernas a huma fermosa egua, em que hia, e endireitou com as tendas, perguntando alto por D. Goncalo, ou D. Jeronymo, e a primeira tenda a que chegou foi a de Vasco da Silva, que ao mesmo tempo chegava á porta, armado humas armas pera acudir ao reboligo; e vendo vir aquelle Mouto, pare-

geo-lhe que vinha fugindo, e foi-se pera elle por lhe valer. O Mir Lascar como hia aviado, cuidando que Vasco da Silva era hum dos Capitães que hia chamando, ale vantando o traçado, atirou-lhe hum façanholo golpe, que quiz Deus fosse em vão, porque se o acertára, sem dúvida offendêra; e ao mesmo tempo do golpe como hia aviado do cavallo, entrou pela porta da tenda, e foi sahindo pela outra á outra banda, cousa espantosa! porque qualquer daquellas portas não cabia mais que hum homem em pé. Os soldados, que vinham acudindo, vendo aquelle Mouro daquella maneira, sem saberem o que era, arremetêram com elle, e o mataram. Rax Cabar, o outlo Capitão Larim, vendo-se ferido, e apertado dos Amadizes, não teve outro remedio que recolher-se á tenda de D. Jeronymo até onde os Amadizes o seguiriam, e de cojas mãos elle com muito trabalho o livrou, tendo a porta que trabalháram por lhe entrar; e vendo alguns mais escandalizados que D. Jeronymo lhes valia, lhe pediram que já que não deixava matar aquelle Mouro traidor, que lhes deshontára suas mulheres, e filhos, que ao menos lhes deixasse em heber hum pequeno de sangue de suas feridas, que com isso ficariam satisfeitos; e D. Jeronymo os apaziguou o melhor que

que pode, e os fez recolher. D. Gonçalo andava a este tempo com El Rey ~~metido~~ entre os Latíis, e Amadizes pera lhes valerem, e os que puderam escapar de suas maos lhes foram dando guarda mais ~~de~~ ^{de}ma legua ate os pór em salvo. Passado este negocio, querendo os Capitães partir pera Ormuz, entregou El Rey aquella Fortaleza a Cogezenadeu com quinhentos homens, e provisão de munições, e mantimentos em abastança, com o que ficou segurando todo o Magostão, e os mesquinhos, e nascituras se aquietaram, e as Casilas começaram correr, e a Fortaleza de Ormuz tornou a ~~na~~ propriedade; e deixando tudo provido, se tornaram os Capitães; e D. Jeronymo na entrada de Outubro se partiu pera a ~~ladi~~ com sua Armada.

C A P I T U L O XV.

Das cousas que sucederam em Damão, acabante o cerco: e de como os nossos foram contra o Rey de Sarseta, e lhe queimaram a sua Cidade, e destruiram suas terras.

EM o principio da guerra de Damão contámos de como tanto que o Capitão teve a nova certa della, tratáram com

o Rey de Sarzeta de recolher em suas terras toda a gente , e gado desde Daimão , por segurar tudo dos Mogores ; e como o cabedal que lá se recolheu era muito grosso , de gado , joias , ouro , e prata , com o cero da cubica , alevantando-se aquelle Rey , com a bolada , lançou mão de tudo , havendo que melhor estava com aquellas couças , que ~~tem~~ ^{tem} elles . Disto foi logo avisado o Capitão de Daimão , e logo despedio áquelle Rey ~~alguns~~ ^{zambou} recados , e protestos , de que elle ~~zambou~~ , como homem que estava com o papo quente , pelo que com muita pressa avisou Martim Affonso ao Viso-Rey de tudo , que vendo que aquillo tocava a todos os moradores em suas rendas , que eram grossas , e a El Rey em seus foros , que eram muitos , o que tudo se perdia por ficarem as Fortalezas desertas , e despovoadas , além das maus culpas , que aquelle Rey tinha , de dar entrada por suas terras aos Mogores , e de os acompanhar naquella jornada , ou fosse por vontade , ou por força , assentou que era necessário castigar-se o Sarzeta , e ir-se recolher a gente , e gado que em si tinha , pelo que logo escreveu a Martim Affonso a sesolução que se tomou , mandando-lhe que com todo o poder fosse áquelle negocio , e repartisse toda a gente em cinco bandeiras , de que faria Capitão

D. Duarte de Sá, e D. Luiz de Menezes, Pedro da Silveira, e Fernão de Miranda, que havia de ser Capitão Mór de toda a soldadesca ; e que elle Martin Affonso fosse com toda a gente de cavallo, ficando-lhe sempre sua jurisdição sobre todos. E com esta carta se começou Martin Affonso a preparar pera aquella jornada : ajuntando os Capitães a conselho, mostrou-lhes a carta do Viso-Rey ; e sem embargo de mandar que se repartisse toda a gente por cinco bandeiras, pareceo bem a todos que por não ficarem os Capitães dos navios soldados razos, que fôssem todos com os de sua obrigação, porque assim se menorria melhor no gazalhado, despeza, e cozinha. Assentado isto, fez Martin Affonso alardo de toda a gente, e achou ~~parto~~ de oitocentos soldados, e que entravam quattrocentos de espingardas, e cento e trinta e oito moradores de cavallo, e toda a gente repartio por Capitães, ficando Martin Affonso com toda a gente de cavallo, e com o guião de tudo. Prestes tudo, partiram-se a caminho, Fernão de Miranda na vanguarda, D. Luiz de Menezes na re-ta-guarda, e no inicio de toda a bagagem, que era muita, a gente de cavallo repartida em duas partes pera ir pelas ~~lhagens~~ do exercito, pera poderem acudir aos que com

com o cansaço do Sol, e sede houvessem no caminho mister ajuda pera lha darem nas ancas dos cavallos: hiam perto de mil peus da terra da obrigação das tranqueiras com seus Capitães, que são forciros aos Portuguezes, que tambem hiam repartidos pelas ilhargas do exercito, pera nos matos, e partes estreitas irem fazendo caminho.

Nesta jornada se acháram muitos Fidalgos, e Cavalleiros; e dos que pudemos saber os nomes são D. Duarte de Sá, D. Luiz de Menezes, Pedro da Silveira, todos tres despachados com a Capitanía de Damão, Thomé de Sousa Coutinho, António de Azevedo, D. Rodrigo de Castro, Diogo de Miranda de Azevedo o Velho, Francisco de Miranda Henriques, D. Francisco da Gama, D. Manoel de Azevedo, e os Capitães dos navios, que muitas vezes nomecâmos. Postos os nossos a caminho, aquelle dia foram desordenados até á Aldeia da Moma, legua e meia de Damão, onde repousaram, e alli se ordenaram no modo em que haviam de caminhar, como o foram fazendo. Martim Affonso, porque desejava dc não romper com o Sarzeta, e mandar-lhe diante muitos recados, e protestos, pera que entregasse as couças que em si tinha, primeiro que passasse avante, se-

senão que fosse sua a culpa dos males que sucedesscm, porque se não havia de tornar sem tornar muito grande satisfaçao da pouca fç que guardara, sendo amigo do Estado. A estes protestos dissimulou elle, e foi barlaventando de tudo por lhe parecer que aquillo dos nossos era só commetimento, e que não passariam adiante. Os nossos foram caminhando todo aquelle dia até se pôrem huma jornada da Cidade de Ramaíngem, em que aquelle Rey residia, que esta cinco leguas ao Norte de Dainão. Vendo ElRey que todavia os nossos se hiam chegando de tão perto, e que aquillo era já mais determinação que commetimento, despedio com muita pressa hum Bragmane com recado ao Capitão, pedindo-lhe que não passasse dalli, que logo lhe mandaria tudo o que em si tinha; e que as perdas que naquelle parte tinha dado, que elle se obrigava a satisfazellas pelo que, se julgasse, ao que daria refens bastantes.

O Capitão poz aquillo em parecer, e elle com alguns de seu bando votaram que devia de ouvir-se ElRey, e accetar-lhe suas satisfações, pois o principal a que hiam era pera trazer a gente, gado, e fizenda que em si tinha, que offercia sent golpe de espada, como homem que estava

arrependido do feito ; mas Fernão de Mi-
randa com a mór parte dos Capitães fo-
ram do parecer , que pois chegáram até
aí , deviam passar adiante , e castigar
aquele desacato , porque entendiam que
todos aquelles cumprimentos do Sarzeta
eram inanhas pera os entreter , e por ter
tempo de se fortificar , e amparar ; e que
se elle tivera vontade de restituir , logo
primeiro que tudo houverá de mandar o
que em si tinha ; e que se dissimulassem
aquella , cada dia faria huma traiçao pera
experimentar se lha sofriam. Martim Af-
fonso vendo vencidos os votos pela outra
parte , não pode al fazer , posto que des-
cou muito de não chegar a rotura pelo pro-
veito que perdia naquelle Rey , com o que
os Capitães de Damão se negoceão muito
bem ; pelo que despedíram o Bragmane ,
dizendo-lhe que elle hia caminhando , e
que fossem elles diante ; e que se antes de
chegar lhe trouxessem tudo o que El Rey
tinha , lhe perdoaria , e se tornaria pera
Damão. Alevantado o campo , ao outro
dia foram caminhando até ver vista da Ci-
dade de Romanagem , que ella estendida
pelo pé de huma fermosa serra , e a mór
parte della desce a hum campo muito gran-
de , e fermofo , e de longo della vai atra-
vessando huma ribeira de todo o anno ;
que

que se vai metter no rio de Damão : ~~será~~
 a Cidade de meia legua em roda , e tem
 mil e quinhentos fogos , a mór parte ~~de~~
 casas de pedra , e telha com seus quin-
 tacs , e hortas.

Chegados os nossos á vista da Cidade
 ás oito horas de pela manhã , puzeram-se
 logo em ordem de cominciar , o que fes-
 Fernão de Miranda , que levava a diante-
 ra com a mór parte dos Fidalgos , e aven-
 tureiros pela fronteira , e Martim Affonso
 com toda a gente de cavallo se foi ~~aten-~~
 dendo de longo della pera lhe não pode-
 rem fugir os inimigos ; mas não foi nada
 necessario , porque El Rey tanto que houve
 vista dos nossos , logo se poz em hum cle-
 fante , e suas mulheres , e joias em ou-
 tros , e foi-se sabindo da Cidade pela par-
 te da serra , e o mesmo fizeram todos os
 moradores , deixando-a só deserta. Fernão
 de Miranda foi entrando pela Cidade , sem
 achar quem lho defendesse ; e vendo os
 soldados que não havia com quem pelei-
 jar , começaram a saquear as casas , em
 que ainda acharam algumas fazendas , ca-
 vallos , e gados , ainda que pouco de tur-
 do , porque não deixaram senão o que não
 puderam levar. Vendo o Capitão a Cidade
 despejada , mandou-lhe dar fogo por ~~algu-~~
 mas partes , em que se consumiu toda com
 gra-

grande espanto dos inimigos, que em sima das serras affastadas o estavam vendo. Feito isto, recolhêram-se os nossos pera o longo da ribeira em lugares sombrios, e ali passearam todo aquele dia com grandes vigias, e inquietações, porque foram commettidos por algumas partes dos inimigos, que da outra banda do rio com sua arcabuzaria os varcjavam rijamente, com que lhes feriram alguns; e sendo sobre a tarde, alevantaram o campo pera irem dormir a huina Aldea, que lhes ficava atrás ~~perdo~~ de meia legua, e foram caminhando, na vanguarda Fernão de Manda, Martim Affonso no meio, e D. Luiz de Menezes na retaguarda, indo de canjinho pondo o fogo a todas as Aldeas que achavam; e antes que anoitecesse, chegaram áquelle Aldeia, onde haviam de passar a noite, e alli assentaram o arraial na parte mais accommodada que acharam, e se fortificaram o melhor que então pode ser.

Esta noite tiveram grande rebate dos inimigos, a que todos acudiram em muito boa ordem; mas não foi nada, porque sentindo elles que os sentiam, foram-se recolhendo; o Ramanada Rana (que assim se chamava o Rey de Sarzeta) ficou muito alcançado do pouco que fizera na perten-
çāo

ção da defensão de sua Cidade; e querendo-se satisfazer desta quebra, ajuntou todo o seu poder, e foi esperar os nossos adiante a hum passo difficultoso estreito, onde lhe parecia que tinha muita avantage pela ligeireza dos seus: ao outro dia chegando os nossos a este passo, o acharam ocupado dos inimigos, que estavam longe dos pelos muros, que hiam pela banda de suma de huma, e outra parte; e apertaram tanto com os nossos, que lhes deram bem de trabalho, porque mal se podiam mancar naquellas estreituras; e assim fizeram muitos feridos de espingardadas, frechadas pelas muitas que de suma cahiram, e cahiram sobre elles: durou este a perto hum grande espaço; e sahindo ao largo, appareceu o Sarzeta com todo o seu poder, e commeteo os nossos com muito grande determinação pela reta-guarda. D. Luiz de Menezes teve todo aquele pezo acompanhado de soldados muito esforçados, que neste transse se assinalaram bem.

E porque não fiquem sem galardão, nomearemos os que vieram à nossa noticia: Antonio Godinho de Andrade, Gaspar Fagundes, Fernão de Andrade, Gaspar de Alvarenga, Francisco de Azevedo, Gonsalo de Caceres, Fernão Pachoco, Balt-

Balthazar de Siqueira, Manoel Pereira de Siqueira, João Leitão, Manoel de Almeida da Silva, Pedro Louzado, Miguel Alvares do Canto, Luiz Gonsalves Magro, filho de Ruy Gonsalves Magro, António Vellez, e outros muitos Fidalgos, e Cavaleiros, que todos se puzeram ao encontro dos inimigos, e peleijáram valeiosamente; mas elles assun espertáram com os nossos, que como brutos se vinham meter nas armas; e tanto, que hum delles, depois que disparou o arco, o lançou no pescoço a Miguel Alvares; e tornando-o entre a corda, e o arco, o teve alguma coufa lopeado; mas elle com muito animo, e acordo se arremegou ao inimigo, e ás cutiadas o matou, como tinha feito a outros: isto mesmo fizeram todos estes que nomeamos, e outros que fizeram nos inimigos grande estrago; e posto que os nossos tiveram trabalho, foi causa pera que mais se assinalassem no esforço, e nos golpes que os inimigos receberam; e tales coufas fizeram, que houveram os inimigos por seu partiido recolherem-se, ficando os nossos desapressados, mas muito feridos, em que entrou Miguel Alvares do Canto com huma espingardada, e duas fréchadas, ou tres. Saídos os nossos daquelle perigo, dormiram aquella noite ao longo Canto. Tom. VI. P. I. R da

da ribeira , e ao outro dia entraram em Damião , deixando o Capitão as tranqueiras das fronteiras do inimigo providas de guarnições bastantes pera a defensão das Aldeias.

Poucos dias depois disto chegaram Embaixadores do Rey de Sarzeta , e pediram ao Capitão perdão , e pazes , oferecendo-se entregar logo tudo o que em si tinha ; e porque todos os Gentios da India por sua natureza nada fazem por bem , e ainda aquillo quo desejam , esperam que lho façam fazer per força , e principalmente estes da terra de Damião , que deve de estar debaixo de huma constellação , ou influencia dc estrella tão ruim , que senão queimarem as mesmas terras , não dão fruto ; e assim os naturaes dellas se os não offendem , e tratam com rigor , não fazem cousa boa , como acontece a este Rey , que até senão ver queimado , e abrazado , não quiz entregar o que em si tinha , o que depois fez por mal , porque lhe concedeo o Capítulo pazes , com condigão que entregasse tudo ; o que elle cumprio de feição , que se não ficou queixando nenhum Curbim . Depois disto chegaram cartas do Viso-Rey Pera Martim Affonso , e Fernão de Miranda , em que lhe mandava que se ordenasse no inverno huma Armada de vinte navios , e que

que na entrada de Agosto fosse nelles Fernão de Miranda esperar as náos , que haviam de vir de Meça , e que tomasse todas , quer trouxessem cartas , quer não , pois a culpa de quebrar as pazes fora dos Mogores , porque com isto poderiam satisfazer-se das perdas que deram as terras de Damão ; e o mesmo escreveo ao Licenciado Francisco de Frias , Vedor da Fazenda , que estava em Baçaim , mandando-lhe que dêsse pera a Armada todas as cousas necessarias.



DECADA DECIMA

Da Historia da India.

L I V R O III.

C A P I T U L O I.

De como o Turco mandou prover a Fortaleza que tinha nos Estados da Persia, e de como Oxd se confederou com Semiechombel Gorgiano contra os Turcos: e da batalha que com elles teve, em que os desbaratou.

NA Decada IX. damos conta das grandes guerras que se alevantaram entre o Turco Amurates, e Codabando Rey da Persia, e dos Fortes que o Turco mandou fazer em seus Estados, conta em que toda a India (principalmente a Fortaleza de Ormuz) ficou assombrada; e porque desde o anno de 78. em que os deixamos, até este, em que andamos, não houve mais que mandar o Turco prover os Fortes que tinha naquelle Estado, e deixamos de continuar com elles, porque não houve cousas notaveis, sómente deixar Xá de acudir aquellas cousas por muitas 10-

terações que se moveram na Persia , assim entre Turquinas , como em outras partes , que o puseram em estado de mandar Embaixadores ao Turco a tratar de alguns honestos modos de pazes , sobre o que não foram bem respondidos ; porque entre os apontamentos , e partiços pedio Oxá que lhe largasse os Fortes que tinha em Xeruão , e ficáram lá os Embaixadores inatratados , e avexados sem se poderem virgata neste anno em que andamos tratou o Turco de mandar reforçar aquelles preñíos pera ver se podia passar adiante com outros ; e pera ella jornada elegeo Mahamede Baxá , filho de Mustafí Baxá , o que ganhou aquelles Fortes , que formando hum muito poderoso exercito de mais de cento e vinte mil cavallos , muita artilheria , inunições , e hum grande numero de Roçadores , e virtualhas , e com esta potencia sahio da Cidade de Erzens , que se tem pela antiga Cappadocia , a que os Gregos chamiáram Siros , e depois em tempo de Romãos Lecaria . Os Baxás que nesta jornada mais foram com elle eram Asão Gumiilo , Baxá de Caeremete , (que , segundo Rusili , he Aloriga de Ptolemeu , que elle na sua Taboa III. da Ásia mette na Armenia maior) e o Baxá de Alepo , e Muras , Cidade principal na Mesopotamia , chamiada (se-

(segundo alguns) de hum fresco rio que por elle passa, que cahé daquelle famosa monte chamado assim do Poeta Mareia, que, segundo singem os Poetas, foi ali assoggado por querer contender com Apollo. Nella jornada levou o Baxá por guia ^{Mos}tafá Manxeliar Georgiano hum dos filhos da viuva, de que na Decada IX. fallamos na descripçao da Georgia, que nos annos atras pallados se tinha mudado da Lei de Christo á de Mafamede, e chamou-se como elle, que se offereceo ao Baxá pera o levar por caminhos escusos, e mais apressados; e assim o foi levando por suas proprias serras, passando por Altuncala, e Caracala, lugares que foram da viuva sua mai, e dalli o foi passando por Ogri Castello ^{de} Geifut Georgiano, que tambem se tinha passado ao servico do Turco: neste caminho gastaram muito tempo, por ser todo esperissimo por causa dos muitos rodios, e serras. De todas estas cousas foi logo avisado El Rey Codabanda, que lhe deram bem em que cuidar; porque por huma parte as cousas da Persia estavam em estado que se não podiam largar por aquellas; e por ^{outra} tinha ainda seus Embaixadores em Constantinopla tratando de pazes: e havia que se mandava impedir aquelles soccorros, lhos poderia tratar mal, e ^{indigna-} _{ção}

não o Turco com quem elle desejava dissimular, por ter tempo de acudir ás cousas, que em seus Estados andavam alteradas, porque lhe era mais necessário apagar as avaredas que se lhe accendiam dentro em casa que as de fóra; e também lhe parecia ir contra sua obrigação, pois nos partidos que por seus Embaixadores cometia, era ficar-se com aquelles Fortes, e os pudesse prover sem lho elle impedir.

Consideradas estas cousas todas, offereceu-se-lhe hum muito bom meio, e foi este. Despedio com muita pressa Embaixadores a Semachuimbel em segredo, que era inimigo do Turco, e lhe mandou pedir que ajuntasse toda a gente que pudesse, assim sua, como dos vizinhos, e que elle lhe mandaria outra em trajes de Georgianos, por não serem conhecidos por Perlas, e que defendesse os passos ao Baxá, para que não fosse soccorrer os Fortes da Geórgia, e Xervão; isto foi alvitre pera elle, e logo foi com muita pressa ajuntar toda gente que pode, e o Oxá lhe mandou dez mil homens de cavallo muito escolhidos, e com todos foi esperar o Baxá ao caminho de Ogni, que he de seu proprio Estado, por onde elle forçado havia de passar. Chegados os Turcos á sua vista, apresentou-se-lhe em campo o Esmahombel;

e como era muito valeroso, mandou desfaçar o Baxá pera batalla campal, que ~~elle~~ trabalhou por escusar, por se não embaraçar nada ate soccorrer os Fortes a que hia. E porque chovia aquelle dia, deixou o Es-mahombel de commeter; mas ao outro foi esperalho ao passo de huiu rio pera o tomar desordenado ao passar, e alli o commetter com grande determinação, e traváram ambos huma mui aspera batalla, em que foi a destruição, e matança nos Turcos tamanha, que todo o campo estava cuberto delles, e corriam arroios de negro sangue por muitas partes. Os Georgianos, e Persas, que todos andavam de huiu trage, peleijaram tão valerosamente, que puzeiram os Turcos em desbarato, e em tanta necessidade, que tornáram a voltar o rio, porque se mettêram com tanta pressa, e desordem, que se assogarain quarenta mil gastradores que levavam pera romperem os caminhos, e todo o dinheiro, que era muito, artilheria, e vitualhas, e provimentos ficáram em poder dos Georgianos, e Persas, no que se ceváram bem á sua vontade: o Baxá da outra parte do rio ajuntou os seus, e foi caminhando pera Tenis, disendo todos por aquelle caminho mal á sua ventura; e blasfemando contra Mahomed, tendo pera si que todas as culpas das quel-

quella desaventura era do Manuchiar arrengado, e ficaram suspeitando que de propósito os guiara por alli, porque sabia o danno que lhes estava ordenado. Assim rotos, e perdidos chegaram a Teslis, onde acharam os Turcos, que alli estavam de guarnição, muitos delles mortos, e os mais muito fracos, e debilitados, que não tinham figura de homens, por haver muito que se lhes tinha acabado os provimentos, e já se sustentavam dos cavallos, e de hervas, e raizes que os corrompeo.

Vendo elles o Baxá desbaratado, e sem com que os prover, ficaram de todo tristes, e desconfiados; e o Baxá Cufo arrengado, que alli estava por Capitão, lhe encampou a Fortaleza, e os soldados se conseguiram a amotinar, e a requerer-lhe que já não estavam peta defender a Fortaleza; e a voltas disto se alteraram os mesmos que vinham com o Baxá, por verem que os deixaria alli: mas elle a tudo suprido com muita prudencia, e brandura, temperando a todos com muitos, e largos prometimentos; e depois que os teve quietos, e moderados, lhes fez huma muito prudente falla, em que persuadio a todos a emprestarem do que salvaram nas bolsas o que pudessem pera soccorrer aquella Fortaleza do Grão Senhor; e do pouco que

que elle salvára daria quatro mil cruzados, e que se obrigeria a lhes pagarem em dobro tudo o que cada hum emprestasse, e que com o desbarato passado se não haveriam de acanhar, nem escandalizar, porque os casos da guerra não estavam nas mãos dos homens; e que não era novo nos que militavam acharem hum dia a fortuna adversa, e o outro prospera; e que se elles por vaissallos do Grão Senhor, e não acostumados a alcançar tão grandes vitórias, que por elles o tinham feito tão grande Monarca, o sentiam muito, que não devia de ser assim, porque quando a fortuna se lhe tinha mostrado havia tantos annos tão mimosa em hum tão pequeno roque, não havia pera que desconfiasse tornasse em todos sobre si, que ella tornaria a voltar, e elles se satisfariam daquelle danno. Com isto, e outras cousas que lhes disse ficaram elles animados, e quietos; e logo do que cada hum tinha emprestado hum pouco, e não tão pouco, que com os quattro mil cruzados que o Baxá deu, não se ajuntassem trinta mil cruzados, que o Baxá logo mandou ao Georgiano Alexandre (a que os Turcos chamam Leusbete) que era grande seu amigo, pera que lhe mandasse todos os provimentos que pudesse, o que elle fez com muita pressa, mandando

dando á Cidade de Trccergá (que em lingua Turca quer dizer ortigas , por haver alli muitas) a comprar todos os provimenes que houvesse , e della lhe foi muito trigo , muitos carneiros , e outras carnes , e iegumes , com o que proveo o Baxá muito bem aquella Fortaleza : em lugar do Baxá seu filho deixou Thomaz Baxú com outros soldados de refrelo , porque os que alli achou por fracos não estavam para nada. Nisso gastou o Baxá tres dias , no cabo delles se partio com tençao de fazer volta por Temanis , por se desviar do caminho que trouxera ; e passando o rio á outra banda , tomou outro acordo ; e estando já quasi alojados , tornou a abater as rendas para cortar pelo caminho de Altucala , e Caracala , o que os Turcos comíram tão mal pelo muito trabalho que tinham passado , que lhe disseram , que na guerra não estavam obrigados a resoluções de Capitães mancebos , porque aquellas mudanças mais pareciam de meninos que de homens , que se elle quizesse fazer outro caminho , elles não haviam deixar o que levavam ; e assim com muita determinação se desviaram a maior parte delles , e foram ter a Chars , e o Baxá a Altucala com os que o quizeram seguir. Chegado aqui o Baxá acompanhado sempre do arrenegado Manuchiar , e como já

ja desconfiado do successo passado, rememorando-se que ficasse de todo perdido diante do Turco, determinou de deitar as culpas todas sobre o Manuchiar, e cortar-lhe a cabeça. Pera isto formou processos contra elle em segredo, que em todas as nações do Mundo tem o demonio semeado esta inalicia, e tirou testemunhas falsas, que affirmaram que elle se carteava com o Sermetrombel, e que por sua ordem o levava por aquella parte, porque sabia muito bem que nella o esperavam. Com isto determinou de matar o Manuchiar dentro na sua tenda, e o mandou chainar pera isso: e ou elle parece que foi avisado, ou que suspeitasse, e se receasse de alguma cousa, levou coimigo trinta, ou quarenta dos seus mais determinados, e os avisou que ficasssem de fora da tenda, e que sentindo dentro rebolço, cortassem as cordas, e a deixassem calijir; e a outros poucos, que deviam entrar com elle, lhes mandou que tanto que ouvissem remetter com o Baxá, dessem elles em todos os que com elle estavam na tenda. Entrando elle na tenda, como o Baxá tinha avisado os seus, lançaram logo mão delle; mas elle, que era hum homem mui grande, e feroz, lançou mão da espada, e descarregou sobre hum Sangiaço, que lhe poz a mão,

mão , tamанho golpe pela cabeça que lhe cortou o turbante , e foi descendo com o golpe , levando-lhe huma orelha com huma pequena de queixada , e com aquella fúria foi endireitando com o Baxá , e gritando pera os seus o ouvirem , e lhe deu algumas cutiladas , e matou hum Carnareiro seu , que estava junto delle , o que iudo fez em hum mesmo tempo com tanta pres-teza , que quando os seus , que estavam dentro , rememêram pera dar nos Turcos , já elle tinha feito tudo. Os de fora tanto que sentiram o reboligo , cortaram as cor-das da tenda , que veio toda de romaria sobre elles ao tempo que o Almuchiār tor-nava a endireitar com o Baxá Mahame-de , que ficou tão embaraçado com aquella pres-teza , que não pode tomar ne-huma determinação ; e o Manuchiār tan-to que vio a tenda cahida sobre todos , foi-se recolhendo pera a sua estancia , e poz-se com os seus armados a huma parte. O Baxá arreccando-se que o Manuchiār estives-se conjurado contra elle com os Turcos , porque todos hiam escandalizados delle , mandou abater as tendas , e alevantou o campo , sem querer entender com o Manuchiār , e foi caminhando pera a Cidade de Erzeni ; e o Manuchiār desviou-se pera outra parte , e despedio logo correios ao

Grão Turco, a quem escreveo todas as
 cousas passadas, e as desordens do Baxá
 Mahamede; e com isto mandou muitas pe-
 ças ricas, e presentes grossos aos Baxás pri-
 vados, porque entendeo que nisso estava to-
 da a sua justiça, e que aquelle era o bom
 negociar; e assim o foi, porque o Turco
 o mandou chamar por cartas mimosas, e
 com promessas de honras que lhe fez, in-
 do-se logo ver com elle, e lhe deo licen-
 ça pera ir invernar á sua terra, e o Baxá
 ficou desacreditado, e mal recebido. Os
 Persas, e Georgianos, depois que alca-
 çaram aquella grande vitoria, foram-se
 recolhendo carregados de ouro, e de dei-
 pojos, que o Oxá festejou muito, e ainda
 muito mais as desavenças que o Manu-
 chiar teve com o Baxá, porque do que
 passou com o Turco não tinha ainda reca-
 do, e entendeo que já o Manuchiar fca-
 va em desgraça do Turco, que era o com
 que as cousas da Persia podiam ir a me-
 lhor estado.

C A P I T U L O II.

De como Roque de Mello chegou a Malaca: e de como huma grande Armada do Achém foi sobre aquella Fortaleza: e da bateria que deo ás naus que estavam no Porto.

Da rta do Roque de Mello de Goa, como atrais dissemos no Cap. IX. do Livro II. foi ter a Malaca a 20 de Junho; e indo trazendo suas Patentes a D. João da Gama, disse que se cumprisse o que o Viso-Rey mandava, e sobre ellas fez sens protestos, e reclamações para requerer as perdas, e danos por quem bem lhe viessem. Roque de Mello tomou posse da fazenda de El Rey com que começou a correr, ficando D. João na Fortaleza até se cumprirem os dous mezes que o Viso-Rey concedeu a D. Miguel da Gama seu irmão para elle poder arrecadar a sua fazenda. Estando assim as cousas, aos 22 dias de Agosto appareceu sobre aquella Fortaleza huma Armada do Achém de cento e cincoenta velejas, em que entravam sete naus de alto bordo, e onze Galés bastardas, tudo o mais lanchas, bantis, e outras embarcações; e primeiro que tratemos do que fez daremos razão que Arinada era esta, e a que

que hia. Na Decada IX. se disse como
 leceo Soltão Malafaxa Rey da Vjantavia,
 que era casado com huma filha do Achem,
 e não sem suspeita de peçonha , que dizem
 mandar-lha dar Enchiladel , a que cour-
 mumente chamamos Rasale , que era ir-
 mão de sua mai , pera lhe tomar o Reyno ,
 como logo fez , porque não havia outo
 herdeiro ; e tanto que foi obedecido de to-
 dos , se casou logo com a mulher do sobri-
 nho filha do Achem , de que elle se tomou
 tanto , que determinou de satisfazer-se da
 quella affronta. Succedeo logo poucos dias
 depois fugir-lhe hum Capitão , chamado Si-
 garax , em huma Galé carregada de ouro ,
 e fazendas , e este mesmo Rey agazalhallo ,
 e recolhelo , sem o querer entregar , man-
 dando-lhe o Achem pedir logo. E ajunta-
 do affronta a affronta , mandou preparar
 huma fennosa Armada pera mandar sobre
 elle , que era esta , que appareceo sobr
 Malaca , que hia mui bem provida de mu-
 ta artilheria , munições , e gente , e por Ca-
 pitão Mor vinha Amaraxa , ou Araxa , ho-
 mem prudente havido por Cavalleiro , e
 com elle outros tres Capitães principaes ,
 Raxa Macote por Capitão das Galés , M
 taxalbela por Mestre da artilheria , e S
 ringa Malagorim por Mestre de Campo ,
 estes levavam por regimento que fossem so-
 bre

bre a Cidade de Lor, e não se levantasse
 de sobre ella sem a tomar, e arrasar, não
 lhe entregando Singa Rajá, que lá esta-
 va fugido, e que de passagem desse vista a
 Malaca, e visssem se lhe podiam fazer al-
 guna cousa. Esta Aronada appareceo á vis-
 ita daquelle Fortaleza a dezenove de Ago-
 sto; e tanto que víram tainanha Armada,
 audito D. João, e com elle Roque de
 Mello pera prover nas cousas necessarias,
 ajuntando-se pera isso em casa do Bispo
 com os mais Fidalgos, e Officiaes que alli
 havia; e a primeira couia que fizeram foi
 mandar prover de gente, e munições duas
 nãos, que estavam no porto, huma Santo
 Antonio, Capitão Fernão Ortiz de Tavora,
 que tinha vindo de Maluco, que se foi
 metter nella com alguns soldados, que o
 quizeram acompanhar; a ontra de D. Jor-
 ge Barache, Capitão de Cochim, de que
 era Capitão Estevão de Valladares, e man-
 daram que D. Henrique Bandarra com to-
 dos os Malayos, e alguns Portuguezes se
 fossem pera a Tranqueira do Ilher, porque
 os inimigos não se mettessem naquelle po-
 voaçao; e porque o Baluarte Sant-Iago,
 que o mesmo D. João tinha levantado de
 novo, estava ainda imperfeito, todos jun-
 tos, nem se escusar nenhum estado de pes-
 soa, começaram a cavallo a correr com o
 Conto. Tom. VI. P. I. S que

que lhe faltava ; os inimigos chegáram já
perio de noite , e surgiram hum pouco at-
fastados da terra pera a banda do Ilher ; e
D. Henrique Bandarra , tanto que se cessou
a noite , lançou fora das Tranqueiras a
hum João Rebello , casado , e morador em
Malaca com alguns companheiros pera vi-
giarem a praia , porque os inimigos não vi-
sem desembarcar nella sem serem sentidos ,
e assim se foi pôr a huma parte com gran-
de vigia na Armada. Os Achens , passado
o quarto da modorra , determinaram lançar
alguma gente em terra pera verem o efta-
do em que a Tranqueira estava , e pera is-
so despedio o Capitão Mór alguns bant-
ligeiros , que foram pôr as proas na praia ,
em que os nossos estavam , e com muito si-
lencio foram demandar as Tranqueiras per-
ra darem nellas ; e passando por onde cha-
va João Rodrigues , que os não viu , sendo
quando sentio o ferro , porque o tomaram
de sobresalto , com tudo sentindo-se cortar ,
e vendo que eram inimigos , puzeram todos
as mãos as armas , e começaram huma mui-
to arrazoada briga , indo-se todavia reco-
lhendo pera a Tranqueira até onde ^{ellos} o
seguiram. D. João Bandarra vendo a revol-
ta , sahio fora a favorecer os nossos : sendo
sentido dos inimigos , foram-se recolhendo
pera as suas embarcações , sem os ^{nossos} os

seguirem , assim por ser de noite , como por não saberem o numero da gente que era : ao outro dia levou-se toda a Armada de remo , e foi dando huma vista á Cidade , e foi surgir na banda de fóta na Ilha das náos o mais perto que pode ser , e logo os Capitães deitaram gente nella , a que começou a fazer Tranqueiras , porque determinaram de bater alli as náos pera fazerem alguma cousa , antes que se recolhessem , e ver se as podiam meter no fundo , e assim mandaram bater com grande importunação , fazendo mór damno na não Santo Antonio , que ficava mais em barreira , em que meteram muitos pelouros de setenta , e oitenta arrateis de ferro coado , e lhe feriram alguns soldados. Aquelle dia , que começaram a bater as náos (que foi o segundo da chegada da Armada) tomou Roque de Mello posse da Fortaleza por nelle se acabarein os dous mezes de tempo que o Conde tinha limitado a D. Joao da Gama , que com a gente da sua obrigação , depois de entregar a Fortaleza , se apresentou no Baluarte Sant-Iago , donde acudia a tudo o que era necessario , corrindo com a fortificação daquelle Baluarte até o acabar , o que tudo fez com muito trabalho seu , e de todos. Os inimigos hiam continuando com a bateria das náos , e hum dia foram

alguns batéis seus a fazer alguma remetida a modo dc quercrem desembarcar , a que acudio D. João da Gama , e mandou embarcar alguns soldados em outros Bantins ligeiros , o que elles fizeram com iní-
ta pressa ; e commettendo com os inimigos , os foram correndo ; e Antonio de Andrade , que hia em hum Bantim , chegou a hum Caceluxc muito sermoso , e o abal-
rou , e axorou das primeiras pancadas ; e Nuno Vieira Velho , e outros Bantins foram seguindo os mais , que a poder de remo lhes escapáram , e se foram recolhen-
do pera a Armada com alguns homens
menos , e muitos feridos. Fernão Ortiz de
Tavora , que estava na não , padecendo in-
nito trabalho ; porque quinze dias conti-
nuos , que a bateram , vararam a não por
muitas partes , o que logo era reparado
com muito trabalho seu , e dos companhei-
ros que comigo tinha ; e entre elles se
assinalou hum Gaspar Dias dc Reboreda
mais , Cidadão de Goa , que foi dos pri-
meiros que se offerceo a entrar naquela
não , por ver que ninguem se queria ir pe-
ra ella pelo risco que corria , e muitos
sez o Capitão embarcar por força , mas
todos traballháram , e pelcijáram com mui-
to valor , e esforço .

CAPITULO III.

De como os Turcos, que biam na Armada do Achém, ordenaram humas balsas de fogo para queimarem as náos: e de como Nuno Monteiro, que andava no estreito em huma Galeaça, foi soccorrer a Mafaca: e da aspera batalha que teve com a Armada do Achém: e de como por desastre tumoz fogo, e se abrazou, e queimou.

Muito enfadados ficáram os Capitães do Achém de cin quinze dias não terem feito nada, tendo gastado muita parte das munições naquella bateria das náos: pelo que alguns Turcos, que na Armada vinham, se lhe ofereceram a fazer humas balsas de fogo com que queimassem as náos, que fabricaram sobre duas jangadas cheias de barris de alcatrão, polvo, e outros materiaes; e tendo-se acabadas na enchente da maré, as tomaram as Galés á roa, e as leváram até ao canal para a corrente as ir deitando sobre as náos, e alli lhes deram fogo, e as largaram; e elles começaram a correr com tanta braveza, que metteu nos nossos muito grande espanto. Fernão Ortiz, Capitão da náo Santo Antonio, que estava diante, orde-

denou algumas defensões pera desviar ^{as} quellas balsas, sobre o que elles, e todos os seus soldados trabalharam tudo quanto foi possível. O Mestre da náo, que era huim mulato muito valente homem, chama-do Bartholomeu Fernandes, vendo o risco que as náos corriam, se as jangadas ^{cahif-}sem sobre elles, se embarcou com muita pressa em huma manchua pequena, e com elle dous soldados valentes homens, huim chamado Gonsalo de Sousa, e do outro náo soubeiros o nome; e tomando o reino em punho, com muita força chegáram a tempo que as Galés ainda traziam ^{as} jan-gadas á roa, mas já vinham ardendo; e sem recearem nenhum perigo, metteram-se entre elles, e as jangadas, e deram pique aos cabos, com que as jangadas se ^{foram} atravessando, e desviando do canal, e com muita ligereza se tornáram a recolher pera as náos, indo apôs elles muitas nuvens de pelouros, e alguns batéis muito ligci-ros; mas de tudo os livrou Deos, pera li-vrarem as náos daquelle soberbo fogo. Chegados á náo, metteo-se o Mestre no Batel, que com os companheiros, e mari-nheiros, que com grandes espeques, e es-torpalhos molhados foi desviar as balsas de fogo, que se foram desfazendo por ^o se mar; e senão fora a industria do Mestre, sem

sem dúvida que os Galeões foram abraçados Fernão Ortiz de Tavora, e Estevão de Viladares não se descuidaram; mas também varejaram as Galés soberbissimamente, com o que se foram recolhendo pera a mais Armada com bem de danno, e de desgosto de não vir a effeito aquelle negocio, que elles tinham por averiguado; e assim foram continuando sua bateria com iugão de se não elevantarem dalli sem metterem aquelles Galeões no fundo.

Vendo os nossos o vagar com que os inimigos mostravam estar, ficaram muito entadados, e ficou havendo desconfianças de podarem as náos sustentar-se a tão espantosas baterias, como cada dia lhe davam: pelo que D. João da Gama desejoso de provar a não com os inimigos nas encias, e fazer hum feito muito honrado, se ofereceuo ao Capitão, e Bispo, e lhe deu taes razões, e esperanças de lhe tomar a artilharia, que lhe concederam a jornada; e ajuntando os Fidalgos, e soldados amigos de sua obrigação, fez hum corpo de perto de duzentos homens, e pareceu bem aos Capitães mandarem avisar aos das náos, pera que com toda a gente estivessem prestes em feus bateis pera se acharem naquelle negocio; e porque a ida dos Galeões era muito arriscada, a engeitaram mui-

muitos ; mas Nicolão Pinto da obrigação
 do mesmo D. João se ofereceu para ~~isso~~,
 e embarcando-se em huma embarcação pe-
 quena muito ligeira com outro companhei-
 ro , chegou ao Galeão de Fernão Ortiz , e
 lhe deu o recado , e a ordem de como ha-
 via de desembarcar , e em que horas , e o
 mesmo ao Capitão da outra não , com o
 que se prepararam , e negociaram os batéis
 para aquella hora limitada ; mas como a
 fortuna sempre anda desviando as occasões
 de honra a quem a busca , o fez a esta em
 hum caso muito lastimoso , e muito para
 sentir , que foi este. Ao tempo que os in-
 imigos apareceram , andava Luiz Monta-
 ro por Capitão de huma Galeaça no estrei-
 to de Sincapura , e trazia perro de ~~sessenta~~
 soldados , os mais delles filhos de Malaca ,
 a quem D. João da Gama logo mandou
 avisar da Armada do Achém , mandan-
 do-lhe que se passasse ao estreito de Sabão
 por ficar mais desviado do inimigo , e que
 delle se não apartasse , porque elle o avis-
 ria de tudo o que sucedesse ; e que não
 deixasse passar nenhuns Turcos , e Juncos
 de mantimentos , e os detivesse comigo ,
 porque não fossem cahir nas mãos dos in-
 imigos , e se provesssem nelles : e não se
 segurando só em este recado , mandou-lhe
 segundo , e terceiro , e o mesmo fez Roque

de Mello, depois que tomou posse da Fortaleza, com penas de caso maior se fizelle o contrario; mas elle como era muito esforçado, e trazia consigo tantos filhos de Malaca, parecco-lhe a todos que não faziam o que deviam, senão fossem socorrer aquella Fortaleza, e porque entendiam que a Galeaça só podia peleijar com toda aquella Armada, concertados todos nesta opinião, não dando pelos mandados, e protestos do Capitão, fizeram-se á vela pera Malaca, e appareceram ao mar. Tanto que da Fortaleza foram vistos, despedio logo o Capitão hum Bantim muito ligeiro, em que mandou embarcar hum Nuno Vieira, por quem mandou dizer a Luiz Monteiro que logo se tornasse pera o estreito, sob pena de caso maior, do que lhe a elle deo pouco, porque recolhico dentro a Nuno Vieira, e deixou-se ir seu caminho com a Galeaça posta em armas, e a artilharia lentes, e carregada com determinação de passar por toda a Armada inimiga, e surgir na Poça. Os inimigos tanto que viram a Galeaça, embarcaram com muita pressa toda a artilharia que tinham nas esplanadas, e com toda a Armada repartida em duas partes foram commetter a Galeaça; e cercando-a á roda, a começaram a bater muito furiosamente. Luiz Monteiro,

que

que vinha destes, e a ponto, recebeuo os inimigos com muito animo, e começoa a descarregar nella toda a sua artilharia, que lhes fez mui grande damno; porque como o mar estava coalhado de embarcações, todos os tiros se empregavam mui bem, matando, e destroçando tudo o que achavam; e tal destruição fizeram em todos os navios, que depois de haver muito que durava a batalha, se afastou a Armada pera fóra quasi destroçada; e tomando ^{entre} si conselho, assentaram de abordarem a Galeça com os Galeões, que eram ^{mais} alterosos que ella, e os guarneceram mui-
to bem, e encheram da melhor gente da Armada, e foram commetter a Galeça, disparando nella aquella tempestada de ro-
vões, e coriscos, que parecia que tremia o mar, e a terra, e depois investiram a Ga-
leça por ambos os bordos. Luiz Monteiro,
e os companheiros puzeram-se em sua de-
fensão com tamango anuno, e valor, que
não arreceavam em nada aos inimigos, e
fizeram tão altas couças, e tão grandes,
que não oufa a pena a escreverella, ^{nenh}
as palavras bastam pera as especificar; que
foi tamango o damno, e estrago que ^{fizeram}
em os Galeões, que lhe foi forçado
apartar-se, ardendo em vivo fogo de mui-
tas panellas de polvora, que nelles ^{lançaram}

tam os da Galeça, posto que os mais dos soldados estavam feridos, e abrazados do muito fogo, e das muitas panellas de polvora; e andavam com o furor da brigão animosos que nada sentiam; senão fora a desventura que lhe sucedeu, houveram de chegar a Malaca vitoriosos de tamanha Armada; e foi, que estando na mór furia da briga, os inimigos já assustados pelos não poderem sofrer, acertou a vela da Galeça a tomar fogo; e andando os nossos apagando-o, cahio huma faísca pela escotilha abaixo: os peccados a encaminharam pera huma gamela de polvora, onde os bombardeiros estavam carregando humas cameras de falcões; e dando nelles, tomaram fogo, e dalli passou á mais polvora que estava em barris, e com aquella furia arrebentaram as cubertas por elles ares com tamanho terremoto, que foi es-
 panto. Da Fortaleza foi visto aquelle es-
 taculo com tamanho sentimento, que se poe toda a gente em pranto, por terem os mais dos moradores nella filhos, e irmãos, e sobrinhos; a Galeça ficou alli ardendo em chamas, abrazados nella quasi todos que alli hiam, porque parece que permitio Deos que com aquelle genero de morte pagasse a desobediencia de seu Capi-
 tão, que contra tanto mandado seu vieram bus-

buscalló naquelle lugar: alguns que o fogo lançou ao mar, tomaram os inimigos vivos, e os leváram cativos; e contentando-se com aquelle feito, que elles com todo o seu poder não puderam alcançar, meio destroçados se fizeram na volta de Lor, donde entráram, e os Capitães mandaram pedir ao Ragalé que lhes mandasse logo Singa Rajá, do que elle zombou, porque já estava muito fortificado, e provido de tudo. Os Achens vendo aquelle desengano, desembocáram em terra, e assentáram seu campo á custa de muitas vidas dos seus, e começaram a bater a Cidade com muita furia por espaço de hum mez, em que assim os de fóra, como os de dentro receberam assás de danno. O Ragalé viu-se tão apertado, que lhe foi necessário mandar pedir socorro ao Capitão de Malaca, que por conselho do Bispo, e de D. João da Gama, Capitães, e pessoas principaes, assentou de lho dar, porque não convinha terem alli o Achem, que era muito poderoso, e mandou negociar dez, ou doze batéis, cujos Capitães eram Antonio Fernandes de Ilher, D. Henrique Bandarra, Antonio de Andrade, e outros filhos de Malaca, e os mandou que se fossem meter em Jor, e ajudassem a defender aquela Cidade.

Estes navios entráram de noite pela barra dentro, sem serem sentidos dos inimigos, e preparamo pelo gale de Raja Malota, que estava apartada das outras, deixando-lhe luma sombra de panellas de polvora, e apôs elas se baldearam dentro, e a espada mataram quantos nella estavam, e a Raja Malota cortaram a caheça, e se fôhiram com ella, e foram desembarcar em terra, e entraram em Jor, e a apresentaram a El Rey, que a estimou muito, e logo a mandou arvorar em sima de hum baluarte, para que os inimigos a vissem. Os Achens fôdram muito amedrontados daquelle negocio, e muito mais de lhes dizerem huns escravos que tomáram, que era chegada huma grande Armada de socorro a Jor, e que o Capitão de Malaca se ficava embarcando para vir peleijar; e certo que parece que Deus guiou as linguas a estes, porque logo os inimigos ficaram tão descorçoados, que seia quercrem esperar mais, se embarcaram, e deram á vela para o Achem. Disto foi logo avisado Roque de Mello por Bantim, que Antonio Fernandes de Ilher despedio com recado; e porque esperava por horas pela não de S. Thomé, que havia de vir carregada de fazendas, em que todos os daquelle Fortaleza traziam seu cabedal, receando-se que os inimigos a encon-

contrasseim , despedio hum Bantim ligeiro
 carregado de munições com regimento ^{ao}
 que nelle hia , que se fosse de longo da col-
 ta da terra de Malaca até dar com ella , e
 que lhe mettesse dentro as munições ; e ^{ai-}
 sun despachon outro Bantim a esperar a Ar-
 mada dos inimigos pera ver por onde se
 recolhia . O Ragale , tanto que ficou des-
 prestado , e que vio os inimigos recolhi-
 dos , deitou ao mar síncoenta Bantins mu-
 ito ligeiros , em que se embarcou com
 melhor gente que tinha , e foi seguindo os
 inimigos pera ver se os podia derrubar , e
 vendo que se recolhia com muita pressa pe-
 la via de Baneales , e que hia já mui aion-
 gado delle , fez volta pera Malaca , por lhe
 parecer ser obrigação dar os agradecimen-
 tos ao Capitão do soccorso que lhe manda-
 ra , pera o que lhe mandou diante pedir li-
 cença ; e depois do recado chegou á ha-
 hia , e pondo a proa no caes , desembarcou
 em terra com muita segurança , e ali che-
 gou o Capitão , e o Bispo , e os Vereadores ,
 e o povo , que o receberam com muita hon-
 ra , e o Capitão o levou pera a Fortaleza ,
 e o banquetcou aquelle dia esplendidamen-
 te , e o mesmo fez a todos os seus , e so-
 bre a tarde lhes foi mostrar a povoação
 de dentro da Fortaleza , que estava com
 todas as janellas alcatifadas , e pelas ¹⁰⁰⁰
 mui-

Muitas charamelas , e outros instrumentos de alegria , e daquelle caminho se foi embarcar. Estando já no caes , lhe mandou D. João da Gama , a quem o Ragale desejou muito ver por neto do Conde Almirante , que descubrio a India , seu filho mais velho , a quem o Ragale fez muitas honras , e despedindo-se de Roque de Mello muito satisfeito dos gazalhados que lhe fez , dando-se hum a outro pessoas , e brincos ricos , e curiosos , e com isso se embarcou , e se tornou pera Jor. D. João da Gama não quis ver o Ragale , nem sabio de sua casa por pontos de opinião , mas mandou-o visitar por seu filho , como dissemos.

C A P I T U L O IV.

De como Fernão de Miranda foi a Surraze esperar as naos de Meca , e tomou unha Cidade de Balata: e da grande mortim que houve em toda a Armada contra o Capitão Mor.

Já atrás (no fim do Cap. XV. Livro II.) démos conta de como o Conde D. Francisco Mascarenhas mandara a Fernão de Miranda que na entrada de Agosto fosse esperar as naos de Meca , e que tomasse todas , quer trouxessem cartas , ouer não : e

juan-

juntamente com estas cartas escreveo outras ao Capitão de Dio, em que lhe mandava que no mesmo tempo mandasse a Armada da obrigação daquella Fortaleza ao porto de Goga, e que alli esperasse por huma não do Hechar, a quem o Conde D. Luiz de Ataíde tinha dado cartas pera ir tomar aquelle porto, sem a obrigar em ir pagar os direitos a Dio. Fernão de Miranda tanto que veio daquella jornada do Rey de Sarzeta, que atrás contámos Livro II. Cap. XV. logo começou a tratar da Armada, e a mandar negociar todos os navios que havia, e a ajudar marinheiros, e todas as mais cousas necessarias pera aquella jornada, o que fez com tanta diligencia por haver falta de marinheiros, que elle mesmo em pessoa foi a Baçaim, e Atana negociallos; e ajuntando huma somma de marinheiros, tornou-se a Damão, onde se começou a deitar a Armada ao mar, a que acudio por terra o Vedor da Fazenda, que estava em Baçaim, e correu com todas as despezas, e provimentos, conforme as Provisões que o Vilo-Rey lhe tinha mandado sobre aquelle negocio; e em fim tais pressa deram todos á Armada, que quando foram vinte e quatro de Julho, vespresa do Apostolo Santiago, sahio Fernão de Miranda pela barra fóra com vinte e quatro navios fermosamente guarnecidos, e cheios de

de muita, e boa soldadesca, que em Damão ficou aquelle inverno por causa da guerra.

Os Capitães que foram na jornada são os seguintes: Diogo de Miranda de Azevedo o Velho, D. Francisco da Gama, Pedro de Sousa, Miguel de Azevedo do Couto, Pedro de Negreiros, Antonio Pegado, Christovão Leitão, Luiz Rodrigues Fajardo, Antonio de Andrade, D. Pedro de Melo, Nuno Alvares Pereira, Fernão Martins de Sousa, Mestre Domingos Veneziano, grande oficial de galés, D. Manoel de Azevedo, Pedro Homem Pereira, Francisco de Miranda Henriques, Antonio de Lima, Antonio Rodrigues o Ponoba. Dada a volta, foram estes navios seguindo sua jornada, e acharam os mares tão grossos da inverna da que os comia, por ser naquella encalada o inverno a mais soberba, e medonha causa da vida, e foram de feição, que com a força rendeu o mastro ao navio do Capitão Mór, que se passou a outro, e mandou ao seu Comitê que mettesse o navio no rio de hum Brasari, que divide as terras de Damão das de Ballar, defronte de quem então estavam, e que mandasse buscar outro mastro a Damão, e que logo se fesse para Surrate, como elle fez, entrando dentro do rio com trabalho, e no mes-

mo dia foi recado a Damão, e nelle lhe mandaram o mestre novo. Fernão de Miranda foi seu caminho com toda a Armada quasi alagada, e com todos os mantimentos quasi molhados, e podres: e quiz Deus que o mesmo dia asserrasse o rio de Surraté, onde entraram com muito risco, e trabalho, por ser a mais soberba barra de mares, e mais perigosa de baixos, e restingas que ha em toda a India, por causa do grande escarceo que alli faz o mar com o fluxo, e refluxo, que he o mais apiedado, e impetuoso que no Mundo ha, e ao outro dia chegou o navio com o mestre novo, mas sem mantimentos, por item podres, como todos os mais de toda a Armada: pelo que lhe foi forçado despedir recado a Damão, pera que o proventor de novo, o que o Vedor da Fazenda fez com muita pressa, e carregou alguns farrins de biscouto, e arroz que lhe mandou, e elle mesmo foi a Surraté ver, e prover a Armada, porque havia de passar a Dio a tomar posse daquella Fortaleza até chegar Manoel de Miranda, que era provido dela, que foi no Outubro seguinte; e o Licenciado Francisco de Frias, depois que proveo a Armada, atravessou a Dio, e tomou posse daquella Capitania. Fernão de Miranda deixou-se estar dentro em Surraté,

te, e todos os dias de madrugada manda-va dous navios a vigiar o mar, o que fazia com grande risco, e perigo por causa da barra que he cruelissima; assim foram continuando ate os tres dias de Setembro, em que os homens andavam ja cançados, e quebrantados, e com todo o fato podre por aquellas aguas, que alli chovem, pois em dando na roupa, logo a apodrecem toda, e o que era porque andavam sem mantimentos, que cada dia se lhes molhavam, porque tudo nadava em agua, assim do mar, como do Ceo, que por todas as partes lhes entrava, e tudo com tanto trabalho, e sofrimento que só Portuguezes o puderam aturar.

Neste dia viram os navios, que sahiram a vigiar, huina fermosa não, que vinha do mar em fóra com todas as vélas dadas a demandar aquella barra; e fazendo sinal á Armada, sahio toda logo pera fóra alvorocados todos pera se cevarem, e restituirem nella dos trabalhos sofridos ate então; e este dia foi o de maior tormenta, que naquella jornada tiveram, e os navios passaram aquella barra com o mór perigo, e trabalho que todos: a não houve logo vista dos navios; e conhecendo ser da Armada Portugueza, preparou-se na volta do mar, e despregou os traquetes que levava toma-

dos , e Fernão de Miranda a foi seguindo
 com bolços da vela , porque os navios
 não podiam aturar os mares , e se hiam af-
 fogando , e alegando , só Diogo de Miran-
 da largou toda a vela . porque tinha hum
 navio postante , e foi-se sahindo melhor
 aos mares ; e chegando á náo , lhe atirou
 a amainar , o que ella não quiz fazer , an-
 tes lhe respondeo com outra bombardada ,
 e se deixou ir seu caminho sem dar por
 nada. Diogo de Miranda a foi seguindo
 por poppa esbombardeando-a , e ella re-
 spondendo-lhe com outros tiros mais gros-
 sos , e dando-lhe os que hiam nella vi-
 pera que vissem os nossos o ruim partido
 que tinham ; e assim era verdade , porque
 aquella não além de ser muito alterosa , e
 grande , trazia perto de seiscientos homens
 brancos , e vinte pellas de artilheria. Fer-
 não de Miranda chegou a ella com toda a
 Armada a tempo que já hia anoitecendo ,
 em que se ella fez na volta do Sul , por se não
 metter na enseada , pelo que se compassou
 com ella Diogo de Miranda pela não per-
 der , e toda a noite foi fazendo farol a to-
 da a Armada , pera que vissem , e assim o
 seguiu toda a Armada ; soffrendo toda a
 noite grandes ventos , e mui desempafados
 mares , o que tudo lhe fazia estimar em
 pouco o desejo que todos levavam de se
 ce-

cevarem naquelle não , que forçado havia de vir muito rica.

Tanto que a manheceo , rodeou Fernão de Miranda a não com todos os navios , e a foi esbombardeando , porque não era possivel abordalla , assim pela grossidão dos mares , como por ser muito alerosa , pelo que tratou de a desapparellar , porque não havia outro remedio ; mas ella se deixou ir muito confiada em seu poder , disparando a sua artilharia por huma , e outra parte , de que quiz Deos livrar os nossos navios , que escapáram a ella por irem enterrados , e escondidos entre os mares , que eram tão cavados , que a tempos se não viam huns aos outros. Indo assim neste trabalho , lhe deram da Galeota de Nuno Alveres Pereira com hum pelouro de meia espada , que quiz Deos que lhe acertassem no mastro , que logo veio abaixo com todo o velame , ficando-lhe só a cevadeira , e mezena com que se deixou ir seu caminho , disparando sempre sua artilharia , e em Damão foram ouvidos os tiros , porque hiam já tanto ávante com o Balsar ; e entendendo o Capitão Martim Affonso que a noita Armada peleijava , negociou logo com muita pressa hum navio de hum Belchior Quinteiro , e lhe mandou metter muitas munições , pannos velhos , ovos ,

azeite de coco , unguentos , douz Cirurgiões , e os despedio logo , pera que se houvessem feridos que os fossem curar , e se faltassem munições á Armada , os pudersem prover ; e já sobre a tarde chegara a Armada , indo já avante acalmada , e os Mouros quasi desconfiados , e em diferentes pareceres sobre o que fariam , porque huns diziam que fossem demandar terra que estava perto , e que varassem nella pera ao menos salvarem as vidas ; outros diziam que não fizessem tal , porque ainda que varassem não podiam escapar ao cativeiro , e ao menos mulheres , e filhos , que quasi todos alli levavam , que melhor seria pelcijarem até morrer , porque isto era menos mal , que vir ás mãos dos Portuguezes . Indo nessa indeterminação , foi-lhes forçado surgirem hum pouco antes do morro do parcel , porque se acharam em fundo de menos de seis braças , e depois se resumiram em mandar commetter partidos ao Capitão Mór , porque já não tratavam de mais que de se seguiarem as vidas ; e que quando lhas não quizessem dar , que então fizessem o que fizeram os da Ilha dos Mortos , que era matarem as mulheres , e filhos , e depois pelcijarem até morrer em vingança da crueza que haviam de usar ; e pondo huma bandeira de paz , lancaram hum

hum homem ao mar, que foi afeitar a fus-
ta de Francisco de Miranda, que o levou
ao Capitão Mór; e lançado a seus pés, lhe
disse, que Cide Balala, Capitão daquella
não, lhe mandava pedir licença para lhe
mandar dous homens honrados a tratar
com elle cousas que importavam, o que
lhe concedeo; e vindos a elle, lhe
pediram da parte do Capitão, e de todos
os que vinham na não, que lhes fizessem
mercé das vidas, e lhes dessem embarca-
ções para se poderem ir a terra, que elles
deixariam a não com todo o seu re-
cheio. Fernão de Miranda poz aquelle ne-
gocio em pareceres dos Capitães dos na-
vios, e assentáram conceder-se-lhes o que
pediam; porque segundo estavam decrini-
ados (segundo parece haver-lhes contado
o Mouro, que veio á não, o que lá passa-
va) estava certo não se renderem sem cus-
tar as vidas de muitos; e que pois lhe en-
tregavam a não, que era tão rica, e pode-
ria, sem golpe de espada, que não havia
para que esperar mais. Assentado isto, pas-
so-lhe o Capitão Mór hui seguro Real,
em que concedia as vidas a todas as pes-
soas que na não estavam, e que os poria
em terra muito seguramente, sem recebe-
rem agravo algum. Com este seguro ficá-
ram os Mouros desalivados, porque só o
ca-

cativeiro sentiam ; e logo fizeram entrega da não ao Feitor da Armada , e outras pessoas , que o Capitão Mór elegeo , e todos se embarcaram pera terra com suas mulhieres , e filhos , sem levarem mais que os vestidos. Os soldados da Armada vendo aquelle negocio , e que sobre tantos traíllhos , e riscos , como em dous mezes tinham passado , se lhes desfariam em vão as esperanças que tinham do saco daquelle não , ajuntáram-se alguns navios que se fallaram , e foram-se ao Capitão Mór , e de fôra se desmandaram em palavras contra elle ; e depois que se desentadaram , deram á vela pera Dainão , ficando os seis navios com o Capitão Mór , e pelo caminho faram fazendo bandeiras negras , com que entraram pela barra de Dainão , o que metero grande confusão na Cidade , porque não sabia o que era passado , e aquellas insignias tristes vinham representando algum mal , e desastre.

Chegados á praia , desembarcaram todos ao som de tambores , e pifanos , armados , e postos em som de batalha ; e atra- vessando a Cidade , se foram meter em hum baluarte de sobre o campo , e alli se fizeram fortes. O Capitão da Cidade não ousou a bulir comigo , por serem perto de trezentos homens , e todos tão amotinados ,

e conformes, que cada vez que queriam, bravassavam a Cidade com bandeiras desenroladas, e tocando tambores, e pífanos, ao que os moradores todos se recolheram em suas casas, onde se fortificaram; e chegou o deslatino a tanto, que passando hum dia estes soldados pela porta de São Francisco, atiraram á portaria muitas espingardadas, porque fora na Armada hum ~~Padre~~, que foi de parecer do partido do Capitão Mor. E nesta forma chegavam todos os dias até á praia a vigiar a Armada, porque estavam todos juramentados de matar em Fernão de Miranda: este foi o primeiro motim deste toque, que na India se viu entre Portuguezes.

E tornando a Fernão de Miranda, quando viu ic os navios daquella maneira, sentio muito, e ainda o sentira mais, se soubera a forma em que os delles andavam em Damão esperando por elle; e dando cabo á não, a levou a Damão, e entrando com ella pela barra já em fina do banco, onde he mais perigoso, lhe cortaram as roas, sem se saber quem, a fim della dar no banco pera a roubarem; e não esteve disso muito longe, porque responçava a mare, e vinha já descabeçando pera fôra. Fernão de Miranda com alguns navios do seu bando acudio a fazer cabe-

ga á não , e a foi astastando do banco a
força do reino ; e como a poz no canal ,
deitou ancora , e na outra maré a metico
dentro , e passou-se do seu navio em huma
manchua pequena pera fazer amarrar a não ,
e segurar os seus navios , e foram-se pera
terra. Os soldados do motim , que traziam
o olho na Armada , arrebentaram pela
praia ; e vendo o navio do Capitão Mós
com o esporão em terra , remetteram com
elle , e com hum furor desatinado o entrá-
ram pera o matarem , cuidando que estava
dentro ; mas quiz Deos que escapasse aquela
furia com ficar (como dissemos) na
manchua : a praça era toda huma confusão ,
e labyrinto , de sorte que parecia huma ba-
talla campal , porque tudo eram espingas
dadas , gritos , e alaridos , que atroavam a
terra : os soldados não o achando no seu
navio , entraram em todos os mais em bus-
ca do Capitão Mós seni o acharem. O Ca-
pitão da Cidade quando vio aquelle desar-
ranjo acudio á praia com Religiosos , e
com Crucifixos alevantados , bradando por
misericordia , sem serem ouvidos , nem ou-
sarem a se meter no meio daquella confusão . Fernão de Miranda ouvindo o labyrin-
to , sem saber o que era , endireitou com a
terra ; e antes de chegar a ella , o avisaram
do negocio , pelo que lhe foi forçado re-
co-

colher-se pera a outra banda, onde se deixou estar até á noite, em que os soldados do motim se recolhéraram ao baluarte, e Fernão de Miranda se foi metter em S. Francisco, sem ninguem o faber. O Capitão da Cidade com os Religiosos graves, e honrados gastáram toda aquella noite, e todo o dia seguinte em os moderarem, refutando-se o Capitão que se o haviam pelas prezas que esperavam da não, que elle se congratulava a lhas dar por aquillo que se alvidrassem. Em fim, tanto trabalháram nisto todos, que se abrandaram os soldados, e se concertáram que dessem a cada hum dezenas Venezianos, que he o mais que se achou por Juizes louvados; a quantia de dinheiro que se nisto montava se entregou logo aos Capitães pera a repartirem por elles. Com isto se apaziguou o negocio, e se dissimulou, porque pera se haver de castigar tão grande motim, foram muitos, e muito honrados os culpados nelle: da mais fazenda da não se fez logo inventario, e se mandou recado ao Viso-Rey pera prover naquelle negocio.

C A P I T U L O V.

De huma nāo do Hecbar, que foi reprezada em Goga, a que acudio Fernão de Miranda: e de como o Vīo-Rey a mandou largar: e do castigo que deo Fernão de Miranda aos moradores do Cas telete.

A Trás no Cap. IV. Liv. III. ficou dito como o Vīo-Rey D. Francisco Matcarenhas escreveo a Dīo áquelle Capitão, que mandasse a Armada da obrigaçāo da quella Fortaleza a esperar as nāos de Meca ao porto de Goga. Este recado chegou depois da morte de D. Pedro de Menezes, por cuja virtude o Alcaide Mór, que lhe tinha succedido, mandou negociar os nāvios, e commetetc o a jornada a Francisco Ferrão da Cunha, que fora com D. Pedro por Capitão Mór da enseada, de que se elle escusou por inconvenientes que teve, e elegeo a Braz de Azevedo, Capitão do Baluarte do mar, que na entrada de Agosto sahio pela barra fora com cinco nāvios mui bem negociados; e chegando aos ca naes de Goga, surgio nelles, e poucos dias depois chegou huma fermosa nāo do Hecbar, que vinha de Meca, e trazia cartas do Vīo-Rey D. Luiz de Ataide, para que

que livremente pudesse ir descarregar em Gogo, sem a obrigarcm a ir pagar direitos a Dio destas cartas; e das duvidas que a elle puserain os rendeiros das alfandegas de Dio, na nossa Decada IX. se verá melhor. A não como vinha com salvo conduto, foi com muita segurança surgir dentro das canaes, onde a nossa Armada estava, que a rodeou logo, e não deixaram desembarcar nenhuma couça, nem ir da terra nata, e Braz de Azevedo despedio com muita pressa recado a Dio do que havia de fazer. Os rendeiros das Alfandegas tanto que souberam estar a não reprezada, mandaram logo protestos, e requerimentos a Braz de Azevedo, pera que levasse a não pera Dio, porque os direitos della lhe pertenciam pelos Capitulos de seu arrendamento. A estes protestos respondeo Braz de Azevedo, que elle não havia de bulir na não, nem falla daquelles cães pelo risco que cortia; porque como a havia de tirar por força, e contra a vontade dos de dentro, estava certo que quando se não defendessem, não haviam de querer marear as vélas; e que para o elle fazer, havia de mister muitos marinheiros, e pilotos, o que elle não havia de tomar sobre si, e que se havia de deixar estar até ter recado do Viso-Rey.

Estava por Governador em Cambaya^a hum Bancare chamado o Rao, que o primei-^{ro} dia que a não alli chegou veve rebate, e com muita pressa mandou homens de muito recado a Goa a requerer por parte do Heebar justiça ao Viso-Rey, allegando que elle não fora sabedor da guerra, antes a estranhára muito a seus Capitães, porque elle era amigo do Estado, e nunca quebraria as pazes que com elle tinha feito. En quanto estes Procuradores chegariam a Goa, continuaremos nós com a não de Goga.

Estando assim Braz de Azevedo com ella repreza até esperar recado certo do que havia de fazer, foi avisado que no rio de Surrate se negociavam alguns paraos pera virem favorcecer a não, porque parece que o Rao queria usar de ambas as mãos: pelo que foi necessário mandar recado a Fernão de Miranda, que estava já com a não em Damão, que tanto que se lhe deo, despedio logo Diogo de Miranda com alguns navios pera se ir ajuntar com Braz de Azevedo, em quanto elle não hia, porque estava acabando os negócios da outra não. Os recados de Fernão de Miranda, e os Procuradores do Rao chegáram quan^{do} juntas a Goa; e vendo o Viso-Rey as cartas de Fernão de Miranda; despedio Francisco Paes pera ir a Dainão tomar entrega da

da não, e das fazendas, e que levasse tudo para Goa; em breves dias chegou a Damão, e tomou entrega de tudo, e voltou para Goa com a não. Fernão de Miranda como se vio desembaraçado daquelle negocio, logo se fez á vela para Goga, e se juntou com Braz de Azevedo, e ficou esperando recado de Goa, que lhe não tardou, porque logo chegou num navio muito apressado, em que vinham os Procuradores do Rao, que abbreviaram tanto este negocio, que em vinte dias foram, e tornaram, porque se souberam mui bem negociar, que apresentaram a Fernão de Miranda Cartas, e Provisões do Viso-Rey, em que lhe mandava que largasse a não do Heubar, porque se assentara em conselho dos Capitães ser assim necessário por muitos, e justos respeitos, que se não declarava, porque para compensação das perdas que o Estado recebeu com a guerra de Damão, e para credito dos Portuguezes, bastava a não do Cide Balala, que elle tinha tornado por força de armas, e com esta resolução entregou Fernão de Miranda a não, ficando-lhe na mão boas alvigatas, que os Mercadores por isso lhe deram, porque vinha a mais rica que nunca sahio de Judá, porque pelo livo della só em ouro, e em prata trazia carregados seiscen-

tos mil cruzados, a fóra muito coral, bocados, recuicas, e outras fazendas.

Entregada a mão, vendo-se Fernão de Miranda desoccupado, e junta a Armada de Dio, a sua mão se quiz recolher, ^{sem} provar a mão, na Cidade de Gengimcz, que communimente chiamam o Castelos, oito leguas de Goga pera Dio, por ser de Reincis grandes ladroes, cujo porto ~~se~~ foi sempre recolhimento de todos os ~~Mais~~ Malares, Coutacolões, e Onores, que por ali andavam ás prezas das embarcações que hiam de Cambaya, e donde os navegantes daquella costa tinham recebido notaveis danmos, do que o Estado estava bem esandalizado; e muitas vezes trataram os Viso-Reys de mandar desfazer aquella ladroça, que sempre encoimendáram aos Capitães do Norte das Armadas; mas nunca se pôz as mãos na obra, o que Fernão de Miranda quiz agora fazer por se ver desoccupado de tudo, e para isto deixou espias de confiança pera verem o ~~suo~~, e gente que dentro tinha; e sendo bem informado de tudo, desembarcou ^{discre} naquella parte hum dia pela manhã, levando a diteira Diogo de Miranda, por ser seu Tio, e Fidalgo velho, que com a gente de desnavios, que pera isto lhe tinha nomeado, commetteo a Cidade, que está na face do mar.

mar, cercada de huma tranqueira á roda, e huma parte della sobre hum penedo in-
greme, que a natureza alli poz, fizeram
hum Castellete de adobes com seus baluar-
tes, e revézes, que fica todo sobre a Cida-
de; e de huma ponta do penedo com hum
rebelim, que vai fechar com a tranqueira
da Cidade, por esta parte commetto D.
Manoel de Azevedo, e pela outra ponta
da outra banda Pedro de Borges, e Diogo
de Miranda pela fronteria da Cidade; e
pois que acháram muita resistencia, size-
ram por aquella parte entrada com morte
de muitos inimigos, entre os quaes foi hum
irmão dos Capitães do Castellete, que tinha
a seu cargo aquella parte, e assim entraram
a Cidade, aonde já acharam Pedro de Var-
gas, que achando huma quebrada em hum
canto do rebelim, se lançou por elle den-
tro com os seus, e foi levando os inimigos
até á Cidade. D. Manoel de Azevedo, que
estava tambem no canto do Castellete, vio
huma bombardeira aberta, de que os de
dentro com a pressa se descuidaram, e por
ella se metteo com os da sua obrigação, e
foi entrando o Castellete ás cutiladas, ma-
tando muitos dos inimigos, e os mais del-
les o despejaram, e se recolheram pera a
Cidade, aonde já os nossos andavam pon-
do o fogo a tempo que Fernão de Miran-

da hia entrando com a sua companhia ; e porque a Cidade se acabou de despejar de todo , e os soldados se não desmandassem , mandou-lhe dar fogo por todas as paries , e se sahio pera fora , e recolheo a sua gente , porque havia por alli muitos lugares pertos , donde podia recrescer soccorro , e sucedesse desastre , pois ate alli tiveram tão bom successo .

Feito este negocio muito a seu ~~salvo~~ , se recolheo aos navios , e se foi para Damão , por se lhe acabarem os provimentos , e alli achou carta do Viso-Rey , em que mandava se passasse a Baçaim , aonde havia ordem pera lhe armarcm outros navios para andar todo o verao na costa do Norte , como adiante se verá . Francisco Pais chegou com a não a Goa , e juntamente com elle o Cide Balala Capitão della com alguns mercadores principaes , que se concertaram com o Viso-Rey ; e pela fazenda della , que tinha ainda em si , lhe deram vinte e ~~seco~~ mil pardaos ; mas o casco da não ~~se~~ lhe não quiz vender , com o Cide Balala meter todas as valias que havia em Goa , o que fez suspeitar a alguns homens , que traziam entre-forros muitos Venezianos ; se os ella tinha , elles se sumiram sem os ninguem ver . Em fim a não carregou-se por El Rey , e depois foi vendida a D. ~~Pau~~ de

de Lima , quando foi entrar na Capitanía de Chaul.

C A P I T U L O VI.

Das couças que neste anno aconteceram em Maluco: de como o Governador das Manilhas escreveo a Diogo de Azambuja, Capitão de Tidore: e de como estava jurado em Portugal El Rey D. Philippe, e de outras couças.

QUANDO démos relação da perdição de D. Joao da Gama , o fizemos também de como o Galeao que Fernao Telles despedio pera Maluco com provimentos , de que era Capitão Fernao Ortiz de Tavora , não passára de Malaca , pelo que a Fortaleza de Maluco se vio em tanto trabalho , e fomes por causa da guerra , e lhe faltaram tres annos os Galeões da carreira , como na Decada IX. se verá mais largamente : e se D. Joao da Gama , Capitão de Malaca , o não provêra , sempre sem dúvida passára a mór trabalho. Agora vendo Diogo de Azambuja , Capitão daquella Fortaleza , que lhe faltára também este anno o Galeao da India , não sabia o que cuidasse ; porém não desesperou de a soccorrerem de Malaca pela via da Jaoa na monção ordinaria , que era em Julho seguinte.

Estando com estas esperanças, remedian-
do-se o melhor que podia com grande pro-
visão, chegou ao porto de Tidore huma Frá-
gata aos dez dias de Março deste anno de
1582. em que andavam, a qual vinha de
Manilha, e nella huma Francisco de Due-
nhas com seis Hespanhóes, que Diogo de
Azambuja recebeo bem, e o Duenhas de-
deo huma carta do Doutor Sant-Iago de
Vera, Governador das Filippinas, com huns
actos, e papeis authenticos, que lhe vieram
por via da nova Hespanha; e abrindo a
carta, vio que dizia assim:

» Si hasta aqui era mui justo nos fre-
» ci quentassemos, y tratassemos a menudo,
» siendo tan vicinos, y vassallos de Reys
» Catholicos, y tan amigos, y deudos, ina-
» cha mas rason ay al presente pera hazelo,
» haviendo sido Dios servido de juntar
» los Reynos en cabeza de El Rey Don Fr-
» lippe nuestro Señor; de lo sucedido
» cerca desto non ay particular relacion en
» esta, assi por tener por cierto la havia-
» ja tenido bien larga, y copiosa por la
» India, y aun segun sospecha nuevo Viso-
» Rey; pero por la incertidumbre que las
» cosas de la mar tienen, enbio con esta to-
» das las relaciones, que an venido a mis
» manos de lo subcedido despues de la mor-
» te del Cardinal Rey, y assi mismo pre-
» pue-

» puesto que en vuestra merced , como per-
 » sona de tan buenas partes , de quien se
 » ha hecho confianca de Plaça tan impor-
 » tante nò puede dexar de concurrir la
 » fidelidad que tiene jurada , y deve a su
 » Rey , y que lo es El Rey Don Filippo nu-
 » ~~este~~ Señor que al presente reina , y está
 » recibido em Portugal por toda la nobre-
 » za del , me ha parecido que si por aca-
 » so la novedad presente huviesse alguna
 » causado en esta tierra , y en Malaca , y
 » Macao con los naturales dellas por nò los
 » tener en la subjecion que los que nòs ou-
 » ~~tos~~ posseemos offerecer de my parte
 » el soccorro que desde aqui puede Su
 » Magestad darles , que pecta las fuerças de
 » por aca nò son pocas , a Dios gracias , las
 » de aqui asty de gente , como navios , ga-
 » leras , como de artilleria , y municiones :
 » asty presupuesta su fidelidad , ofrecien-
 » do necessidad , lo ofresco yo a vuestra
 » merced em nombre de Sua Magestad
 » contra todos os que intentaren de le-
 » desservir en qualquiera manca ; y en esta
 » rason escribo al Capitan mayor de Malac-
 » a la que con esta vā. Vuestra merced se
 » la encamine en haviendo con quien , y
 » una copia de las nuevas , que embio ; y si
 » hubiere alguna cosa particular en que le
 » pueda servir , me avise dello , pues es ra-
 » son

» son que entre nos-otros aya toda huma-
» nidad ; y del portador, que es un buen
» soldado , podrá vuestra merced saber lo
» demás que de acá quisiere. »

Lida a carta , e papeis que com ella
lhe deram, ficou Diogo de Azambuja mu-
to sobresaltado , porque por elles claramen-
te se mostrava ser El Rey D. Henrique mor-
to , que elle ainda não sabia , e ter succe-
dido no Reyno El Rey D. Philippe , por sen-
tencia dada pelos Governadores , e Defen-
sores do Reyno de Portugal , que o dito
Rey D. Henrique em sua vida tinha nomea-
dos , e consideradas aquellas cousas , vendo
que ás obras de Deos não havia que dizer,
logo tornou a despachar a Fragata , e re-
spondeo ao Governador de Manilha na for-
ma seguinte :

» Recebi à carta de V. Senhoria com as
» mais relações que me mandou , que lhe
» vieram de Hespanha na era de 1580. e
» chegou a tempo que eu não tinha novas
» de Portugal , nem da India , por me faltar
» o Galeão dos provimentos este anno. E
» com receber grande contentamento de ter
» cartas , e novas de V. Senhoria , não pude
» deixar de sentir naquelle grão , que a ra-
» zão me obriga , a morir tão apressada de
» meu Rey de Portugal ; porque entendo
» que se vivera mais tempo , deixára as
» cou-

» coisas dos Estados de seus Reynos tão
 » bem ordenadas, que não succederam as des-
 » ortilens, e desconcertos que são passados;
 » mas pois nôslo Senhor disso foi servido,
 » peaza a elle que isto seja pera principio
 » de maiores bens (e não pera maiores
 » castigos) como confiamos todos que seja.
 » Estando os Reynos de Castella, e Portu-
 » gal unidos debaixo do Governo, e admi-
 » nistraçao do mesmo Catholico Rey Dom
 » Filippe, que receberemos com toda a fi-
 » delidade, e obediencia, vendo seu pro-
 » pio, e especial recado, e certeza de ser
 » legitimo Rey de Portugal; e quanto aos
 » soccorros que V. Senhoria offerece, eu o
 » estimo, e tenho em muito particular mer-
 » ção; mas ao presente não ha novidade na
 » terra mais que a guerra que tenho com
 » El Rey de Ternate, que tenho posto em
 » elido que com estes poucos Portuguezes
 » posso seguramente esperar pela Armada,
 » que espero por via de Jaoa, que ferá da-
 » qui a tres mezes; e não me vindo, con-
 » forme o estado em que estiver, avisarei a
 » V. Senhoria, porque entâo he a monção
 » dos vendaveis, que mui de presta pôde-
 » já ser o recado. A carta que escrevo ao
 » Capitão de Malaca, mandei ao da Forra-
 » leza de Amboino com as mais relações
 » pera dalli as encaminhar a quem Francis-

» co de Duenhas tambem escreveo. A via-
» gem que fez ate aqui foi muito acertada;
» porque se viera pela derrota que trazia,
» sem falta se perdera, por terem arranque-
» do todos os Christaos do morro; he per-
» soa pera muito, e fiquei-lhe muito affei-
» çoad, folgara que fora melhor agazalha-
» do, mas o tempo, e a terra não podem
» dar mais de si; delle pôde V. Senhoria
» saber as novas da terra. Nossa Senhor,
» &c. da Fortaleza dos Reys Magos de
» Tidore a 20. de Março de 1582. » Parti-
» da esta Fragata, ficou Diogo de Azambu-
» ja esperando recado de Malaca, assim pera
» se prover pelas necessidades em que esteve,
» como pera saber as certezas das novas do
» Reyno, parando na guerra com o Rey da
» Ternate, e pairando com o de Tidore,
» porque não podia mais.

C A P I T U L O VII.

De como Diogo de Azambuja mandou pedir soccorro ao Governador de Manilha, por lhe faltar o de Malaca: e de como lho mandou por D. João Ronquilho: e das cousas que succederão até chegar D. Alvaro de Castro, que faleceu.

A Sem ficou Diogo de Azambuja esperando pelo soccorro de Malaca, tendo pera si que sem dúvida lhe viria; mas como Fernão Ortiz de Tavora não passou, e as cousas de Malaca se embaraçaram, não lhe foi nenhum provimento: pelo que vendo elle a monção passada, despedio apressadamente recado ao Governador de Manilha, pedindo-lhe o soccorresse, porque estava com muita necessidade. Este recado chegou a Manilha em poucos dias; e vendo aquelle Governador o trabalho em que aquella Fortaleza estava, e que já lhe fava em obrigacão, por haver succedido no Reyno de Portugal El Rey D. Philippe, que havia de estimar muito soccorrer aquella necessidade, mandou logo negociar dez embarcações cheias de mantimentos, e munitiones, e nellas mandou embarcar Hespanhóes, e por Capitão D. João Ronquilho, homem havido por esforçado, e dando-se

pref-

presla, chegou com toda aquella Armada Junta a Tidore, e foi muito festejado de todos, e os mantimentos se repartiram com ordem, e outros se guardaram pera as necessidades. Poucos dias depois disto chegaram novas a Diogo de Azambuja, que na Ilha de Pachão estavam dous juncos de Jaos carregados de cravo; e vendo quanto em perjuizo aquillo era do commercio de El Rey, pedio a D. João Ronquillo quizesse ir com sua Armada dar nelles, o que ele aceitou; e negociando-se bem, foi tomar Bachad. Os Jaos tanto que viram a Armada, quizeram segurar as vidas, e houveram por seu partido deixar os Juncos, e por suas pessoas em terra. D. João Ronquillo chegou aos Juncos, e os tomou com seiscentos bares de cravo, que tinham em si trezentos cada hum; e não se contentando com esta boa preza, determinou de dar em terra, e haver os Jaos ás mãos; e assim desembarcou com todos os seus: e nem em terra os quizeram os Jaos esperar, e se recolheram pera o mato, aonde raiharem os foram buscar, e os commetiram denodadamente. Os Jaos perseguidos daquella maneira, determináram-se a morrer; e fazendo-se amores, renunciaram com os nossos, mettendo-se pelas lances sem nenhum medo, e foram ferir mortalmente alguns Portuguezes que hiam

hiam na companhia. Vendo a determinação dos Jaos, disteram aos Hespanhoes que viham amoucos, e que trabalhassem por libos desviar que lhe não chegassim. Hum Hespanhol daquelles indireitou com hum Jao, e lhe metteo huma lança pela barriga; e lancando o Jao as mãos á hastea, foi correndo por ella pelo corpo, trabalhando por chegar ao Hespanhol com huma criz que levava; mas acudio outro Hespanhol, e deo no Jao tal golpe que o derribou morto, e alguns dos Jaos peleijavam com humas armas, a que chamam Calabas, que são á maneira das físgas, que tem huma arpoeria de pouco mais de braça e inicia com o cabo, e lhe andava prezo no braco, e assim conio atiram, se acertam o inimigo, o físgam, e alando pela arpoeria, os levam a si, e os matam, e assim hum destes atirando a hum soldado Portuguez, chama do Afonso Gil, o físgou por huma ilharga, e foi alando por elle. Vendo-se o soldado daquella maneira, arrancou de huma criz, que levava na cinta, e deo tal golpe em si naquella ilharga, por onde a físga estava metida, que se abrio todo, e a físga com a força se desaferrrou, e o soldado foi logo socorrido de outros que o tiraram, e o levaram ás embarcações, onde o curáram, e viveo depois muitos annos: em fin por não gal-

gastarmos o tempo , os nossos apertaram tanto com os Jaos , que com morte de mais de cincuenta os metteram pelos matus espessos , aonde os nossos não puderam entrar.

Feito isto , recolheo-se D. João Ronquillo com alguns feridos ; e chegando aos Juncos , por se não embaraçar com elles , lhes mandou pôr o fogo assim carregados , e todos ardêram sem escapar nada ; e depois , segundo nos disseram , o Doutor Santiago de Vera , Governador das Filippinas , demandou este cravo a D. João Ronquillo , dizendo que já estava de preza pera El Rey , e que não o podia queimar , no que lhe deu muito trabalho , e não soubemos no que isto parou. D. João Ronquillo chegou a Tidore , onde ficou favorecendo a guerra contra El Rey de Ternate , dando alguns saltos em suas Ilhas , e povoações . Dahi a pouco chegou áquella Fortaleza o Galcão da carreira , de que era Capitão João Alvaro Pereira , em que hia embarcado D. Alvaro de Castro provido com aquella pitanía , que foi logo metido de posse , e juraram El Rey D. Philippe por Rey pelos Pçpéis que o mesino D. Alvaro de Castro pçra isto levava , e assim ficou correndo com os trabalhos da Fortaleza ; e não havendo dous mezes que nella estava , quando deu huma enfermidade , que foi geral naquellas Ilhas ,

Ilhas, que era de ares corruptos, por haver mais de dous annos que não chovia, de que adoeceram todos, e começaram a morrer inuitos, e dos primeiros foi João Alvares Pereira, Capitão do Galcão, e após elle D. Alvaro de Castro, que deixou nomeado em seu Testamento por Capitão da Fortaleza a hum Martim Affonso de Figueiredo, casado em Malaca, por huma Provisão que pera isto levou do Viso-Rey, em que lhe dizia que El Rey lhe fazia mercê da Capitanía daquella Fortaleza, sobre o que começou a haver algumas alterações, e bandos. D. João Ronquilho, que pousava na Fortaleza, estava enfermo, e vendo aquella confusão, fechou-se nella com os seus, e mandou dizer aos Officiaes, e moradores, que não havia de entregar aquella Fortaleza senão a quem se julgasse por justa: que lhes requeria que se compuzessem, e se determinasse aquelle negocio sem alteração. Em sim depois de ambos os pertencentes debaterem, e requererem seu direito, vieram-se compôr em o mesmo D. João, que romando pareceres, e vistas as razões de ambos, julgou por Diogo de Azambuja, vista a Carta de El Rey, em que dizia que fazia a mercê que o Conde lhe diria, e a sua Carta, em que também dizia que elle lhe fazia a mercê, que o Conde lhe di-

diria do Capitão de Maluco, pelo que logo foi metido de posse.

Poucos dias depois disso saiu D. João Ronquilho, e partiu-se para a Manilha, deixando já aquella Fortaleza em melhor estado. El Rey de Ternate tanto que soube da sua saída, receando-se que tivesse com maior poder, achou-se sobresaltado, e pareceu-lhe que seria aquillo sua perdição; porque já que El Rey D. Filipe herdaria aquelles estados, devia de mandar melhor maior cabedal para tornar a haver aquella Fortaleza ás mãos; e cuidando no que faria, pareceu-lhe melhor meio fazer-se amigo com El Rey de Tidore, persuadillo que se levantasse contra os Portuguezes, e fiel-paixões, que os matassem a todos, e que não consentissem mais outros naquellas Ilhas; e para o obrigar mais, meteu-se em algumas corocoras, e foi-se a Tidore, e do mar mandou recado a El Rey para que se vissem, sem dar conta a Diogo de Azambuja de nada, e foi-se meter na sua corocora, de que o Capitão foi avisado; e receando-se de alguma novidade, recolheu em Fortaleza a todos os Portuguezes, e negocou sua artilharia, e se pôz em armas, porque o não tomassem de sobresalto. Juntos os Reys, começou o de Ternate de persuadir o outro ao que levava no inten-

to, encarecendo-lhe ainda mais os Hespanhoes, affirmando-lhe que eram peiores do contentar que os Portuguezes, e que com tudo huns; e outros se não contentavam do que liberalmente lhes davam, senão que ainda se queriam fazer senhores das pousadas alheias, como se tinha visto naquellas Ilhas: que deviam de trabalhar por lhes cortar as rizes, primeiro que viesssem a crescer tanto, que coimessem tudo, e que lhes lenibrasse que ambos eram parentes, cunhados, amigos, e sobre tudo de huma mesma lei; a quem os Portuguezes tinham feito tão grandes affrontas: que entendessem que se o juntassem hum dia, que a elle o haviam de star ao outro, que o bom seria ajuntarem-se ambos, e convocarem parentes, e amigos, e cortarem aquelles herpes, primeiro que lhes chegassem aos corações; El Rey de Tidore o ouvio bem; e considerando aquellas cousas, e correndo-as alli todas pela memoria, entendeo que lhe vinha bem suspeitar os Portuguezes em sua terra, porque se os lancasse della, estava muito certo tomar-lhe logo o Reyno El Rey de Ternate, como mais poderoso; e como todas as suas cousas as declarain por figuras, e comparações, não lhe respondeo mais que com esta pergunta: Se douz homens forem a hum desafio, hum com espada só, outro com

com espada, e rôdella, qual delles ~~estava~~
de vantagem? O Rey de Ternate lhe disse,
que o da rodella: Ah sim? disse o de Tido-
re: Pois que se vê que os Portuguezes são
minha rodella, quero-me apoiar com el-
les. Vendo o de Ternate aquelle desenga-
no, voltou pera sua casa, e o de Tidore
chegando a terra, lhe disseram que o Cap-
tão estava na Fortaleza com todos os Por-
tuguezes postos em armas, e em grande re-
volta, sem saberem o que era, do que el-
le ficou hum pouco embaraçado; e indo-se
á Fortaleza, entrou nella só, e muito se-
guro, e confiado, e achando todos em ar-
mas; perguntou que novidade era aquella?
Diogo de Azambuja vendo a segurança da-
quelle Rey, lhe respondeo, que lhe disse-
ram que sua Alteza se fora meter nas co-
rrocas de El Rey de Ternate, que era seu
inimigo, e que já o tivera prezo; e por
não saber o que aquillo feria, estava pre-
tes pera lhe acudir, se lhe quizessem fazer
algum desacato. El Rey estimou muito a
quillo, e lhe disse que assim se esperava
delle. Neste estado deixaremos agora estas
coisas ate tornar a elles.

C A P I T U L O VIII.

Das Armadas que o Viso-Rey D. Francisco Mascarenhas ordenou : e das nãos que este anno de 582. partiram do Reyno : e do que lhe sucedeo na viagem.

Porque as cousas de Damão não pôde ser contarino-las por pedaços, nos pareço bem concluirmos com ellas, como temos feito, por não cortarmos o fio da historia: pelo que será neccesario tornar a continuar com as cousas, em que o Conde D. Francisco Mascarenhas proveo no inverno, e com as Armadas que despedio pera fóra. Acabado o verão, tratou logo o Viso-Rey das Armadas, que havia de mandar pera fóra, e de reformar os navios pera isto, principalmente pera Malaca, porque determinou de nos primeiros dias de Setembro soccorrer aquella Fortaleza; porque nos derradeiros navios que daquellas partes vieram teve cartas dc como o Achém affrontado do successo passado mandava ordenar huma grossa Armada contra aquella Fortaleza, e foram as novas a tempo que já não podia prover: pelo que tinha determinado de na entrada de Setembro mandar hum Galeão com cem

homens, e muitos provimentos, e munici-
ções, a que mandou dar grande pressa, e
juntamente com isto aos navios, e gale-
sas, que haviam de ir a Malaca, no que se
gastou todo o inverno; e na entrada de
Agosto ordenou alguns navios pera man-
dar ao Malabar pera proverem de mani-
mentos na Costa do Comorim, e algumas
náos, que estavam carregando de pimenta
pera Meca; e pera esta jornada elegero
D. Gilianes Mascarenhas seu sobrinho, que
começou a correr com a Arinada: e por-
que pela muita guerra que Mathias de Al-
buquerque tinha feito o anno atras ao Ma-
lavar, com que o poe em tanta necessidade,
e aperto, que lhe mandou pedir pazes, 10-
bre o que elle o não quiz ouvir: pelo que
lhe foi necessario mandar a Goa a tratativas
com o Viso-Rey este inverno, e com con-
selho dos Capitães se assentou que se lhe
concedessem; e que pera mais autoridade
fosse Mathias de Albuquerque ao Malavar,
e que lá as assentasse, e concluisse com
elle, sem embargo de haver de ir em Ja-
neiro entrar na Capitanía de Orinuz, por-
que tudo podia fazer até todo o Novem-
bro, e que se podia recolher, e deixar a
Arinada a D. Gilianes Mascarenhas pera
ficar naquella Costa todo o mais resto do
Verão. Concluido isto, começou o Viso-
Rey

Rey a despachar os navios que D. Gilianes Mascarenhas havia de levar, que haviam de ser oito, que a quatorze de Agosto largou pela barra fora com tempos ainda verdes, e grandes trovoadas. Os Capitães que foram com elle, são: D. João da Cunha, Francisco de Brito de Siqueira, António Pereira Pinto, Belchior Brangel, Lopo de Atoquinha, Diogo Canto, e Sebastião de Negreiros; e chegando esta Armada ao Rio de Bacanor, soube D. Gilianes estarem dentro duas náos á carga pera o Achem, pelo que surgiu sobre aquella barra, porque não sahissem pera fóra. Vendo os Mercadores impedida a barra, e que se deixassem de fazer viagem perdiam muito, mandaram tratar com D. Gilianes Mascarenhas que queriam ir pagar direitos á Fortaleza de Barçalor, e a tomarem Cartazes daquelle Capitão, e que lhe dariam a isso fianças, e seguranças, o que lhes elle concedeu, e elles foram pagar direitos, e mostraram como não levavam fazendas defensas. Feito isto, passou D. Gilianes á Costa do Malavar, e foi por ella tomando alguns navios pequenos, que hiam a buscar a noz, e conforme a Certidão que passou desta jornada, foram treze; e sendo avisado que no Rio de Cunhale se faziam prestes alguns navios de Cossarios pera sahirem a

rouhar, foi-lhe necessario tomar-lhes aquela barra, aonde esteve com infinito trabalho, ate chegar Mathias de Albuquerque com a mais Armada, e por isso o deixarmos ate tornar a elle, porque he necessario continuarmos com outras cousas.

Depois que El Rey D. Filipe teve os recados que dissemos, e via como ficava na India jurado, e obedecido pacificamente, e bem diferente do que pela ventura se esperava, determinou de prover em muitas cousas para o bom governo daquelle Estado, e entrou no despacho das naos, de que havia de ir por Capitão Mór António de Mello de Castro, que tinha comprado aquella viagem a Pedro Peixoto da Silva; e dando-se pressa ás naos, que eram cinco, se fizeram á vela a quatro de Abril, o Capitão Mór na nao S. Filipe, Diogo Taveira nas Chagas, onde se embarcou, João da Silva, irmão de Fernão da Silva, Regedor da Casa da Supplicação, que era despachado com a Capitanía de Malaca, e levava consigo D. Manoel de Almada seu sobrinho, filho de D. António de Almada, Capitão da Cidade de Lisboa, e de huma sua irmã, Luiz Caldeira na nao S. Luiz, onde se embarcou Gaspar de Brito do Rio, que estava despachado com a Capitanía de Ormuz, Gonçalo Rodrigues Cal-

Caldeira na não Boa-Viagem, e João da Foaseca no Galcão S. Francisco, que havia de ir carregar a Malaca. Elas não se seguiram sua viagem, acharam tempos tão favoráveis, que a não Capitânia, e o Galeão de Malaca, por não poderem passar os abrolhos, arribaram ao Reyno, e a não Chagas passou adiante, e foi tomar Moçambique tarde, que lhe foi forçado ficar alli; e depois na entrada de Dezembro se ~~partiu~~ pera o Reyno com a carga da não S. Pedro, de que era Capitão Leonel de Llha, que tinha vindo de Malaca, como no Cap. VIII. do Liv. I. se verá; porque por chegar alli tão destroçada, que não podia fazer viagem, se assentou que se tornasse á não Chagas aquella carga, e se tornasse pera o Reyno, e que a não S. Pedro fosse invernar á India pera se concertar, porque alli não havia apparelho para isso: e certo que parece grande desculpa não haver naquella Fortaleza huma Ribeira de El Rey com a Fabrica de Madeira de toda a sorte, entenas, e ferro, porque é certo, e breu ha infinitade delle pera alli se concertarem as nãoas que alli invernam, e se proverem do que houverem de mister, a cuja falta, e mingua vimos alli perder muitas que importavam muito, e em que El Rey, e os contratadores das nãoas,

náos , e os passageiros receberão notáveis
 perdas : e tudo pôde El Rey por naquelle
 Fortaleza , em taurins grandes , e vendeu
 muito bem aos contratadores das náos ,
 no que fora mercadoria , e dobrará o seu
 dinheiro , e as náos , que tanto lhe impo-
 ta achar alli o remedio que agora lhes faltava.
 Esta não S. Pedro , depois que deo cargo
 ás Chagas , partiu-se pera a India em dia
 de Março ; e por não poder tornar a ba-
 ra de Goa , foi invernar onde invernuu a
 náo S. Luiz , de que era Capitão Luiz
 Caldeira : foi-se mestre no parcel de Sofala ; e estando suita defrente do Rio Quili-
 mani com levantes , foi com as correntes
 cacando pera terra ; o que visto por Gaspar
 de Brito , e por outras , havendo a não por
 perdida , embarcaram-se no batel , e foram-
 se pera terra , o que foi causa de todos
 descorçoarem , porque com elles estavam
 animados. Estando os Oficiaes em grandes
 desconfianças , passou pela não Sampayo ,
 que vinha de Sofala , e o Capitão disse aos
 Oficiaes da não que se fizessem a vela com
 a cevadeira , e mizena , e armassem huma
 cruzeta (porque tinham já cortados os ma-
 trios) e se fosse pera Mocambique , que
 elle os acompanharia , porque com aquela
 já a ventar da banda do ponente ; mas co-
 mo os Capitães , e Oficiaes estavam des-
 cor-
 CDI

corçoados de todo , e já não tratavam de
 mais que de salvar as vidas , podendo sal-
 var a elles , a não , e as fazendas , não
 querendo fazer nada do que elle disse , o
 Capitão do Pangaio , tanto que a maré
 encalhou por sua propria vontade , deram
 pique ás amarras , e foram varar em terra
 pera onde se foram no batel , deixando a
 não em secco ; e fazendo-se em pedaços ,
 sem quererem os Officiaes della mais que
 quatrocentos mil cruzados de reales , que
 levavam de partes , nem passarem-se com
 elles ao Pangaio , o que muito bem pude-
 ram fazer , se entenderam que a não for-
 sado se havia de perder ; e davam por ra-
 zão que aquelle dinheiro corria o risco
 daquella não , e que tirando-o della , acon-
 tecendo-lhe algum desastre em terra , lho
 fariam pagar , como se em ficar na não
 lanhavam seus donos alguma coufa , e cor-
 ria menos risco que na terra , e assim se
 perdeu todo á mingua , e não sabemos o
 que em Portugal se fez nisso.

Este dinheiro foi ter todo ás mãos dos
 Mouros , e Cafres da terra , e delles aos
 casados de Moçambique , onde Gaspar de
 Brito morreu de febres , só a não Boa-Via-
 gem chegou este anno á India , por que o
 Conde Viso-Rey teve novas de El Rey ,
 que elle festejou muito , e com isso despe-
 dia

dio o Galeão, que estava já prestes pera Malaca, de que tinha nomeado por Capitão Pedro Lopes de Sousa, que por achar tempos contrarios tornou a arribar, o que o Conde sentio muito pela necessidade em que aquella Fortaleza havia de estar.

C A P I T U L O IX.

Das cousas que o Viso-Rey mais prozeu : e de como Mathias de Albuquerque foi ao Malavar, e Guterre de Monroy a Cananor : e de como D. Miguel da Gama se foi pera o Reyno na sua não Reliquias.

Vendo o Viso-Rey que não havia mais que a não Boa-Viagem pera ir pera o Reyno, por terem chegado novas dc Cochin, que não fora lá nenhuma outra não, ficou triste, porque quizera elle que em seu tempo não se sentira na India falta de pimenta, que he o substancial ; e para remediar isto, se contratou com D. Miguel da Gama pera ir a sua não Reliquias pera o Reyno, que elle preparou, e negociou muito bem pera se ir nella, porque não quiz esperar pera fazer outra viagem de Japão, porque era tão pouco cubiçoso, que se contentou com o procedido da pri-

meira: cousa muito pera espantar, porque o officio da cubiça he, que quanto hum homem mais tem, mais deseja então.

Em quanto o Viso-Rey dava despacho ás cousas do Reyno, despedio Mathias de Albuquerque pera o Malavar, que se fez á vela em fim de Outubro com duas galéas, elle em huma, e Leonel de Brito na outra, e dezeseis navios, cujos Capitães eram André Furtado de Mendoça, D. João de Castro, Antonio de Azevedo, Gonçalo Coelho, Sebastião de Macedo, Luiz Gonçalves Magio, Cosme de Lafetar, Duarte da Silveira, Francisco Fernandes Morigale, Pedro Fernandes seu sobrinho, e outros: levava mais huma galeaça, de que era Capitão hum Foão Correa, de sua obrigação, carregada de mantimentos, munícões, e outros provimentos pera a Armada.

Despedida esta, ordenou o Viso-Rey com a Cidade outra pera andar na Costa do Canara, dando guarda ás cafilas de mantimentos, que veiu a Goa, que se havia de fazer do hum por cento da Cidade, como estava contratado com ella: desta Armada foi por Capitão Guterres de Monjoi de Beja; que hia em huma Galé, e cinco navios, de que eram Capitães Jerônimo de Azevedo Coutinho, João da Silva de Vasconcellos, Gonçalo de Sousa, Bal-

Balthazar Fernandes, e Manoel Nunes. Esta Armada fez este verão tres, ou quatro viagens com cafilas muito grandes, com o que a Cidade se proveo bastante mente para o inverno.

Despedidas estas Armadas, foi o Viso-Rey dando pressa aos despachos das náos, que haviam de ir para o Reyno, porque não eram mais de duas, e havia muita gente: foi a feira tão cara, que por darem hum lugar para dormir a hum homem, e de comer a elle, e a hum moço, levavam os Oficiaes oitocentos pardaos. Esta he a razão, por que muitos deixaram de ir querer seu serviços, porque não tinham com que poderem suprir a tão excessivas despezas, como são as desta viagem, e depois as da Corte, e ficam morrendo de fome pelos Hospitais da India.

E tornando as náos a Boa Viagem, tomou primeiro a carga, e partiu-se para o Reyno: as Reliquias pelo muito que ve que concertar, deo á vela a vinte e um de Fevereiro, tão tarde que hiam os homens desesperados de poderem chegar ao Reyno. Seguindo estas náos seu caminho, já junto das Ilhas Terceiras pelejou a náo Boa Viagem com tres, ou quatro Inglesas; e foi a briga tal, que depois de muitos danos de parte a parte, se foram

os inimigos recolhendo. A não Reliquias achou no Cabo de Boa-Esperanca tamanhos contrastes que esteve arriscada, e os Oficiais quizeram muitas vezes arribar a Moçambique; mas D. Miguel da Gama sempre os animou, e esforçou, soffrendo grandes riscos, e perigos por passar ao Reyno; e assim partiu tanto, até que Deos lhe deu tempo com que passou o Cabo, e chegou a Lisboa, e surgiu dentro no rio defronte dos Paços, acudindo toda a Fidalguia, e Senhores que havia na Corte pera desembarcarem D. Miguel da Gama. Quiz a desventura que das muitas bombardadas que a não atirava pera salvar a Cidade, que tomasse fogo, citando rodeada de muitas embarcações, e com muito trabalho se apagou: e pela muita, e grande revolta em que ~~isto~~ metteu a Cidade, e pelo risco em que poe a não, e tanta nobreza, mandou El Rey que nunca mais salvassam as nãos depois de estarem furtas. Este Fidalgo vendeu a sua não, e depois de ir beijar a mão a El Rey, se recolheu pera a Vilaigueria, onde se quietou, e aposentou, e furtou muitas vezes o corpo a honras, e lugares bem honrados.

E deixando estas cousas, tornemos a Madras de Albuquerque, que deixámos parido pera o Malavar, que de caminho foi

visitando as Fortalezas do Canará, proven-
do em muitas cousas; e chegando a Cal-
cut, surgiu com toda a Armada sobre seu
porto, e tratou com o Comorim por recados
sobre o negocio das pazess, de que elle
em principio mostrou gosto; mas como
dellas não esperavam os Mouros proveitos,
senão perdas, que lá tiveram suas intelli-
gencias com que entreiveram o Comorim,
que começou a se mostrar frio naquelle
negocio; e sobre refens que lhe o Capi-
tão Mór pedia pera conclusão das pazess,
começou a haver tantos inconvenientes,
e dilações, que enfadado Mathias de Albu-
querque daquellas cousas (como quein-
hia mui bem donde nasciam todos aquel-
les estorvos) mandou lançar em terra al-
guns Naires, que o Comorim lhe tinha
mandado a modo de refens. E por elics
lhe mandou dizer, que lhe havia por ale-
vantadas as tregosas; e que soubesse que
lhe havia de fazer toda a guerra que pu-
desse; e tanto que foi noite, deo recado
a toda a Armada que se ajuntasse a elle,
e fossem surgir defronte da Cidade, e
batêsssem do mar, em quanto elle lhe não
fizesse final, porque determinou de man-
dar queimar duas náos, que estavam var-
das a huma parte, e quiz fazer crença de
committer a desembarcação pella face da
Cí-

Cidade pera divertir os inimigos a terem ;
que haviam de ir áquelle negocio , tem-
po de o fazerem a seu salvo : o que encar-
regou a Francisco Fernandes Malavar , e
lhe deo ordem do que havia de fazer , e
em sua companhia mandou a Manchua do
cercago da sua Galé com alguns soldados
de confianca pera ajudarem. Prestes todos ,
ento que foi o quarto da madorra , che-
gou a Armada a terra , e começo a es-
bombardear com grande terremoto , e es-
panto. Os Mouros , que acudiram áquella
parte , cuidando que os nossos queriam des-
embarcar , e o Comorim , mandou que
acudisse todo a seu poder , e a praia se en-
cheu de gente armada. Francisco Fernan-
des , e os companheiros , que tinham a
cargo queimar as náos , tanto que ouviram
a tormentia da artilheria , foram-se cozendo
com a ribeira , e hum pouco affastados das
náos desembarcaram em muito silencio ; e
chegando a ellas seiu acharem impedimen-
to algum , lhe puzeram o fogo muito á sua
vontade ; e depois de atear em ambas , se
recolhendo a seu salvo , ficando as
náos ardendo com tamanha bravzea , que
reueram espanto em toda a Cidade , e
assim se desfizeram em pó , e cinza coni-
gande inágoa , e dor do Comorim , por-
que o houve por affronta notavel.

Feito isto, recolheo-se Mathias de Albuquerque, e foi por toda aquella Costa fazendo a mór guerra que pode, mandando queimar muitas povoações por Francifco Fernandes Malavar, e por seu Sobrinho, a quem acompanharam todos aquelles Fidalgos, e Capitães com muito gosto; e as principaes que se queimaram foram Paxagale, Copocate, e Chatica, que são as maiores, e as mais soberbas daquella Costa. Estas cousas todas se fizeram com muito risco, e perigo, assim á desembocadura, como ao recolher; e deixando toda a Costa astolada, e abrazada, fazendo-se tempo do Capitão Mór se ir negocear pera Ormuz, entregou a Armada a D. Gilianes Mascarenhas, como lhe escreveo o Vijo-Rey, quando lhe mandou licença pera se ir entrar na sua Fortaleza por lhe caber o tempo, e na sua galé se recolheu pera Goa na entrada de Dezembro, e começoou a tratar de seu despacho, que o Conde D. Francisco lhe deo mui liberalmente, e em Janeiro se embarcou.

C A P I T U L O X.

Do que aconteceu a Fernão de Miranda na Costa do Norte: e de como D. Jeronymo Mascarenhas chegou a Goa, e o Conde seu Tio o tornou a mandar embarcar para irem costigar o Colle.

HE necessario que continuemos agora com Fernão de Miranda, e com D. Jeronymo Mascarenhas, que esperam por nós ha muito. Já atrás temos dito de como o Viso-Rey mandou ordem a Fernão de Miranda para em Baçaim armazemar alguns navios, para com elles ficar guardando a Costa do Norte todo o resto do Verão. Com este recado se foi por Baçaim para dar pressa áquelles negocios, e em poucos dias armou oito navios muito bons, e cheios de muito lustrosa soldadesca, e meiado de Novembro se fez com todos á vela. Os Capitaes eram Francilco de Miranda Henriques, Manoel de Carvalhal, Pedro de Vargas, Luiz de Freitas, Gaspar Vaz, Pedro de Sousa, e Braz da Silva de Abreu: neste mesmo tempo chegou D. Jeronymo Mascarenhas de Orinuz com toda sua Armada; e sem descansar dos trabalhos da jornada, o despedio o Viso-Rey logo com huma Armada de oito navios pe-

pera se ir a Baçaim ajuntar com Fernão de Miranda, pera que ambos com o Capitão daquella Cidade fossem dar hum castigo ao Rey dos Colles pelos damnos que aquellas terras de Baçaim havia tantos annos recebiam delle, de cujos moradores tantos camores vinham cada dia aos Viso-Reys, e querendo o Conde acudir a isto pela grande perda que El Rey, e os moradores daquella Cidade recebiam, ordenou que se ajuntassem todos estes Capitães, e que entrassem pelas terras de Colle, e Ilias destruissem de todo por tocarem aquellas cousas já no credito do Estado; porque os Lavradores das Aldeias foreiras a El Rey de Portugal pera viverem seguros deste ladrão, lhe pagavam em segredo huma pensão, que era de cada mura de bate dois larins, que vinha a montar muito pela grossidão daquellas terras: pelo que tinha o Viso-Rey mandado a Manoel de Saldanha, Capitão daquella Fortaleza, que se fizesse prestes com todos os seus moradores, pera que em chegando D. Jeronymo, e Fernão de Miranda, puzesse logo aquella jornada em efeito. D. Jeronymo partiu de Goa na entrada de Janeiro deste anno de quinhentos oitenta e tres, em que com o favor Divino entramos, e os Capitães de sua Companhia foram Pedro Homem Pe-

Pereira, João Rodrigues Coutinho, António
 de Lima, D. Manoel Affonso Henriques,
 João Barriga Simões, Balthazar Jorge Barata,
 e Domingos da Costa. Dada á vela, foram
 correndo a Costa, e anoitecendo-lhe hum
 dia defronte de Ceitapor, recolheram-se
 dentro naquelle Rio; os navios de D. Ma-
 noel Affonso Henriques, Pedro Homem
 Pereira, Balthazar Jorge Barata, e Anto-
 nio de Lima, e D. Jeronymo com os mais
 navios passou avante, e foi surgir em hu-
 ma enseada, que estava logo perto: os que
 fizeram no Rio de Ceitapor foram avila-
 dos, que dentro estavam dous pardos de
 Malavares, e pondo-se em armas, tomá-
 ram o reino, e foram-se pelo rio assalta-
 pera os tomarem de sobresalto, primeiro
 que tivessem aviso delles; e chegando ao
 porto em que estavam surtos, assim como
 biam á voga arrancada, os investiram, e
 fizeram muitas panelas de polvora. Os
 Mouros, que estavam dormindo bem des-
 guardados, acordaram em meio das cham-
 mas, e não fizeram mais que dar consigo
 no mar; e dando os nossos cabos aos na-
 vios, os tiraram com todo o seu recheio,
 e foram surgindo na boca da barra; e sen-
 do o quarto da madorra, viram os da vi-
 garia vir duas velas de mar em fóra deitan-
 do o rio. Estas eram hum parão, que
Coyto. Tom. VI. P. I. Y tra-

trazia hum Tauri carregado de mantimentos, e que o dia de antes tinha tomado hum Portuguez; e apôs estas vélas virou logo outra, que era a fusta de João Barriga Simões, que por ficar fóra da enseada, onde se recolheu o Capitão Môr, houve vista daquellas vélas, e as vinha seguindo: o parão veio demandando a barra sem ver os nossos navios, por estarem á sombra da terra já postos em armas, esperando que lhe fossem cahir nas mãos, como fizeram; e o primeiro que voz a proa no parão foi Balthazar Jorge Barata; e primeiro que chegassei, lhe deram do parão (porque também vinham prestes) com hum berço, cujo pelouro o tomou pela testa, e logo o derribou morto; e do outro pelouro caiu também hum soldado chamado Domingos Pinto, que também logo morreu. Pedro Homem Pereira, que hia logo apôs Balthazar Jorge, voz a proa no parão, e se baldeou dentro com seus soldados, e em breve espaço axoráram o navio, mettendo todos os Mouros á espada; e dando voz ao parão, e o Tauri, tornáram-se a seu porto, onde surgiram até pela manhã e os levaram a D. Jeronýmo, que não festejou muito aquillo pela morte do Barata, e despedio os navios dos Malavares, e o Tauri para Goa, e com elles D. Manoel Af-

Affonso Henriques, Pedro Homem Pereira, João Rodrigues Coutinho, António de Lina, e Domingos da Costa, ficando com elie os navios de João Barriga, e o que foi de Balthazar Jorge Barata, de que fez Capitão D. Bernardo de Menezes, que hia em huma Almadia pera Baçaim.

Estes navios, que hiam pera Goa, encontráram quatro paráos de Malavares, com quem peleijáram muitas horas muito esforçadamente; e por serem muito grandes, e levarem muita gente, não puderam ser abordados, e se affastaram os nossos com hum soldado, que se chamava de alcaide o Fonseca, morto, e muitos outros feridos, e os Malavares se foram quasi destroçados; os navios chegáram a Goa, e o Vizo-Rey deo o paráo com todo o seu recheio áquelles Capitães, e sobre isso fez mercê de dinheiro, e logo os despedio com tanta pressa, que ainda tomáram D. Jeronymo á entrada de Baçaim, que se deteve em Chaul.

Agora continuaremos com Fernão de Miranda, que deixámos sahido de Baçaim; e andando dalli até Gaçaim, teve por novas que na enseada de Cambaya andavam alguns corsários, pelo que lhe foi forçado voltar pera lá; e sendo tanto avante com a Gaçaim, estando surto da banda de fó-

ra , elle com dous navios , de que eram Capitães Luiz de Freitas , e Braz da Silva , porque os mais estavam em terra , viram vir do mar duas galeotas de Malavares vela , que os vinham demandar , cuidando serem navios de Mercadores ; e sendo já perto que os conheciam , e viram que estavam em armas , e com o remo em punho , voltaram em outro bordo pera se acolherem ; mas Fernão de Miranda com os seus navios largaram as velas , e os foram seguindo : huma das galeotas não se preparou tão bem , e ficou á terra , e de longo della foi fugindo ; a esta tomou Fernão de Miranda o balravento , e desandou sobre ella ; e assim á vela lhe poz a proa de meio a meio , deitando-lhe logo dentro huma somma de panellas de polvora , e da pressa que tiveram de acudirem a vela se acabou de virar , tendo primeiro dado huma boa surriada de espingardadas aos nossos , de que feriram alguns , e mataram Pedro de Valderrama , muito bom soldado . Fernão de Miranda tomou a vela , e a remo andou á pescaria dos Malavares , que andavam a nado , e assim ás espingardadas , como ás lançadas , não escapou hum só de mais de cento e cincoenta que eram . Dos outros Capitães hum Luiz de Freitas foi

segundo a ouira galeota até perto de Baçaim, que eram duas leguas; e indo já a tiro de falcão, lhe atirou huma bombarda, que quiz Deus que lhe acertasse o ~~maujo~~, e que desse logo com elle em ~~l~~ixo, e chegando á galeota, lhe poz a proa, e de bordo a bordo tiveram huma mui aspera batalha, principalmente da espingardaria, de que feriram alguns dos nossos, e entre elles a Luiz de Freitas de huma espingaíada pela boca, que lhe engou toda huma queixada. Estando travados ~~luns~~, e outros, chegou o navio de Braz da Silva, que tambem os foi seguindo, e dando huma bombardada na galeota, a meiteo no fundo, e no mar foram todos os Malavares mortos. Feito isto, voltaram os nossos pera Baçaim, onde Fernão de Miranda deixou os feridos, e trouxeram outros soldados sãos, e tornou a correr a enseada de Cambaya, por onde andou lhe darem recado do Viso-Rey, que se fosse a Baçaim ajuntar com D. Jeronymo Mascarenhas pera a jornada de Colle; e deixando tudo, voltou pera lá, e quando D. Jeronymo chegou áquella Cidade, havia poucos dias que elle era entrado nela.

C A P I T U L O XI.

De como o Capitão de Baçaim com D. Jerónimo, e Fernão de Miranda foram contra o Colle: e do que lhe aconteceu até chegarem á sua Cidade, e a queimáram, e destruíram.

Chegados estes doux Capitões a Baçaim, acháram já a Manoel de Saldanha, Capitão daquellea Cidade, prestes para a jornada, que o Viso-Rey lhe tinha encommendada, e era também chegada toda a gente de cavallo das Tanadarias de Tarapor, e Mayin pelo ter assim escrito o Viso-Rey a Martim Affonso de Mello, Capitão de Damão, a quem encommendou muito que tratasse com o Rey de Sarzeta para se achar naquellea jornada; e assim para mais segurança della com a primeira guia daquellea caminhos, que eram intrataveis, Martim Affonso de Mello teve nisto tal ordem que se vio com este Rey, e de tal maneira o persuadio ao que o Viso-Rey lhe pedia, que lho não pode negar. E assentados nisto, lhe deo o Rey de Sarzeta doux filhos em refens para segurança de sua lealdade, e elle se foi fazer prestes na Cidade de Talavarim, que he no extremo das terras de Damão, e das de Colje

le pera alli esperar os Capitães. Manoel de Saldanha tanto que teve recado de D. João, pôz-se logo em campo com toda a gente que havia, e fazendo alardo, achou duzentos de cavallo Arabios, e oitocentos soldados de pé, e quinhentos peões gentios da obrigação das terras, a fóra escravos dos Portuguezes, e Christãos naturaes; e entre todos oitocentos de espingardas de toda esta gente fizeram tres bandeiras; a principia de toda a gente de Baçaim, que seriam perto de trezentos homens, havia de ir com o Capitão de Baçaim, que levava a bandeira de Christo, e com ella ficaram estes Fidalgos, e moradores daquella Cidade de Baçaim Jorge Pereira Coutinho, Antonio de André Pereira, e seus filhos, D. Francisco de Noronha, D. Francisco de Menezes, e D. Bernardo seu irmão, D. Ruy Gomes da Silva, Manoel de Mello, Ayres da Silva de Mello, D. João Tello, e outros; e das outras duas bandeiras eram Capitães D. Jeronymo Mascarenhas, e Fernão de Miranda, e a gente de cavallo de Tarapor, e Maim ficou com seis Capitães pera rodearem o exercito, e para corredores, e descubridores do campo, em que entrava tambem huma companhia de gente de cavallo de Bacaim, de que era Capitão D. Francisco de Noronha;

e por não haver diferenças entre D. Jér-
nimo, e Fernão de Miranda, ordeniram
que fossem aos dias, hum na retaguarda, e
outro na vanguarda, e nessa ordem come-
gáram a caminhar, levando assim a baga-
gem, como algumas peças de artilharia de
campo no meio do exercito: a primeira
jornada fizeram até Agaçaim, e dali pa-
saram a Manora, e Allari, no que se deu-
veram tres dias, e dalli passaram a Tala-
verem, onde já acharam o Rey de Sarze-
ta com cento e cincoenta de cavallo, e
quinhentos peões: os Capitães lhe fizeram
grande recebimento, e Manoel de Saúda-
nha o levou sempre a par de si, fazendo
lhe em toda a jornada grandes mimos, e
agazalhados, e á sua gente mandou que
fosse diante a descobrir o campo, e a mo-
strar os caminhos, e de longo de huma ri-
beira caminharam sete dias, por onde se
foram detendo, por ser muito fresca, e de
boa agua até entrarem pelos matos, por
que foram marchando com infinito ira-
lho, por ser todo tão espesso, aspero, e
intransavel, que se não podia romper por
elle pela malicia dos caminhos, que são
muito estreitos, e por entre serranias al-
tissimas, e bambuaes, que sobem ao Coo,
e tão grandes, e frondosos que da hum
só pé sahe huma mata, que toma grande
dif-

distancia, e de huma a outra parte se veem
ajuntar por sima, deixando os caminhos
muito estreitos, e fechados, que em muitas
partes era necessario descerem-se dos caval-
los, e levarem-nos pelas redcas, e irem
cortando ramos, que davam pelos rostos
a todos, e lhes fizeram muitas rascaduras,
porque cortam como navalhas, dando es-
tes bambuas de quatro em quatro annos
nas pontas novas que lancão, humas espi-
gas de trigo saminho, que quasi quer pa-
recer centeio, mas mais Jouro, de que se
faz muito arrazoado pão, e delle colhem
muita grande quantidade por aquelles ma-
tos, de que muitas vezes se sustentam. Por
entre estes matos caminharam os nossos
muito de vagar, assim pela espeitura do
caminho, como pela grande força da cal-
ma, que affogava os homens, por ser entre
serras altissimas, onde o Sol reverbera, e
onde nenhuma maneira de vento, nem vi-
ração tem entrado; e havendo quatro dias
que caminhavam por entre elles, veio ter
com os da nossa dianteira hum filho do
Colle mais moço, e levado aos Capitães,
lhe disse que elle andava fugido de seu
pai por agravos, e sem razões que lhe ti-
nha feito, e que vinha alli para os servir,
e acompanhar, e mostrar os caminhos, e
avisallos de muitas cousas, e que a primei-
ra

ra era que não bebessem da agua dos po-
 gos que achassem, porque em todos tinha
 seu pai lançado trigo cozido, que he a mór
 peçonha que pôde ser; os Capitães o ag-
 zalharam, e receberam bem, e lhe deram
 hum bom cavallo, e algumas peças ou-
 tras, e aquelle dia, e noite foi com elas,
 e ao outro dia desappareceu sem ninguem
 dar fe delle, nem se soube nunca o que
 aquillo fora; mas devia de arrepender-se
 do odio com que vinha contra o paí. In-
 do assim os nossos mui enfadados do ca-
 minho, chegou hum peão apressado, e deu
 duas cartas a Manoel de Saldanha, huma
 de D. Francisco de Castro, Capitão de
 Chaul, e outra de Francisco de Frias,
 Veador do Melique, e lhe escreverá, que
 elle tinha escrito a Cide Bosetá (aquelle
 Capitão Abexim, a que D. Constantino to-
 mou Damão, como na Decada VII. fia
 dito) que depois que foi lançado daquel-
 las terras, se foi pôr a soldo do Melique,
 Rey de Chaul, e Tavia entre os extremos
 de scus Reynos, e daquelle dos Colles lhe
 mandava que com tres mil homens de ca-
 vallo partisse logo em favor dos Capitães
 de El Rey de Portugal, e lhe ajudasse a
 destruir os Colles, e que lhe escrevesse que
 se fosse detendo ate elle chegar; mas por-
 que não sabia se aquillo era algum estran-
 geiro

rema, lhe encomendava muito que se
 apressasse, e que trabalhasse muito de fa-
 zer o negocio a que hiam, primeiro que
 elle chegasse. Estas cartas as mostrou Ma-
 nuel de Saldanha a D. Jeronymo, e a Fer-
 não de Miranda, e logo as novas se espa-
 lharam pelo exercito, com que começo-
 ram os combates, e desconfianças, a que os Capi-
 tães acudiram, temperando-as com muito
 esforço, affirmando que aquillo eram in-
 vénções do mesino Colle pera os entreter,
 e fazer tornar atras, e assim foram passan-
 do adiante com grande resguardo, e no
 cabo de quinze dias chegaram a vista de
 Tavar, Cidade que estava edificada em o
 lado de hum fermoso campo muito largo,
 e direito, e em sima de huma serra muito
 fermosa, que como atalaia descubria pera
 todas as partes muito longe. A Cidade era
 grande, e fermosa, a mót parte das casas
 de pedra, e telha, e os aposentos de El-
 Rey, que eram fantasticos, estavam cercados
 a ronda de jardins, e poinares frescos a seu
 modo. Tanto que os nossos descubriram a
 Cidade, na mesma ordem que levavam a
 foram commeter, toda a gente de pé em
 hum esquadão com suas bandeiras desen-
 rolladas, e a de cavallo pela testa della de
 huma, e outra parte: acertou este dia de
 ser a dianteira de Fernão de Miranda,
 que

que ordenou a sua gente muito bem, e com muita confiança commetendo a Cidade, que logo foi entrada sem resistencia, porque a tinha El Rey despejada, e estavam todos os seus moradores por sumo das fer-
ras vendo o nosso exercito. Entrada a Cidade, vendo os Capitães que não tinham com quem peleijar, mandaram-lhe dar fogo por todas as partes, que se ateou so-
berbissimamente, pelo que os nossos se sahiram pera fôta, e a humia parte della aslentáram o seu arraial, porque dalli del-
cubriam o campo pera todas as partes, e não os podiam inquietar com sobresaltos:
aqui estiveram tres dias, em que manda-
ram queimar todas as aldeias vizinhas, on-
de se roubaram muitas cousas, e mataram
muito gado, e cativaram alguns lavra-
res, não deixando por alli cousa em pé
que não fosse feita em pó, e cinza.

C A P I T U L O XII.

*De como os nossos se foram recolbendo: e
dos recontros que tiveram com os in-
imigos: e dos casos que nesses
sucederam.*

Passados tres dias, em que os nossos estiveram sobre aquella Cidade, vendo que lhe não ficava já nada em que mostra-
spa

sua ira , alevantaram o arraial , e foram
 marchando por aquelle fermo lo campo com
 suas bandeiras desenroladas ao som de
 suas tambores , e pifaros ; e indo pelo
 meio do campo lhe sahiram alguns de
 Cavallo , e travaram com os nossos , que
 não deixáram seu compasso , e no cabo do
 campo lhe sahio El Rey dos Colles ao en-
 contro com hum corpo de gente , que se
 estimava em seis mil homens , e tinha
 andado diante hum Capitao seu com hu-
 ma boa companhia , pera que travasse com
 a vanguarda , tanto que entrasse pelo ma-
 io , como fez , e outro Capitão que por
 outra parte pegasse com elle. Com aquelle
 corpo de gente commetto os nossos da
 retaguarda , e o mesmo fizaram pelas ou-
 tras partes , e deram muito trabalho aos
 que hiam entrando no mato , porque lhes
 tinham tomado as partes altas , e de sima
 os fréchavam á sua vontade. D. Jeronymo
 Malcarenhas , que levara a vanguarda ,
 deixou duas mangas de arcabuzeiros pelas
 bhargas do mato , que foram varejando de
 huma , e outra parte sem descangarem , e
 desribando muitos dos inimigos ; e Manoel
 de Saldanha , que hia no meio com a bar-
 deira de Christo , tambem se vio em aper-
 to , porque os inimigos dos altos lhe ferí-
 ram muita gente ; e os que morr trabalho ,

e risco passaram, foram os de cavallo, porque hiam mais em barreira, e não se podiam aproveitar delles por irem a fio por aquellas estreituras. El Rey, que pegou com a retaguarda tambem, apertou muito com Fernão de Miranda, que não deixou o seu compaço, nem sahir soldado algum do seu lugar, laborando com sua arcabuzaria com muito boa ordem: e todavia assim pertáram com elle, que lhe foi necessário voltar com sua companhia, e mandou a D. Francisco de Noronha, que ficou com elle, que com a gente de cavallo pegasse com os inimigos, por ser ainda no campo largo, o que elle fez com muito esforço, derrubando daquelle primeiro encontro alguns, e misturados todos travaram huma fermosa batalha.

D. Francisco de Noronha andando na briga foi dar com hum soldado, que estava no chão debaixo dos pés dos cavallos dos inimigos; e rompendo nesses, os fez afastar, elevantar o soldado, e lhe deu huma estribeira, e o fez eavalgar nas ancas, porque estava muito ferido; e com esta volta que Fernão de Miranda fez pertáram os inimigos, e os nossos tornaram seu caminho até entrarem nas estreituras, por cujas ilhargas lançou Fernão de Miranda D. Bernardo de Menezes, e D. M. noel

doel Affonso Henriques com suas compa-
nhias pera irem com sua espingardaria va-
rejando os inimigos, e se affirma que matá-
ram por entre elles muitos inimigos, por-
que vintecentas espingardas que hiam no
exercito nunca descançaram, e foram fa-
zendo por aquelles inimigos grande destrui-
ção. Neste trabalho passaram até anoitecer,
que se recolheram a huma aldeia, em que
descançaram ate pela manhã com grandes
vigias.

Ao outro dia tornaram a seu caminho,
e começando a marchar, alevantou-se hu-
ma voz por todo o exercito que o Cide
Boceta vinha já com tres mil de cavallo
nerto, e que aquelle dia seria com elles:
isto causou em todos grande alvoroço, e
nunca os Capitães puderam ensacar donde
aquella nova sahio, pelo que não deixaram
de imaginar que era invenção do Colle pe-
rto fazer desordenar os nossos, como mui-
tos começavam a fazer; e foi a causa de
sejão, que se sumíão alguns, e se adian-
taram, e chegaram ás nossas terras hum-
dia primeiro que todos. Os Capitães sen-
tindo aquelle alvoroço, acudiram a elle o
mehor que puderam, e com grande con-
fiança, e animo os aquietaram, e foram
caminhando com grande resguardo por al-
gumas aldeias que mandavam queimar.

Esf

Este mesmô dia chegou hum peão muito apressado, e deo a Manoel de Saldanha huma carta, e pareceo que era do mesmô Cide Bofeia, e nella lhe dizia que ao outro dia seria com elles; e como tinhâam aquellas cartas de D. Francisco, e de Francisco de Frias, em que o avisavam que elle se fazia prestes pera o ir soccorrer, ou fosse verdade, ou não, não se quizeram misturar com elles, e foram mais apressadamente fazendo sua jornada, dormindo nas melhores aldeias que achavam, não deixando de sereim perseguidos dos inimigos, e de escaramuças. O Rey de Colle desejava de se satisfazer da astrosia que lhe sizeram, e determinou de arriscar tudo, ou tomar vingança della, e foi sempre ladrando apôs elles ate hum passo mui estreito, e dificultoso, que aquelles matos tem, onde se vem ajuntar duas grandes serras, e pelo pé deixam hum caminho tão estreito, que escassamente podem caber dous homens: aqui esperou o Colle aos nossos com toda a sua gente lançada per serra das serras, que ficavam como perpendiculares sobre aquelle transito pera dalli ás frechadas os derrubarem hum a hum, sem se poderem ajudar huns aos outros, e pareceo-lhe que tinha alli a victoria certa, porque naquelle mesmo passo desbaratou

o pai deste mesmo Colle ao Capitão do
Malique, que foi sobre elle, e lhe matou
cento de dous mil homens, e segundo al-
guns homens antigos de Tarapor dizem,
foi este mesmo Cide Bofetá, e para memo-
ria desta victoria tem alli huma serra de
osso, e caveiras. Chegados os nossos a
este passo, foram entrando fio por elle, e
os inimigos começaram de sima a encravalo-
los muito á sua vontade, sem elles se po-
derem valer, nem defender; porque como
os inimigos estavam por sima daquelles
picos, e pela ligeireza que lhe a natureza
deu, despidos, e encaixados com seus ar-
cos, e espingardas nas mãos, faltavam de
pêndulo em penedo, como bugios, e hiam
trechando os nossos a seu salvo, de que se
eles não podiam defender por lhes ficarem
os outros sobre as cabeças, e com o pezo-
das armas não poderem menear-se; e tod-
avia quem as levava escapou ás fréchadas;
e todos os mais ficaram não empenados,
que pareciam ouriços cacheiros.

Com todo este aperto não se desculdá-
ram os Capitães de sua obrigação, e foram
dando ordens á arcabuzaria, e varejando
com ella pera todas as partes, e como era
talito, sempre foi derribando muitos, e
transc peleijaram todos valerosamen-
te na forma em que o podiam fazer. Fer-
ante. Tom. VI. P. I. Z não

não de Miranda, que tambem naquelle dia lhe coube a retaguarda, foi ~~muito~~ ^{de} pertado dos inimigos, e esteve perdido de tudo; e chegando estas novas ao Rey de Sarzeta, que hia em companhia de Manoel de Saldanha, em ouvindo que Fernão de Miranda viria trabalhado, como era grande seu amigo, virou muito apressadamente alto: *Peleija, meu Irmão*, que assim lhe chamava sempre; e chegando a elle com a espada na mão, como o vio em caminho aperto, poe-se junto a elle; e chamando pelos soldados Portuguezes, lhes ~~disse~~ ^{disse}, que bradassem pelo Sant-Iago dos Portuguezes. E com este impeto com que entrhou acompanhado dos seus, carregaram os nossos inimigos, e os fizeram voltar, ficando-lhes daquella feita nove de cavallo effrados. Passado este transe, em que tambem morreram alguns dos nossos, foram caminhando mais desafogadamente a entrarem nas terras de sua jurisdictião, deixando El-Rey de Colle tão destrocado, que muitos annos não tornaram os seus a se reformar, e a semear suas Aldeias, pelo que lhe foi forçado mandar pedir pazes, desistindo da intenção que queria pôr nas Aldeias dos Portuguezes, que o Viso-Rey lhe mandou conceder; e por ser já sim do verão, recolheram-se aquelles Capitães das Armadas para Lisboa.

C A P I T U L O XIII.

Da desastrada perdição de D. João da Gama, vindo de Malaca: e de como se salvou no batel: e do que passou até chegar a Cochim.

Succederam tantas cousas juntas na entrada deste anno de 583. que não foi possível continuarmos com ellas por ordem, e por isso seguiremos nisto o melhor que nos parecer, porque nos não figura alguma, nem as confundamos, e por isso deixámos a perdição destas duas náos para este lugar, por não cortarmos o fio das cousas que succederam mais perto.

No Cap. IX. do Livro II. temos dito como o Conde D. Francisco despachou Roque de Mello pera ir entrar na Capitania de Malaca, de que tomou posse, da manobra que dissemos; e sendo a manobra de se partir pera a India, que foi este Dezembro passado, embarcou-se D. João da Gama com sua mulher, e filhos, e fazenda em huma náo de D. Jorge Baroche seu sogro, que estava por Capitão de Cochim; e vinha tão rico este Fidalgo, que afirmavam trazer mais de cento e vinte mil pardáos de seu, e em sua companhia partiram outras náos, em que entrava o

Galeão, de que era Capitão Fernão Ortiz de Fávora, que não passou a Malaca, como já dissemos, porque lhe veio melhor tornar-se de Malaca com fazendas a ftes, por cuja falta a Fortaleza de Malaca padecece os trabalhos que dissemos, posto que D. João da Gama a provou algumas vezes, sendo Capitão de Malaca, como na IX. Decada fica dito. E seguindo estas não os sua viagem por diferentes derrotas, aos 11. dias de Janeiro, entrando pelo boqueirão de Nicubar ás doze horas da noite, encalhou a não em huma lagea, que esta em 11. gráos, com tanta força, que logo se abriu pelo meio. D. João da Gama estava a este tempo de proa vendo mandar á via (porque já os Oficiaes hiam com receio daquelle bixio); e sentindo encalhar a não, foi correndo á poppa, e de tinha sua mulher, e filhos, e já não pode passar por estar a não aberta; e sendo avisado que os marinheiros se senhorreavam do batel, receando que lho levasssem, acudiu a elle, e mandou hum edicto seu, para que visse se podia passar a poppa, e lhe detivesse sua mulher, e filhos, para os recolher no batel; e assim foi, porque os Lascaris, que assim se chamam os marinheiros Arzbios, vendo a não encalhada, os que estavam de poppa saltaram

em no batel , e forâm-se alando á proa
 para tomarem suas mulhers que nella le-
 tavam , e recolherem-se. D. João da Ga-
 ma vendo o batel de proa , lançou-se den-
 tro com alguns criados seus , e desamar-
 rando-se , foi demandar a poppa para re-
 colher sua mulher , e filhos ; mas como
 naquelle boqueirão corriam as águas mui-
 to , e o batel hia empachado , e sem re-
 mos metidos , foi-se desviando da não:
 hum pedaço grande ; o que visto por D.
 João , mandou surgir , e lançou ao mar
 hum pequeno balão , que dentro hia , e
 nello mandou embarcar tres homens de
 confiança , para que lhe fossem trazer a
 mulher , e os filhos , e elle se deixou ficar
 no batel , porque os marinheiros se não
 levantassem com elle. Os que hiam no ba-
 lão fizeram esquipallo com alguns remos ,
 e puzeram a elles escravos , valentes ho-
 mens , e a poder de braço chegaram á
 não , e recolheram D. Joanna , que achá-
 ram sentada em hum camarote do porpao ,
 e com ella tres , ou quatro criados seus ,
 que a não largaram , que estava como mor-
 ta , porque não sabia dos filhos , que eram
 deus , de que logo daremos razão. Metti-
 da esta senhora no balão , a levaram a seu
 marido , que em extremo sentio vella da-
 quella maneira , e não saber dos filhos , a
 que

que elle queria muito , e principalmente
ao mais velho. Este menino estava com a
sua ama em outro gazalhado ; e sentindo
ella a matinada , o tomou consigo , e ju-
bio ao convés , que estava já cheio de
agua , e alli entre as niaos se lhe ansgou
o menino sem lhe poder valer : o ouivo ,
que era mais moço , lançou mão delle hum-
criado , e com elle se poz da proa ~~na-~~
quella parte , que estava asentada sobre a
laje , e alli o teve consigo até o metier
em huma jangada , que alguns fizeraam
onde o balão o achou , e o leváram ^{ao}
batel , aonde já tinham levado sua māi , e
então soube da morte do outro filho ; e
tomando este nos braços , pranteou o mor-
to com tantas mágoas , que interacearam
a todos , e magoáram muito mais a D.
João , que queria áquelle filho como os
seus olhos ; mas vendo que para remedio
de todos era necessario esforço mais que
lagrimas , tanto que aninhiecco , foi de-
mandar huma daquellas Ilhas de Nicubar ,
a que estava da banda do Norte , que era
despovoada , e nella desembarcou com sua
mulher , e gente que com elle lia , e man-
dou o balão recolher toda a que ~~estava~~
na não , que acháram em jangadas , e por
ilhotas que alli havia , e em dous dias re-
colheram perto de trezentas pessoas ^{entre}
Poc-

Portuguezes, e escravos, e morreram afogados mais de cincuenta.

Vendo-se D. João naquelle estado, e que não havia outro remedio pera sahir dali senão no batel, tratou de o concer-
tar pera isto; e dando-lhe busca, acharam
sanco, ou seis mãos de arroz, e algumas
ovas de peixe secas, a que os Malaios
chamam trubos, que era o mantimento
dos marinheiros que hião no batel; tudo
isto mandou D. João pôr a bom recado, e
deu ordem a se fazerein arrombados ao
barco de muitos bainhas que na Ilha ha-
via, e cortar alguns camudos de outros
muito grossos pera nelles recolherem agua
para a viagein, e mandou despejar o ba-
tel de muitas cousas que levava pera reco-
lher nelle a gente que pudesse; e em
quanto se isto fez, não quiz D. João que
se bulisse no mantimento que havia, que
era aquelle arroz, e o tempo que
ali estiveram se sustentaram de marisco to-
dos, e de palmitos de sessenta palmiciras
que na Ilha havia; e por não haver com
que as cortar, lhes foram assim tirar os
olhos. D. João deo muita pressa ao concer-
to do batel, porque se reccou que da ou-
tra Ilha, que era povoada, e em que vi-
viam grandes ladrões, os viesssem saltar,
e estava precatado com algumas armas que
po-

pode ajuntar, das que o mar foi lançando por aquellas ilhotas, e como teve tudo prestes com sua mulher, e filho, e todos os Portuguezes, que eram cincuenta e quatro, vendo que ainda o batel era capaz de mais, escolheu os escravos, e escravas de melhor feição, e mais obrigação, e recolheu dentro perto de noventa; e a todos os mais que ficavam na Ilha fez huma falla, em que lhes dizia que bem viam a diligencia que fizera por salvar a todos, que lhes rogava que se consolassem, e lhe cando naquella Ilha, passassem como podessem, que elle lhes prometia e certa sua fé que na primeira terra de Christãos que tomasse, compraria hum navio para os mandar buscar a todos; e com isto se fez á vela, e foi seguindo seu caminho com tão grande resguardo do arroz, que não comiam senão de vinte e vinte e quatro horas huma pouca de canja, que seco-zinha em hum boião do Pegú, e meio quartilho de agua a cada pessoa, não querendo D. João que a elle, a sua mulher, e filho dessem mais que o ordinario; e assim foram atravessando aquelle grande golfo com tenção de irem tomar Negapatao pela banda de fóra da Ilha de Ceilão, mas como o Piloto já arriado da perdição, no cabo de treze dias achou-se denro

trô da enseada da Ilha de Ceilão : e porque o tempo não dava lugar pera sahirem della, e ir demandar os baixos, desembarcaram em Veadala com seguro dos Adamarés, que são os principaes da terra ; mas depois com a cubiga do resgate lhos quebraram, e reprezaram. Vendo-se D. João naquelle trabalho, mandou avisar o Padre Fernão de Menezes da Companhia de Jesus, que estava na costa da pelearia por Reitor, pera que o socorresse. Era o Padre neto do Conde de Cautanhede, e filio de D. Pedro de Menezes da Fermezelha, homem virtuoso, e bom Theologo, que tanto que teve recado de D. João, logo despedio dous charatones carregados de mantimentos, e soldados ; e chegando a Beadala, recolheram D. João com toda a sua companhia, e no batel, e charatones se foi D. João de longo da costa até Cochim. Desembarcados em terra, logo D. João comprou huma Galiota, e meuedo nella hum homem de sua obrigação, e lhe mandou que fosse buscar aquela Ilha, e recolhesse todas as pessoas, que nella ficaram, por se desobrigar da fé que lhes tinha dado. Este navio chegou aquela Ilha quasi no fim de Maio, e não achou nella pessoa viva, porque os da Ilha povoada tanto que viram que o batel se

par-

partio, foram á Ilha, e leváram a todos que nella acháram comigo. Huma coula notáram aqui os da Galeota, que não he pera passar: esta foi, que as palmeiras, que os nossos tinham comidos os olhos, estavam outra vez renovadas, e cheias de cocos em elpaço de cinco mezes que o quillo havia pallido. O Capitão do navio vendo que alli não havia que fazer, deo á vela pera Pegú, onde levava por regimento iisse invernar.

C A P I T U L O XIV.

De outra não que se perdeu vindo da China junto de jor: e dos recados que passaram entre o Capitão de Malaca, e aquelle Rey sobre a fazenda, que elle roubou della.

Entre as náos que esta monçao partiram da China, foi huma de hum Simão Ferreira, que forá Contratador da Alfandega de Malaca, na qual se embarcou a maior parte dos mercadores ricos que aquella monçao partiram pera a India, e se afirma que vinha a mais rica que nunca partira do porto de Macao; e atravessando o grande golfo de Cambaya da Ilha de Pulo Candor pera Pucotimão, teve hum tento

po tão rijo que lhe levou o batel; e passado elle, indo demandar Malaca, fóra do trabalho da tormenta, que foi grande, fazendo pela ventura mais conta com o mundo que com Deos, com quem a não fazemos, senão aos tempos de necessidade, e trabalhos; sendo em treze de Janeiro, tanto ávante, como o rio de Jor, indo á vela descuidados, e contentes, foram encalhar em huma restinga de pedras, que está de redor de duas leguas ao mar daquelle rio; e estando a restinga cuberta, por ser agua preamar, de todo; e sendo a causa o sabida de todos, que não havia pessoa que a ignorasse, e o Piloto que na não havia havido pelo melhor de todos d'elles partes; e tanto, que vindo hum Junco em sua companhia, estando ambos furios, hum dia de antes, e vindo os Pilotos a falla, deo o da não regimento ao outro do rumo que havia de governar pera se afastar da restinga, pelo qual o Junco foi governado, e passou a seu salvo, e a não foi encalhar nella de inio a meio em dia claro, e sereno; e dizendo muitos passageiros ao Piloto que hiam perto dell', do que elle zombou, ou pera melhor dizer, quillo Deos cegar, e que os peccados de todos os levasssem assim a encalhar, sem se poderem desviar, que parece quiz Deos

Deos castigar o desassoro dos mercadores daquellas partes , que sem temor nem humor seu vem carregados de moças cativas 21-vas , e fermosas , com quem estão muitos annos amancebados , trazendo-as em suas camaras , como suas mulheres ; e como grandes , e publicos peccados são de Deos castigados com grandes , e publicos castigos , elle os temido taes vellas viagens da China , e Japão na perdição de muitas , e ricas náos , que puderam os homens recolherem-se , e recearem a pezada mão de Deos : e certo que parece que assim como naquellas partes reina mais a sensualidade que em todas outras , assim parece que mostra Deos alli mais sua ira naquelles doros , medonhos , e infernaes tempos , com que tantas vezes ameaçou , e castigou a muitos que chamaui tufoes , dos quaes ja em outra parte demos particular relação. E tornando á historia , encalhada a não no baixo , foi-se logo toda a huma banda , e como os homens hiam descuidados de tal danno , tomado-os assim de supito , fizeram todos como pasmados : e todavia alguns mais espertos acudiram a cortar os mastros , e alijar o fato do convés ao mar , mas nada aproveitou , porque como era preamar , e a maré começo logo a ceder , ficou toda a não em secco , e o

Junco que hia em sua companhia , do qual
 era Capitão , e senhorio Francisco Vie-
 gos : como hia governando pelo roteiro
 do Piloto , foi-se desviando ao mar derre-
 dor de huma legua ; e em vendo encalhar
 a não , surgiu , e mandou lá o seu batel ,
 mandando aos que nelle hiam que não che-
 gasssem á não , porque lhe não mettessem
 dentro alguma ancora pera portar , por
 ceear meter-lho no fundo , por ser peque-
 no. Chegado elle á não , viram andar to-
 dos della ocupados a fazerem jangadas pe-
 ra se salvarem , e outros já embarcados
 em alguns balões pequenos , que trazia a
 não dentro , e hiam encaminhando pera o
 junco ; e o primeiro que encontraram , foi
 hum , em que hia Antonio Dias de Men-
 doça , mercador rico , que levava na não
 cincuenta mil pardões seus , e com elle
 também Simão de Mendoça , que vinha
 de fazer huma viagem do Japão. Com el-
 te balão voltou o batel pera o junco , aon-
 de também foram ter os mais balões , e
 jangadas , ficando na não o senhorio della
 com algumas pessoas. Tanto que da terra
 vinham dar a não na restinga , accidiram mui-
 tos embarcações , a que chamam Celezes ,
 que começaram a roubar , e escorchar tudo
 o que puderem ; e Simão Ferreira , dono
 da não , vendo aquillo , embarcou-se em

hum daquellas embarcações , e foi-se a Jar , e se apresentou áquelle Rey , e lhe contou sua desaventura , e pedio-lhe que , pois era amigo de El Rey de Portugal , lhe quizesse dar cimbarcações por seu diñhei-
ro pera ir tirar as fazendas daquella náo , e levallas a terra , que dellas lhe pagaria os seus direitos. El Rey o consolou , e lhe dis-
se que se não agastasse , porque tudo se lhe daria , e mandou logo que o Official da
guarda , e Alcaide do mar fosse á náo , e
lhe levasse todos os Portuguezes , que es-
tavam na náo , o que elle fez ; e depois
que despejou a náo delles , e que os teve
comigo , mandou tirar toda a fazenda , e
a recolheo na Cidade em tarracines , a que
elles chamam Gudões , e o mesmo fez a
toda a artilharia , cordoalha , poleame , e
tudo o mais que se pode tirar da náo ; e
andando nesta descarga , foi passando ou-
tra náo , que vinha atrás , de que era Ca-
pitão Ignacio de Lima , que vinha de fa-
zer viagem do Japão , em cuja companhia
se foi o juncu pera Malaca , e deram no-
vas ao Capitão Roque de Mello do que
se passava. Vendo elle a importancia do
negocio , despedio logo João Rebello com
cartas , e recado pera aquelle Rey , man-
dando-lhe requerer fizesse entrega de todos
os Portuguezes , e fazendas , conforme ao
con-

contrato das pazes que entre elles havia ; e vendo-se elle com aquelle Rey , e trazendo aquelle negocio com elle , lhe disse , que estava prestes pera entregar tudo , mandando-lhe mostrar as fazendas , pera que visse que as tinha juntas , e bem acondicionadas ; e assun o foi entrecendo com manhas , e invenções até se partirem pera a India todas as naos que estavam em Malaca , porque tinham em Goa hum Embaixador , que nas primeiras naos , em companhia de D. João da Gama , tinha enviado ao Viso-Rey a confirmar as pazes , e outros negocios , porque lho não reprezasse , porque logo determinou de se alevar com aquella bolada , que era de tamanha importancia. Tanto que foi avisado serem todas as naos partidas , começou a vender em segredo todas as sedas aos Crames , de que João Rebello foi avisado , e se lhe queixou disto , e escreveu a Roque de Mello tudo o que passava , aconselhando-lhe que armasse alguns bantins , e mandasse esperar estes Crames ao recolher pera as suas terras ; e que tivesse mandasse algum dinheiro a comprar aquella fazenda , que se vendia em bom preço. Este recado achou ainda huma nao , que estava pera dar á vela pera a India , pela qual Roque de Mello escreveu ao Viso-Rey tudo o que naquelle

negocio passava, e juntamente despedio hum Cheli, chamado João Pereira, com vinte mil cruzados em dinheiro seu para os empregar naquellas fazendas. João Rebelo puxou tanto por aquelle negocio com El Rey, lembrando-lhe as obrigações, e amizade que tinha com o Estado, e que não quizesse quebrar as pazes, porque o Viso-Rey havia de acudir áquellas coulas, que El Rey por lhe tapar a boca lhe comegou a fazer entrega de algumas coulas de menos substancia, como foram, peças hume, louça, cobre, artilharia, e outras miudezas, para as quaes lhe pedio elle licença para comprar hum junco para as mandar para Malaca, a qual lhe elle deu; mas por detrás defendeo que se lhe não vendesse senão hum muito pequeno. Estando as coulas neste clado, chegou a Jerº o João Pereira, que o Capitão de Malaca tinha enviado com o dinheiro, o qual levava ordem para se entregar a João Rebelo, a quem escreveo, que alli lhe mandava aquelle dinheiro para pagar a El Rey todas as despezas, e direitos das fazendas da não, para que El Rey tivesse maior gozo de as entregar; mas como João Pereira sempre foi havido por suspeito, e homem de invenções, desembarcou de noite, e em muito segredo se foi ver com El Rey,

Rey, e lhe deo conta do que passava, affirmando-lhe que o Capitão, e Bispo diziam que a fazenda da não era perdida para elle, por dar a sua á costa, e que por isto mandava por elle aquelles vinte mil pardões para resgate da seda. Com isto ficou El Rey desaliviado, e pedio o dinheiro a João Pereira, o qual lhe elle deo, e no outro dia se viu com João Rebello, e lhe deo duas cartas do Capitão; e perguntando-lhe elle pelo dinheiro, lhe disse que El Rey lho tomára, do que João Rebello ficou enfadado, e bem entendeu a maldade do Cheli, e foi logo ver-se com El Rey, e lhe mostrou as contas do Capitão, para que visse que mandava aquelle dinheiro para lhe pagar os gastos, e direitos daquella Fortaleza, pedindo-lhe que pois já que o tinha em si, lhe mandasse entregar as lixeiras, e que se pagasse dos gastos que tivesse feito. El Rey lhe disse, que começasse a embarcar as iniudezas, e artilheria, e que depois o faria ao mais. Com esta palavra comprou João Rebello huma champaña, por lhe não caber aquillo no juncos, que já tinha; e começando a embarcar a artilheria nella, o mandou El Rey chamar, e lhe disse que não era contente que se embarcasse naquella champaña a artilheria de El Rey de Portugal seu irmão, pois não

era bem se arrisasse assim. João Rebello lhe respondeo, que elle tinha licença pera iſſo, e que elle tomava o risco de tudo ſobre ſi ; mas El Rey como todos aquelleſ cumprimēntos eram fingidos, e tinha de terminado o que havia de fazer, diſſimulou ; e depois da artilheria embarcada, mandou huma noite dar furo á champaña, e em amanhecerdo ſe achou toda debaixo da agua. Não deixou João Rebello de fulpeitar a maldade de El Rey, e foiſe a el le com alguns companheiros ; e presentes os ſeus, lhe encampou a artilheria de El Rey, e a fazenda da náo, pera a todo o tempo dar conta della ao Vifo-Rei da India, e de tudo mandou fazer hum termo ; e ſahido de alli, embarcouſe pera Malaca, levando forçosamente o dinheiro ; mas fezſe diſto tão pouco caſo, que julgaram todos que o Capitão o não perdeo, e os mercadores da náo tiveram por ſeu partiido mandarem hum homem a Jor a pedir aquelle Rey licença pera mandarem reſgatar suas fazendas, a qual lhe elle deo, e elles fôrça de Jor houveram muita parte dellas.

C A P I T U L O XV.

Do que aconteceio a D. Gileanes Mascarenhas no Malavar todo o resto do verão: e do que aconteceio a André Furtado de Mendoça no rio de Cunhale com humas Galeotas de Mouros.

Entrigue D. Gileanes⁵ Mascarenhas da Armada do Malavar, ficou continuando na guerra contra o Camoriin, queimando, destruindo, e assolando seus portos, tendo tal guarda, e vigia, que não puderam lançar pera Meca suas mãos, porque em lhas sentindo em qualquer rio, logo eram queimadas. Os mesquinhos clamaram, e começavam a sentir a fome sobre as mais perdas, que todas eram suas, de casas que lhes queimavam, de palmeiras que lhes cortavam, e das almadias que lhes tomavam, de sorte que em toda aquella costa havia destes prantos, e misérias, o que todo D. Gileanes fazia com pouco risco; porque aquelles Capitães Malavares, que com ele andavam, como homens que fiam as ruas, os becos, e as serventias, fizeram a salvo seu tudo como ladrões de casa; e tanto fizeram, que duas vezes puseram fogo á Cidade de Caleent, de que ardeu muita parte, e se perderão muitas

fazendas, e na barra lhe tornaram huma Galcota, sobre a qual houve jogo de espingardadas, de que morreram muitos Mouros; e por outras duas vezes lhes queimaram a povoação de Panane, onde os nossos tiveram huma muito crespa briga, em que os Mouros receberam bem de danio; e assim fez D. Gilcanes a guerra, que nas partes em que se elles menos recebam, achavam consigo os nossos, e lhe faziam sentir o seu flagello. E entre os lugares que mór damno receberam, foi a Ilha de Carrimão Duruti, meia legua pelo rio de Chale assim, na qual D. Gilcanes mandou dar por Francisco Ferreira Moncelo, e com elle a mór parte dos Capitaes da Armada, os quaes desembarcaram nella huma mardugada, e entraram, queimaram, destruíram, e mataram muita gente, e a fóra outra inutil, que morreu afogada no rio, aonde se lançaram pera passarem á outra banda, e foram queimadas muitas fazendas, e huma grande casa cheia de salitre: o mesmo danio passaram as povoações de Calagate, Calecur, e Marate vizinhos, e Calecu, Cutiche junto de Chale, e pelo rio de Chatua huma boa povoação, onde achiaram grande resistencia; mas por fim da retorta com morte de muitos inimigos se recolheram a seu salvo, deixando a povoação

ão ardendo em fogo, na qual se queimaram muitas fazendas, e dentro em huma sala hum Palanquin muito rico da pessoa do Comori, o que elle teve por grande affronta, e agouto; e as barras de suspeita, onde podia haver paraos, mandou o Capitão Mor tomar, e repartio por ellas os navios da Armada pera elle impedirem a navegação: e destas coube a André Furtado huma vez o rio de Cunhale, por ser maior cuvil de ladrões daquella Costa. E quando aqui com grande resguardo, e vi-gias com sínco, ou seis navios, de que eram Capitães Cosine de Lafetar, Christo-vão de Tavora seu irmão, Antonio Pereira Pinio, D. João da Cunha, e outros no quarto d'alva, viram vir tres vélas demandas aquella barra, as quaes eram duas Galeotas de traquete de Malavares, que traziam a toa huma naveta pequena de Manoel de Miranda, Capitão de Dio, a qual tomáram em sahindo daquelle porto pera ir pera a Costa de Melinde carregada de fazendas, e de mercadores Portuguezes, e Gentios. Os nossos em havendo vista delas, leváram-se, e puzeram-se em armas; e como as Galeotas vinham descuidadas de poderem alli achar aquelle impedimento, nem houveram vista dos navios, por estarem abrigados a terra, foram marras com el-

elles , e huma das Galeotas poz o espôs
por hum dos bordos da fusta de Coline ^{de}
Lafetar , a qual como estava prestes , deo-
lhe huma surriada de pauellas de polvora ,
e espingardaria que a axorou , e apôs isso
se lançou dentro com os seus soldados , e
acabou de rendella , porque os Mouros que
escapáram , lançaram-se ao mar : a outra
Galeota ficou mais perto de Christovão de
Tavora , a qual como tambem hia leite ,
deo-lhe huma falcoada , que levava hum
cartuxo ; e tomando-a de poppa a proa ,
foi fazendo tal destruiçao , que affirmaram
matar-lhe sessenta homens , e investio-a , e
lhe deo cabo , e logo se lançaram dentro
nella sete soldados dos que hiam de proa ,
os quaes eram Miguel Alvares do Canto ,
Manoel de Sousa , homen Fidalgo , Fran-
cisco Tavares , Balthazar Vaz Villela , Gas-
par Vaz natural do Porto , e outros dous ,
a que não soubemos os nomes , os quaes
ás cutiladas foram entrando pela Galeota ,
e os Mouros estavam neste ponto pera cor-
tar a cabeça a hum Vasco Pereira , de sete
que tinham tomado na Naveta , e o ti-
nham lançado sobre hum banco pera isso ,
e o Miguel Alvares , que foi o primeiro
que entrou , deo entre elles com huma Fa-
nella de polvora , com que os abrazou , e
se affastaram , deixando a D. Vasco Pereira
com

com hum sinal já no pescoço. Estando estes sete dentro na fusta dos Mouros, quiz a desaventura que ou quebrasse o cabo, com que hia atracada á nossa fusta, ou lho cortasse, com o que a fusta ficou por detrás da Galeota dos Mouros, que foi varar na sua Praia, a qual estava já cuberta de Mouros, que acudiram a favorecella, e entre elles o mesmo Cunhale, que andava capitaniando, e fazendo chegar os seus á Galeota, que já estava em secco, e os nossos fizeram dentro em batalha com os Mouros, fazendo maravilhas em armas. Christovão de Tavora vendo-se desinbarrado da Galeota, mandou remar avante pera acudir aos seus; mas eram tantas as espingardadas, e tão bastas as nuvens de frechas, que cahiam sobre todos, que não podiam os marinheiros passar ávante, e nesta involta quiz a desaventura acertassem huma roqueirada por sima do joelho a Christovão de Tavora pelo lagarto que o varou todo, e elle se encostou ao masto com hum acordo, e animo espantoso, e mandou remar ávante, porque o seu canteiro estava já cahido com huma espingardada, e não havia quem mandasse aos marinheiros, que hiam descoroados. Os que estavam na Galeota dos Mouros carregáram sobre elles tanto, que não foi possível poderem-se defender; e ha-

havendo já mais de huma hora que peljavam, vendo-se todos feridos de muitas feridas, e que o seu navio não podia chegar a tomallos, houveram por partido lançarem-se a nado a elle, porque ahí já não tinham que fazer, por a Galeota já estar quebrada, e assim se lançaram ao mar, e elles, e os cativos, que na não tomaram, que hiam naquella Galeota; só hum, que não sabia nadar, ficou nella, e Baltazar Villela atassalhado de muitas feridas, de que logo morreco; e o cativo, que ficou dentro, foi levado a terra, e o Cunhale por sua propria mão lhe deo hum golpe, que o partio pelo meio. Os que se lançaram ao mar, foram tomar a sua fusta, só douz cativos tomaram a de Antonio Peterira Pinto. Estes da Galeota ficaram todos feridos. Miguel Alvares de hemia lançada, e outra frechada, Manoel de Sousa huma aspingardada, que lhe varou hum braço, e a barriga. Francisco Tavares huma fibchada por huma ilharga, e outros outras feridas. D. João, que foi demandar a naveta, cuidando que era tambem de inimigos, chegou a ella, e o mesmio fez André Furtado; e alguns Mouros, que dentro hiam em guarda, logo se lançaram ao mar; e os soldados, que entraram dentro, querendo-a escochar, o não consentio André

dré Furtado, e teve muito trabalho em lho
 defender. Acabado este negocio, affastá-
 ram-se os nossos pera fóra, e se recolheram
 pera Cananor, levando consigo a naveta
 com os mercadores, e gentios que nella
 hizem, aos quaes lhe deo sua fazenda, e al-
 li se curaram os doentes; mas o valeroso
 mancebo Christovão de Tavora faleceo da-
 quella bombardada, e dizia-se que de mal
 curado; mas ella foi grande, que lhe cor-
 lou a perna, e o lagarto, e acabou alli
 sua Fidalgo, quando começava a flore-
 cer, e a dar de si muito grandes esperan-
 ças; e Cosme de Lafetas seu irmão, que o
 sentio em extremo, levou a Galeota, que
 rendo por poppa do seu navio. Della ma-
 neira proseguiu D. Gilcanes na guerra, e
 por toda aquella Costa em tantas necessida-
 des, que obrigados della, o Rey de Cha-
 le lhe commeteo pazes, que lhe elle con-
 cedeo, fazendo-se Vassallos de El Rey de
 Portugal com certas paresas, e se obrigou
 a dar do seu rio lugar pera huma Fortale-
 za na parte que o Viso-Rey da India apon-
 tasse, e pera ella toda a pedra, e cal, tra-
 balhadores, e mais couzas que fossem ne-
 cessarias, e que correria com a Christanda-
 de, assim como de antes o fazia, e a fa-
 toreceria em tudo, e entregaria algumas
 peças de artilheria, que eram de El Rey
 de

de Portugal , das quaes logo fez entrega . Com isto se deixou D. Gilcanes andar per la Costa até ser tempo de se recolher ; e andando já pera isto , foi avisado que em Panane se fazia huma fermota não pera Meca , mas que estava em parte , onde se não podia queimar ; e querendo-lhe esforçar a navegação , lhe mandou tomar a barra por alguns navios , que lhe tomáram hum barcel , que hia carregado de pimenta pera ella , o qual com medo dos nossos navios varou em terra , e a poder de espingardadas foi tirado ; e sendo tempo de se recolherem pera Goa , ajuntou D. Gilcanes Mascarenhas as náos da China , Malaca , Maluco , e mais partes , e com elias se foi recolhendo de vagar por canas dos Noroestes .

C A P I T U L O XVI.

Da antiguidade da Cidade de Barcelor na Costa Canará: e de como os moradores della tratáram de tomar a nossa Fortaleza, e por traição, o que não houve efeito por chegar a ella D. Gileanes Mascarenhas: e de como elle destruiu as Aldeias de Aßelona, e Cuculi nas terras de Salfete.

A Cidade de Barcelor, que está situada na costa do Canará em altura de quatorze grãos do Norte escacos, segundo as escrituras dos antigos Gentios daquellas partes, foi o mais celebrado porto, e emporio de toda a costa da India: e pelas contas que nos contaram alguns Mercadores nos faz parecer ser este o porto Selero de Plínio, de que fallando, elle disse assim: » Quem partir do porto Selero (que elle mette em quatorze grãos do Norte na Costa da Arabia, o qual parece ser o porto de Curia Muria, que hoje anda verificado em dezeseis grãos e meio) e caminhar com o vento hipalo, que he o Ponente, e for governando a Levante, irá tomar de frecha hum dos portos de Canará, de Batecalá pera Barcelor. » E como esta Cidade por sua antiguidade se

vê precceder todas as daquelle Costa , podemos conjecturar ser o Selero de Plinio , porque em riquezas , modo de governo , policia , com tudo o mais , he mui diferente de todas as daquelle Costa , porque esta só se governa como republica por certo numero de Senadores , eleitos pelo povo , que sempre são os mais antigos , que parece tomaram da communicaçao dos Estrangeiros da Europa , que pela via do mar roxo antiquissimamente em tempo de Plinio , e antes muito navegaram pera elle , pelos grandissimos proveitos que das partes levavam , que , segundo afirma Plinio , montavam cento por hun ; e também porque em nenhuma Cidade da India das maritimas houve sempre tão ricos moradores como nesta ; porque mui sabido he que os mais delies fallavam por baixas de ouro , e ainda na nossa entrada na India houve muitos que fallavam por tantos alqueires de Pagodes , por onde parece que seu commercio , e trato foi sempre maior que de todas as Cidades da India ; e estes naturaes de Barcelor , a que chiam Chatios , que na lingua propria quer dizer Mercadores , são homens de grande governo , de muito bom conselho na paz , e guerra , pelo que vivêram tantas centenas de annos sem jugo alheio , conservando-

do-se sempre em seu ser , sustentando-se de suas mercancias , e grangearias da terra , que dão muito arroz , gengivre , pimenta , e fazem muitas , e finas roupas , e outras coufas muitas , cujas rendas , ou fóros , ou direitos de todas as entradas , e saídas se oferecem a hum Pagode seu muito vidente , e ali ficam em deposito pera as necessidades publicas ; e de cem annos a esta parte , depois que os Portuguezes descubriram a India , se ofereceram á devaçao dos Reys de Bisnaga , mas não que lhes fiquem sujeitos , e com obrigação de pagar ; e depois que o Viso-Rey D. Luiz de Alcaide fez naquelle seu porto aquella Fortaleza o anno de 569. (como em seu lugar com o favor Divino diremos) foram os naturaes desfalecendo assim no credito , como na renda , porque ficaram com hum colar no pescoço , sem se poderem menear pera parte alguma , porque os mercadores Estrangeiros deixaram de continuar seu porto , assim pelo abatimento das mercadorias , como pela grande cubica dos nossos Capitaes , que tudo o que por aquelle Rio entra , chamam á Fortaleza , e o comprão a sua vontade , tapando-lhes os canos todos pera os Chatins haverem as fendas , senão por suas mãos , pelos preços que querem , o que lhes foi sempre tão

mão de sofrer, que muitas vezes trataram de sacudir de si aquelle jugo, que tanto lhes carregava, fazendo guerra muitas vezes áquella Fortaleza, e pondo-a em apertos, e necessidades, como na IX. ^{Decada} se verá; e agora sendo Capitão D. Francisco de Mello de Sampayo, que trabalhava por enriquecer como todos, assim veio a escandalizar os naturaes, que trataram de lhe tomar a Fortaleza á traição, por elle naturalmente ser hum homem apoderado, e ter alli sua mulher, com a qual estava mais acanhado: para isto se concertaram com hums Christãos da terra da origação da Fortaleza, nos quaes sentiram inclinação para isto, promettendo-lhes grandes dadivas, se lhes dessem modo para poderem tomar aquella Fortaleza; e andando elles notando, e buscando ardis para isto, ofereceu-lhes o diabo hum, que se Deos lho não estorvára, estava certa a perdição de tudo; e foi, dizerem aos Chatins que as nossas Endoenças vinham perio, e que naquellos dias estavam os nossos ocupados em suas penitencias, e que costumavam quinta feira de noite a fazerem huma grande procissão da Fortaleza ate á povoação de fóra, onde os Christãos poujavam, que se puzesse huma cópia de gente dentro da Fortaleza embrenhados em hums ina-

matos, que alli havia, que tanto que a procissão sahisse, viesssem elles de longo de muro, e se mettessem na Fortaleza, porque ficava só, e se fechassem de dentro, e que a mais gente estivesse em parte que desse de supito nos nossos, andando na procissão, e os matasem a todos, o que seria muito facil por quão descuidados estariam daquelle negocio. Assentado isto, em que havia pouco que fazer pelos descuidos com que vivemos na India, e com que tratamos com homens que cada dia escandalizamos, estando todos prestes para aquella hora, ordenou Deos pelas orações, e innocencia de alguns daquella Fortaleza, trazer D. Gileanes Mascarenhas com toda a sua Armada a meia quinta feita de Endoengas pela manhã, o qual por ser aquelle dia tão celebrado de todo o Christão, lhe parecco bem passallo naquella Fortaleza; e achando-se aos Offícios Santos, e á procissão, os Chatins de Barcelor, que estavam prestes para aquella hora, vendo o cstorvo que se lhes offerecerá com a vinda da Armada, desistiram por então do que tinham ordenado. D. Gileanes passou alli aquelle dia, e noite; e ao ouiro dia, depois do Offício acabado, se embarcou, e foi fazendo seu caminho para Goa; e chegado ao Cabo da Ruma, já meia-dia

do de Abril, achou huma Almada ^{com} huma carta do Conde D. Francisco Maio-
renhos, pela qual lhe mandava que desem-
barcasse no rio do Sal, que vai corrando
as terras de Salsete, e esbocar no mar pe-
gado á porta do cabo, e que castigasse ^{as}
Aldeias de Asselona, por andarem seus mo-
radores alevantados, e não quererem pagar
os foros. D. Gilcanes despedio a cafila ^{para} pera
Goa, e desembarcou com toda a gente
em os navios pequenos, e foi demandar ^{as}
Aldeias de Asselona, que são tres, muito
prosperas, e grandes, e as destruiu, asso-
iou, queimou, e cortou muitas palmeiras,
com o que os alevantados ficaram mui que-
brados, e muitos annos não tornaram ^{as}
terras a seu ser. Acabado este feito, ^{de} tornou
a embarcar, e foi-se pera Goa.

Depois no inverno lhe mandou o Visor-
Rey que ajuntasse toda a soldadesca, e fei-
se a Salsete, e desse o mesmo castigo ^{as}
Aldeias de Cuculí, que sempre foram ^{as}
beça nos alevantamentos, e as principaes,
e de mais, e peior gente que todas as ^{de}
Salsete. D. Gilcanes o fez assim; e ajun-
tando quinhentos soldados, se passou ^a
Salsete, e com suas bandeiras desfraldadas
entrou por aquellas Aldeias, e todas ^{de}
ferro, e a fogo, sem deixar coufa em ^{de}
e tudo á vista de todos os inimigos ^{mes-}
^{mos,}

inos, que eram muitos, e andavam em magotes de serra em serra, vendo destruir suas fazendas, sem ousarem a lhes acudir. Por aqui andou dez, ou doze dias fazendo muiti grandes estragos até o Viso-Rey o mandar recolher.

CAPITULO XVII.

Dos tratos que mais tiveram os Chatins de Barcelor pera lhes entregarem a Fortaleza, os quaes foram descubertos: e de como o Viso-Rey mandou André Furzado a soccorrella: e das cousas em que mais proveo o Viso-Rey.

Partido D. Gilianes de Barcelor, vendo os Chatins que perdêram por sua causa boa occasião, tornaram logo a apertar com os mesmos Christãos, e assentaram com elles que lhe abririam a Fortaleza huma noite, e que peitariam pera isto os que tinham as chaves. Estes velhacos, a quem o demonio trazia cegos, descobriram este negocio a outro Christão, de quem o Capitão fiava as chaves; e tantas promessas lhe fizeram que o rendêram, e concluíram entre todos, que de noite no quarto da meia hora incitessem ate cincuenta homens por escadas, que lhe lançariam de suna, e

que estes dessem fogo á artilheria, que elles teriam clevada, e a este sinai acudiriam tres mil homens de armas, que haviam de estar prestes; que nesta revolta o que tinha as chaves da fortaleza lhe abriria as portas, que a tomariam; e que quando isto não pudesse ser, que subissem todos pelas escadas, que lhe ficariam lançadas, e que os fincoenta se fortificariam no Baluarte ate os mais subirem. Assentado isto entre todos, e que o dia havia de ser vespresa de Pascoa, como nesse Senhor he guarda das Cidades, elle ordenou que se viesse a descubrir esta trairgao, ou ao menos a suspeitar pela muita familiaridade que viram ter estes velhacos com os Chatins, e nas muitas idas, e vindas, que neste dia fizeram ao Barcelor; pelo que o Capitao os mandou prender, e por a tormento, no qual confessaram tudo, assim como temos dito; pelo que foram executados publicamente, e logo despedio ao Vizo-Rey o traslado dos autos, e papeis, pera que soubesse o estado em que ficava, e o remediasse, e provelle, e teve dalli por diante grandes guardas, e vicias nas chaves, e nos Baluarts. Os Chatins sabendo serem descubertos, determinaram declaradamente fazer guerra á fortaleza, e tomalla por armas, e pera isto se confederaram com El Rey de Tolar seu vi-

vizinho, que quiz achar-se neste negocio; e ajuntando ambos cinco mil homens, abatam contra a Fortaleza com tençao de roubarem a povoação de fóra, e cativarem os casados que nella moravam pera assar ficar a Fortaleza mais enfraquecida: illo não pode ser em tanto segredo, que o não viesse a saber o Capitão, o qual com muita pressa mandou recolher dentro tudo o que havia na povoação, e pox Capitães, e gente de guarnição pelos baluartes, e preparou a artilharia pera a sua defensão, e recolheu os mantimentos que pode, e reparou as partes mais fracas, e tornou a avisar ao Viso-Key do perigo em que ficava. Os inimigos chegaram á povoação a segunda cítava da Palcoa no quarto da alvorada, e achando-a despejada, lhe puzeram o fogo. Alguns soldados nossos, que ficaram em guarda da couraça, onde a gente estava recolhida, sentindo os inimigos, sahiram a elles ja manha clara, e ás espingardas mataram alguns, e se recolheram, e os Chatins foram asentar o seu campo em parte, em que a artilharia lhe não podia fazer nojo, e dalli commetteram, e injuriaram os nossos com rebates, e assaltos; e como os proviimentos da Fortaleza (que mais se podem chamar cumprimimentos) são sempre tão baixados, começaram

a faltar as munições, pelo que foi necessário a Francisco de Mello recorrer ao Capitão da Fortaleza de Onor, que estava muito perto, o qual com muita pressa lhe mandou huma manchua com polvora, chumbo, murtões, e outras coisas desta sorte, e alguns poucos soldados, com que se fizeram remedianto melhor. Chegados os recados ao Viso-Rey, no mesmo dia mandou fazer prestes André Furtado de Mendonça para ir de socorro, e lhe deu tanta pressa que aos quinze de Abril, dous dias depois do recado, sahio pela barra fóra com quattro navios, de que, fóra elle, eram Capitães Diogo Corvo, Pedro Fernandes Momicole, e Pedro Fernandes Malavar, e em sua companhia foram alguns navios, que estavam para ir para Cochim, ficando o Viso-Rey negociando outros para lhe mandar logo. André Furtado deu-se tanta pressa, que em dous dias chegou aquella Fortaleza, e desembarcando em terra, tomou logo á sua conta por levar Provisões, sobrando tudo, e provou os Baluartes de Capitães, e hui deu a Diogo Corvo, e outro a Pedro Veloso, e mandou reedificar as partes necessárias, e fez todas as mais coisas que cumpriam á defensão daquelas Fortalezas com muita ordem, e prisa. Os inimigos tanto que souberam ser che-

dido socorro , alevantaram o campo , e
 sentiram da empreza. Logo André Furtado
 foi avisado ; e despedio os navios para
 Cochim , e Cananor , que foram em sua
 companhia , e ordenou algumas manchuas ,
 com que começou a fazer guerra pelo rio
 dentro aos Chatins , dando-lhes muitos , e
 contínuos assaltos por todas as Aldeias ; e
 hui dia mandou a Diogo Corvo que desse
 no campo dos Chatins com a sua gente , o
 que elle fez com muito animo , e teve hu-
 ma inui boa referta com os inimigos ; aos
 quais tratou muito mal ; e depois de fazer
 o que hia muito bem , se recolheo com
 huma espingardada em huma perta , da
 qual logo frou ; e outro dia foi o mesmo
 André Furtado dar em o Pagode Condan-
 sur , ao qual se recolheo alguma gente , e
 lhe lançou dentro tanto fogo , que abrazou
 a todos , e queimou o Pagode , o que el-
 les sentiram muito , por ser de muito gran-
 de veneração sua pela offensa feita á sua
 religião , e na reedificação , e purgação del-
 le (a que elles chamam desempolear) gas-
 taram muito dinheiro , e tempo. E porque
 tornou a haver alteração nos conjurados
 com aquellas cousas , avisou André Furtado
 ao Viso-Rey , pedindo-lhe gente , a qual
 elle lhe logo mandou em dous navios , de
 que eram Capitães Affonso Ferreira da Sil-
 va ,

va , e Gaspar Fagundes , os quacs chegar-
tam aquella Fortaleza já em quinze de
Maio. Com todas elas couias não se ti-
nha o Viso-Rey descuidado das outras da
sua obrigação ; porque no tempo que des-
pedio André Furtado , andava negociando
os provimentos pera Malaca , e Maluco ,
que eram dous Galeões , o em que tinha
arribado Pedro Lopes de Sousa em Setem-
bro passado , do qual deo a Capitania a
Sebastião de Rezende ; e o outro Galeão ,
que havia de ir para Maluco , era do Ca-
pitão Fernão Botto Machado provido com
aquellas viagens. Estando já prestes pera
partirem , chegaram as novas de Malaca ,
e o Embaixador que El Rey de Jor manda-
va a confirmar as pazes , que tinha feitas
com D. João da Gama , ao qual o Viso-
Rey recebeo bem , e mandou aposentar ; e
porque não houve dúvida em o Regalo en-
tregar a fazenda da mão de Simão Ferrei-
ra , pois lhe ficava naquella Cidade o seu
Embaixador , assentou-se em Conselho , ^{que} bastava por então o Galeão de Sebastião de
Rezende , porque também era já o fim de
Abril , e não havia tempo pera mais ^{so-}
corro : estes dous Galeões partiram de Goa
já tarde ; e por acharem os tempos con-
trarios , tornáram a arrivar , e Sebastião
de Rezende foi tomar Goa a Velha , e Fer-
não

Não Boto metteo-se em Angediva, onde inverno; e com o mesmo tempo, que foi Sul desfeito, arribaram tambem as naos que hiam pesa Malaca, e a da China, de que era Capitão Francisco Pais, que hia fazer a viagem do Japão por D. Leoniz Pereira, que estava posta nelle, e ficou tambem invernando em Goa a Velha; e Ayres Gonsalves, que estava em Japao fazendo aquella viagem que tinha comprado, ficou fazendo estoura, que cabia a Francisco Paes por virtude de sua Patente, porque era provido de huma, cuja Patente uizia que tinha falta de algum registo. Esta tribada destas naos sentio o Viso-Rey muito pela falta que havia de fazer em Malaca, e pela necessidade que lá podia haver naquelle tempo.

DECADA DECIMA

Da Historia da India.

L I V R O . IV.

C A P I T U L O . I.

Das cousas que este anno de 583. em que andamos fuccederam em Persia: e de como Oxa foi contra seu filho Abax Mirza, que estava no Cohoracone por inzimento de Mirza Salmas Georgiano.

JÁ que temos entrado no inverno, seguiremos a ordem que começámos, que ha de contar nelle as cousas alheias, e assim continuaremos com as da Persia, de que o anno atras temos dado razão: pelo que se ha de saber, que quando Axarhamas, como ja temos dito, traio de desherdar seu filho Codabanda por cego, e deixar o Reyno a Ismael filho segundo, havendo que da culpa da natureza a não tinhão seus netos filhos de Codabanda, e que não era justiça que seus filhos, que depois de sua morte lhe houveram de suceder no Reyno, ficassem desherdados, detec-

Minou repartir com elles seus estados, por
 não ser de todo notado de cruel. E assim
 deu a Provincia Cohoracone a Abax Mir-
 a o mais mogo; e que em quanto elle
 Chatthinas fosse vivo se não intitularia se-
 não por Governador; mas que depois to-
 maria o titulo de Rey, deixando o mais
 velho para outra coula, que elle teria em
 seu peito, a qual pela morte o atalhar não
 houve efeito, ficando o pobre Principe
 chamado Amirhanze Mirza desherdado;
 sendo por si muito valeroso, e digno por
 certo do grande, e estendido Imperio da
 Persia; mas como os Reys não reinam se-
 nado por ordem de Deos, e não da dos
 humens, e as eleições que a elles lhes pa-
 recem acertadas, nos olhos de Deos são
 muitas vezes reprovadas, ordenou depois
 elle que lograsse o Imael o Reyno pouco,
 e fosse morto pelos seus, e que tornasse o
 Reyno a Codabanda, a quem de direito
 pertencia, como na Decada IX. mais par-
 ticularmente se verá. Este Rey Codabanda
 tanto que foi eleito, e posto na Cadeira
 do Reyno, deo o governo de tudo a Mir-
 ha Salmas Georgiano, homem revoltoso,
 inhumano, e muito cubiçoso, o qual ca-
 sou logo sua filha que tinha com Amirha-
 zem Mirza, filho herdeiro de Codabanda,
 com que ficou sua tyrannia deitando maio-

res raizes. Este vendo que seu genro havia de herdar o Imperio da Persia por morte de seu paiz, e que seu irmão Abax Mirza estava na Provincia Cohoraçone, que o avô em sua vida lhe dera, foi-lhe inô de fôrter, parecendo-lhe que se ficasse naquelle estado, por morte do paiz ficava o Imperio da Persia muito quebrado, por ser aquella a principal Provincia delle, e querendo atalhar isto, metteo em cabega a EI Rey, que o Abax Mirza seu filho se intitulava no Cohoraçone, onde estava, por Rey da Persia, e que já não lhe conhecia obediencia, o que claramente se via, por que já nas revoltas passadas nunca lhe mandaram socorro contra o Turco; e como puzesse sem dúvida o pé na Persia, o prenderia a elle, e a seu irmão, e os mataria para ficar senhor de tudo; e como este homem tinha grande autoridade diante de EI Rey, e aquelle negocio tocava em tyrania, cousa tão aborrecida, rez indignallo contra o filho, pelo que assentou com os do seu Conselho que Salmas tinha sobornados, que lhe era necessario acudir ao Cohoraçone, em quanto o Turco não bolia comigo; e querendo ultimamente partir em pessoa com todo o seu poder contra o filho, concertou-se com o Mamuchiar arrenegado (que com o successo de Te-

Tefl sicon odiado com o Turco) e depois
de se tornar pera as suas terras, se tinha
odiado com huma irinã de Simão Bel, cou-
sa que Oxé estimou, por entender que af-
sim teriam as cousas da Persia mais fol-
gão, e o concetto que fez com elle, foi
que elle, e seu cunhado se fizessem em
hum corpo contra o Turco, porque por-
faria seus Estados juntos, bem podiam a
pouco custo defendêr-lhe aquelles passos,
e entradas; e romper-lhes os exercitos,
que por elles passassem, e com isso deixou
a Imagulichão, Capitão mui experimentado,
na Provincia de Xerutão, e em Tabris a Hi-
marchain, Capitão dos Turquimaes, com
o qual (por ter delle algumas suspeitas)
teve primeiro praticas, em que o quietou,
e se segurou, e depois de prover em estas
cousas, e outras, se poz no caminho de
Cohoracône, levando consigo seu filho, e
sogro, que teceo aquellas meadas; e con-
tinuando seu caminho; foi entrando por
aquella Provincia ate á Cidade Censuar,
a qual achou fechada, e o seu Capitão re-
colhido dentro com grande guarnição, por-
que não sabia o modo, e tensão com que
aquele Rey vinha; e pera se desenganar,
lhe mandou hum Embaixador primeiro sa-
ber delle se tinha algumas culpas, e que
primeiro o ouvisse, porque aquillo que fi-

zera não era mais do que para segurar sua
pessoas; mas como o Mirza Salmas hia com
o animo damnado por desviar El Rey de
lhe acceptar satisfações, li por destrás indi-
zio aos soldados que commettessem a Cida-
de, e matasem ao Capitao, e que elle lhe
segurava hum grande saque della; e tanto
fez nisto, que sein ordem alguma accom-
metteram com muitas escadas, e vaissens,
com que deram com as portas fóra, e al-
sim foi a Cidade entrada com morte do
Capitao; e saqueada, roubada, e escalada
de todo com grandes cabeças. Feito isto,
passou El Rey adiante com o seu exercito,
e foi recolhendo as guarnições das Cida-
des de Nexcor, Maxer, Nisis, Turbat,
Guien, Malan, e Coran, mandando cortar
as cabeças a alguns de seus Capitães por
oidem do Salmas; porque com a morte
destes (que eram os principaes daquela
Provincia) ficasse o Abax menos poderoso.
E assim chegou á Cidade de Hers muito
forte por sitio, e bem cercada de muros,
e cavas cheias de agua, a qual o Grão
Tamorlao, que a edificou, fez alli trazer
de muito longe. Nesta Cidade, que era a
cabeça daquelle Estado, estava Abax Mirza
com muitos Capitães inimigos mortali-
mos de Mirza Salmas; e estava muito tor-
tificado, porque não sabia a tençao do pa-

é forá avisado da ira com que hia entrando por aquella Provincia; e até se não certificar da verdade, não quíz osterecer-se hia do pai. Chegado El Rey aquella Cidade, assentou sobre ella seu campo, e começou a sentir em seu animo diversos effusos de dor do filho, vendo que o caso que alli o trouxera era de sorte, que por força havia de parecer cruel aos homens, havendo por grande infelicidade aquelle caso: e que seu filho em lugar de sustentar, e defender a dignidade paterna, e ajudar suas forças com elle pera resistirem a seu inimigo, dera occasião (segundo lhe fazia crer o falso Salmas) pera lhe entrarem por seus Reynos, e lhe tomaressem parte de suas Cidades; e posto que estas coulhas o atribulavam muito, e o Salmas cada dia mais o atiçava a ira, e indignação contra o filho, desejava de haver algum bem modo pera algumas coulhas vitarem a bom estado, e não chegar a banhar as mãos no sangue do filho; e mais também, porque aquella Cidade era mui forte, e estava muito bem provida, pelo que não era possivel rendella tão de pressa. O Principe Abax Mirza tanto que seu pai assentou o campo, logo lhe escreveo huma carta, em que lhe pedia que lhe significassem as coulhas que o moveram a indignar-se

con-

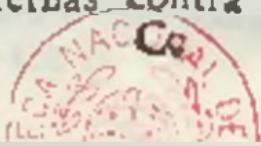
contra elle ; e se era pera lhe tirar aquelle senhorio ; que El Rey seu avô lhe tinha dado , de que elle estava de posse , foyt nunca nesse o dêsenvir , não era justo inquietar-se naquelle materia , e que elle como filho obediente estava prestes pera com o sangue , e com a vida obedecer a todos os mandamentos paternos , e a reconhecerlo por Rey , e Senhor , como o era , e que ninguem mais que elle houvera de traírlhar pera o sustentar naquelle Estado , e favorecello , e ajudallo contra seus vizinhos , e comarcões , huns bequís , que de confruuo lhe faziam dura guerra : que isto era honra , e credio do Imperio da Persia , e não mover contra elle seus exercitos , com que dêsse ousadia aos inimigos em elle virando as costas a voltarem sobre elle , e acharem-no enfraquecido pela falta dos Capitães que lhe matara ; que se sua vida era a castigar algumas culpas , que elle pela ventura inadvertidamente commetteria contra seu servico , que elle estava muito apparelhado pera com a vida , e estando fazer todas as emendas que fossem necessarias pera sua satisfaçao ; e isto mesmo escreveuo ao Principe. Lérão sós , considerando nellas as razões , e reverencia com que se subinettia a elles , vencidos de piedade , ficáram alguma coufa temperado

na ira , e assentaram de levar aquelle negocio por outros termos , e assim lhe responderam que sua vinda não era pera lhe tirar o que seu avô lhe deia , mas que se fosse necessario , pera lho dar , e confirmar de novo ; mas que só o trazia a grande desobedencia que mostrara em se intitular por Rey da Persia , sendo elle vivo , e não querer mandar hum só Capitão em sua ajuda contra os Turcos , que com tantos exercitos lhe tinham entrado por suas Provincias. Com estas caras ficou Abax Mirza desatinado , entendendo logo serem tudo invenções do Salmas seu inimigo , e assim logo tornou a escrever a seu Pai , que lhe deisse licença pera mandar seus Embaixadores , porque determinava de mostrar diante delle sua innocencia , e a maldade de quem induzira contra elle as armas paternas. El Rey lha mandou , e elle despedio alguns homens graves , e velhos pera representarem suas causas a El Rey : estes chegados a elle , os ouvio só com o Principe ; elles prostrados por terra lhe daram sua embaixada nesta forma : » Senhor , » Abax Mirza ten obediente filho te mandada por nós humilhar a estes teus pés , e que te jura pelo Creador dos Ceos , e a terra , que estendeo este ar , e poz a terra sobre os abyssos , e ordenou estes

» Ceos

» Céds com as estrellas , e espalliou as
 » aguas de redor da terra , e o fogo sepa-
 » rou em sua esfera , e que de nada ~~se~~
 » todas as cousas viventes , e pela ~~cabeça~~
 » do Profeta Mafamede , por sua mulher ,
 » e filhos , que já mais na culpa que lhe
 » puzeram , elle nem por obra , nem por
 » pensamento tem peccado contra ti , e o
 » mesmo juramento fazemos nós por elle
 » e da sua parte e da nossa pedimos que
 » mandeis tirar devassas deste caso , e que
 » castigueis o que tiver culpa nelle , e que
 » seja elle o primeiro que com a cabeça
 » pague tamanho erro , se o commetreo .
 » porque desde que seu avô o poz nella
 » Província até hoje , se não tem intitula-
 » do senão por Governador da Cidade de
 » Heri , o que se verá claramente pelas
 » Provisões , Cartas , e Mandados , que em
 » os mais dos Officiaes acháram , que nun-
 » ca em sua imaginação lhe entrou inti-
 » tular-se por Rey da Persia , porque nem
 » por da Província Cohoraçone o fez non-
 » ca . » Todas estas cousas ouvio El Rey
 » com muita attenção ; e respondeo que assim
 » o cría delle , e que sobre isto se fariam as
 » diligencias necessarias , e vio os mandados
 » que Abax Mirza lhe tinha passado , e fez tr-
 » rar além disso grandes inquirições , e por
 » tudo vio ser grande falsidade o que Salinas
 » lhe

Ihe tinha dito ; e vendo sua malicia , e inno-
cencia do filho , poz tudo em Conselho dos
Principaes Soltões do seu exercito , e por to-
dos foi Abax Mirza julgado por sem culpa.
Os Embaixadores de Abax recolhêram a sen-
tença pera lha levarem , foram-se com ella
aos pés de El Rey , e lançados a elle , bei-
jando a terra , lhe pediram muito assinca-
damente que não dissimulasse com aquelle
negocio , e que castigasse a Salmas por ca-
lar falsamente a Abax Mirza seu filho , só
a fim de lhe fazer cortar a cabeça , por fi-
car o Principe seu genro senhor absoluto
de tudo , e elle depois da morte de sua
Alteza ficar governando todos aquelles Es-
tados , e que pela ventura como em causa
de reinar não havia Lei , viesse elle ainda
a aspirar áquelle Imperio , e matar pera isso
o Principe seu genro ; e com isto o certifi-
caram de muitas tyrannias , e maldades ,
que o Salmas tinha commettidas , de quem
ninguem ousou nunca accusallo pela posse
que tinha no Governo , e no Reino. Vendo
aqueellas causas , e certificado em
segredo de alguns que tudo era verdade ,
chamou os do seu Conselho , e lhes deu
conta de todo aquelle negocio , pedindo-
lhes que nelle o aconselhassem fielmente :
todos lhe disseram , que pois Mir Salmas
induzira as armas paternas contra o san-
cto. Tom. VI. P. I. gue



gue de seu proprio filho tão falsamente, tirando-o pera isto da Persia em tempo que os Turcos nella hiam mettendo o pé, dando occasião a se embaraçarem as cousas de feição que folle total a destruição daquelle Imperio, que muito justo era iuveste o castigo, que elle pertendia dessem a seu filho Abax, que só acháram culpado nos casos que falsamente lhe punha. Com isto mandou El Rey logo ir diante de si a Salmas, e lhe mandou cortar a cabeça, o que o Príncipe seu genro não tomou a mal. El Rey se reconciliou com o filho, a quem fez muitas honras, e agazalhados, e o confirmou naquelle Estado, no qual proveo de presla em algumas cousas, e voltou pera acudir ás da Persia.

C A P I T U L O II.

De como sabendo o Turco da ida do Xá a Coboracône, mandou proseguir na empreza da Persia, e suas cousas que nella sucederam.

DEsta jornada do Coboracône foi ^{lo-} go o Turco avisado da ida do Xá; e parecendo-lhe que por alli lhe abria Mafamede caminho pera entrar naquelle Rey^o no da Persia, de que tão sequioso andava, não quiz perder as occasiões que lhe o tempo offerecia; e entretanto que punha

moños nesta obra , quiz , em quanto o
 por lá se detivesse , mandar proleguir
 a empreza da Cidade Orraviao , e segu-
 ior o caminho que vai de Cahars pera el-
 la , como que lhe ficaria o da Tabris mais
 facil , e aberto , porque determinava de o
 mandar logo conquistar ; e pera esta jorna-
 da clegeo Terat Baxa Bebel , e porfiado
 em suas opiniões , mas todavia de bom
 consello , de idade de quarenta annos ,
 ainda que de animo terrivel , de engenho
 prompto , e vivo pera casos arduos , e mui-
 to affeicioado ao servizo de El Rey , e lhe
 deu por regimento que nesta jornada se nao
 embarcasse com outra coula , senão na
 conquista de Baivan ; e que nas couzas do
 arrenegado Manuchiar nao bolisse , porque
 ainda que era digno de castigo pelos pas-
 sados , como Barcad Mahained , queria dis-
 suster , e servir-se delle pera lhe levar o
 dinheiro pera o provimento de Tentiz ,
 pera o qual lhe mandou cincoenta mil cru-
 zados , e lhe escreveo cartas honradas só
 por escusar ao Baxá Ferat aquella jornada.

Este Baxá partio de Constantinopla , e
 se passou a Calcedonia pelo caminho de
 Amazin , e Civis , e chegou a Eszeturim ,
 onde esperou a gente , que tinha mandado
 faver por Tripoli de Suria , Damasco , Ale-
 po , e por toda a Judea , Palestina , Baby-

Ionia, Bitinia, Cappadocia, Armenia, ^{Bo}
 gorá, e em fin por todas aquellas partes,
 das quaes lhe acudia muita, e muito di-
 nheiro, e provimentos necessarios pera
 quella jornada, e com hum exercito
 cem mil cavallos partio este Março pa-
 do de Acerium, e em oito dias chegou
 a Cahars, guiando-o neste caminho Maxateliao
 Georgiano, que de Christão mudou scil-
 ma, tomando a Lei dos Persas; e fugindo
 depois pera o Turco, tomou a sua: da-
 qui de Cahars passou a Ruivas, e tres dias
 antes chegou a esta Cidade, reedificou ^{ha-}
 via Roca mui velha, e destrocada, a que
 os Turcos chamam Asia Calasi, e nella
 deixou quattrocentos soldados com hum
 sangiaço. Esta Cidade de Raiyan está junto
 a hum monte altissimo, que de conunto
 se vê cheio de nuvens, pela fralda do
 qual ha grandes, e fertilissimos ^{campos,}
 por causa das muitas, e grandes ribeiras,
 que descem abaixo, e os retalhão, todos
 os quaes se vam metter no rio Arale; ^{el-}
 ta nove jornadas de Tabris, e no cami-
 nho tem Naincan, Chizifal, Maraut, e
 Sufian, lugares todos fortes por terem ^{ca-}
 minhos, e passos mui difficultosos, e alpe-
 ros pera exercitos. Tem a Cidade de Rai-
 yan da banda do Norte a de Tennis, e
 pela banda do Sul os campos Calderaues ^e

é mais assimá pera o Tropico a Aban. Como logo Marciano Tocomac, Capitão de Raivan, vendo a grandeza do exercito dos Turcos, mandou recado a Simirchan, Governador de Tabris, pera que lhe soccorresse, e o mesmo fez a Sémaomber, e outros potentados da Georgia; mas de nenhuma parte lhe acudiram, porque andavam todos ocupados na defensão, e nos passos, e caninhos de Tefis, porque lhe não meitessem os Turcos socorro. Cuidando que o Baxá despedisse logo gente a isto, alguns tiverão pera si que o Limurchan, que estava em Tabris, tora peitado do Baxá, pera que se não bolisse, nem se impedisse a obra da fortificação, que pretendia fazer em Raivan. Vendo-se Tocomac naquelle estado, e que faltavao os socorros, que sempre esperou, houve por melhor conselho despejar a Cidade, e deixar nella só a gente inutil, e elle com toda a de guerra deixar-se andar no campo pera inquietar os inimigos. O Baxá tanto que chegou a Raivan, tratou logo do Forte, que o Turco lhe mandava fazer, no qual logo começou a pôr as mãos, e edificou nos jardins que Tocomac tinha defora do muro, e cin quinze dias levantou os muros, e baluartes em altura defensas. Tocomac como andava com a gente

ligeira , deo-lhes alguns toques , em que lhe matou muitos Turcos. E por sem dúvida se tem que se lhe mandáram os ~~so~~ corpos que pedio , que sempre alcançara huma grão victoria , porque era muito grande Cayalleiro. O Baxá como tinha os invasos á roda em boa altura , mandou em meio ale vantar huma fermeza , e alta torre pera della descubrir as montanhas , e ao redor da Fortaleza mandou abrir huma grande , e funda cava , a qual encheo com agua daquelles rios , de que abriu huma brecha pera ella ; e como teve acabado tudo , pozo nella por Capitão a Sinão Baxá ~~filho~~ de Sagal , deixando-lhe as guarnições bastantes de artilharia , mantimentos , munições ; e levantando o exercito , voltou pelo mesmo caminho a Cahars , onde deixou o Cembel com oito mil soldados , e muitos provimentos , e ordens pera cada anno irem de trezentos em trezentos receberem suas pagas a Erzerum , a Alepo . e outras Cidades da Siria , por não aguardarem pelos socorros como Sirão ; e antes que se levantasse de sobre aquella Fortaleza , deu pedio huma companhia de soldados com os cincuenta mil cruzados que o Turco mandava pera o arrenegado Manuchiar levantar a Teflis , e lhe escreveo sobre isto certas honradas , affirmando-lhe que por ali po-

Podia tornar à graça do Turco. Dado este
dinheiro ao Manuchiar, desejosa de se sol-
dar com o Turco, se pôz logo no cami-
nhão de Teflis com quinhentos soldados de
guarda; mas como Deos nesse Senhor ti-
nha determinado outra causa delle, orde-
rou que neste caminho se encontrasse o
Asemahomhac seu cunhado, o qual sabendo
delle ao que hia, o reprehendia, e repre-
bendo gravíssimamente de deixar a Fé de
Christo, em que nascera elle, e seus avós,
pela malvada, e falsa seita de Mafamede:
que lhe pedia, e rogava muito pelo amor,
e parentesco que com elle tinha, quizesse
calhar no erro que tinha commetido, e
deixasse aquella infame servidão, em que
andava do Turco Amurates, da qual por
fim de padecer infinitos trabalhos, e cui-
dados, não colheria outro fruto que hum
aspetto cativeiro, e pela venuura huma des-
tronada morte, a qual elle por fim de-
lido vinha a dar aos seus mais válidos, e
que mais honras lhe mereciam: e que por
fim de tudo lhe lembrava a fé que tinha
dado a El Rey da Persia; e antes de se el-
le partir pera a Cohoraçone, de se ajunta-
rem ambos contra o Turco, e lhe defende-
rem os pastos por suas terras, e que não
quizesse ficar tido por fermentado entre to-
dos os Georgianos, e Persas. Com tão ef-

ficazes palavras lhe disse o Asemiechon estas coulhas que de todo o envergonharam, e cahindo no erro que tinha feito, o certificou ao cunhado com mostras de muito grande arrependimento; e comandando os criados do Turco, que lhe trouxeram o dinheiro, a todos cortou as cabeças; e ajuntando-se com o Asemiechon (além do parentesco) juraram de novo huma perpétua paz, e confederação contra o Turco, rizando logo alli de tornarem aos passos costumados, e a lhe defenderm tudo o que pudessem os soccorros de seus fortis.

O Baxá Ferat chegando a Erzcrum, foi avisado de tudo, e em extremo senuo a quelle negocio pelo trabalho que receava a Teflis pela falta de provimentos; pelo que lhe foi forçado despedir Azem Baxá com quinze mil cavallos escolhidos, e lhe deu quarenta mil cruzados, pera que os levasse a Teflis; e porque fossem mais ligeiros, e afforrados, repartio pelos soldados a quantidade de trigo que cada hum em seu cavallo podia levar pera metter em Teflis: este soccorro em quinze dias foi, e tornou de Teflis, tendo de passagem alguns recontres com os Georgianos, nos quaes morreram alguns Turcos. Após este soccorro despedio o Baxá a Resuan com seis mil soldados pera irem destruir as ter-

nas de Manuchiar, o qual pelas achar despejadas, fez nellas alguns roubos, e danos, e com isto se recollico. El Rey Codabanda da Persia foi logo avisado de todas estas cousas por correios mui apressados; e largando tudo, voltou pera seu Reyno. E chegando a Caabriz, deteve o exercito, e mandou fazer mais gente por icadas as Provincias, e escreveo a seus Governadores que sob pena de morte se fossem juntar logo com elle a Tabris; e dando-se todos a pressa, ajuntaram hum bom exercito, do qual Ferat Baxá, que estava ainda em Erzerum, foi logo avisado, e despedio correios ao Turco com cartas, em que lhe mandava dizer, que ainda que estava determinado de passar a Nassajun para edificar hum Forte, por ser assim necessario pera a jornada de Tabris, que sobrestava no negocio, por saber de certo que o Xá havia de peleijar com elle, o que elle nao queria fazer sem seu recado. O Turco lhe respondco que nao entendesse por entao em mais que em segurar o passo de Thomaniz, e Delori, pera que nao fosse necessario o anno seguinte mandar novo exercito pera soccorrer aquellas praças, senao que ficassein em estado de o fazer com qualquier pouco cabedal. Com isto desistio o Baxá da empreza de Naci-

vam,

410 ASIA DE Diogo de Couto

van, do que o Xá foi avisado, e desfer o exercito; e porque achou Ermichon, Capitão de Tabris, culpado nas cousas dos Turcos, podendo com os Turquimães defender-lhe a obra de Raivan, mandou-lhe arrancar os olhos, e o condenou em perdimento de bens, e fez Capitão dos Turquimães a Alegulichão, que era moro inimigo de todos, com o que elles se ampararam, e assim deixaremos as cousas da Persia até tornarmos a ella.

C A P I T U L O III.

De como os moradores das Aldeias de Culí, e Salsete mataram o Padre Roelofso Aquaviva, e outros quatro Companheiros, e a razão porque.

Como os Padres da Companhia de Jesus, verdadeiros agricultores do Ce, andavam espalhados pela India pera romperem matos marinhas, e estereis, e cortarem todos os espinhos, e cardos das idolatrias, cujo fruto havia tantas centenas de annos não era outro que morte, e perdição; e como as Aldeias de Salsete, que são sessenta e seis, tão vizinhas á Ilha de Goa, que erão do Estado da India, estavam ainda por cultivar, querendo dispôr por todas el-

ellas a planta Evangelica , que desse fruto
 de vida , puzeram māos á obra pelos an-
 toes do Senhor 1559. aonde com muito tra-
 balho de corpo, e espirito começaram a cor-
 tar , e dissipar o mato bravo , de que todos
 aquelles campos estavam cubertos , achando
 para isto grandes inconvenientes , e impe-
 cimentos em os naturaes , mas grandes fa-
 tores em todos os Viso-Reys , e Governa-
 dores da India , principalmente em D. An-
 tonio de Noronha , que por acudir ás affron-
 tas que os Padres recebiam naquella santa
 obra , favoreceo-os , e ajudou-los com o gla-
 dio temporal , castigando os culpados , e
 fundo-lhes por terra mais de duzentos Pa-
 dres , como melhor se verá na Deca-
 da VIII. onde cabe o tempo deste Viso-
 Rei ; e com este castigo , e affronta de sua
 Religiao ficáram sempre os naturaes tendo
 grande odio aos Padres ; e ainda lhe cobrá-
 ram maior , depois que vitam multiplicar
 tanto a semente Evangelica , e alevantar
 em as maes de suas Aldeias templos ao
 veredicto Deos , e seus filhos , e netos ;
 e parentes entrarem cada dia na manada
 dos Catholicos , sem lho elles poderem es-
 torvar : ainda os escandalizou mais cuida-
 tem que o castigo que o Conde D. Francis-
 co Mascarenhas (como atras dissemos) lhe
 baseira dos Padres , o que lhes fez acres-
 cem-

centar odio a odio , com o qual andavam
espreitando occasião pera se poderem fai-
fazer nelles , a qual lhe o tempo logo of-
fereceo por esta maneira.

Estava neste tempo por Reitor das ter-
ras de Salsete o Padre Rodolfo Aquaviva
Napolitano , filho do Duque d'Arria , sobri-
nho de Claudio Aquaviva , Geral de toda
a Companhia , o qual havia pouco tinha
vindo das terras do Grão Mogor , varão
de vida exemplar , e de grande humildade ,
com a qual não só a Christãos , mas
ainda a Mouros , e Gentios tinha admira-
do ; porque todo aquelle tempo que andou
na Corte do Mogor assim resplandecio o
cheiro de suas virtudes (de que sempre foi
riouissimo) que vindo della contra sua von-
tade , por cumprir com a obediencia , de-
ixou em todos aquelles Mogores tamanhas
saudades , que quando lhes chegou a no-
da sua morte , assim foi sentida , que se vi-
ram no Heebar publicos afectos de senti-
mento : em fin , como liamos dizendo , es-
tando este varão por Reitor em Salsete ,
desejava muito de trazer á manada de Chri-
sto as cinco Aldeias de Cuculi , que estavam
ainda bravias ; e praticando com os Padres ,
que tinha por companheiros , o modo que
nisto teria , asleniou-se que as fossem visitar
de passagem , e notassem o sitio em que se
po-

poderia levantar Templo, e que logo to-
 masse posse dellas por Christo, abalizando-
 -se com o macto da nossa redempçao. An-
 dando nestes Santos propositos, succedeo-
 -virem alguns Gentios daquellas Aldeias pe-
 -rir aos Padres que quizessem ir a ellas a
 -fazer humas amizades entre douis princi-
 -pes, que estavam em odio mortalissimo,
 -por cuja causa todas as Aldeias andavam
 -em revoltas, e postas em bandos. Isto ac-
 -tentáraim os Padres com muito gosto, ten-
 -do pera si que Deos lhes offerecia aquella
 -ocasião, pera o que tanto desejavam; e
 -pondendo-se o Padre Rodolfo a caminho, le-
 -vou consigo quattro companheiros, que
 -eram o Padre Francisco Pacheco, pai dos
 -Christãos daquellas Aldeias, Francisco Ara-
 -nh, sobrinho de D. Gaspar, e primeiro
 -Arcebispo de Goa, e em sua companhia
 -foram o Escrivão da Fortaleza de Rachol
 -com douis Portuguezes, e alguns Christãos
 -da terra. Chegados á Aldeia Couri, cabe-
 -ga daquellas, foram muito festejados dos
 -Gentios, a cujo rogo hiam, que os agaza-
 -lharam em huma ramada, que pera isso
 -tinham feito. Aqui acudiram logo muitos
 -moradores pera verein fazer aquellas ami-
 -zades, e em quanto huma das partes tar-
 -dou, praticaram os Padres entre si daquel-
 -les desejos com que andavam, e notáraim
 -hum

dum lugar pera alevantarem huma ^{Cru-}
 Esta pratica foi entendida de alguns ; e ^{se}
 hindo-se dalli com muita pressa , deram ^{re-}
 bate na Aldeia daquelle negocio ; e ^{hum}
 delles , que era havido por grande ^{feiticei-}
 ro , soltando os cabellos , começou a perfur-
 dir a todos que acudissem pela honra ^{de}
 seus Pagodes , e que tomassem vingança ^{nos}
 Padres , que foram causa daquellas ^{afro}
 tas , chamando a grandes vozes pelos ^{ido-}
 los , bramindo , e excitando a todos ^{com}
 tal vehemencia , que se lhes chegaran ^{mui-}
 tos , e tomaram as armas pera irem ^{dar}
 nos Padres , seguindo todos aquelle ^{feiti-}
 ceiro , que com os cabellos espalhados ^{pe-}
 los hombros lia adiante saltando , e ^{ef-}
 bravejando. Disto forão os Padres avisados ,
 e pareceo-lhes bem tornarem-se a recolher ,
 e assim o foram fazendo , e no caminho
 encontraram com esta caterva infernal , que
 em vendo os Padres , remetteram a elles com
 huma furia temeraria. O Padre Pacheco ,
 que sabia a lingua , adiantou-se ^{com os}
 braços abertos , como que os queria abra-
 çar por amizade , dizendo-lhes que ^{se aqui-}
 taflsem , e não receassem perturbação , nem
 novidade alguma ; mas elles como ^{hiam}
 daminados , sem escutarem razões , lhes re-
 sponderaõ com as armas ; e achando mais
 perto o Padre Rodolfo com aquella modos-
 sia

que sempre teve, lhe deram hum golpe nas pernas, de que logo cahio; e pondo-se de joelhos, com os olhos no Ceo, e as mãos alevantadas, inclinou o pescoço, no qual lhe deram dous façanhoços golpes, e por hum hombro hum que lhe derrubaram o braço todo, e finalmente lhe atravessaram o peito com huma aguda seta, que elle sentio bem pouco, porque estava sua alma já levantada sobre esses Ceos; os mais deram em os outros Padres tantos golpes, e feridas, que renderam logo os espíritos a Deos nosso Senhor; só o l'mão Francisco Aranha ficou cahido, e caiuado no chão com hum terrivel golpe pelo pescoço, e os peitos atravessados com hum agudo dardo, ainda vivo, mas havidos de todos por morto. E não perdoando esses barbaros carniceiros a pessoa viva, mataram todos os mais da companhia, só hum Portuguez escapou pelo esconder huma daquelles Gentios seu amigo. Feito isto, tomaram aquelles inocentes corpos dos Padres, e os levaram a rastos até hum poço que alli estava, e os lancaram dentro. O l'mão Aranha, que ainda estava vivo, de quem elles se descuidaram, vendo os barbaros ocupados naquella carniceria, foi-se em gatinhas recolhendo pera hum mato, que alli estava perto, e nelle se cobreron;

Vii-

Vindo aquelles ferozes algozes de dar ^{3.}
 quella sepultura aos Padres, parece que fo-
 ram avisados como o Irmão Aranha se fo-
 ra recolhendo pera aquella parte; e não
 querendo que lhe escapasse, o foram bus-
 car, e trouxeram á porta de hum Pagode,
 e alli amarrado a huma arvore lhe offere-
 cêram, e lhe persuadiram que adorasse seu
 Idolo: o Irmão Aranha respondeo muito
 constante, que não era tão bruto que ado-
 rasse páos, e pedras, como elles faziam,
 de que elles tomados o astuciáram como ²
 outro Sebastião, e sua bemaventurada alma
 banhada no fresco, e inocente sangue foi
 dalli receber a coroa do martyrio em com-
 panhia dos mais. Sucedeo isto aos 15 de
 Julho deste anno de 1583. em que andamos,
 no mesmo dia, em que doze annos ^{antes}
 foram pelos hereges mortos os Padres Igná-
 cio de Azevedo, e seus 39 companheiros,
 indo pera o Brazil, pelo que he este dia
 mui celebrado em toda a Companhia.

As novas da morte destes Padres che-
 garam logo a Goa, e com elles se alvoros-
 çou todo o povo, com desejos de irem
 tomar satisfação dellas, movidos da gran-
 de caridade, e amor dc Deos, por iei-
 aquillo feito em offensa sua; mas o Conde
 D. Francisco Mascarenhas lhes foi á mão,
 por serem já os aggressores passados pera as
 teras

terias dos Idalxás , dizendo que as coulhas
tinham tempo , e que elle o buscaria , em
que tomasse a vingança delles igual a tão
barbara maldade.

C A P I T U L O IV.

Do que mais aconteceu em Barcelor : e da
guerra que André Furtado fez aos Chatins : e dos navios que o Conde em Ago-
sto despedio pera o Malavar : e de como
D. Jeronymo Mascarenhas partio pera
Malaca com huma Armada.

Tornemos a André Furtado , que dei-
xámos em Barcelor , porque hie necessa-
rio continuarmos com elle. Atrás dissemos
como o Conde Vizo-Rey lhe mandou mais
deus navios , cujos Capitães eram Francisco
Freira da Silva , e Gaspar Fagundes.
Egados elles a Barcelor , armou André
Furtado cinco calamutes , duas manchuas ,
e outras tantas almadias , com o que an-
don todo este inverno por aquelles mares
desuindo , queimando , e cortando todas
as povoações dos Chatins : e hum dia foi
committer a Ilha , que chamam a Grande ,
na qual elles tinham feito tranqueiras , e
vallos , porque tinham alli muitas fazen-
das , e huma madrugada mandou desembar-

car nella Affonso Ferreira da Silvā , deixando-se elle ficar na sua manchua em guarda dos navios. Affonso Ferreira teve com os inimigos huma aspera briga , porque acudiram muitos delles a lhe derrederem a desembarcação ; mas os nossos apeitaram com elles , que com morte de muitos os leváram de vencida por toda a Ilha , até os metterem por huma-ponta que passa á outra , e ao passar della fizeram os nossos nelles hum grande estrago ; e ficando a Ilha deserta , a metteram a ferro , e a fogo , seni deixarem cousa em pé , em que ficaram dos nossos alguns feridos , e douz mortos , hum em terra , e outro na manchua do Capitão Mór , de huma espingarda . Passado isto , lhe mandou dar duas vezes em Barcelor de cima ; e junto do Pagoda , antes de chegar á Cidade , lhe queimaram todas as povoações que por alli havia , e lhe cortaram hum bom numero de palmeiras ; e em hum passo estreito , aonde elles tinham hum berço de metal pera detenderem a passagem , desembarcou André Fustado com a gente da sua manchua , e lho tomou em fim , que cada dia lhe dava assaltos , e lhe fazia tantos danos , e destruições por todas as partes , que os obrigou a lhe pedirem pazes , que lhe elle não concedeu , por não ter ordem do Viso-Rey ; e

fendo já alguns dias de Agosto, tanto que
 o tempo lhe deu lugar, sahio pela barra
 fora com cinco navios muito bem concerta-
 dos, e com elles andou por aquella Costa,
 esperando huma não dos Chatins, que se
 esperaya vir de Meca, a qual parece que
 adivinhou o tempo, e se foi a Ormuz, on-
 de pagou os direitos livremente, por se
 não saber ainda lá da guerra. O Viso-Rey
 foi avisado por cartas suas de todas as cou-
 sas sucedidas naquelle inverno, e de como
 ficara na Costa com os navios; pelo que
 denou logo nove, de que eram Capitães
 Simão Moniz da Camera, Jorge da Silva,
 Luiz Gonsalves Magno, D. João Rolim,
 Luiz Figueira de Azevedo, Martim Mo-
 diz, D. Francisco Tello, D. João Pereira,
 Thomé Vaz, e lhe mandou que fossem
 juntar-se com André Furtado pera anda-
 rem com elle ate chegar D. Gilianes, que
 havia de ir por Capitão Mór. Partidos es-
 tes navios, que foi na entrada de Setem-
 bro, ficou o Viso-Rey entendendo nas cou-
 sas de Malaca, porque pela derradeira não
 que della chegou teve as novas da perdi-
 ção da não de Simão Ferreira, e do que
 tinha sucedido a Rajale com o Capitão
 de Malaca sobre a entrega da fazenda,
 e da artilheria; e pondo estas couisas em
 Conselho, assentou-se que se mandasse hu-

ma Armada postante , assim pera o Rajale fazer razão de si , como a vise , como pera enfrear o Achém , por haver novas que fazia a sua Armada prestes sem saber pera onde ; e com isto ter El Rey escrito nas naos passadas que lora avisado que em Inglaterra se faziam algumas naos prestes pera passarem á India : que mandasse huma boa Armada aquellas partes ; e que passando lá estás naos , as buscassem , e ensacassem. Assentado isto , elegeo o Conde por Capitão Mór desta Armada a seu sobrinho D. Jeronymo Mascarenhas , e lhe nomeou tres Galeões , huma Gale , e quatro Galeotas , que tudo estava já prestes no inverno , e começou a pagar a gente pera esta Armada. Desta eleição se aggravou Sebastião de Rezende , que tinha arribado em Abril (como atrás dissemos) dizendo que elle estava eleito , e com os gastos feitos pera aquella jornada , e que se lhe não podia tirar , sobe o que não foi ouvido nos depoimentos que em Portugal demandara o Conde sobre este negoçio , requerendo lhe os gastos das peças , e outras couças .

Em fim , nomeado D. Jeronymo Mascarenhas ; o fez com elle o Conde os Capitães que havia de levar , que foram estes : João Furtado de Mendoca no Galeão Santa Catharina , João Rodrigues Coutinho no

Galeaca Sant-Iago , e o Capitão Már na
não Santo Antonio , Pedro Homem Pereira
Galé , e Lopo de Atouguia , João Ro-
rigues Coutinho , Vasco da Silva , Sebas-
tião Bugalho , Paulo Coutinho nas Galeotas ,
e pera esta jornada se pagáram a alguns
centos homens. O Conde despachou o
Embaixador do Rajale pera ir com D. Jero-
nimo , e lhe confirmou as pazes , que lhe
D. João da Gama tinha feitas , cujos mais
substantiaes pontos eram , que não seria
amigo do Achem , nem recolheria os Chin-
ches em seu porto ; e lhe acrescentou o
Conde mais , que tornaria a fazenda , e
artilheria da não de Simão Ferreira. Esta
Jornada se fez á vela de vinte de Setem-
bro por diante , e com ella continuarcemos
em seu lugar , e principio partio o Galeão ,
de que era Capitão Fernão Botto Macha-
do pera Maluco , o qual tinha invernado
em Angediva , como atrás fica dito.

C A P I T U L O V.

*Da Armada que este anno de 583. partiu
do Reyno ; na qual El Rey proveo o Ar-
cebispado da India : e do novo contrato
que se fez das naos com Manoel Caldei-
ra : e de como D. Giliares Mascarenhas
foi por Capitão Mór ao Malavar : e do
que aconteceu a André Furtado até elle
chegar.*

Vendo El Rey D. Philippe as cousas da India tão quietas, tratou muito de proposito de prover em todas ellas, querendo imitar aos Reys seus predecessores, que sempre (como muitas vezes *dissemos*) continuaram nesta conquista do Oriente com os dous gladios espiritual, e temporal, com os quaes se abririam aquelles primícios alicenses. Tendo cartas de como era falecido o Arcebispo de Goa D. Fr. Henrique de Tavora, determinou de a prover de outro Prelado, e apresentou pera isso ao Summo Pontifice a Fr. Vicente da Fonseca da Ordem dos Prégadores, hum dos melhores de seu tempo, pelo que lhe era muito aceito ; e vindo-lhe suas letras Apostolicas, o mandou El Rey enbarcar com muitas honras, mercês, e mimos na Armada deste anno, que se negociava por novo con-

contrato que El Rey della mandou fazer com Manoel Caldeira , removendo o que havia feito com Luiz Cesar por justos respeitos que pera isso teve , pelo qual novo contrato se obrigou Manoel Caldeira a mandar todos os annos á India cinco naos , e que El Rey seria obrigado a lhe dar cada anno mortos oitenta mil cruzados pera a fabrica das naos ; e que elle Manoel Caldeira poderia nomear cada anno huma pessoa pera Capitão de huma das naos , e elles oitenta mil cruzados a dezescias mil cruzados por cada hum ; e que lhe fazia El Rey mercê de huma Capitania Mór da Carreira da India pera casamento de huma filha , a qual depois casou com Luiz Mendes de Vasconcellos , filho de Joanne Mendes de Esporan , que foi casado com Dona Anna , filha de D. Antonio de Alvaide , Conde da Castanheira. E como foi tempo , por Manoel Caldeira as naos de verga d'alto , e de vinte de Março por diante se fizeram á vela , indo por Capitão Mór Antonio de Mello Castro na nao S. Filipe , em que o anno passado tinha arribado : as mais naos eram o Salvador , Capitão Estevão Alvares , na qual se embarcou o Alcebíspio D. Fr. Vicente , a não Santiago , Capitão Fernão da Veiga , em S. Francisco João de Trigueiros , em S. Lou-

renço Balthazar Marcos, que vinha per-
servir nella, Ruy Gonsalves da Camera,
mais o Galeão São-Iago pera Malaca,
que era Capitão Manoel de Medeiros. Es-
te anno despachou El Rey muitos homens,
e mandou alguma dinheiro ao Conde D.
Francisco pera ajuda das despezas do Esta-
do: estas náos tiveram boa viagem, tomo-
Cochim, as mais foram a Goa por todo o
Setembro: S. Salvador, em que vinha o
Arcebispo, desgarrou a barra de Goa, e
foi ao Cabo de Raima abaixo cinco leguas,
onde estive muitos dias farta por causa dos
tempos contrarios, e o Conde lhe mandou
as Galés pera a revocarem. Chegadas as
náos, e festejadas á saude de El Rey, logo
o Conde despachou João Correa de Brito
pera ir entrar na Capitanía de Columbo,
e Ceilão, da qual era provido, e foi em-
barcado no Galeão dos provimentos, que
era Capitão Antonio de Brito do Braga
cortado. Feito isto, entendeo no despacho
da Armada, que havia de ir ao Malabar,
da qual estava nomeado por Capitão Mór
D. Gilianes Mascarenhas, e tanta pressa
lhe deo, que aos 20 de Outubro o deitou
pela barra fora: levava duas Galés, e elle
em huma, e D. Manoel de Menezes, filho
de D. Pedro de Menezes o Ruivo na ou-
tra, e vinte navios de remo, de que eram
Ca-

Capitães Antonio de Azevedo , D. Jerony-
me de Azevedo , D. Francisco de Men-
zes , irmão de D. Manoel assimas , D. João
Rolim , Diogo Corvo , D. Jorge da Gama ;
filho do Conde da Vidigueira , D. Vasco
da Gama , que este anno tinha vindo do
Reyno com mil pardaos de tença cada an-
no pera seu entretenimento , Manoel do
Carvalhal , Tristão Vaz da Veiga , Belchior
Bungel , Antonio de Lemos , Pedro da
Fronteira , Francisco Fernandes Arel , Fran-
cisco Fernandes Moricale , Pedro Rodrigues ,
todos tres Malavares , Manoel Cal-
deira , Pedro Gonsalves , Pedro Garcia ,
Belchior Vaz , Estevão Gonsalves , Antonio
Pites , Pedro Rodrigues , e outros : e por-
que os Chatins de Barcelor tinham manda-
do pedir ao Viso-Rey pazes com muita
ânsia , cominettendo partidos honrolos ,
lhas concedeo , e deo por regimento que
lhe as acabasse de assentar com elles , e as
jurasse.

Entre tanto que D. Gilcanes não chegou
ao Malavar , daremos razão das cousas que
sucedérão a André Furtado de Mendoça.

Atrás dissemos como em Agosto parti-
ra de Barcelor , e andára por aquella Costa
esperando huma frota dos Chatins , que havia
de vir de Meca. Andando naquella para-
gem , chegáram a elle os nove navios que

o Viso-Rey lhe mandou diante pera se ajuntarem a elle até chegar D. Gilcanes, e com elles se passou logo á Costa do Brasil, e por ella se deixou andar com grande vigia sobre seus portos, porque não sahisse os esclavos a roubar. *Andando* por ella, lhe deram huma carta de D. Jorge de Menezes Baroche, Capitão de Corchim, em que o avisava de serem passados ao Cabo de Comorim oito, ou nove navios de Malavares ao cheiro de hum juncada China muito rico, que por falta de tempo foi invernar a Negapatão, pelo qual se esperava por todo o mez de Outubro. Com estas notas se passou logo ao Cabo de Comorim, tomando de passagem Cochin pera se prover das cousas de que lha faltava; e chegando ao Cabo, não achando ali novas de paraos, passou-se a Toutocorim, que lhe pareceo que os paraos seriam passados da outra banda dos baixos pera esperarem o juncado; e tomando parecer com os Pilotos sobre o passar os baixos a outra banda pera ir enfacar os paraos, achou contradicção nelles, affirmando-lhe que era muito tarde, e que lhe podia acontecer algum desafaire: pelo que se deixou andar por aquella paragem, assim porque se os paraos tomassem o juncado, haviam de voltar por alli com as fazendas, e forçado lhes

haviam de cahir em as mãos , como pera
 recolher alguns navios de Bengala , e de to-
 da a Costa de S. Thome , que naquelle
 tempo haviam de vir pera Cochim ; e an-
 dando aqui , teve por novas que junto do
 Cabo andava hum navio de Malavares es-
 perando prezas : indo-o buscar , espalhou
 os seus navios ao mar , e á terra por lhe
 não escapar ; e andando dous delles Capi-
 tes D. João Rolim , e Diogo Corvo com
 outros em huma paragem , amanheceram
 os dous com o parao , estando susto : o
 navio de D. João Rolim acertou de ficar
 com a vela virada no bordo em que o pa-
 rao hia ; e tanto que viu os nossos navios ,
 voltou a amarra , e deo á vela ; e foi tão
 diuso que o alcançou , e lhe poe a proa assim
 á vela , lançando-lhe logo algumas panel-
 las de polvora , e apôs elas alguns solda-
 dos , que em breve espaço axoraram o na-
 vio , matando alguns Mouros , e lançando
 os mais ao mar . A este tempo chegou Diogo
 Corvo , que já não havia mais que a pesca-
 ria do mar , tomou ainda vinte e tantos
 vivos , e tornando o navio , foram deman-
 dar André Furtado , que o festejou muito ;
 e depois de recolher toda a cafila , e ter
 por certeza que os paraos eram recolhi-
 dos , voltou pera Cochim , onde deixou to-
 dos os navios dos Mercadores , e com os
 scus

seus da Arinada foi buscar D. Gileanes, que já andava na Costa do Malavar.

C A P I T U L O VI.

De como Soltão Almodafar Rey de Cambaya, que o Mogor trazia prezo, fugio, e tornou a conquistar aquelle Reyno : e de como o Conde D. Francisco mandou Fernão de Miranda com huma Armada á enseada de Cambaya, e do que lhe succedeo.

NA Decada IX. se verá como o Túmichão, Governador de Cambaya, entregou aquelle Reyno ao Hecbar Rey dos Mogores, e como elle castigou El Rey Almodafar, e o entregou a hum de seus Capitães. Este Rey cativo andou na Corre do Mogor em poder daquelle Capitão nōc este tempo em que andainos, que ferei derredor de dez annos, em que as coufas de Cambaya se seguraram tanto, que com nō haver naquelle Imperio mais de trezentos Mogores, assim eram temidos, e respeitados, como se foram trezentos mil, por nō haver hum só Capitão daquelles antigos vivo, e os naturaes serem quasi mulheres na affeminação, e pouco animo. Succedeo o anno passado de 582. afe-
ta-

virem-se alguns estados, que o Mogor tinha nas partes de Bengala, a que o Hecker mandou acudir por aquelle Capitão, que trazia o Rey de Cambaya, que foi aquelle negocio com hum grosso exercito levando aquelle Rey consigo, o qual parece que nesta jornada teve alguma comunicação com humas mulheres do Capitão, as quaes lhe deram favor pera fugir, e assim desappareceo huma-noite em roupas mudados; e por caminhos diferentes, sempre embrenhado, e com muito risco de sua pessoa, foi ier ao seu Reyno de Cambaya, e na Cidade de Cambataie se recolheo em casa de hum Baneane de quem se sou, o qual o teve em tanto segredo, que em huma mez que alli esteve não foi visto, nem conhecido de outra pessoa; e por ordem do mesmo Baneane, que o acompanhou, se passou águella Costa do Rio, e chegou á terra do Jambo, que foi hum dos Capitães que nas revoltas de Cambaya se levantou com o que possuia, e governava como já dissemos; e dando-se-lhe a conhecer, foi delle recebido, e tratado como herdeiro de hum tanianho Imperio, de quem elle era vassallo, confiando-o, e promettendo-lhe de o favorecer a de o meter de posse do Reyno, e casando-se com o Amicham, filho de Tar-

rachão, senhor de Junagor, e da Costa de
 Dio; e como Rey de Cache, de quem já
 nas outras Decadas démos razão, lhe
 a saber da vinda daquelle Príncipe, e o
 mandaram visitar com presentes, e gra-
 des offercimentos, concertando-se El Rey
 com elle, e lhe deo huma filha por mu-
 lher, a qual elle aceitou por não ficar de
 todo desapegado em poder daquelles ty-
 rannos, que se tinham alevantado com o
 que era seu, e por ter já aquelle recolhi-
 mento seguro pera sua pessoa; e depois de
 fazerem seus desposorios com grandes res-
 tás, trataram todos de o irem meter de
 posse do Reyno de Cambaya, visto esta-
 rem as coulas todas dispostas pera enão
 o fazerem com menos cabedal que em ou-
 tro tempo; e formando seus exercitos, em
 que havia mais de trinta mil cavallus, em
 mando o Almodafar consigo com muita
 vencração, entraram com elle pelo Reyno
 de Cambaya, e o meteram de posse da
 mór parte de suas Cidades, e Villas sent-
 gelpe de espada, e foram cercar o Cotubí-
 cham senhor de Barochie em Veredora, e
 lhe deram tão asperos combates que o che-
 garam a estado de o conuictar com parti-
 dos, ao que El Rey Almodafar deo oce-
 lhas, e chegaram a se concluir em, com
 condição que se fahissem todos com sô suas
 pes-

peſſoas, pera o que lhe paſſou ſeguros, nebaixo dos quaes lhe entregaram a Cidade; e querendo El Rey começar a fazer o que fez o Hecbar aos Capitães de Cambaya, tanto que houve Cotubidichão ás mias, mandou-lhe cortar a cabeça, e o mesmo fez a todos os Capitães que com elle estavam; e deixando alli em Veredora guarnições, paſſaramſe a Barochie, onde estavam os filhos, e mulher do Cotubidichão, e lhe puzeram muito apertado cerco; mas por a Cidade fer muito forte, os de dentro lha defendéram muito bem. Esas couſas chegarām logo ao Vifo-Rey; e porque era negocio de muita importancia, o poſe em Conselho, e aſtentáram que era neceſſario ir-se elle em peſſoa ao Norte; e deixar-se estar em huma daquellas Fortalezas até ver em que parayam as couſas de Cambaya, porque poderia fer occasio-
naria o tempo conjuncão pera poder já-
tar mão de Sutrate a pouco custo, porque
naquelles tumultos ſempre haviam de ficar
alguns poſtigos abertos por onde ſe pudeſ-
ſe meter hum pé em qualquer daquellas
Fortalezas, porque ás vezes he cerio o
rio, Rio turvo proveito de pefcadores;
e que além de importar muito aquelle po-
to, feria muito neceſſario pera segurança
das terras de Damão; e ſe o Mogor tor-
naf-

nasse a voltar, sendo a Fortaleza de Surate do Estado da India, ficariam sempre tendo-lhe com ella huiu pé no pescoço. Assentado isto, despedio o Viso-Rey Fernão de Miranda com doze navios para se ir metter na enseada de Cambaya, e ver aquellas cousas, e em que paravão, para que se o tempo lhe offerecesse alguma ocasião, não se perder á iningua. Fernão de Miranda se fez logo á vela em 28. de Outubro, e os Capitaes que o acompanharam foram Antonio de Azevedo, D. João de Castro, Colme de Lafetar, Gonçalo de Sousa, Fernão de Macedo, D. Jorge de Almada, Antonio de Lima, Luiz Falcão, Ignacio Nunes, Balthazar Gonsalves; e sem se embaraçarem com cousa alguma, chegaram á enseada a tempo que El Rey Almodasar tinha a Cidade de Barochê em muito aperto, e logo deitou Fernão de Miranda em terra algumas pessoas de confiança, ensaiadas do que haviam de fazer. Estas começaram por sua parte ter algumas intelligencias, assim com El Rey, como com a mulher, e filhos do Cutubidichão, fazendo-lhes crer que era alli chegado com aquella Armada em seu favor, offerecendo-se a El Rey para o ajudar, e á mulher, e filhos do Cutubidichão para os favorecer, ajudar, e salvar, quando fosse necessário;

e de maneira soube tecer isto, que com todos lhe ficou o lanço formoso, e todos lhe ficaram agradecendo scus offerecimentos, e assim se deixou ficar defronte de Baroche com grandes espías em terra, porque o avisaram de tudo o que sucedia, indo El Rey continuando o cerco com muita pressa; porque bem entendia que como chegassem as novas ao Mogor, haria de voltar, e assim os deixaremos ate seu tempo.

CAPITULO VII.

Das alterações que houve no Reyno de Idalxá: e de como alguns Capitães trataram de metter Cofuchão de posse daquelle Reyno: e do que sobre isto fez o Conde D. Francisco Mascarenhas: e de como partiu pera o Norte: e do que sucedeu a Fernão de Miranda.

Fra tão soberano o governo de Lavar-
chão Abexim no Reyno de Idalxá, que o não podiam sofrer os maiores Capitães, e confederando-se Anel Maluco, Capitão General daquelle Reyno, Calabete-
chão, e Ziadaulchão, trataram de metter no Reyno a Cofuchão filho de Miliachão, que estava em Goa, e lançarem fôrça hum
Conto. Tom. VI. P. I. Ee Rey

Rey tão fraco, que consentia a soberanidade de hum Abexim, sendo elles Capitães naturaes de tamanhos merecimentos, e partes, e de mais experiençia, e ser que o Abexim; e porque isto fosse em ~~mais~~ segredo, tratáram estes senhores do Rey no, e Capitães delle de meterem o Cufu no Balagate escondido; e depois de alli o terem, declararem-se com todos, e meterem-no de posse do Reyno: e pera isto despediram pessoas de muita confiança pera Goa, pelas quaes mandaram significar ao Cufu sua determinação, pedindo-lhe que trabalhasse tudo o que pudesse pera passar a Balagate escondido, pera que como o lá tivesse, sem dúvida o meteriam de posse do Reyno. Praticadas estas coisas entre estes enviados, e o Cufu, deo elle conta ao Conde Viso-Rey dellas, o qual por lhe não parecer bem aquelle modo, por haver que não poderia ter effeito, e que ficava quebrando as pazes ao Idaixa, não quiz dar licença ao Cufu, antes o entregou ao Alcaide Mór Affonso Vaz ^{Vie}gas, pera que o tivesse em custodia, em quanto elle acendia ao Norte pera onde se negociava com muita presia, dando outra muio grande ás naos que haviam de ir pera o Reyno, e escrevendo a El Rey estado das cousas da India.

Dado despacho ás náos , foram tomar
carga a Cochim , e de alli se fizeram á vela
até quinze de Janeiro de 584. em que com
o favor Divino agora entramos , e embar-
cam-se nestas náos muitos Fidalgos , e
Cavalleiros , e o Padre Nuno Rodrigues da
Companhia , que levava tres Fidalgos Ja-
pões a Roma a dar a obediencia ao Suin-
mo Pontifice ; e de sua chegada ao Reyno
, e da jornada que fizeram por toda a
Italia até se apresentarem ao Papa , não
daremos relacão ; e quem a quizer ver ,
char-se-ha escrita em Latim pelo Padre
Duarte de Sande , e já impressa.

Partiu tambem de Goa pesa o Reyno
já de vinte de Fevereiro por diante D:
Francisco de Castro , que acabara de ser
Capitão em Chaul , em huma náo sua que o
destruiu ; porque tendo tirado mais de se-
te mil pardaos de sua Fortaleza , não se
contentando com elles , se metteu naquella
náo , a qual por ir mal arrumada , e não
sofrer a vela , tornou a arribar logo o pri-
meiro dia ; todas as mais náos chegaram
ao Reyno a salvamento , seni lhes acontecer
desastre , só a náo Salvador , indo correndo
de hum temporal , lhe deo hum mar tão
grosto , que lhe levou a varanda , e nella
a Elevão Alvo seu Capitão com hum filho
, e os passageiros elegeram por Capi-
tão

tao Alexandre de Sousa , que hia alli embarcado , que acabara tambem de ser capitao de Chaul.

E tornando ao Conde D. Francisco Mascarenhas , tanto que despachou as naos do Reyno , logo se embarcou pera o Norte , que foi pelas oitavas de Natal , e levou os navios , que se puderam ajuntar porque como hia a modo d'Aforado , com voz de visitar as Fortalezas , não houve paga , nem ajuntamento geral , e ainda o acompanharam de vangiagem de quarenta navios de Capitães que ás suas custas arimaram.

Primeiro que o Conde se embarcasse , entregou o governo a D. Fr. Vicente Arcebispº pera com o Capitão Chanceller , e outros Deputados despacharem todas couças.

Foi sua pessoa embarcada na Galé hastarda , e em outra D. Pedro de Castro : irmão do Conde de Basto , e nos mais navios os Capitães seguintes : João da Silva , Pedro Lopes de Sousa , Manoel de Sousa , Ayres da Silva , Jorge Barreto , Francisco de Sousa Rolim , João de Faria Secretario , Sebastião Barbosa Ouvidor Geral , João Mendes Pestana , Manoel Vaz , Afonso Pereira Coutinho , Alberto Homen da Costa , Antonio Colaço Lobo , Domingos

gos Carvalho, João Rodrigues, D. Francisco Deça, o Licenciado Simão Borges, Martim Furtado, e outros navios de serviço.

Na barra de Goa deixou o Viso-Rey ~~deus~~ navios pera sua guarda, de que eram Capitaes Diogo Rodrigues Froes, que ficava por Cabeça, e Sebastião Coelho; e porque ficavam ainda em Goa muitos navios, despedio o Conde de caminho Pedro Lopes de Sousa com outras sines pera os ~~is~~ recolher, porque havia novas de Cossatos, e elle foi seguindo sua derrota, Pedro Lopes de Sousa com outros sines (pera os ~~is~~ recolher) e foi recolhendo a si os navios que sahiao pera fora, mandando recado aos que estavam dentro, que logo se sahisssem pera fóia, porque ate outro dia esperava por elles: o que fez com todos que se ajuntaram, com os quaes se fez a fóia, ficando em Goa hum sustarão, em que se embarcava hum Embaixador do ~~Rey~~, que estava em Goa, o qual se deixou ficar de vagar, porque tinha muitas fazendas pera embarcar; e quando sahio pera fóia, já não achou a Armada, pelo que se foi só seguindo sua viagem, indo alli embarcado João Rodrigues Preto, filho de Simão Gonçalves Preto, Chanceller Mór do Reymo, que por se descuidar da embarca-

ção em que havia de ir, quando acudiu
caes, ja não achou outra senão aquella,
e aos dous dias de sua viagem deram com
elles hums Catacouldes que os abalroaram,
e entraram, abrazando-os os Mogores com
muito fogo que dentro lhe lançaram, com
o qual alguns se botaram ao mar, e o mes-
mo fez Joao Rodrigues Preto que logo
morreu; os ladrões roubaram o navio, e
o deixaram com os Mogores, a que não
fizeram mal por ser Mouros, e ainda lhes
levaram mais de trinta mil cruzados que
levavam empregados em cousas pera o
Mogor: assim roubados, e destroçados
chegaram a Chaul, aonde já o Viso-Rey
estava, que sentio muito fazer-se-lhe aquela
descortezia quasi na sua compagnia; per-
lo que logo despedio outra vez o mesmo
Pedro Lopes com seis navios pera levar a
cafila pera Goa, e pera ir dar guarda
que havia de vir das Fortalezas de Canara
com mantimento pera Goa, e de sua via-
gem adiante darenlos razão.

Alli em Chaul se deixou o Conde ficar
despachando algumas cousas, e despedio
pessoas de confidencia, humas pera irem
Baroche em muito segredo a visitar aquer-
le Rey, e offerecendo-lhe pera o favore-
cerem, e ajudar, e outras pera fazrem o
mesmo á mulher, e filhos do Cutubidi-
chao,

chão, que ainda estavam de cerco, e entre tanto aperto que se fallava já em concertos, os quaes dari a poucos dias se concluiriam com condiçao, que deixassem ir todos livremente, e que lhe entregariam a Cidade. Fernão de Miranda, que não se descuidava em nada, foi logo avisado daquelle tratado, pelo que com muita pressa lançou huma pessoa em Baroche, pela qual mandou dizer á mulher, e filhos do Cutubidchão que se não fiasse de hum homem, que sobre o mesmo seguro lhe matara seu marido, oferecendo-lhe aquella Armada para nella os pôr onde quizesse com toda a sua fazenda, parecendo-lhe que pelo escândalo que tinha tão fresco daquelle Rey lhe aceitasse seus oferecimentos, no que faria hum muito grande negocio, e de muita honra, e proveito para o Estado; mas como estavam já sobre concertos, e os seus já muito atemorizados, quizeram antes correr seu risco, e entregarem-se ao Almodafar Mouro, como elles, que não farem-se dos Portuguezes, e assim se lhe entregaram, e El Rey poz naquella Fortaleza por Capitão Nazircham, irmão de sua mulher, com dous mil homens, tornando todos os thesouros de Cutubidchão, e huma colcha que valia quatrocentos mil cruzados, porque era toda de setim broslada, e lavrada

de inonterias de ouro, e cachós de ~~aljofas~~, obra além de muito rica mui curiosa, que se podia imaginar que eram muitos, e tantos, que hum Portuguez chamado Francisco Rodrigues, muito continuo Mercador de Cambaya, nos affirmou que só a renda valia a dita quantia. Recolhido todo isto, foi El Rey com todo o seu exercito cerca a Cidade de Amadabá, onde estava fortificado Agicola, colaco de El Rey dos Mogores, e no cerco houve muitos succelles que deixamos. E porque aquelle negocio era pera devagar, deixou El Rey alli seu sogro com doze mil cavallos, e elle com todo o mais poder foi senhoreando tudo o que havia do Reyno, assolando, destruindo, e roubando todas as Cidades, villas, e lugares de maneira, que o miseravel Cambaya padeceo em pouco mais de dez annos as mores mudanças, castigos, e destruções que em todo o Oriente se viram. Ferno de Miranda tanto que foi avisado de aquelle negocio, não tendo alli mais q' fazer, recolheo-se pera o Vizo-Rey.

C A P I T U L O VIII.

Do que fez o Mogor, tanto que soube das couzas de Cambaya: e de como hunka não sua, que vinha da India, foi ter a Goga: e de como Balthazar de Siqueira partio de Dio com alguns navios para reprezar, e do que passou.

DE todas estas couzas acontecidas em Cambaya teve logo o Mogor aviso, o que sentio muito, e lhe deram bem em que cuidar; e logo sem fazer detenção, despedio o Mirzacham, filho do Capitão Pariseo, que lhe ajudou a conquistar aquelle Reyno, como já dissemos, o qual coua a mais gente que pode ajuntar se poe em caminho, ficando o Hechar fazendo-se pretes para partir apôs elle.

Estando assim as couzas neste estado, e todo o Reyno quasi posto em poder do Rey Almodafar, chegou á Cidade de Goga huma não do Hechar, que vinha de Juá, a qual trazia cartas do Viso-Rey, e sugio dos Canaes para dentro, sem saber as revoltas que no Reyno hiam. Braz de Azevedo, Capitão Mór da Armada de Dio, que havia alguns dias estava alli favorecendo os navios que hiam de Cambaya para aquella Fortaleza a pagarem os direitos, tan-

tanto que vio a não surta , foi-se a ella ; e sabendo ser do Heebar , que trazia cartas , tratou de lho não guardar , e de levar pera Dio , porque havia que o Mogor pela guerra que mandara fazer a Damão tinha quebradas as pazes , e já as cartas ^{lhe} não valião : os Mercadores da não requeriam sua justiça , e com isto lhe dariam ^{al-} guma coufa , com que elle a deixou , e ^{se} foi pera Dio.

O Capitão da Cidade de Goga , que já estava pelo Almodafar , tanto que vio surta a não , e a nossa Armada ida , ^{man-} dou-lhe meter dentro cem espingardellos pera sua guarda , e mandou levar a terra os mais ricos Mercadores que nella ^{ti-} nhani , e com elles os Capitães , e Oficiaes ; e mandou desapparelhar a não , porque de- terminava de a descarregar , e despedio jo- go recado a ElRey , o qual com mu- brevidade mandou Mustafá com cinco , ou seis mil cavallos pera fazer desembarcar as fazendas . Os Mercadores da não , e outros de Cambaya , que estavam interessados na quella não , despediram recado a ou- ^{ros} ies procuradores , que tinham em Dio , os quaes requereram a Manoel de Miranda , Capitão daquella Fortaleza , que ^{mandasse} levar aquella não a Dio , porque elles queriam pagar os Dircitos della , se lhes fiz- ^{sem}

sem algum favor. A isto acudio Setepte, hum Bramero rico, que era o rendeiro, e se concertou com os Procuradores dos Mercadores todos em hum preço moderado, com o que Manoel de Miranda despedio logo Balthazar de Siqueira, que alli estava por Provedor da Fazenda, pera que fosse levar aquella ~~nao~~ a Dio, o qual foi embarcado em hum navio com quarenta homens, e levou huma Manchua, de que era Capitão hum Luiz de Oliveira, com alguns soldados, e deo-se tanta pressa, que o mesmo dia partio de Dio; e passando de noite por Madre Faval, lhe sabio hum pato de Malavares, pera o qual se poz em armas, e commeteo; mas vendo elle aquella determinação, fez-se pera a volta do mar, e Balthazar de Siqueira foi seu caminho, e á ontra noite seguinte chegou a Goga, e foi demandar a ~~nao~~ pera fallar com os de dentro; mas elles que já estavam postos em armas, lhes bradaram que se ~~affastasse~~, porque era de noite, e não sabião quem eram. Balthazar de Siqueira lhes mandou fallar por hum Abexim que consigo levou, muito conhecido de todos os de Cambaya, chamado Cide Rana, o qual lhe disse que alli lia naquelles navios, e que não queriam mais que favorecer os Mercadores, porque a gente de El-

Rey os não roubasse, e que só a isso partira de Dio: que vilsem se haviam mandado alguma cousa, porque estava prestes pera tudo o que cumprisse a elles; e com curiosidade isto, lhe responderam que se assaltassem, que como fosse de dia, fallariam com elle, o que elle fez; e chegando a terra, lançou nella o Cide Raná pera mar falla de hum Babugi Sarage da não, pera saber delle a vontade dos Mercadores, e se queriam ir pera Dio, mandando-lhes oferecer muitos favores. Posto o Cide Raná em terra, negociou tudo muito bem, e soube que os Mercadores não deixavam outra cousa, antes mandaram requerer a Balthazar de Siqueira que os levasse a Dio, que elles eram contentes de cumprir o que estava assentado com o Rendei-ro daquella Alfandega ácerca dos direitos das fazendas daquella não. Com isto tanto que foi ao outro dia, mandou Balthazar de Siqueira dizer á gente que estava em guarda da não, que os Mercadores que ali vinham eram livres, e que podiam levar suas fazendas pera onde quizessem, e que queriam ir pera Dio, pera onde elle os havia de levar, e por isto que se determinassem. A isto lhe responderam, que o que tocava ás fazendas dos Mercadores confirmariam em se irem, e as levarem; mas que

as que fossem do Hechar do Rao , e de
 outros alevantados , não a haviam de entre-
~~gar~~ , porque pertencia a ElRey Almoda-
 far , como verdadeiro Senhor , e herdeiro
 daquelle Reyno. Vendo Balthazar de Si-
 queira aquella determinação , dissimulou ,
~~porque~~ não tinha Armada pera nada , e
 esperava cada dia por mais navios , que o
 Capitão de Dio ficou de lhe mandar ; e
 por lhe não sentirem fraqueza , foi entre-
 tendo o negocio com recados , e protestos.
 Neste meio tempo chegou a Goga Amosta-
 fa , que tinha despedido ElRey Almoda-
 far com cinco , ou seis mil homens , e al-
 guns elefantes , o que elle mandou pera
 recolher a fazenda da não , e logo soube
 de tudo o que os da não tinham passado
 com Balthazar de Siqueira , e lhes mandou
 recado que nada deixassem desembarcar ,
~~porque~~ toda aquella fazenda pertencia a
 ElRey Almodafar seu Senhor , e que elle
 estava alli pera os favorecer contra os Por-
~~luguenses~~ , e que não se levasssem de nada ;
 e com este recado se alteraram os da não ,
 que era muito grande , e com hum cão de
 metal pela proa a ir , e vir da terra com
 recados , e resposta de Mustafá , o qual man-
 dando adveruir aos da não que se os nos-
 sos apertassesem muito , elles cortassem as
 amarras , e dessem com a não á costa , on-
 de

de os nossos lhes não podiam fazer mais nojo , e assim se salvava toda a fazenda. Nestas idas , e vindas que o batel fazia, passava pela fusta de Balthazar de Siqueira , sem o salvar , nem usar com elle de cortezia alguma , mostrando nisso estarem soberbos com o favor de Mustafá : do que tomado Balthazar de Siqueira , mandou a Luiz de Oliveira , Capitão da Manchus , que tanto que o batel tornasse a passar pera terra , o fosse abalroar , e abrazasse todos os que hiam nelle , e lhe prezez pera isso vinte soldados. O Luiz de Oliveira fez prestes ; e vindo o batel pera terra já á boca da noite , indo demandar o esteiro , endireitou com elle , e lhe poz a proa , logo lhe lançou dentro tantas panelas de pólvora que o axorou , e abrazou todos os que nelle hiam , matando muitos , e capturando todos os mais , e com o batel por poppa se recolheo pera onde estava Balthazar de Siqueira. Tanto que da terra viraram o fogo , e a briga , acudiram á praia , e gritaram aos da não que lhe cortassem as amarras ; e querendo-o fazer , acudiram a isso os Mercadores , porque os tinha já Balthazar de Siqueira mandado avisar , que se a gente que lá estava em guarda quisesse bolir nas amarras , que a mettessem á esposta , que elle seria logo em seu favor.

Estando assim este negocio, sendo o quarto d'ante alva, chegaram alguns navios de Dio, que lhe vinham dar socorro, com os quacs Balthazar de Siqueira rodeou a ilha; e tanto que amanhocco, que os deviram os navios, coincidiram logo partidos, e seguro, pera que livremente se pudessem ir pera terra, o qual elle lhes concedeo, e a gente que alli estava de guarda se começoou logo a desembarcar, deixando a não aos Mercadores com todas as suas fazendas, e Balthazar de Siqueira mandou buscar Tauris pera descarregar a ilha, porque não era possivel tiralla dali. O outro dia chegou Fernão de Miranda com sua Armada, o qual havia pouco tentado era vindo a Dio a se prover; e sabendo que tinha Balthazar de Siqueira passado em Goga, voltou pera lá, e achou o negocio em tão bom estado, que por não ter que fazer se tornou pera a enseada, e Balthazar de Siqueira ficou descarregando a ilha em muitos Tauris, e navios, que logo acudiram de Dio, e nelles levou toda a fazenda, e em Dio pagou os direitos, conforme ao concerto que os Procuradores dos Mercadores tinham feito com o rendeiro, sem se fazer nenhum agravo a Mercador algum.

C A P I T U L O IX.

De como Mizarchão chegou a Cambaya, e dos recontros que teve com a gente de El Rey ate chegar o Heabar: e de como El Rey Amodafur lhe largou o Reyno, se recolheu: e do que fez o Conde D. Francisco no Norte: e de como os Malavares mataram D. João de Castro: e da morte de D. Gonçalo de Meneses.

Tanta pressa deo o Mizarchão, que o Mogor despedio ás coustas de Cambaya, que em menos de quarenta dias entrou por aquelle Reyno, onde se lhe ajuntaram alguns Capitães do Mogor que andavam espalhados, com os quaes determinou de dar batalha a El Rey Amodafur, que cá estava outra vez sobre a Madava, e chegando duas jornadas daquelle Cidade, allentou o seu exercito, por esperar mais gente, e dalli mandou alguns corredores ate Madava, que tiveram alguns encontros com a gente daquelle Rey, em que de ambas as partes houve perdas.

Estando as coustas assim, poucos dias depois chegou o Heabar pela posta em camellos, como da outra vez; e entrando por aquelle Reyno com hum arrazoado exercito, foi tomando outra vez tudo o que

estava por Amodafar : estas novas lhe
negárao, com as quaes ionhou tão grande
medo , elle , e os mais de sua liga , que
seu guardarem momento , levantaram o
exercito , e foram-se : e passando por Cam-
boje , e pelas mais Cidades daquella
parte , as saqueou todas , e dellas levou
hum grande thesouro com que se recolheo
a seus Reynos ; o Hechbar teve aviso de sua
ida , e em fresco despedio Mizarchao com
trinta mil de cavallo , pera que fossem se-
guido os inimigos , e lhes conquistassem suas
terras , e os destruississe de todo : e pera mais
o obrigar , e honrar , lhe deo o titulo de
Chanchana , que lhe como Condestable do
Reyno , o qual na sua lingua quer dizer
Senhor dos Senhores . Partido este Capitao ,
despedio tambem os filhos de Cutubidichao
com hum grande exercito pera irem cercar
Mizarchao , cunhado de El Rey Amodafar ,
que estava em Baroche mui fortificado ; e
o mais vello deo a Capitania daquella
Cidade , como seu pai a tinha : e das jor-
nadas destes douis Capitães adiante darenios
rião , porque lhe necessario continuarmos
com as coulas por ordem .

As novas da chegada do Mogor a
Cambaya foram logo ao Conde Viso-Rey ,
que estava em Chaul ; e sabendo que ti-
nha outra vez conquistado aquele Reyno ,
Cento. Tom. VI. P. I. FF c

e que os Reys da liga eram fugidos , hou-
ve que não tinha que fazer naquelle nego-
cio , e mandou a Fernao de Miranda que
corresse toda aquella costa do Norte per-
haver novas de alguns costarios ; e andan-
do por ella , foi avisado que alguns paráos
eram passados pera a enseada de ~~Car-~~
baya , pelo que fez volta pera lá ; e ab-
dando apôs os ladrões , lhe deo hum tem-
po tão grosso , por ser em conjunção de
Lua , que esteve toda a Arinada perdida , e
foi-lhe necessário correr com pequenos bol-
sos de vela por onde cada hum pode ,
que lhe durou todo aquelle dia , e noite ,
vendo-se cada hora , e cada momento sub-
mergidos dos mares que cruzavam por si-
ma delles : ao outro dia de madrugada a-
bonançou o tempo , e cada hum se achou
pera sua parte , sem saberem hums dos ou-
tros , cuidando cada hum delles , pelo tem-
po que passou , que os outros seriam per-
didos . D. João de Castro foi amanhecer
entre Tarapor , e Main na costa de Dando
pera Baçaim ; e indo demandar a terra qua-
si destrocado , foi dar de rosto com ~~deus~~
paráos de Malavates , que parece que com
a mesma tormenta se tinham recolhido em
algum rio daquelles . D. João fez logo ta-
mizar as armas , vindo mais pera desca-
rem todos , que pera entrarem em oniro

ferigo; e porque trazia toda a polvora mo-
 lhada, negociáram alguma que acháram de
 melhor fiação pela iuriada que haviam
 de dar; e porque os paroços vinham alon-
 gados bem do outro algum espaço, man-
 dou ao seu catureiro que lhe investisse lo-
 go o que vinha mais perto, porque ren-
 denço-o, ficar-lhe-hia menos que fazer; e
 perrendo o reimo, foram demandar o cossa-
 no, o qual se foi detendo tudo o que po-
 de, quando vio aquella determinação, por-
 que o outro chegasse; e quando D. João
 de Castro chegou a lhe pôr a proa, já o ou-
 tro estava com elle; e como este Fidalgo
 desejava de se parecer com scus avós, en-
 comendando-se a Deos, e animando os
 scus, investiu ambos os navios, ficando-lhe
 um por poppa, e outro por proa; e de-
 pois que os nossos despenderam as panel-
 las de polvora todas com que abraváram
 muitos Mouros, levaram mãos ás armas,
 porque as espingardas não lham pera nada,
 e as culadas, e lançadas peleijácam mui-
 to valerosamente, matando muitos dos in-
 idígenas que nunca lhe puderam entrar o na-
 vio, sobre o que trabalháram bem; mas os
 nossos lho defendêram com grande valor,
 recobrando sobre isso muitas, e muito gran-
 des feridas que o animo, e furor lhe não
 deixava sentir. D. João, vivo retrato da

morto avô , fez este dia tamanhas ~~maravilhas~~ ^{maravilhas} que pasinou a todos ; porque com ser muito mancebo , quando era necessario mandar , o fazia , como se toda a sua vida cursára a guerra ; mas a fortuna invejosa de hum tão honrado pensamento , endreitou hum pelouro de huma espingarda que o tomou pelos peitos , que logo o derrubou morto. Os seus vendendo o seu ~~pitão~~ ^{sua} estirado , determinaram satisfazer sua morte , e venderam muito caro suas vidas , e assim fizeram cousas notaveis com grande danno , e destroço dos inimigos ; ~~mas~~ ^{que} como Deos nosso Senhor tinha alli posto o termo a todos , acerrou de dar huma parrilla de polvora em hum barril della , que tinha os nossos de poppa , e tomando fogo , deo com quantos havia do masto ^o ~~o~~ por esses ares , ficando a fusta despejada e assim os peitos que as armas ~~inimigas~~ nunca puderam vencer , as suas proprias foi necessario que tambem se comprasssem , para que elles se rendessem com ~~mais~~ ^{mais} gloria , e escaparam vivos só tres , que foram cativos , dos quacs ainda hoje vive hum Manoel Nogueira casado em Goa , de quem nós soubemos este successo.

A mais Arinada de Fernão de Mireada ^{foi} tomar diversos portos , toda destroçada e desbaratada ; e de alguns marinheiros que

que se salvaram a nado do navio de D. João de Castro soube o Capitão Mór a desventura que lhes succedeo , a qual sentio tanto , que ainda que perdéra hum irmão muito querido , se não entristecera mais , e assim mostrou no exterior a tristeza que todos nello sentiram ; e depois que ajuntou os navios , se foi a Chaul , onde o Viso-Rey estava , e da barra lhe mandou as notícias da perda de D. João por Antonio de Azevedo , por elle se não atrever a illa dar , e elle lhe certificou o grande sentimento com que Fernão de Miranda hia por aquelle inão successo. O Conde sentio muito a morte daquelle Fidalgo , assim pelo parentesco que com elle tinha , como pelas esperanças que de si tinha dado , e mandou chamar Fernão de Miranda , e o consolou , e mandou que tornasse a voltar pera sumar busca dos ladrões , e que se não assaltasse muito de Damão , em quanto o Mór andasse por Cambaya : o que elle fez , e tornou a buscar a enseada sem achar coula alguma ; e vendo que a Costa de Dabul pera Goa ficava sem guarda , despedio pera elle Antonio de Azevedo com seis navios , com os quaes andou todo o resto do anno dando guarda ás cafilas que hiam pera Goa. Nelle tempo faleceo nesta Cidade D. Gonçalo de Menezes , que este anno tinha

nha vindo servir a Capitanía de Orinuz, muito rico, e foi enterrado em S. Frarciso com grande dor, e sentimento de todos, por ser hum Fidalgo de muito grandes partes, e qualidades de sua pessoa, nunca casou, e teve huma filha natural, que depois foi casada com Garcia de Mello, filho de Affonso de Torres, cunhado do Alferes Mór do Reyno D. Jorge de Menezes, irmão do mesmo D. Gonçalo, que ambos foram filhos de D. João de Menezes, Alferes Mór de Portugal, e de Dona Maria de Mendoça, filha de Joaç de Mello Pereira, de alcunha o Trança, e neto de D. Luiz de Menezes, Capitão Mór do mar da India, que foi em tempo do Governador D. Duarte de Menezes, feitor da casa de Tarouca seu irmão, e ambos filhos do Conde Prior D. João de Menezes.

C A P I T U L O X.

Das coisas que aconteceram em Goa, tanto o Viso-Rey no Norte: e de como o fochão foi levado por engano ao Balagoste, onde lhe tiraram os albos: e do que sucedeo ao Viso-Rey até chegar a Goa.

NO Cap. VII. deste Livro dêmos conta de como Anel Maluco, e outros Capitães do Idalxá se concertáram com o

Cufochão, filho de Malechão, pera o meterem em Balagare, e de como o Viso-Rey o deixou entregue ao Alcaide Mór, pera que se não fosse de Goa.

Estas cousas não puderam correr em tanto segredo, que não fosse ás orelhas do abexim de Lavarchão, que tinha o Rey moço em seu poder, e governava absolutamente tudo, as quaes lhe deram inuito em que cuidar; mas como era velho, e faledor, houve que os mesmos Capitães lhe abrissem caminho pera haver Cuso assuntos, pera com isso acabar de sobresaltos, que cada dia recebiam aquelles Reys com a multidão destes homens em Goa; e abrindo a bolsa, que he o melhor negociar de todos, dizem que quitara algumas pessas entre nós pera o favorecerem, e formou cartas falsas em nome dos Capitães, que se carteavam com o Cufochão, chapadas com suas proprias chapas, que houve ás mãos por invención, nas quaes lhe diziam trabalhasse todo o possível por se passar da outra banda, porque logo lhe haviam de acudir muitos Capitães pera o guardarem; e que como elles tivessem recado, o mandariam levar pera sôna do Gate. Estas cartas deo a hum Bramene por nome Vivila, de que se confiou, e por elle escrevão tambem o de Lavarchão Amoratechão,

e Governador de Cochão, e lhe dava conta daquelle negocio, mandando-lhe que da sua parte escrevesse também o Cufocuão que se fosse para elle, e que o esperava. Estas cartas deu o Bramene a Cutochão em muito segredo, e tratou com elle a quelle negocio, fazendo-lho muito fácil com que o abalou: logo após elle fhe lanchou o Delevachão hum Diogo Lopes Dajão, que tratava no Balagate em cavallos, homem suspeito assin a Deos, como á Coroa, do qual se affirma ter de Idalxá sete mil pardaos de renda cada anno por velhacarias suas, novas, e alvitres que levava de Goa cada vez que hia com cavallos. Este vio-se em Goa com o Cufo algumas vezes em segredo, e assim o fose be persuadir ao que queria, affirmando-lhe que o esperavam de sua banda, e que sem dúvida em pondo os pés no Balagate, seria Rey, que lhe tirou algumas dúvidas, se as tinhia, com a carta de Vitula, e assim por sua ordem desappareceo huma noite, e passou-se da outra banda, e foi-se recolher em huma Aldeia chamada Perio, huma legua de Benastarí, onde lhe acudio alguma gente, que não sabia dos tratos, a lhe fazer venciação. Disto foi logo Marateckão avisado, e despedio hum Capitão com duzentos de cavallo que o prendeo, e levou

aonde elle estava , e com elle se poz no caminho do Gate ; e chegando a huma Fortaleza chamada Morigi , achou recado de El Rey que logo lhe tirasse os olhos , porque receou que indo com elles houvesse alguma alteração , o que logo Maruachão fez , achando-se o pobre Cuso muito enganado , e entendeo que só os Portuguezes lhe fallaram sempre verdade ; e depois de cego , foi levado a Visapor , e El Rey o mandou meter em hum Castello forte , e lhe mandou dar cinco Pagodes cada dia pera a sua despeza ; mas durou pouco , porque logo faleceo de huma postieira . Depois mandou o Idalxá levar sua mulher , e huma filha que tinha , e lhe deo humas boas Aldeias , e além disso cincoenarios pardaos cada mez para seu entretenimento . Estas cousas todas paseáram , em quanto o Conde D. Francisco esteve no Norte , o qual depois que vio não tinha que fazer nas cousas de Cambaya , deo despacho a muitas daquellas Fortalezas do Norte , no que gastou quasi todo o Marpo ; e por ser tempo de se ir pera Goa a prover nas cousas do Sul , se fez á vela , deixando Fernão de Miranda com a sua Armada pera invernar em Dzmao , e ordem pera que Antonio de Azevedo , e D. Jorge de Almada dessem mczas aos soldados ;

dos ; e indo o Viso-Rey tanto ávante como Selardão , nove leguas de Chaul , encontrou Pedro Lopes de Sousa , que tinha mandado a dar guarda á cafila de Carnacá ; e depois que a deixou em Goa a salvamento , voltou pera o Norte em barca do Viso-Rey , acompanhando-o ate Dabul o Falso : dali o despedio o Viso-Rey com hum regimento que se fosse pôr sobre a barra de Dabul ate sahir de dentro huma não de João Cobaço , que os Turcos tomaram em Mascate (como em principio desta Decada Cap. X. do Liv. I. temos dito) estando outra vez á carga pera porque indo pera o André em Setembro passado , arribara áquella Cidade , e ajuntou-se a isto o que agora contaremos brevemente.

Quando o Abexim do Lavarchão ^{fe} alevantou com o governo do Reyno do Idalxá (como ha pouco dissemos) pera ^{do} ^{se} gurar-se em sua tyrannia , desterrou poucos , e poucos os Capitães , e privados , que foram de Alião Yalxa , em cujo poder ficou El Rey Abrahemo seu sobrinho ; e entre estes foi Iumi Cid Ali casta Ceide , e de tamanha prudencia , e governo , que em quanto Alião Yalxa viveo , teve o sello do Reyno , e governou tanto tudo , que pera ser Rey não lhe faltava mais que o ^{no-}

Nome, e com este degradou tambem huma
mulher casta Cherquis de idade de sessen-
te e cinco annos, pequena de corpo, mu-
ito alva, e parecia que em seu tempo fora
feminosa, de grande governo, e pruden-
cia, e affirmou-se que estava ainda virgem,
cavalgava em fermosos cavallos, em que
era tão destra, e exercitada, que em todo
Balagate não havia quem lhe fizesse van-
tagem; vestia Cabaias muito finas ate abai-
o do Joelho, e calçoes compridos ate o
Peito do pé, e sapatos mouriscos, touca-
ra coathas muito alvas, e finas, com que
dava algumas voltas poucas de redor da
cabeça de feição que com as pontas se vi-
nha a rebuçar quasi ate os olhos, pelejava
nas batalhas com arco, e aljava a modo
das Amazonas; e certo que se parecia em
odo, segundo o que se della diz. Esta
mimoso mulher de El Rey Alião era odiada
de todos os Grandes do Reyno, por-
que mexericava com El Rey, e ainda di-
ziam que lhe fazia haver os filhos, e fi-
lhas; em sim ambos foram degradados, e
por adherencia alcançaram licença pera se
embarcar a Dabul pera Mecca, onde
então se estava fazendo pretes. E sabendo
que o Conde Viso-Rey estava em Chaul,
escreveram que tinham negocios muito
importantes que tratar com elle, e que

ficavam embarcados pera Meca , que os mandasse tornar na barra , e levar pera Goa , porque cumpria assim ao serviço de El Rey de Portugal.

Despedido Pedro Lopes de Sousa , deu-lhe o Viso-Rey por regimento que tomasse estas pessoas , e as levasse consigo , e o Viso-Rey passou pera Goa , onde logo começou a tratar dos provimentos de Malaca , Maluco , e Ceilão , mandando das presas ás Armadas que havia de mandar pera aquellas partes , a que logo tornaramos , porque h̄ necessario continuar com outras coutas.

C A P I T U L O X L.

De como Pedro Lopes de Sousa trouxe a Goa Cid Ali , e Bebi Acilá : e do que passáram em Goa : e do que aconteceu a D. Gileanes Mascarenhas no Malava : e das paizes que fez com o Comorim.

APartado Pedro Lopes do Viso-Rey , foi em sua Armada a Dabul , e por causa dos nordestes se recolheu no Fally , que h̄ abaixo duas leguas , e alli esteve até a entrada de Abril , que o avisaram que a não estava carregada , e posta no canal pera sahir pera fóra , e levando a ancor

ra, foi-se a Dahul, e surgiu de redor da
não, e mandou dizer ao Tanadar que se
lhe não entregasse a não, que fora de João
Cabaço (que também estava á carga) que
havia de levar aquella para Goa. O Tana-
dar tanto que viu aquillo, mandou com
muita brevidade descarregar a outra não,
e a entregou a Pedro Lopes de Soula, ten-
do ainda com elle muitos cumprimentos.
Pedro Lopes tanto que deitou a não fóra,
reculhio no seu navio o Cid Ali, e a Be-
bi com sua fazenda, e familia; e sahindo-
se do Reyno, foi-se para Goa, levando a
não comigo; e por venirem nordestes, em
breves dias chegou áquella barra: o Conde
Viso-Rey mandou meter a não dentro, e
a entregou a Leonardo de Figuiredo, ir-
mão de João Cabaço cuja era, e ao Cid
Ali, e Bebi mandou agazalhar, e correu
com elles muito bem. As cousas que trata-
ram algumas vezes com o Viso-Rey não se
sabem, mas suspeita-se que foi para favo-
recer Mahamede Cham, irmão do Cuso,
para o meterem no Reyno, porque já do
meio não havia mais entre nós que aquel-
le filho bastardo; e não vindo estas cousas
a effeito, depois de estar em Goa mais de
um anno, foi-se o Cid Ali para o Mogor,
e a Bebi foi presa pela Inquisição por cou-
sas que não sabemos; mas dizia-se que per-
fur-

suadia algumas pessoas Christians pera se tornarem á Lei de Mefamede , e outras cousas, pelo que foi castigada , e degradada pera Orinuz , donde por via do ~~Conde~~ se passou pera o Mogor , e o persuadido a ir conquistar aquelle Reyno , o que elle depois fez , como em seu lugar diremos.

Agora concluiremos com D. Gileanes Mascarenhas , Capitão Mór do Malavar , que ha muito que deixámos , porque foi necessário , por não contarmos suas cousas por pedaços. Depois que este Capitão Mór chegou áquella Costa , se lhe adentrou André Furtado , que tinha vindo do Cabo do Comorim (como atrás fica dito) começou a continuar na guerra , defendendo a navegação pera todas as partes , e mandando-lhe queimtar muitas povoações , em que entraram Capocate , e Cetur , em que fizeram grande danno , e assim lhe abrazaram , e tomaram muitas embarcações , e pelo Rio de Chale dentro lhe queimaram as povoações do Curi , Manduriti , onde lhe cortaram muitas palmeiras , e mataram muito gado , grosso , e miúdo , que os Naires tem por causa religiosa , e que muito sentem ; e secretamente por ordem de Francisco Fernandes o Malavar se pôz de noite fogo aos Paços do Comorim em Callecute , que arderam por muito bom espaço , do que

elle se houve por muito injuriado ; e por ella mancira queimaram tambem Pariangale , e Pulipatcule junto da Fortaleza de Cunhalé , e outras povoações pelo rio dentro , e lhe deram em outros lugares , em que sempre lhe fizeram assás de danno , e em todo este verão tomáram os nossos vinte e dous Cataeuíos , que são os que mór estrago fazem em navios Portuguezes , que todos os outros navios.

Estas cousas todas fizeram os Capitães da Armada todas por vezes , ganhando nessas saídas muita honra ; e por não serem cousas em que lhe forceado nomear os homens , os não particularizaremos ; e nesta en volta tomáram tambem sete gandras das Ilhas de Maldiva carregadas de fazendas , queimaram huma não , que estava carregando pera Meca. Com estas cousas pox o Capitão todos os moradores daquella Colta em tantas necessidades , que cominovido o Comorim do pranto geral de todos que acudiam a lhe fazer queixas , lhe mandou cometter pazes , ao que elle deu orellhas ; e tanto puchou por isto , que vieram a assentar que se víssem na praia de Calecut pera de rosto a rosto as conciliarem , porque se receava o Comorim que os seus Regedores estivessem peitados dos Menros , e que se corresse aquelle ne-

gocio por elles , nunca se faria nada bem feito. Concluido nisto , mandou o Comorim as seguranças de sua pessoa , com isso desembarcou hum dia limitado , levando comigo quasi todos os Capitães da Armada , que estavam com as proas em terra. O Comorim ao mesmo tempo chegou á praia acompanhado de seus Regedores ; e havendo nas visitas as cortezias ordinarias , tratáram sobre o modo de parcerias , de que o Capitão Mór levava os apontamentos feitos ; e debatidos entre elles , brevemente vieram a concluir com as condições seguintes.

» Que elle Comorim se obrigava a dar
» lhe lugar pera huma Fortaleza no rio de
» Panané em restituigão da de Chale com
» hum pedaço de campo pera povoação ,
» e a habitação da gente Christã da terra.

» Que assim os Christãos , como os
» Mouros pagariam os direitos de todos
» as fazendas que entrassem , e saibissem
» daquelle Porto , assim como pagavam na
» Alfandega de Cochim.

» Que elle Comorim daria seis peças
» de artilharia de metal pelas que se tor-
» meariam em Chale.

» Que se obrigava a dar pimenta nos
» seus Reynos pera duas naos do Reyno
» pelo preço que a dava El Rey de Cochim.

» Que

» Que se obrigava a mandar cortar os esporões aos navios de remo que em seus portos houvesse, e que ficariam de carga.

» Que entregaria todos os Portuguezes, e Christãos que por todo o seu Reyno houvesse cativos.

» Que derrubaria a Fortaleza que o Cunhate tinha feito no seu Reyno, tanto que a de Panane fosse feita de pedra, e cai, e outras cousas que não relatamos por serem estas as principaes. »

O que o Comorim logo concedeo, e assignou com seus Regedores nos papeis que disso se fizeram, e elle passou de tudo Ollas, o que tudo se fez com muito aplauso, e contentamento de todos. Feito isto, embarcou-se o Capitão Mór, e depois de recolher os navios de Malaca, China, Bengala, e de todas as mais partes daquella banda, deo á vela para Goa, e de caminho foi provendo, e visitando as Fortalezas de Canará, e com toda esta cilia chegou a Goa aos 8. de Abril.

CAPITULO XII.

Do que succedeo a D. Jerouymo Mascarenhas em toda a viagem até se tornar para a India : e do que lhe aconteceeo em Ceilão : e dos assaltos que João Correa de Brito mandou dar em terras do Rajú.

DEIXAMOS de continuar com D. Jeronymo Mascarenhas, porque o ~~guia~~ dâmos pera este lugar por contarmos suas cousas todas juntas. Partido elle de Goa com toda a Armada, foi seguindo sua derrota ; e sendo dos Canaes de Gomes pera dentro, assaltando-se delle a susta de Lopo de Atouguia, foi correndo de longo da Costa do Achem, e por ella encontrou não do Reyno, que lia pera Malaca, porque era em Outubro ; e parecendo-lhe que era não Ingleza por irem com a imaginação nos Inglezes, foi demandalla, e sem a conhecer, se poz ás bombardadas a ella. Os da não como tambem liam reccosos de Achans, narecendo-lhes tambem que a susta era delles, pela mesma maneira os serviram com alguns tiros, que não fizeram damno por serem de longe. Andando ~~na~~sto, lhe entrou o vento rijo com que a susta deixou a não, e foi seguindo sua viagem ;

gem; e chegando a Malaca, deram por novas que encontraram huma não Ingleza, e que peleijáram com ella. Poucos dias depois chegou ella, e asfirmáram todos que peleijáram com huma Galiora de Achens; mas logo se soube o engano.

D. Jeronymo chegou a Malaca; e ajuntando-se em casa do Capitão Roque de Mello com o Bispo, Vercadores, e pessoas principaes, praticaram sobre as cousas que levava por regimento sobre o negocio de EIRey de Sos, e da não de Simão Ferreira, e sobre as cousas do Achem; e praticadas entre elles, assentou-se que pois o Achem não bolia consigo, e o Rajale tinha satisfeito da sua parte com sua obrigação; e entregou a artilheria, e parte da fazenda; e que das mais tinha provado por hum instrumento, que mandou requerer que se tirasse, como os Coletes a tinham roubado; e sendo elles os que meros quizeram, ou nenhum levaram, senão só o nome de Coletes, que he de Ladrões, que he o que quizeram dar aos que mais roubaram, que se não havia de bolir com elle, e que jurassem, e confirmassem as partes como o Viso-Rey mandava; e que deixassem alguns navios naquelles estreitos para favorecerem os juncos, e mais embarcações que viesssem de Jaoa, e das mais

partes com fazendas , e mantimentos pera Malaca , com esta resoluçao desemnastreou D. Jeronymo os Galeões , e os mandou concertar , e despedio Pedro Homem Pereira na sua Galé pera levar o Embaixador ^{ao} Rajale , e haver de jurar as pazes. Elle ^{li} foi bem recebido daquelle Rey , que tinha bem feita a cama ás suas cousas , e jurou as pazes com muitas festas.

Chegada a monção da India , deixou D. Jeronymo por Capitão daquelle mar ^a João Furtado de Mendoça no seu Galeão , e com elle Vasco da Silva em outro chal mado S. Pedro , e S. Paulo , que tinha visto de Maluco , no qual tinha ido ~~D. Alvaro de Castro~~ , e alguns navios Nantins , que lhe mais havia de ordenar. Negociado isto , e outras cousas , deo á vela pera Goa , e foi seguindo sua viagem , em que o deixaremos por huir pouco pera darmos razão das cousas que neste tempo sucederam em Ceilão.

Atrás démos conta de como João ^{Cor} rea de Brito foi entrar na Capitania ^{de} Cólumbo , de que veio provido do Reyno em companhia do Conde D. Francilico. Chegado áquella Fortaleza , foi continuando na guerra contra o Reyu com ^{muita} substancia ; e por ser avisado que no porto de Baligão estavam recolhidos tres paraos ^{de}

de Malavares cheios de muitas prezas, que aquelle verão fizeram pela Costa de Negapatam, despedio Ambrosio Leitão por Capitão Mór de quatro navios com regimento que os fosse tomar dentro no mesmo dia. Partidos estes navios, poucos dias depois chegou D. Jeronymo Malcarenhas com sua Armada ao porto do Columbo, e João Correa de Brito lhe pedio mais alguns navios pera irem ajuntar-se com Ambrosio Leitão, porque lhe não escapasselem os paráos. D. Jeronymo lhe deixou Pedro Homem Pereira na sua Gale, e a Galeota de João Rodrigues de Carvalho, e elle se partio pera Goa. João Correa, além destas embarcações, mandou negociar outras algumas a terra, ainda que pequenas, e mandou embarcar nellas os Arachics, Manoel Pereira, e Domingos Fernandes com duzentos Lascarins, e deo por regimento a Pedro Homem que entrasse no rio de Balagão, e tomasse os paráos, e queimassem a povoação. Chegados estes navios á ponta de Balangale, encontraram Ambrosio Leitão; e ajuntando-se todos, foram surgir na boca do rio, onde os paráos estavam, e alli ordenaram que todos os Portuguezes desembarcassem por huma parte, e os Arachics pela outra pera divertirem os inimigos, e lhes ficar a desembarcação mais sol-
ga-

gada, e assim foram demandar a terra ; e na em que os Portuguezes puzeram os pés acharam hum grande corpo de gente, que acudira a Ihes defender a desembarcação, com os quaes travaram huma ferrosa, e arriscada batalha, porque os inimigos eram muitos mais, e pelejavam por defensão de suas casas, e fazendas. Os Araches com scus Lascarinis desembarcaram em outra parte ; e não achando defensão, foram demandar huma ponte por onde os inimigos haviam de passar, se fossem fugindo dos nossos, a qual estava da banda do ~~Pagode~~ de Tanavaré ; e porque nenhum pudesse escapar, a desfizeram ; e dando volta por dentro de huns palmares, foram rebentar pelas costas dos inimigos, que andavam em batalha muito travada com os nossos ; e arremetendo a elles com grande fúria, e grita, mataram, e derribaram muitos, e todos os mais como foram tomados de sobresalto, desacorçoaram, e lançaram a fugir : os nossos os foram seguindo por huma parte, os Araches pela outra até metterem pela povoação, fazendo huns, outros muito grande estrago nelles ; e por não haver desordem, que sempre nestes casos sucede, mandaram os Capitães por fogo ás casas, que eram cubertas de p. lha, e palmas, o qual ateou tão furiosa medo

mente que em breves horas foi tudo feito em pó , e cinza , porque ardêram muitas lojas cheias de roupa , anfão , azeites , manteigas , canella , e outras cousas , que accenderam muito a braveza do fogo , o que tudo estava pera carregarem pera Meca , Achem , Masulipatão , Pegú , e para outras partes , por ser este rio huma grande escala de todos. Feito isto , puzeram fogo aos navios , que acháram assim em terra , como no mar , que foram vinte e cinco mudos , e hum Galeão , que fora de Portuguezes , que varou naquella costa , o qual estava já conectado pera ir pera Meca ; os paráos dos Malavares se salváram , por estarem pelo rio assima tres leguas em parte a que os nossos não podião chegar ; morreram dos inimigos mais de duzentos , e derredor de cento de Malavares. Com esta vitoria se recolhêram os nossos a Columbo , com o qual o Raju ficou tão affrontado , que queria morrer de pezar. Pedro Homem Pereira , e Joo Rodrigues de Carvalho deram logo á vela pera Goa , aonde chegaram quasi ao mesmo tempo que D. Jeronymo Mascarenhas.

CAPITULO XIII.

De como El Rey de Cochim desistio do direito que tinha na Alfandega, e o traspassou a El Rey de Portugal: e dos roços que houve naquelle Cidade sobre este negocio.

AS cousas que o Viso-Rey trazia mais encommendadas de El Rey, eram fazer duas Alfandegas, huma em Chaul, e outra em Cochim, sobre o que elle trabalhou muito todo o seu tempo com solicitar este negocio por meio de pessoas principaes seculares, e Religiosos, e com muitas promessas que por parte de El Rey fez nos moradores daquellas Cidades; e aonde se mais instancia foi na Cidade de Cochim, porque não he tratar com povo, porque pera elle estava já havia muitos annos a Alfandega feita, porque todos os Portuguezes, e moradores daquelle Cidade pagam direitos a El Rey de Cochim por hum Alvará, que El Rey D. João lhes tinha passado o anno de mil e quinhentos e trinta, porque lhes fez graça de lhes conceder que os casados naquelle Cidade lhe pagassem das entradas das fazendas da China a seis por cento, havendo respeito aos grandes merecimentos dos Reys antepassados, e sens.

seus. Este Alvará lhe confirmou El Rey D. Philippe o anno de 1580. em que foi jurado por Rey de Portugal por huma carta escrita em Badajoz a 7. de Novembro. Esta graça lhes concedeo, com declaração que só os casados, e moradores de Cochim lhe pagariam os direitos assina declarados; e depois que El Rey D. João lhes fez a primeira concessão, correndo o tempo em dianre, forão os moradores daquella Cidade fazendo tantos, e taes serviços aos Reys de Cochim, que por elles lhes fizeram de lhes quitar douz e meio por cento nos direitos de suas fazendas, e que só ficassem pagando a tres e meio, o que depois se veio a entender que era em muito danno, e perjuizo da Alfandega de Goa; e Chaul, e Baçaim se vasavão naquella Cidade, e se despachavam por meio daquelles moradores como suas, por que logo a Alfandega de Goa (a mór parte da fazenda dos moradores) sentio muito abatimento em suas rendas, e entradas, no que El Rey mandou prover, e dar ordem com que isso se evitasse. Estas cousas tratou o Conde D. Francisco em muito segredo por cartas com o Licenciado Francisco de Frias, que em casa de El Rey de Cochim estava homiziado por muitos Capitulos, que outro Letrado deo contra elle, de otros que commettera em

em seus officios ; e como este homem sagaz , e de grandes traças , e invenções , com que tinha obrigado aquelle Rey muito , porque de seu saber , e letras se aproveitava pera seus negocios. Tratando esta materia muitas vezes com elle , o persuadi em que tornasse a renunciar em El Rey de Portugal a posse em que estava dos reitos que os inoradores daquelle Cidade lhe pagavam , dando-lhe claramente a conhcer as grandes perdas que as rendas da India recebiam com aquellas liberdades , promettendo-lhe da parte de El Rey muitas outras honras , e favores , que viensem a importar mais á sua fazenda. Tantas coisas lhe disse , e tantas promissas lhe fez sobre esta materia , que veio a conceder no que o Conde pedia , e despachou logo Iuana Caima , Geral Capitão de seu campo , e Regedor Mór de seus Reynos , e Jangará Mena seu Lingua , e com elles Benio Ferreira seu Secretario , com todos os poderes que lhe podia dar pera irem em companhia de D. Gileanes a Goa a tratarem , e concluirarem aquelle negocio com o Visor Rey. Estas pessoas foram em Goa muito festejadas , e recebidas ; e entrando o Visor Rey com elles em negocio , o levou por taes termos , e lhe concedeo pera o seu Rey tantas coisas que vieram a concluir no

do que o Viso-Rey pertendia; e pelos poderes que levavam, fizeram logo suas capitu ações, e contrato, cuja substancia he a seguinte.

» Que ElRey de Cochim desistia daquelle dia pera todo o sempre de todo o direito, e acção que tinha na Alfandega de Cochim, e dos direitos que seus moradores lhe pagavam, por quaesquer Cartas, Alvarás, e Concessões que elle tivesse, assim de ElRey D. João, como de ElRey D. Filipe, e o traspassava nelle, e em todos os Reys de Portugal seus sucessores; e havia por bem que todos os direitos que elle arrecadava naquella Cidade pelas graças a ElRey de Cochim concedidas, se arrecadassem, e recebessem daquelle dia por diante pera a fazenda de ElRey de Portugal por mão de seus Officiaes, e Thesoureiros.

» E que todos os moradores, que não fossem casados em Cochim, que viessem da China, Malaca, Maluco, e mais partes do Sul, não pudessem desembarcar, nem baldear suas fazendas no porto de Cochim, e passariam a Goa a pagar direitos dellas; e os casados, assim Portuguezes, como Mouros, Gentios, e Judeos, pagariam em Cochim, aonde desembarcariam suas fazendas a scis por

» cento a ElRey de Cochim , a fóra as
 » gimas dos Oficiaes : e que na dita Al-
 » fandega de Cochim pagariam direitos ³
 » ElRey de Portugal todas as fazendas que
 » alli fossem ter de todas as mais partes ,
 » todos os Portuguezes , filhos dos Porto-
 » guezes , mestigos , e Christaos da terra ;
 » e que as sahidas pera fóra destas fazen-
 » das pagariam ao Rey , de cuja jurisdic-
 » ção delle Rey de Cochim pagariam di-
 » reitos mesmo direitos de sahida a ElRey
 » Portugal , com outras clausulas , e apon-
 » tamentos que deixamos por não serem
 » necessarios. »

Feitos estes papeis , e assignados ^{estes}
 concertos , despachou o Conde os Embai-
 xadores com muitas honras , e merces ,
 escreveo áquelle Rey cartas de grandes
 agradecimentos , significando-lhe o muito
 grande serviço que tinha feito a ElRey de
 Portugal naquelle negocio , com que evi-
 tara muitas vezes desordens , e danos nos
 rendimentos de suas Alfandegas , e mandou
 grandes Provisões ao Licenciado Francisco
 de Frias com poderes de Vedor da Fazen-
 da , e Ouvidor Geral pera pôr este nego-
 cio em ordem : escreveo a D. Jorge Baro-
 che , Capitão daquella Cidade , e a Ma-
 noel de Sousa Coutinho , que alli estava
 com sua mulher , e casa , o qual tinha fa-
 hi-

hido da Capitanía de Ceilão, e outras pessoas com quem elle tinha communicado aquelle negocio, pera que o favorecessem, e ajudassem em tudo. Chegados estes Embaixadores a Cochim, publicáram-se logo os regimentos da Alfandega, os quaes tanto que foram sabidos dos casados, e moradores, que estavam innocentes de tudo, ajuntáram-se, e praticáram sobre este negocio; e assentáram que defendessem a sua liberdade por armas, quando os não quisessem ouvir por justiça: e saídos de alli todos juntos, foram a casa do Capitão, e diante delle fizeram seus protestos, e requerimentos, dizendo que lhe não podiam tirar a sua liberdade em que estavam, pois El Rey D. Philippe lha concedera; e elle Capitão, quando o juráram por Rey naquelle Cidade, e della deo nova homenagem, jurou de lhos sustentar: que eram muito leaes vassallos de El Rey de Portugal, e que assim o tinham mostrado sempre nas causas de seu serviço, que se offerceraam: que elles não hiam naquelle negocio contra elle: que quizesse que lhe pagassem os direitos, e que a Alfandega fosse por elle, que estavam muito prestes pera isso; mas que não haviam de consentir darem-se a hum Rey Gentio, como aquelle. O Capitão trabalhou pelos quietar, dizendo-lhes que

que elle naquelle negocio não podia ~~nada~~, que El Rey lhe faria justiça , se lha ~~reque-~~ ressem. Sobie isto se ajuntaram todos ~~algum~~ mas vezes em cairera , e nella assentaram que o defendessem pelas armas contra quem lhe quizesse dar suas fazendas a El Rey de Cochim , ficando sempre reservado o serviço de El Rey , a que todos estavam tão obrigados ; e porque não houvesse quem se lançasse de fóra naquelle negocio , ordenaram que fizessem todos juramento ~~sole-~~ mne de defenderem suas liberdades até perdem as vidas , e as fazendas , e com isto fizeram clamamento de todos os naturaes Christãos com os Portuguezes fazendo alar- do , no qual se assirma acharem mais ~~do~~ quinze mil espingardas , porque entravam nisto mais de dez mil Christãos daquelles ; e postos todos em armas , foram-se à Igre- ja de S. João , que esta fóra da Cidade , e puseram hum Missal sobre o Altar , e so- bre elle juraram todos de defenderein suas liberdades , de perderem as vidas , e de matarem , e perseguirem todos os que ~~sol-~~ citassem , e fallassem contra sua justiça ; e mettêram depois nares , que se por alguma via em algum tempo algum de aquelles que alli estavam fossem presos pela justiça , e condenados em pena de morte , e per- dimento das fazendas , que em tal caso to- dos

dos acudiriam por isso, e se tornariam a incorporar pera o titarem, e saltarem ate arriscarem as vidas, e as fazendas. Com isto se recolheram pera a Cidade, não deixando de continuar com seus protestos em favor de suas liberdades. O Capitão D. Jorge tanto que vio o que estava assentado, mandou chamar o Licenciado Francisco de Frias acompanhado de sua guarda, e com outros homens pera logo começar a correr com as couças da Alfandega; e chegando ao terreiro da Fortaleza, deram os captados nele pera o matarem, e por dita se acolheu a Fortaleza, onde D. Jorge o fechou, e depois com trabalho o tornou a mandar por mar pera casa de El Rey de Cochim, donde estava, e assim perseguiram muitas pessoas, que corriam por parte do Viso-Rey neste negocio, e os principaes foram Manoel de Sousa Coutinho, e Luiz Correa, cunhado de D. Antonio de Noronha, quaes se temeram, e vigiaram grande mente, e da casa de El Rey de Cochim o ousava a aparecer ninguem na Cidade, e ainda mandaram dizer áquelle Rey, que lhe haviam de ir queimar a sua povoação, e destruir a sua Cidade, e dar-lhe batalla em campo, por isto que se determinasse, porque elles por sua liberdade estavam apostados a perderem as vidas, e as

fazendas ; e as pessoas que isto mais sentiam, eram as mulheres , que de dia , e de noite persuadiam os maridos a sustentarem as suas antigas liberdades , porque estes foram os dotes que com ellas acharam ; porque se lhes puzessem direitos , scria pera aquelle Rey tudo o que elles ganhassem. Vendo o Capitão aquella união geral , não oulou de bulir com cousa alguma , e parou o negocio da Alfandega , porque já tambem era o inverno entrado. O Viso-Rey depois de despedir estes Embaixadores , despachou as náos pera a China , Malaca , Maluco , pera onde foi Fernão Ortiz de Tavora , por sentença que houve da Relação , posto que Fernão Botto tinha partido entrada de Setembro , e levou sentença pera carregar primeiro que elle : foi embarcado no seu Galeão Duarte Pereira de Sampaio , que era despachado com a Capitauia daquella Fortaleza , por serem vindas novas ser falecido D. Alvaro de Castro , como atrais vimos , e com isto se cerrou o inverno.

DECADA DECIMA

Da Historia da India.

L I V R O V.

C A P I T U L O I.

Das cousas que succederam em Cambaya: e de como o Mogor tornou a senhorrear aquelle Reyno.

JA entramos no inverno, em que nos cabem as cousas alheias, e por isso continuaremos com ellas. Atrás no Cap. IX. do Liv. IV. temos deixado Mizarcham (que daqui por diante chamaremos Chancana) despedido com hum grande Exercito após aquelles Reys, que entraram com o Amodafar pelo Reyno de Cambaya, e os filhos do Cutubidicham com outro contra Baroche, que estava ainda pelo Rey Amodafar, em que Mizarcham estava por Capitao; agora continuaremos com elles, e primeiro ferá com o Chancana. Partido este Capitão após aquelles Reys com trinta mil de cavalo, foi-os seguindo; porém com receio por serem seus estados em serras asperas.

e passos muito estreitos, e difficultosos, por onde forçado havia de passar muito arriscado. E porque pera passar a conquistar a serra de Junagor, onde o Amochiam ~~estava~~ havia de passar pelas terras do Rey de Zambo, que eram trabalhosas, quiz user com elle de manha pera se segurar, e valer-se delle nella jornada, porque depois que acabasse, ahi lhe ficava tempo pera se vingar; e assim se carteou com elle, e tratou reduzillo ao servizo do Mogor, promettendo-lhe fazer perdoar todas as culpas que tinha, e outras coulhas, em que não quiz ser avaro, ás quaes elle se rendeo, tanto pelo interesse, quanto por medo; e concertados ambos, forain contra o Amochiam, que já estava avisado de tudo, e se tinha recolhido na serra do Juganor com muitos provimentos, munições, e soldados, e grangeou alguns Portuguezes, que naquelle porto estavam com seus navios comutando suas fazendas, pera que se mettessem na feira com elles, como fzeram, com que ficava bem seguro. E esta serra de Juganor he tão alta, ingrime, e intratavel, que canção os olhos de olhar pera sima, a qual a natureza fez em toda fechada toda á mão, deixando-lhe hum só passo muito ingrime, e estreito pera se subir ásima á Fortaleza, que fica no cume della; e per-

este caminho assim ingrime até sima ha de huma , e outra parte muitos baluartes , e guaritas fortíssimas , e a entrada abaixo he tão fortificada com muros , e couraças que fazem inexpugnável ; porque além de ser assim necessário para defender a entrada , a fortificaram mais por ter em baixo agua , de que toda a serra se sustenta , a qual he de hum fermoso poço , donde he levada ao cume da serra por nove horas , e a primeira vai cahir em hum tanque muito fermoso , que está ao primeiro baluarte ; e dalli por outra hora sobe a outro tanque , que está em outro poço , e assim vai até á Fortaleza , e della hehem todos , e he bastante para tudo , posto que no inverno a agua da chuva , que se recolhe em alagadas , sustenta muito tempo o gado que em sima se recolhe. O Chianca antes de chegar á serra foi avisado que o Rey Amodafar era passado adiante com o de Cache , pelo que houve por melhor conselho cercar o Amelão , e tomar-lhe aquella serra , porque com ella se faria logo senhor de todos os ~~mais~~ estados ; e assentando o seu campo ao pe della , notou seu sitio , e Fortaleza , e houve que todo o tempo que alli gastaſſe seria baldado , porque aquella serra não se podia tomar por nenhuma forças huniadas , e com isto começaram a cahir asper-

ras aguas de inverno, em que não era possivel poder-se por alli deter; e alevantando o exercito, foi destruindo todos os lugares de redor com tençao de se tornar pera Caubaya, e deixar aquella jornada pera o verao seguinte. O Rey do Zambo como era homem muito acautelado, vendo a temeracao do Chancana, receando que como não houvesse noster Lancasse inao delle, e pagasse por todos, como vio tempo, lhe desviou, e metteo pelos matos, por onde o Chancana o não quiz seguir, fazendo volta pera Cambaya, onde ainda achou o Hecbar, e logo o despedio pera ir conquistar o Reyno de Verara; e nessa jornada o deixaremos pera continuar com os filhos de Cutubidichiam, de que deixamos partido contra Barochie.

Chegados estes Capitães com oito, dez mil cavallos á vista daquella Cidade, lhe puzeram hum muito rijo cerco, comettendo-a muitas vezes por assaltos, que houve danmos de ambas as partes, porque o Mizarcham era grande cavalleiro, e estava bem provido; e todavia vendo que aquelles Capitães acometiam tão determinadamente, e que era já meiodo de Junho, e tinha o socorro tão longe, e sobre tudo a esperanca da vida duvidosa; porque se os filhos do Cutubidichiam o

massem , forçado lhe haviam de cortar a cabeça , como seu cunhado Amodafar fez a seu pai ; sobre tudo recear-se dos que tinha consigo , porque tinha suspeitas que estavam alguns delles peitados sobre quem já trazia o olho : querendo a sua vida , a guardou até que lhes entregou huma grande festa , que elles fazem na Lua de Julho , em que os Mouros costumam fazer suas quaremas , e jejuns , e nelles não comem mais que huma vez ao dia , e ella de noite , com grandes gostos , e ceremonias. Como tinha já traçado na fantazia o que havia de já fazer , tomou huma noite de aquellas algumas homens de mais obrigação sua até vinte ; e quando vio , e sentio os do arraial mais embebidos em seus banquetes , em que gastavam de ordinario até passante de meia noite , sahio da Fortaleza , e com muita confiança foi entrando por meio do exercito sem alvoroço algum , notando , e rendo os Magores em suas tendas contentando , e bebendo com muito regozijo. E perguntando-lhe alguns quem hia alli ? respondeo na sua lingua que era Foão , que tinha de vigiar , nomeando alguns daqueles Capitães apartados das estancias por onde passava , porque lhe sabia os nomes , e estancias todas ; e como elles hiam com aquella confiança , e era de noite , não houve

ve que suspeitar, nem que replicar, e assim a travessaram todo o arzal; e como o Nazireiam se vio fora delles, apresrou-se o mais que pode, andando toda aquella noite sem descançar até se pôr em paragem segura, que pode caminhar a seu salvo, e assim foi ter ao Reyno do pai. Ao outro dia, que na Fortaleza o acharam me nos, mandáram recado aos filhos do Crtubidichão, e lhe abriram as portas, e foram recebidos dentro, como senhores da quella Cidade, e com isto acabou o Reyno de Cambayá de ficar outra vez em mãos dos Mogores; e não tendo o Hecbar ali mais que fazer, partio-se para a Cidade de Agaya, e deixou em Cambaya por Governador a Giccia seu collaço.

C A P I T U L O II.

De como o Turco mandou Ferat Baxá prover os Fortes que tinha nos Estados da Persia: e da batalha que Simão Bel deo a Résuan Baxá, em que o desbaratou.

DEIXAMOS o anno passado as cousas da Persia em Ferat Baxá desistir da empreza do Nativan, e mandar-lhe o Turco segurar os passos de Thomani, e Lori, por que

que pretendia prosegui na empreza de Tabris. Com este recado do Turco lançou falso o Ferat Baxá , que queria passar a Nátilian , pera que o Persa acudisse alli , e elle tivesse tempo de fazer as fortificações que lhe mandavam : e assim nesta primavera partio de Erzerom pela via de Assanca-les, e chegou a Chars , onde se deteve oito dias a prover as cousas daquella Fortaleza. Dalli se passou a Lori , donde despachou Assan Baxá com cinco mil cavallos pera ir descubrir a terra até Thomanis , o que fez sem achar quem lho impedisse até Heleri , huma Fortaleza que foi de Sinão Bel Georgiano , a qual tem huma roca fortíssima com huma alta , e funda cava rodeada de muralhas fortes , e terá de circuito huma boa legua , está duas jornadas de Trifelis. Chegado aqui o Baxá , fortificou , e renovou muros , e torres , e poz alli por Capitão a Ali Baxá de Grecia com oito mil soldados , duzentas peças de artilheria , e muitos provimentos , e lhe deo por regimento que como lhe o tempo dësse lugar , fortificasse o Calisi (hum lugar tres leguas de Lori) e provesse de artilheria , e gente ; e Ferat Baxá com o restante do exercito foi caminhando de Thomanis , pondo quatro dias , sendo jornada de hum só , porque foi muito de vagar por aquelles campos ,

pos, que eram muito abundantes de tudo, dando passo largo a todo o exercito. Foi esta Fortaleza de Thonianis de Siumão Bel Georgiano, onde se elle recolhia; e quando o Turco começou a mandar proseguir na empreza da Persia, a mandou derribar, porque se não fortificassei nella os Turcos, porque se não atrevese a sustentalla por falta de artilheria. Chegado aqui o Baxá, começou a levantar logo hum Forte, como levava por regimento, que alevantou, e edificou na boca de hum passo estreito que tinha, onde acharam outro Castello derrubado, que o Baxá mandou renovar, e fez o muro á roda de douz mil passos, e em meio mandou levantar hum forte cavaleiro, e por todo este forte, e Castello reparo duzentas peças de artilheria miuda. Pôsto tudo em estado defensavel, despedio Resuan Baxá, e o Baxá de Cracemnit com vinte mil cavallos para ir prover o forte de Teflis, o que fizeram em nove dias. Arqui foi ter com elles Daut Cham Georgiano, irmão de Siumão Bel, e se lhe ofereceu por servidor, e vassallo do Turco, o que elles estimaram muito, e lhe fizeram muitas honras, e gazalhados. Disto foi logo Siumão Bel avisado por espias que trazia, as quaes ou enganadas, ou peitadas dos Turcos, lhe affirmaram que o Baxá Resuan

levava muito menos gente, nomeando-lhe
hum numero com que se elle determinou
a pentejar com quatro mil Georgianos que
tinha; e negociando-se, foi buscar os Baxás.
De tudo isto foi logo avisado o Ferat Ba-
zá; e temendo-se que o poder de Simão
Bel fosse maior, despedio com muita pres-
sa os Baxás de Caramania, e Maés com
mais de mil homens pera se irem ajuntar
aos outros. Simão Bel deo-se tanta pres-
sa, que em breves dias chegou a hum por-
to junto de Teflis, onde os Baxás estavam
alojados, e tinham parte do exercito de-
trás de huns montes, onde Simão Bel os
não via; e vendo elles aquelles que alli
estavam no passo, que seriam seis mil, pa-
recendo-lhe que não havia mais gente, pe-
lo que as espias lhe tinham dito, deo logo
nelles com tamanho impeto, que do pri-
meiro encontro lhe matou mais de qui-
nhentos, e poz todos os mais em desbara-
to. O Baxá do Cracemir, que era o que
levava com mais gente detrás dos mon-
tes, acudio com todo o resto de poder, e
foi dar em Simão Bel, que levava o Baxá
Resuan de vencida. Vendo elle tamanho
poder, houve-se por enganado das espias;
e entendendo que se se retirava estava cer-
ta sua perdição, animando brevemente os
seus, remeteu com os Tureos, e com
hum

hum muito grande valor, e esforço os esperou; e misturando-se todos, travaram huma batalha tão aspera, e cruel, que foi espanto. Simão Bel como era grande cavaleiro, e entrava naquella batalha com desesperação, fez tanto estrago nos Turcos, que os teve quasi desbaratados; ~~mas~~ como o numero era tão desigual, tornaram os Turcos a voltar sobre os Georgianos, e os foram arrancando do campo com morte de muitos. Vendo-se Simão Bel perdido, pondo o remedio nos braços, voltou aos inimigos, e metteu-se entre elles como hum leão bravo, fazendo tão grande estrago nos Turcos que os fez parar, fugindo todos delle como de algum touro ~~feroz~~; e todavia trabalharam tanto por lhe matar o cavallo, até que o sizeram; e calhando Simão Bel, esteve muito perto de ser preso, como foram alguns dos seus; mas socorreu-o Deus nosso Senhor naquelle conslito, com que ao mesmo tempo que calhio apareceram os Baxás, que Ferat Baxá ~~mandava~~ de socorro aos outros; e como a batalha andava toda revolta, e travada, parcoendo a Ressan que aquella gente que aparecia era de Simão Bel, que lhe vinha de refresco, ficou tão sobresaltado que logo se começou a recolher, e sobreesteve o pezo da batalha, com que Simão Bel teve sem-
po

po de se pôr em outro cavallo, e recolher os seus, com que se foi desviando o melhor que foi possível, deixando feito tamanho estrago nos Turcos, que quando os do soccorro chegaram víram o campo todo cuberto de corpos mortos. Chegados estes a Keluan, tanto que elle os conheceu, foi tamanho o seu vojo de lhe escapar o Simão Bel das mãos, que houvera de morrer. O Simão como sabia a terra, metteu-se logo pelos lugares asperos, e seguros, dando graças a Deos de o salvar do perigo em que esteve por aquelle modo, porque sem dúvida senão fora o engano, não podessem escapar. Os Turcos se recolheram a Ihoianani com menos tres mil que perderam na batalla, o que Ferat Baxá sentiu muito; e provendo aquelle forte, deixou nelle por Capitão Asan Baxá com oito mil soldados, e muitas munições, e provimentos; e porque determinava de se passar com todo o exercito contra o Manuchiari, como levava por regimento, por se vingar da offensa que tinha feita do dinheiro com que o anno passado se alevantou; e pondose ao caminho, começou a cahir a invernaça tão cruel de chuvas, e neves, que não podiam dar passo, e com isto foram faltando os mantimentos, com o que os soldados se amotinaram algumas vezes. O Baxá com

tudo isto foi tomando o caminho por serra dos montes Piricardos, por neves, e frios, e caminhos tão asperos, e intrataveis, que de puto cansaço lhe morteceram muitos, e com grande trabalho, e perda chegou á Cidade de Gleseu do senhorio do Manchiar, a qual achou deserta, por serem seus moradores recolhidos a lugares asperos, e solitarios; e querendo aqui o Baxá alevantar o forte, amotinaram-se-lhe quasi todos, e chegou a causa a lhe fazere as descortezias publicas, e juráram que logo não voltava pera Erzerum, que o haviam de matar. Vendo elle aquellas delor dens, alevantou o exercito, e foi-se seu caminho, e em hum dia chegou á Cidade de Ardacan, sendo jornada de dous, por quebrantar os soldados. Ao outro dia indo marchando, de madrugada lhe deram em os carros, em que levava suas mulhers, e lhas tomaram sem mais apparec reis: alguns affirmaram que os seus fiz fizeram aquella descortezia; mas o que se presume por mais certo he, que os Georgianos lhes deram aquelle assalto. Assim afrontado chegou o Baxá a Erzerum inimilitado coim todos por sua perfia, e contumacia.

C A P I T U L O III.

De como Francisco Gale foi por ordem de El Rey descubrir a Costa da nova Hespanha de 40. graos pera sima: e da derrota que levou desde o porto de Acapulco ate Japão, e arbi ate tornar ao mesmo porto.

Orque não he fora da nossa historia, e conquista a viagem que fez Francisco Gale por ordem de El Rey, em que gastou tres annos, daremos aqui razão della conforme a relação que elle mesmo mandou de toda ella ao Viso-Rey de nova Hespanha, a qual nos veio ter á mão: pelo que se ha de saber (segundo nos disseram) que querendo El Rey D. Filipe descubrir por aquella costa adiante de quarenta graos pera sima tudo o que pudesse, pera ver se era verdade o haver algum canal por sima da Tartaria, que passasse ate ao mar Septentrional, escreveo ao Viso-Rey da nova Hespanha que mandasse áquelle negocio pessoas expertas, que traballhassem descubrir o que tanto desejava, e sobre o que tantos já traballharam, como foi João Gabotu, Piloto inglez, homem famoso em seu officio, o qual considerando que não havia a terra de ser tão fechada, que não deixasse passagem

gem pela parte do Norte de hum ^{mar} ~~mar~~
 outro, como o tinha feito pelo Sul naquel-
 le estreito, que Fernao de Magalhães ³
 chou, tendo lido em Plinio o Gaboto,
 como foram mandados alguns mercadore-
 Indianos ao Proconsul da Galia Metello Ce-
 lere, os quaes foram lançados com tormen-
 ta ao mar de Snetia; e lendo tambem co-
 mo Dematico Moscovita, Embaixador da-
 quelle Duque a Paulo Jano Bispo de Ne-
 cera, que escrevia a historia do seu tem-
 po, que de Duberia, río muito grande de
 Moscovia, quem por elle caminhasse per-
 o Norte, iria dar em hum grande mar; e
 navegando á nra direita por elle, iria ~~dar~~
 na Provincia de Cachayo: querendo o João
 Gaboto commeter esta jornada, morreto,
 deixou muito encommendado a seu filho Se-
 bastião Gaboto, o qual no anno de 1557.
 partio de Inglaterra de 60. graos, e por fia-
 da Moscovia foi navegando até 72. e meio,
 e descubrio por este caminho a terra nov^a,
 os Japonios, e Teunones, e chegou a
 famosos rios Condora, e Pecora, que van-
 esbocar no mar do Norte na costa de Mos-
 covia; e indo em demanda do río Obij,
 famoso da Tartaria, que Abião Horrelio
 fez entrar na alagda Chitara no meio ^{da}
 Tartaria em 63. graos do Norte, por lhe
 entrar o inverno, e achar muitas ^{neves,}
^{nao}

não passou ávante, e tornou-se para Inglaterra.

E pondio o Vizo-Rey da nova Hespanha em obra aquelle negocio, encarregou aquella viagem a Francisco Gale, homem experto, e arrazoado Cosmografo, o qual partio do porto de Acapulco a 10. de Março do anno de 1582. levando por regimenio que descubrisse a costa da nova Hespanha até cincuenta graos, e que trabalhasse por ver, e saber se havia algum boqueirão que cortasse a terra; e fazendo sua viagem, foi pelo rumo de Les-Sudoeste até 16. graos, affastado da terra 25. leguas; e mudando o rumo, foi governando 30. leguas a Leste, e 180. a Leste, e a quarta de Sudoeeste até dar na Ilha do Engano, que he a mais Meridional da dos Ladrões, a qual está em 13. graos e meio de latitudo, e 164. de longitude, e o Occidental do Meridiano fixo, que passa pela Ilha Terceira dos Açores. Daqui tomou sua derrota a Leste, e por elle governou 180. leguas, até chegar ao Cabo do Espírito Santo na Ilha Tendara a primeira das Filippinas; e passando adiante ao mesmo rumo 18. leguas mais, chegou ao boqueirão, que esta Ilha faz em Adolução, a qual se acha em 13. graos escassos, e toda esta costa achou cuja até ao Cabo do Espírito Santo.

Adi-

Adiante 2. leguas deste Cabo está o dos Covos, arrazoado porto, por huma Ilheta que tem na boca; e no cabo do boqueirão meia legua desta Ilheta está hum Ilheo pequeno de feição de hum pão de afluas: do cabo deste boqueirão ao Norte em quarta do Nordeste 10. leguas de Mora a Ilha dos Cataduanes, que está huma legua afastada da Ilha de Lucão; e do mesmo boqueirão a Les-Sudoeste seis leguas fica a Ilha de Capuli, a qual se corre a Les-Sudoeste, e a Les-Nordeste, e tem de comprido ~~cinco~~ leguas, e de largo quatro, e está em 12. gráos e tres quartos. Desta Ilha ao Nordeste quatro leguas están tres Ilheos no Porto de Builegan na Ilha de Lasão, que se corre Norte Sul astaando meia legua da terra firme, e a mais do Sul está em 13. gráos. Nelle canal ha 20. braças; e achia-se areia branca, e as aguas vam tirando pera Sudoeste: de aqui foi governando ao inciso Sudoeste, e quarta de Lueste 20. leguas atdar na ponta da Ilha de Tição da banda de Lueste, e corre-se Leste-Oeste, e será de 13. leguas de comprido, e a ponta está em 12. gráos e 3. quartos; e a meio caminho desta Ilha com a de Capuli están tres Ilhetas, que chamam das Laranjas, e foi por aqui costeando da banda do Norte, e achou fundo de 22. braças de areia branca.

Da ponta da Ilha de Tição até a ponta de Burias, da banda de Lucile, se corre Leste-Oeste legua e meia, e por aqui embocou o canal, governando ao Sul, e quarta da Sudoeste tres leguas até desembarcar em fundo de 16. braças, arca entre branca, e aleonada. Está este canal em 12. gráos e meio, e correm as suas aguas ao Norte: a Ilha de Barcis se corre Noroeste Sueste, a ponta do Noroeste vai dar á costa de Lusão, e entre huima, e a ouera não podem passar senão navios pequenos, tanto, que Francisco Gale sahido do canal andou duas leguas até a Ilha de Marbate, que se corre Leste a Oeste, e será de 8. leguas de comprido, e quatro de largo, e o meio della está em a altura de 12. gráos e hum quarto, e he huin pouco alta. Do canal de ante o Tição, e Burias, foi governando ao Nordeste 13. leguas, ficando-lhe ao Sul Masbate, e ao Norte Burcas, e foi ter a Bontroia, que he hum Ilheo pequeno, e alto, que parecee copa de sombreiro, e está em 12. gráos e dous terços. Por este caminho fica ao Sul a Ilha de Cebujão, que se corre Nor-Noroeste, e quarta de Norte, e Sueste, e quarta de Sul: he alta, e curva, e tem de comprido oito leguas, e a cabeça do Norte della está em 12. gráos e hum terço; e nesta derrota ha 35. braças.

ças de fundo, areia branca: deste Ilheo de Bontoia 9. leguas ao Sul estam tres Ilhas huma apôs a outra, a priuincia a chamada Bantozilho, outra Cimara, e a terceira das Cabras, e por entre ellas pode passar qual-quer nôo, e a mais do Sul estâ em 12. grâos e hum quarto: da Ilha Bantozilho go-vernau ao Noroeste 4. leguas até o canal de entre as Ilhas Vereges, e a Ilha de Maneu-que, deixando as Vereges ao Sul em 12. grâos e tres quartos, que são dous Ilheos tan- manhos como duas fragatas, e Manduque ao Sul na mesma altura. Esta Ilha he gran-
de, corre-se a Les-Noroeste, e Les-Sueste, terá doze leguas de comprido, e sete de largo, e da banda do Norte faz com a Ilha Luçao hum canal comprido, e estreito com voltas, e muitos baixos, de modo que não pode passar navio algum, e está a derradei-
ra ponta de Leste della em 13. grâos, e hum quarto, e no canal ha 18. braças, e o fundo de areia preta, e miuda. Deste ca-
nal dos Bereges, e Manduque ao Noroeste 12. leguas vam demandar a terra do Min-
douro na ponta de Dumati, que estâ em 13. grâos largos; e cinco leguas daquelle
canal para o Sul fica a Ilha do Mestre do
Campo, que estâ em 12. grâos, e nesta der-
rota ha 45. braças areia branca. Nesta pon-
ta de Manduque comeca a Ilha de Min-
dou-

ouro , tem de comprido Leste-Oeste 25. leguas , e 12. de largo , e a ponta mais do Sul está em 13. graos , e a do Norte em 13. e dous terços , a derradeira terra de Leste em 13. e hum quarto : esta Ilha faz canal com a do Lução de 5. leguas de largo , e tem fundo de 12. braças. Andadas 100 leguas de Manduque , está o rio da Povoação de Aganan , que he baixo , e não pôde entrar naviio por elle ; e ahi a 2. leguas estão os Ilheos de Baco , que sam tres , os dous estão da terra 300. covados , e entre o derradeiro , e a costa passam navios pequenos , e entre estas , e as outras ha 20. covados , tudo baixo , e as náos passam de fôra desta arrimadas a ella , como 150. covados. Passadas ellas , foi governando pera a terra pera passar por entre a terceira Ilha , e o rio de Baco , arrimando-se mais do meio do canal á Ilha , que dista desta das outras huma legua : neste canal ha 10. braças , lama , e cascalho , e o rio de Baco he largo , mas de pouco fundo. Desta Ilha a duas leguas está o Cabo de Rescasco , podem passar bem chegados á terra , porque ha grandes correntes ; e ahi a meia legua está a povoação de Mindouro , que tem porto pera náos de até 150. toneladas , e defronte deste porto tres leguas ao Norte está a Ilha de Cuca , que

se corre Leste Oeste de Mindouro. Foi go-
vernando a Leste Noroeste 8. leguas, e ^{foi}
tomar a ponta do haixo de Tulus na Ilha
de Lusão, e passou astaçado da costa ^{150.}
covados por causa do parcel que alli tem,
e achou fundo de 8. braças, lamia, e cas-
calho. Correm-se estes baixos ao Norte, e
quarta de Noroeste duas leguas até o ^{110.}
de Arcabado, e de alli vai correndo a
costa dos Lumbones 4. leguas ao ^{mesmo} rumo ;
toda esta costa lie alta á maneira
de orgaos, e tem bons portos pera ^{návios}
pequenos. Correndo os Lumbones ao ^{do} Sul
duas leguas, sica o Ilheo de Fatam, e ^{ou-}
tras quatro Ilhicas baixas, que chiamam ^{do}
Lubão, que está em 13. gráos e meio,
a entrada da bahia de Manilha em 14.
lumi quarto ; e dahi ao Norte 6. leguas es-
tá o porto do Cabite, ficando a terra ^{da}
banda de Sudoeste, que lie baixa, e char-
ma-se os baixos do rio de Canas ; e por
toda esta bahia ao rumo assima ha de ^{10.}
braças até quatro: aqui na Manilha inve-
niou Francisco Gale, e o anno passado de
583. partio na derrota de Macao na Chi-
na, como levava por regimento, e ^{foi} go-
vernando 18. leguas a Leste até o porto
de Sambales ; e ás 8. leguas pera o Sul ^{fi-}
cão 2. Ilhicas de Marimbales, e aparta-
do dellas huma legua está o cabo de Can-
bal

bales, governou ao Norte, e quarta de Noroeste 35. leguas affastado da costa, huma até o Cabo de Belinao, que está em 16. graos e dous terços, he terra alta, e montuosa. De Belinao foi ao Norte, e quarta do Noroeste 45. leguas até ao Cabo Bojador, que he a terra mais septentrional da Ilha de Luçao, que está em 19. graos. Pafsado este Cabo, faz a costa grande enfeada, e depois se corre ao Norte até o Bojador, e he terra de arrecifes. Do Cabo Bojador governou ao Es-Noroeste, 120. leguas até o Ilheo branco, que esta à entada das Ilhas de Cantao em 22. graos largos affastado da costa da China 4. leguas. Aqui em Macao ficou esperando a monção pera Japao, que he em Julho, e partio a 24. deste mez deste anno, em que andamos de 1584. Governando a Les-Sueste 150. leguas, dobrou os baixos dos Pescadores, e principio dos Lequios da banda de Leste, que chiamão as Ilhas Fermosas, que estão em 21. gráos e tres quartos; e posto que nesta derrota os não vio, teve informaçao delles per hum Piloto Chincheo, que consigo levava. Doblada a Ilha Fersmosa, governou a Leste, e quarta de Nordeste 260. leguas até passar as Ilhas dos Lequios, e foi affastado dellas 50. leguas: estas Ilhas disseram os Pilotos Chincheos

que

que eram infinitas, e que tinha muitos, e bons portos, e que os naturaes se pintavam pelos rostos, e corpos como os Bisaios das Filippinas; tem ouro, e vam em navios pequenos á China, e Japão carregados de couros de veados, e algum ouro em po: a mais Oriental, e Septentrional destas Ilhas está em 29. graos. Passadas elas, estam as de Japão, que tem todas de longitude 135. leguas, e a mais Oriental está em 32. graios até as dobrar todas, governou a Leste, e quarta de Nordeste as ditas 135. leguas, e as 70. andadas adiante estam huns balcões em quatro Ilhas juatas a outras 3. leguas: estas são povoadas de huns homens muito pequenos, e de grandes toucados, que tem lingua mui diferente dos Chins, e Japões, e vam áquellas Ilhas com resgate de ouro, pannos de algodão, e peixados salgados como atuns, e a estas Ilhas poz Francisco Gale por nome Armonica. De aqui foi governando a Leste, e quarta de Nordeste; e tendo andado 300. leguas ao Oriente do Japão, achou hum mar grande, e de levadia do Norte, e Noroeste, largo, e espacoso, sem baixo, nem impedimento algum, o qual se nao applicava com qualquer vento que ventasse, e de aquella maneira lhe durou 700. leguas: por todo este caminho foi achando grande quantida-

dade de balças , e atuns , e alvacoras , e bonitos que são pescados , que de continuo andam em canaes , e correntes pera verte-rem com ellas as ovas , e gerarem sua crea-ção , por onde inserio o Gale haver canal entre a terra firme da nova Hespanha , e a Tatarria , e assim o averiguou. Este , segun-
do nosso juízo , he aquelle , em cuja deman-
da foi Sebastião Gaboto , como em princi-
pio deste Capítulo dissemos , o qual vem cor-
tando a terra da Ásia pela Moscovia , e Tar-
taria , e vai esbocar nesta parte entre a ter-
ra de Uracan , que fecha com a da nova Hes-
panha na contra costa da terra da Ásia , on-
de ella fenece ; e prosseguindo o Gale sua
derrota , foi tomar terra da costa da nova Hes-
panha em 37. gráos e meio , terra alta ,
sem assombrada , cuberta de arvoredo , e
sem neves , a qual tinha já descuberto
Francisco Vasques de Coronado por ordem
de D. Antonio de Mendoça , Viso-Rey da
nova Hespanha o anno de 1540 , e achou
por ella navios de Mercadores com alca-
truzes de ouro nas poppas , e por assenos
que disseram que em trinta dias vinham de
sua terra áquella costa , segundo conta
Juão Baptista Ranuzio no seu Livro , que elle
recopilou de varias viagens , em Italiano ,
por onde possível he fossem estes navios
dos portos de Cathaio , e que sahissem por
es-

este canal entre Huracan , e a terra da Asia , posto que tambem podiam ser daquellas Ilhas Armonicas que achou o Gale , porque navegam pera todas aquellas partes ; e tornando ao roteiro do Gale , foi por esta costa , e por toda ella quatro leguas ao mar achou balsas de raizes , ^{Ilhas} de arvores , e canas , e muitos lobos marinhos , por onde não pôde deixar de haver muitos rios , bahias , e bons portos ^{até} o porto de Acapulo : de 37. graos e meio governou a Sueile , e quaria do Sul , e ás vezes quarta de Leste , segundo o vento cursava até o Cabo de S. Lucas , que el na entrada da California em 22. graos , e 50. leguas do Cabo do Mendoeiro . Neste caminho das 500. leguas a longo da costa ha muitas Ilhas , ainda que pequenas , nas quaes não pôde deixar de haver bons portos , e as sabidas são Santo Agostinho em 30. graos e tres quartos ; a dos Cedros em 28. graos e hum quarto ; a Ilha , e baixos de S. Martinho em 23. graos : toda esta terra se entendeo ser povoada , porque todas as noites foram por ella vendo muitos fogos : do Cabo de S. Lucas até á outra banda de Sudoeste da California governou a Les-Sueste 80. leguas até o Cabo das Correntes , que está em 19. graos e tres quartos . Por este caminho ao Norte huma legua ^{cin}

cam tres Ilhas chamadas as Irinans , arrumadas ao mesmo rumo , quatro leguas huma da outra , e sera cada huma de duas ate tres leguas. Do Cabo das Correntes governou a Sueste , e quarta de Leste 130. leguas ate o porto de Acapulco , e por este caminho a 20. leguas andadas esti o porto da Natividade , e de alli a 8. mais o de Santiago , e a 6. mais a praia de Culima.

De toda esta viagem deo o Gale informaçao ao Viso-Rey da nova Elespanha , que mandou esta relaçao a ElRey D. Filipe , com que se houve por averiguado haver canal naquelle parte , em cuja demanda tornou a mandar o anno de 586. o mesmo Gale , que morreto na viagem , e lhe sucedeo Pedro de Hunamunho , como em seu lugar diremos.

C A P I T U L O IV.

De como Fernao Boto Machado chegou a Maluco , e de sua morte : e como Diogo de Azambuja tornara a ficar naquelle Fortaleza de Maluco : e da morte de ElRey Babu de Ternate : e das differencias que houve sobre a heranca daquelle Reyno.

O Anno passado de 583. chegamos da chegada de D. Alvao de Castro a Maluco ; e de sua morte , e como Diogo de

de Azambuja tornara a ficar naquelle Fortaleza, e de catão ate chegar o Galeão da carreira não houve cousa notavel, senão miudezas, com que não queremos entulhar a historia, e a 8. dias de Julho surgiu naquelle porto Fernão Botó Machado, cuja vinda foi muito festejada pela falta que havia de provimentos, e com os que levava de dinheiro, e roupas se supriram as necessidades: e parecia que abririam os daquelle Fortaleza os olhos, porque todo o seu remedio está naquelles galeões, que ~~he~~ bem miseravel estado a duvida que tem ~~as~~ esperanças do remedio della de anno em anno.

Estava a este tempo El Rey Bahude Ternate muito doente, e com grandes alvoroços em Ternate sobre quem lhe sucederia no Reyno, porque não tinha filhos legitimos, e hum só bastardo chamado Boxar, ou Bousaide, a quem o Reyno não pertencia, porque entre estes Reys Mouros de todo este Arquipelago não pôde herdar o Reyno, senão o que for filho daquella ~~mulher~~ que elles não pela sua verdadeira, ² que chamam Putri, e he tanto como Princesa, a qual forçado ha de ser casta ^{de} Reys; e posto que tenham outras muitas, e dellas muitos filhos, só aquella ha a Rainha, e os filhos os herdeiros; mas como ^{de} el-

esta ordem se tinha quebrado em El Rey Soltão Eiro, que Diogo Lopes de Mesquita mandou matar, por ser filho de El Rey Rujano bastardo, que o subio áquella cadeira, por não haver outro legitimo por morte de El Rey D. Manoel seu irmão, que morreu em Malaca, como na Decada V. Cap. X. do Livro ultimo fica dito, o qual Soltão Eiro deixou cinco filhos, quatro bastardos, e hum legitimo, e os bastardos eram Babu, que estava doente, Cachirulo, Cachilougo, Cachilquipate, o legitimo era Mandraxa menino filho da Rainha verdadeira, ao qual o Reyno de direito pertencia, pelo que por morte do pai ficou Cachilbabu nomeado no Reyno o mais velho dos bastardos por ter animo, e prudencia pera prosseguir na guerra contra os Portuguezes ate tomar vingança da morte do pai, como fez: assim tomou logo a Fortaleza, como temos contado na Decada IX. ficando-se creando o irmão legitimo de bairo de sua administracão, e tutoria, e assim foi crescendo, e esperando que lhe entregassem o Reyno, ou ao menos que por morte do Babu o deixasse nomeado por herdeiro; mas como nessas cousas de reinao não ha fé, determinou o Babu de constituir no Reyno seu filho Sultão Bosaide, posto que bastardo, e pera isto se tinha car-

teado com o Rey de Tidore, que o favorecesse com lhe ter prometido huma filha que tinha em casamento, sobre o que tinha feito seus concertos, e papeis, nos quaes o mesmo Soltão Bosaide se lhe obrigava a tanto que sucedesse no Reyno dar-lhe sua irmã em casamento pera com isso o obrigar, e continuar com seu favor; e depois destes concertos feitos, os tratou o mesmo Babu com seu irmão Cachiltulo, que era mais velho de todos, e lhe pedio consentisse na eleição que queria fazer ent seu filho, pois o Reyno lhe não pertencia a elle senão a seu irmão Mandraxa, prometendo-lhe os titulos de Capitão Mór do mar, e do governo da justiça, e com muitas outras honras, e partidos; e foram tão grandes, que o moveram a favorecer huma tão grande injustiça com o ajudar a tirar o Reyno a seu proprio irmão; que tanto pode o interesse, e tanta força tem a cubica, não só entre estes Mouros, e Gentios, senão ainda entre Principes Christianos, que muitas vezes lhes faz deixar as couias d'alma pelas da vida tão incertas. Cachiltulo confiado no que lhe tinham prometido, começou a favorecer o sobrinho, e a bandear-se o Rey de Ternate Gapelia-guna com seu proprio irmão; e como a doença de Babu era mortal, falecco poucos

dias depois da chegada do Galeão ; e antes de lhe fazer as exequias , puseram o filho na cadeira do Reyno sem o Príncipe Mandraxa poder fazer nada , por ser só , e todos , ou os mais estarem peitados , e bandeados da outra parte ; não deixando porém de andar com insignias de Príncipe herdeiro , que são sombreiro , e chinellas , até que o matáram , como adiante diremos . Cachi Azaide como tomou posse do Reyno , logo cumprido ao Thio Cachiltulo tudo o que lhe prometeu , com o que se ficou sustentando em sua tyrannia até se fazer poderoso , e se seguir no Reyno . Nestes termos deixaremos as cousas de Maluco , proleguindo-se sempre na guerra , a qual El Rey novo continuou logo , por lhe ser assim muito encommendado de El Rey seu pai .

C A P I T U L O V.

De como o Conde D. Francisco Mascarenhas mandou matar os culpados na morte dos Padres da Companhia , que mataram em Cuculi : e da manha que Gomes Eannes de Figueiredo Capitão de Rachal teve pera os baver ás mãos .

Muito desejou o Conde D. Francisco Mascarenhas de tomar satisfação da morte dos Padres , que os moradores de Cu-

Cuculí matáram , na propria pessoa dos homicidas , sobre o que trabalhou tudo o que pode ; mas como elles se haviam por tão culpados , não se seguraram senão nas terras do Idalxá pera onde se passaram com mulheres , e filhos , sem (por muito que o Conde nisso trabalhou) os poder haver ás mãos ; mas como a mágoa que tinha de aquelle negocio era muito grande , encomendou muito a Gomes Eannes de Figueiredo , Capitão de Rachol , que trabalhasse tudo o que pudesse por todos os modos , e vias pera haver ás mãos os proprios delinquentes , e os mataisse a todos . Gomes Eannes andava pelas terras com soldados , e peões fazendo toda a guerra que podia aos moradores daquellas aldeias , queimando-lhes , e destruindo-lhes tudo o que achava , com o que sacrificava de todo desertos ; e porque andava de vagar nesse negocio , tinha feito huina tranqueira forte na aldeia de Cuculí , na qual se recolhia e fazia de alli assaltos , e entradas ás terras dos Mouros ; e os naturaes daquellas aldeias vendo-se desterrados , e perseguidos , mandaram por algumas vezes apalpar a Gaspar Gomes Eannes com pazes , pedindo-lhe misericordia , e que queriam tornar a peçer aquellas aldeias , e pagar os ferros a El Rey . Gomes Eannes lhe

não

não respondendo a propósito por mais os seguir pera o que pretendia : em fin elles como alli era a sua patria , e natureza , e tinham suas terras , e fazendas , prometendo grandes partidos até que Gomes Eannes os ouvio , e lhes passou hum seguro pera os principaes vícem em nome de todos os moradores ver-se com elle pera concluir os partidos. Com isto vieram dezescis Gancares , os mais honrados , e ricos , e os proprios homicidas dos Padres , que elle trazia a rol , entre os quaes entrava hum Aganaique preto muito valente homem , e de quem aquellas aldeias todas haviam grande medo ; e outro Ramagaro muito temido tambem de todos , que foram os deus que puzeram o ferro nos Padres. Gomes Eannes os recebeu bem pelos seguir , e os agradou muito no forte consigo tem dar conta a ninguem do que determinava , por se não vir a saber por via de algum peão , mas o mais que se tinha declarado com os soldados antes de virem , foi dizer-lhes que o que lhe vissem fazer , fizessem todos como elles chegarem. E como entre aquelles vinham dous inocentes naquelle negocio , não quiz elle que pagassem a culpa dos mais , e os mandou pera huma cama em que dormia , como que queria fallar com elles ; e como os teve seguros , tomou o

Aganaique preto pela mão , e o apartou a huma parte da casa , em que todos estavam , como que lhe queria dizer alguma cousa , tendo dado de olho aos soldados , pera que estivessem prestes ; e levando de hum punhal mui leste , lhe deo tres feridas que logo o matou . Os soldados que estavam com o tento nelle , vendo o que fizera , remetteram com os mais , e lhe deram tantas feridas que os acabaram : os dous que estavam dentro recolhidos , ouvindo o estrondo sóta , lançáram-se de huma gurita a baixo , e acolheram-se ; mas os culpados pagáram alli com o mesino genero de morte , que deram aos innocentes Padres . Chegadas estas novas aos moradores das aldeias , as despovoaram por muitos tempos ; e por sentença da Relação de Goa foram todas julgadas pera El Rey , e o Viso-Rey D. Duarte de Menezes fez mercê dellas : as de Cuculi , que são cinco , a João da Silva ; e as de Aselona , que são tres , a D. Pedro de Castro . o qual depois quando se embarcou pera o Reyno , fez doação dellas ao Noviciado dos Padres da Companhia , e nellas tem hum muito boim Forte , em que se recolhem , e tem sua Igreja , onde os freguezes de aquellas aldeias todas vao ouvir suas Missas , porque ha já por elas muitos Christãos que cada dia se vao con-

convertendo, porque o sangue dos innocentes Padres, que alli foram martyrizados, ha de clamar a Deos tanto, ate que se convertam todos a elle; e parece que estava isto profetizado pelo Padre Pedro Ber-
niz, o qual chegando huma carta que o Pa-
dre Alexandre de Valegnano, Visitador da
Companhia na India, elcreveo em Latin ao
seu Preposito Geral a Roma, costumava a
dizer que em quanto nas aldeias de Cucu-
li se nao derramasse sangue, havia de ser
pouca, ou nenhuma a conversao dos Gen-
tios: e que o coracão lhe denunciava algu-
mas vezes que havia de padecer martyrio
naquellas partes, por onde ha de permitir
Deos que o sangue destes Martyres seus
servos nao seja alli derramado em vao,
como ja vai mostrando no fruto que cada
dia se faz nellas, e nos Templos, que se
vain alevantando ao Altissimo Deos nos lu-
gares dos Pagodes, e abominacoes diaboli-
cas, de que hoje ja nao ha memoria. E
por sima de aquelles famosos, e altos mon-
tes (de que todas estas aldeias estam cer-
cadas) se veem altissimas, e fermosissimas
cruzes alevantadas, ate que o tempo de lu-
gar pera de todo se extinguir os diabo-
licos ritos, em que alguns ainda andam
cegos, pera que abrindo os ollhos, conhe-
sao a verdade da nossa Lei, nao so estes,

514 ASIA DE Diogo de Couto
mas tambem todos os mais vizinhos, e co-
marchaos.

C A P I T U L O VI.

*Da Embaixada que o Viso-Rey mandou ao
Oxá pelo Padre Fr. Simão de Moraes da
Ordem de Santo Agostinho: e da occa-
sião que houve pera isso: e do que
lhe aconteceu na jornada.*

NA Armada do anno de 583. teve o Viso-Rey D. Francisco Mascarenhas cartas de ElRey pera Oxá Cadabonda Rey da Persia sobre o persuadir a continuar na guerra contra o Turco, oferecendo-se ao ajudar o Viso-Rey com Armadas pelo estreito do mar roxo pera com ellas o divertir. E como ElRey Filipe era muito prudente, e sabia que os Reys Mouros são amigos de grandes ostentações, e que pera lhe mandar Embaixador conforme sua grandeza, e a vaidade daquelle Mouro cultivava muito, escreveo ao Viso-Rey lhe inaudisse aquella carta em forma que lhe parecesse que não desfaria na opinião de ambos nem de sorte que se pudesse aquelle Rey queixar, nem tomar; e deixando aquelle negocio em seu parecer, e dos do seu Conselho; e andando o Viso-Rey discorrendo

sobre o modo que nisto haveria, e teria, praticando o negocio muitas vezes com pessoas de bom entendimento, e experiençia, sem acabar de se resolver, succedeo vir a Goa hurn Armenio, pessoa veneranda, homem prudente, e de grandes mostras de santidade com huma hypocrisia farisaica, que só contava hum milagre que acontecera ao Principe Anze Mirza, primogenito de ElRey da Persia, que era este.

Casou elle Principe com huma senhora Georgiana Christa, posto que scismatica, mas conservava todavia, como todos os Georgianos, a Cruz de Christo, e muitas cousas da Fé. Adocceo o Principe, e chegou a estado de desconfiarem delle os Fysicos, o que a mulher sentio em extremo. Estando lo com elle hum dia, o consolou de sua enfermidade, e lhe disse, que tivesse confiança em Deos, que elle era poderoso pera lhe dar vida: que se quizesse ter saude, fizesse huma inézinha, que lhe ella ensinaria, que tinha tanta virtude, que ella se obrigava a logo farar. O Principe, que lhe era affeçgado, lhe disse, que era contente de fazer por sua saude o que lhe ella aconsellhasse. Vendo ella o Principe disposto, tirou do seio huma Cruz, e amosrou-lha, dizendo-lhe, que se cresce, e que se se encomindasse áquelle Senhor, que

nella morte, de todo o seu coração, que ella confiava que logo recebesse saude. Alguma cousa ficou o Príncipe suspenso pela liberdade com que a mulher lhe fallou quella matéria tão desviada, e fora de sua crença, e seita; e todavia quando a viu segura, e prometter-lhe com tanta confiança saude, parece que obrou o Espírito Santo em sua alma algum bom efeito, com que lhe abriu o entendimento para se afeiçoar aos Mysterios da nostra Santa Fé; e assim respondeo á mulher, que se aquelle Deos que dizia, lhe desse saude, euc elle faria o que ella dizia; e então lhe disse ella: Já que assim he, affeígoai a vontade que vos disse, e olhai para esta Cruz, e tende confiança que tercias saude per seu nicio. Estando nestas praticas, chegaram os Medicos; e dissimulando elle o caso, econdeo a Cruz, e toriando-lhe elles o pulso, o acharam sem febre, e com tanta melhoria que pasinaram, porque se tinham ido de alli desconfiadissimos, e assim em breves dias alcançou saude perfeita, e se levantou.

E praticando este Armenio com o Viso-Rey sobre as cousas da Persia, e contando-lhe este milagre, lhe affirmou que se fossem já alguns Religiosos, que sem falta o Príncipe Arza Mirza, que governava o Rey ^{pe}

no por seu pai , que era cego , se faria Christão pela alfeição que tinha á nossa Santa Fé , e qualis que se obrigaria a isto. Não devo o Vifo-Rey inteiro credito ao Armenio , porque são difficultosas as cousas daquelle qualidade de mudar de Lei hum Mouzo creado na falsa seita de Mafamede accomodada á natureza corrupta de todos. E posto que a cousa era muito pera duvidar , e estava aquelle negocio entre o Príncipe , e sua mulher , que ninguem o sabia mais pera publicar-se o milagre por via da Santa Cruz , parceo a todos fingimento do Armenio , e que tratava aquelle negocio por alguns respeitos particulares. Todavia não deixou o Vifo-Rey de cuidar que bem poderia Deos nosso Senhor obrar aquellas , e outras maravilhas maiores , porque tudo estava em sua mão , e assim deo conta disso ao Padre Fr. Miguel dos Anjos , Provincial dos Religiosos da Ordem de Santo Agostinho , que tinham vindo de Portugal deputados pera aquella empreza , como na Decada VIII. temos dito , quando tratámos de sua vinda. E como elle sabia que o Padre Fr. Simão de Moracs era Religioso muito virtuoso , e de grande exemplo , e que os annos que esteve em Ormuz no seu Convento aprendera a lingua Persa ; e a lia , e escrevia tão bem como os mesmos

mos Persas , disse ao Provincial que lhe parecia muito bem ir este Padre á Persia em companhia daquelle Armenio , e que levarse as cartas de ElRey pera o Oxa ; porque não indo por mão de algum Embaixador com grande apparato , e acompanhamento (cousa que então o Estado não podia mandar) que por nenhuma outra pessoa podia ir mais autorizada que pela de hum Religioso tão grave , e tão perito na lingua Persa , que poderia representar tudo muito bem. Assentado isto entre ambos , negocionado o Viso-Rey o Padre pera Ormuz pera onde se embarcou , e de aquella Fortaleza se poz no caminho logo da Persia ; e chegados á Cidade Casbim , soube ser ElRey , e o Principe passados á Provincia Cohorçone , por lhe terem entrado por elle os Husbeques , e tomado algumas Cidades , como já temos dito atrás ; e não perdoando o Padre Fr. Simão de Moraes a trabalho algum , se poz logo ao caminho de Cohorçone acompanhado do Armenio até chegar ao exercito do Oxá , que achou occupado na guerra contra os Husbeques ; e mandando-lhe fazer a saber de como ^{hiz} por Embaixador de ElRey D. Philippe , o mandou receber , e agazalhar bem , e projeto-lhe abastadamente , e depois o mandou levar diante de si , e o recebeuo com

gran-

grandes honras, por já saber que era Frade, e Sacerdote, a quem tínhamos tanto respeito, como elles tem aos seus Cacizes; e depois de o ouvir fallar a lingua Persa tão corretamente, lhe fez diferentes gazzalados, e tomou a carta de El Rey com grande veneração, e mandou recolher o Padre, e que se lhe déste todo o necessario, que elle não acceditou, senão só o que lhe podia abastar, nem quiz tomar a El Rey peças ricas que lhe dava, de que elle ficou muito admirado, e com brevidade o despatchou, e respondeo a El Rey em fórmia; e nas cartas, fallando no Fr. Simão, chama va-lhe desprezador dos bens da terra; e precependo-lhe bem mandar em companhia do Padre outro Embaixador pera assentar com El Rey as cousas daquella guerra, e persuadillo a mover a ella os Príncipes Christãos, pera o que elegeo hum Capitão seu dos Príncipaes com bom acompanhamento, e casa, e ambos chegaram a Goa o Março seguinte, e foi aposentado junto ao Mosteiro de Santo Agostinho pera os Religiosos correrem com elle, e aonde eu o vihei algumas vezes, e me informei delle de muitas cousas da Persia: era homem, que tinha conhecimento das cousas de Geografia, e mostrou-me hum Padrão, em que tinha arrumados todos os Reynos, e Províncias

cias do Oxá , cousa curiosa , com seus meridianos , e parallelos , que levava a ElRey , e á sua entrada o recebco o Vifo-Rey com magestade , e apparato ; e aqui o deixaremos ate tornar ao que lhe succedeo.

C A P I T U L O VII.

De como D. Gileanes Mascarenhas foi Malavar : e de como entrou o rio de Sangüicer pera castigar aquelle Naique : e do desastre por que foi morto.

Tanto que o Conde D. Francisco Mascarenhas vio entrado o mez de Agosto , e que a Costa da India se deixava na-vegar , ainda que com trabalho , tendo al- sentado que fosse D. Gileanes Mascarenhas ainda aquelle verão ao Malavar , pera on- de mandava de presla a Armada , succedeo ter cartas de Cochim , em que o avisavam que naquelle Cidade havia grandes bandos , e desordens sobre a Alfandega , a que era necessario acudir ; e com isto determinou de mandar de presla D. Gileanes Mascare- nhas com alguns navios pera temperar quellas couzas pera depois de vagar lhe man- dar mais Armada : e mandou logo pôr no mar quatorze navios ligeiros , e os proveo de mantimentos , e munições , e despedio

D. Gileanes nelles com regimento que fosse a Cochim, e trabalhasse por temperar aquelles moradores, encommendando este negocio por cartas muito aos Prelados, e Religiosos, pera que se mettessem em meio, e trabalhassem por paziguar aquelles tumulos; e assim mesino lhe deo por regimento que de passagem castigasse o Naique de Sanguicez. Era este Naique vaissallo do Idal-lá, e havia alguns annos que estava ale vantado em sete, ou oito aldeias, que rendiam outros tantos mil pagodes, e tinha seiscientos peões com que as defendia; e por serem no mato, não o podiam acolher as mãos, e não só vivia aqui em deserviço do seu Rey, mas ainda do Estado da India, porque começoa a recolher alguns raddrões, e armar em seu porto alguns navios ligeiros, que do nome daquelle rio se chamavam Sanguiceis, os quaes trazem vinte homens de polcija, com que sahem por toda a costa do Norte a roubar assim os Portuguezes, como Mouros, e Gentios, e fazem cada anno notaveis roubos, com que os mercadores empobrecerão, e não ousavam de navegar senão em cafilas; e foi o seu desafforo tamantio, que solicitavam, e recolhiam os escravos dos moradores de Goa, de que ajuntou huma grande cópia; e depois que estes se misturaram com os

la-

ladrões de Sanguicer , não só roubavam todos os Portuguezes que achavam , mas ainda os matayam , o que antes não faziam , porque se contentavam com lhe toamar as fazendas ; e porque isto ficava em descredito do Estado , e tão perto de Goa , ordenou o Vilo-Rey que os castigasse D. Gileanes de passagem , e lhe encommendou trabalhoasse por destruir aquelle Naique de todo. D. Gileanes se embarcou por fim de Agosto ; e porque a barra estava ainda soberba , sahio pela de Goa a Velha com os quatorze navios , dos quaes , fora elle , eram Capitães Garcia de Mello , D. Francisco de Azevedo , Tristão Vaz da Veiga , Diogo Corvo , Paulo Coutinho , Ignacio Nuncs de Mancelos , Diogo Jorge Barreto , Galpar de Carvalho de Menezes , Sebastião de Negriros , Francisco de Sousa Roli , Pedro Vceloso , e Gaspar Fagundes. Levavam estes navios trezentos soldados dos mais velhos , e escolhidos de Goa ; o primeiro dia ^{que} partio foi á noite surgir na enseada das Gales , pouco mais de meia legua antes do rio de Sanguicer : alli deo conta aos Capitães da ordem que levava pera entrar naquelle rio , porque até entao a teve em segredo , e assentáram que ao outro dia seguinte entrassem o rio , e desembarcassem em terra. Com esta resolução despedio D.

Gileanes logo quatro navios, de que eram Capitães Garcia de Mello, Jorge Barreto, Diogo de Sousa, e outra pera iscam sondar aquella barra, porque quando elle de madrugada chegasse, não se devivesse nada: estes navios chegaram á boca daquelle rio; e como não levavam Piloto que soubesse aquella barra, andaram ás redes a huma, e outra parte, dando aqui em huma pedra, lá em hum baixo, de maneira que não puderam acertar o canal, e de cançados surgiaram, e ficaram esperando pelo Capitão Mór. Tem esta barra logo na entrada da banda de fóra hum banco de areá, e pedras, he larga na boca, e tem fundo de quatro braças; e como entram dentro, entre as terras fica tão estreito o rio, que com dous tiros de pedra se passará, vai em muitas voltas, e sempre tira ao Sul: pelo meio vai hum canal ainda tão estreito, que escassamente pôde passar hum navio de remo, e tudo o que fica de huma, e outra banda são penedos mui grandes, e perigosos como picos, haverá junto delles tres, ou quatro braças de fundo. D. Gileanes Mascarenhas, tanto que foi o quarto de alva, levou-se, e foi demandar o rio, cuidando o achasse já mui labido; e chegando aos navios, soube delles o trabalho em que toda a noite andaram sem acharem o

canal. E por ir amanheccendo , determinou entrar o rio , porque a claridade do dia os encaminhava pelo canal ; e porque o na-
vio em que elle hia era grande , e pes-
ado , mudou-se a huma fusta , que hia na Ar-
mada pera de caminho a dar em Manga-
lor a Luiz Ferreira , que alli invernara com
soldados pera nella o acompanharem , e
nella metteo comsigo vinte soldados , e
dous Padres , hum da Ordem dos Pregado-
res , chamado Fr. Joao Soares , muito bom
Prégador , e Mestre Apresentado em The-
ologia , que léra muitos annos ; e outuo era
da Ordem do Serafico Padre S. Francisco ,
e ás sete horas do dia commetteo a barra ;
e como não levava Piloto , que soubesse o
canal , foi sempre ás apalpadelas , no que
gastou ate ás quatro horas da tarde , por ha-
ver da barra ate á povoação de redor de
sínco leguas. E sendo já perto della ; e on-
de o rio era mais estreito , e perigoso por
causa dos penedos , e a agua descia com
grande força por vir o rio cheio , e sober-
bo com as aguas da invernada , foram os
navios , que hiam diante , cabeceando , e
encostando-se aos penedos ; e como alli era
estreito , os que hiam atrás foram-se deten-
do por não encalharem nos outros. D. Gil-
eanes vendo aquillo , mandou remar avan-
te ; e como o seu navio hia despejado , pas-
iou

sou por todos ; e vendo huma calheta na praia já defronte da povoação , endireitou pera ella ; e querendo por a proa em terra pera desembascar por alli , como hia avia-
do do remo , foi varar em parte , que ficou encalhado entre douis penedos , sem poder sahir pera fóra. Os soldados vendo-se as-
sim , lançáram-se a terra com os marinhei-
ros , e começáram a lançar a fusta pera o mar ; mas não puderam , porque estavam sobre as penhas , e os mais navios não pu-
deram soccorrer-lhe , porque o de Jorge Barreto estava já entre huns penedos , don-
de nunca sahio , e assim mesmo o de Pedro de Sousa , e quasi todos os mais hiam dan-
do pelas pedras , e bem tinham que fazer em se livrarem daquelles perigos , sem po-
der nenhum passar avante. D. Gileanes por
muito que trabalhou não pode affastar-se ;
e pera de todo o impedir , acudiram os in-
imigos , e carregáram sobre a fusta com nu-
vens de espingardadas , de que feriram mui-
tos , e fizeram embarcar os que andavam lançando o navio ao mar. D. Gileanes vio-
se perdido ; e conhecendo o erro que fizera em commetter aquillo sem Pilotos , que
o guiassem , todavia preparou-se pera se de-
fender até que lhe pudessem soccorrer. Os
inimigos estavam de lama de hum tezo ás
espingardadas a elle , porque o falcão da
fus-

fusta que laborava, os fez acolher a hum alto; mas o Naique acudio logo alli em sua de hum fernioso cavallo com huma meia lança na mão; e vendo os seus encurraldos no tezo, foi-se a elles, e ás pancadas os fez chegar ao navio, e o cercáram por todas as partes, e ás lançadas, e fréchadas tratáram muito mal a todos, e já a maior parte dos marinheiros eram acolhidos aos outros navios a nado; e posto que os soldados peleijáram muito valerosamente, o navio foi entrado pela proa de hum cardume de inimigos; o que visto por hum Pau-lo da Costa, Cirurgião da Armada, que tinha nas mãos o Guião de Christo, chegou-se a D. Gileanes, que estava ao pé delle, e lho entregou, lançando-se logo ao mar para se pôr em salvo, por haver tudo por perdido. D. Gileanes tomou o Guião, e o fez em pedaços, e o lançou ao mar, por não ficar em poder dos inimigos, e reincidente a elles armado com hum peito de prota, e hum escudo de aço, e com huma fennosa espada coineçou a fazer maravilhas. Os Padres vendo tudo perdido, lançaram-se ao mar, como o viram fazer a alguns soldados; e o Fr. João Soares primeiro que chegasse ás outras fustas, se afogou, e o de S. Francisco surdiu mais ate que se meteu na primeira que achou. D. Gileanes já

ficava quasi só acompanhado de poucos, pelejando muito valerosamente; mas a fusa estava rodeada de mais de trezentos inimigos, e com perto de sessenta já dentro, que eram os com que D. Gileanes andava ás cutiladas, e os mais por todas as partes a combatiam, assim com fréchadas, como com lanças, e tiros de arremesso, como se fora algum touro bravo. Neste conflito chegou a elle bem Mocadão dos marinheiros, que sempre o acompanhava nas Armadas, e que nunca o quiz alli deixar, e lhe pediu que despisste as armas; e posto que não soubesse nadar, que elle se atrevia a pô-lo em salvo em qualquer daquelles navios, e que tratasse de salvar sua pessoa, que assim salvaria toda aquella Armada, e que depois tomaria vingança daquella offensa. D. Gileanes lhe respondeu, que não era elle homem que deixasse o seu navio, e se lançasse ao mar por medo da morte, e que acabaria com aquella espada na mão em seu officio, porque não tinha sangue para fugir aos inimigos; e assim remeteu-a a elles, mettec-le em meio, e fez maravilhas. Das outras fustas, que estavam encalhadas, bem viram o perigo em que o seu Capitão Mór estava, e todos se desfaziam pelo soccorrer, mas não podiam, e assim estavam atroando os ares com gritos de

de mágoa de verem assim nataar diante dos
seus olhos hum Fidalgo tão honrado , e seu
Capitão Mór ; e foi a mágoa disto tão gran-
de , que houve soldado (a quem não pude-
mos saber o nome) que se lançou ao mar
com huma lança na boca pera lhe soccor-
rer ; mas não pode chegar á fusta com a
grande corrente do rio. O Capitão Mór es-
teve em meio daquelle cardume de inimi-
gos , tornando primeiro vingança da morte
que lhe haviam de dar ; mas como hum
corpo só não pode aturar tanto , posto que
o animo esteve sempre muito inteiro , e for-
te , todavia o cansaço o rendeo , e cahio na
fusta já depois de muito atacalhado de
muitas feridas : e acabou aqui desta manei-
ra hum dos mais honrados pensamentos
que havia , Fidalgo já feito , despachado
com Orinuz , e em quem a India trazia
os olhos , por lhe prometer de si muito
grandes esperanças : e certo que parece que
seu coração lhe adivinhava aquelle desfaster-
do fim ; porque nos afirmáram alguns , que
escapáram da sua fusta , que em quanto foi
por aquelle rio assima , o víram muito tris-
te , e melencolizado , e que por algumas ver-
zes differe com huma tristeza no rosto mu-
ito grande : Oh que rio tão triste , e mal as-
sombrado ! E assim foi tanto , que nelle
desarmadas em vão todas suas esperanças ,

e nelle sepultou todos os trofeos das victorias que na India alcançou. Os inimigos tanto que vistam o Capitão Môr morto, o desarmáram, e tiráram seu corpo fóra, e o lançáram sobre a terra, couça tão certa pera todos. Tanto que a maré encheo, e que anoiteceo, tiraram-se os navios, que estavam encalhados, pera fóra, sómente os de Diogo de Sousa, e Jorge Barreto, que ficáram sobre as pedras, e todos os delles se salváram a nado, e os mais navios sahidos dos penedos surgiram no Canal, onde passáram toda a noite muito tristes, e em grande vigia por se recearem que o Naique armasse sobre elles, e por estarem perdo da terra, ouviram chamar toda a noite de dentro das moutas que os socorressem, e eram alguns feridos da Companhia de D. Gilcanes que se embrenharam; e tanto que amanheceo, os foram recollendo, que se lançaram elles a nado, e se foram pera fóra do rio.

C A P I T U L O VIII.

Do que mais aconteceu a estes navios, e lhes sucedeo: e de como chegdram á Barra de Goa es naos Caranja, e Boa-Viagem, que tinham partido do Reyno em companhia de D. Duarte de Menezes, que vinha por Viso-Rey da India.

SAlidos estes navios pera fóra, sem elegerem entre si os Capitães huma pessoa, se foram pera Goa, e surgiram em Mormugam, que he Goa a Velha, e de alii mandaram recado ao Conde Viso-Key do desastre sucedido a D. Gilcanes, que em Goa fez muito grande abalo de sentimento pela perda de tão honrado Fidalgo, que por suas partes, e qualidades era amado, e bemquisto de todos. O Viso-Rey lhes mandou dizer que se deixassem estar, que logo proveria no que convinha; e ^{ao} outro dia despedio Miguel Dias Picoto com hum regimento pera tomar posse daquella Armada, e andar com ella pela Costa até a prover de Capitão Mór; e por elle escreveu huma carta a todos aquelles Capitães, em que os consolava da morte de D. Gilcanes, dizendo-lhes que muito bem sabia o como elles procediam com sua obrigação, e que todos trabalhariam pelo soccorrer,

pe-

pelo que não havia em que lhe pôrem culpas ; e que alli mandava Miguel Dias Pictor, a quem obedeceriam como á mesma pessoa de D. Gileanes (dizendo que inuito bem sabia que o fariam) e que com elle andassem na Costa até prover outro Capitão Mór. Com isto tornaram a dar á vela , e foram até á barra de Sanguicer , onde Miguel Dias se deixou ficar , e despedio quatro navios com quatorze mil pardaos dos contratadores da pimenta pera os levarem a Barcelor aos Feitores que lá tinham , como fizeram , e se tornaram logo pera elle Miguel Dias. Da barra de Sanguicer teve iratos com o Naique sobre lhe entregar os dous navios , que ficaram nas pedras , os quaes elles depois tiraram , e o corpo de D. Gileanes pera o levar pera Goa ; e como o Naique estava receoso do castigo , acudio com muitas satisfações , que Miguel Dias por cnião lhe aceitou pera ver se podia effectuar o que levava em muito segredo , e o que lhe o Conde tinha muito encommendado , que era ver se podia matar aquelle Naique , que era razão , porque elle se tinha mostrado muito familiar seu , e facil nos requerimentos , e cumprimentos que com elle teve por pessoas que correram com isso , e depois de sobie rão tratarem por algumas vezes , vieram a

concluir em lhe fazerem pazés , e lhe entregar tudo o que pedia , pera o que assentaram de se verem ambos em hum navio perto da terra com seis homens cada hum. Nisto gastáram alguns dias , porque estes Gentios todos as coulas , ainda de menos confiança que estas , fazem com muito vagar , e por eleições de horas , e dias que lhes seus Bragmenes assinam ; e por se lhes mostrarem muito especulativos , os vam dilatando com sinaes que dizeim que notaram , ora da gralha que lhe passou ~~para~~ parte esquerda , ora do cão , que lhe houvou , ora da osga que lhe canhou , e da outra que espirou , e de outras infinitas sem saberias que não tem conto : em fini ~~estan~~ do nestas diligências esperando que lhe succedesse huma hora boa pera elle , que toda a que chegasse a se ver com Miguel Dias havia de ser bem má , porque o havia de matar ás punhaladas , como tinha diciernido , chegaram neste tempo novas de Goa que ficavam na barra duas naos de Portugal , em que virha Viso-Rey. Com isto se alvorotaram todos , e porque também lhes faltavam mantimentos por se lhes tivesse molhado ; e vindo os Capitães todos á sala , assentaram de se irem ; e sem lhes dar do seu Capitão Mór , leváram ancora , e deram á vela pera Goa , e na barra acháram

ram as duas náos , que eram a Laranja , Capitão João Paes , onde vinha embarcado D. Jorge de Menezes , do Conselho de El Rey , e seu Alferes Mór , que trazia a Capitanía de Sofala , e Moçambique pera entrar logo : outra não era a Boa-Viagem , de que era Capitão Lourenço Soares de Mello , que eram da Companhia de D. Duarte de Menezes , Senhor da casa de Tarouca , que tinha partido dô Reyno por Viso-Rey da India com seis náos . O Conde D. Francisco foi logo avisado da vinda da Armada , e mandou recado aos Capitães que não passassem da barra , porque logo os mandaria prover de mantimentos , e dinheiro ; mas elles como vinham descontentes , e enfadados , e esperavam cada dia pelo Viso-Rey novo , sem ter dever com o recado , foram entrando pera dentro , e surgiram no caes , donde deixaram os navios , e se foram para suas casas sem mais cumprimento algum . O Conde D. Francisco que o soube , os mandou meter no tronco pera proceder contra elles , e os castigar ; mas como era bom Fidalgo , e brando , primeiro que se embarcasse pera Cochim , os mandou soltar .

CAPITULO IX.

Das Armadas que o Conde D. Francisco mandou pera fóra : huma de Coutacouloes pera o Norte, de que foi por Capitão Mór Pedro Homem Pereira ; e outra pera o Malavar, em que foi D. Jeronymo Mascarenhas, e do que lhe sucedeo : e das novas que chegaram do Viso-Rey D. Duarte de Menezes ser em Cochim.

Pelas náos que chegaram á barra de Goa soube o Conde D. Francisco como era partido do Reyno D. Duarte de Menezes pera Viso-Rey, de que elles não davam novas. E porque poderia tardar, ou ir tomar Cochim, não quiz deixar de cumprir com suas obrigações, e prover a Fortaleza de Ceilão, a quem o Rajú fazia contínua guerra, e isso mesmo as Costas do Norte, e Sul de Armadas osainarias; pelo que mandou dar presta ao Galeão, que havia de levar os provimentos áquella Fortaleza, de que era Capitão Gaspar Barbosa, e o despedio entrada de Outubro com muitas munícões, e deo oito mil pardaos em dinheiro pera a paga dos soldados, e ordinarias daquella Fortaleza : e porque os collários, que mordam no mar, eram huns,

a que chamam Coutacoulões, que sahiam de alguns rios do Malavar, que por serem muito pequenas, e ligeiras as fustas das nossas Armadas não podiam alcançar, elles a todos os navios de Mercadores que viam, chegavam, e roubavam, porque lhes não podiam fugir, e tinham feito grandes roubos, e desfacatos ás Armadas, ordenou o Conde D. Francisco de lhes armar com outros navios pequenos, e ligeiros, para que os buscassem, e tomassem; e tinha mandado preparar seis Coutacoulões muito leves, e com muito boas esquipações, e fez Capitão Mór Pedro Homem Pereira, que partiu pela barra fora a vinte e hunh do mez de Outubro, e muito bem negociado, e com bons soldados: os Capitães que o acompanharam, foram Sebastião Bugalho, Francisco d' Almada, Miguel Coelho, Antonio Soares, e Ambrosio Pereira; e porque estes navios foram mandados, e ordenados pelo Conde D. Francisco, nos parece bem darmos aqui breve relação do que lhe sucedeo todo este verão, posto que fesse já no tempo do Viso-Rey D. Duarte, por não entrarmos em principio de seu governo com miudezas. Partidos estes navios de Goa, foram-se á Costa do Norte, e passaram a enseada de Cambaya aps alguns ladrões daquelles, de que logo tiveram novas,

vas, e elles tambem da Armada, e foram-se desviando tudo o que puderam: todavia não deixaram de fazer algumas prezas: em sum tantas voltas deram os nossos, que foram ensacar cinco delles no rio de Bombal junto de Bação, e alli foram abalroados, e mettidos quasi todos os que nelles andavam á espada, porque alguns se lançaram a terra a nado, e os navios ficaram todos com o recheio; os primeiros que aqui abalroáram foram Miguel Coelho, e António Soares, que ficaram com alguns soldados, e marinheiros feridos: e depois disto tomou o Miguel Coelho outro ladrão destes no rio da Pedra; e porque todo este verão não lhes aconteceu mais, concluiremos aqui com elles.

O Viso-Rey tanto que despedio estes Coutacoulões, logo mandou dar pressa à Armada, que estava nomeada pera D. Gil-
canes Mascarenhas, que eram duas Galés, e vinte navios de remo, e nomeou por Cap-
itão Mór seu sobrinho D. Jeronymo Ma-
scarenhas; e andando pera lançar fóra esta Armada, teve recado de Cochim muito apressado dos alvorocos que havia naquella Cidade sobre a Alfandega, affirmando-lhe que os moradores estavam postos em armas pera defendereim suas liberdades, e que sem gluvida acontecerião desinanchos, e desfur-
dens,

dens, se quizessem apertar com elles. A isto lhe respondeo o Conde, que era necesario acudir com pessoas religiosas, e graves, pera com suas authoridades, e ameaçoes trabalharem pelos moderar, e abrandar: pera isto elegeo o Padre Fr. André, Custodio de S. Francisco, que depois foi Bispo de Cochim, e com elle Heitor de Mello, Fidalgo velho, honrado, e prudente, e muito respeitado de todos, e os mandou embarcar em huina Galé da Armada, de que era Capitão Antonio de Azevedo, e encomendando-lhes muito trabalharem todos por todas as vias, e modos que pudessem aquietar aquelles moradores, e tirallos da contumacia em que estavam, porque o não obrigassem a usar de rigor, e a se tornarem as armas Portuguezas humas contra as outras, cousa que seria muito escandalosa, quando a fidelidade Portugueza andava por exemplo entre todos os amigos, e inimigos: e deo por regimento a Antonio de Azevedo que como puzesse aquelles varões em terra, se deixasse ficar na barra de Cochim até ver em que paravam aquellas cousas; e que quando aquelles moradores se não movessem pelas pregações, rogos, e admoestações daquelles Religiosos, e iodavia quizessem insistir em sua contumacia, que em tal caso elle Antonio-

tonio de Azevedo se poria naquella barra, e não deixaria entrar, nem sahir causa alguma, e os tivesse assim de cerco, e lhes mandasse recado, porque estava determinado acudir áquelle negocio com todo o poder da India. Partido Antonio de Azevedo, logo apôs elle despedio o Conde todavia toda a mais Armada, dando por regimento a D. Jeronymo que se deixasse andar na Costa do Malavar, e tivesse embarcação em Cochim, pera que se chegasse o Viso-Rey D. Duarte, o mandar avistar, e que elle voltasse com toda a Armada pera o acompanhar. D. Jeronymo se fez á vela a 7 de Novembro, e os Capitães que o acompanharam são os seguintes: André de Sousa Coutinho, Paulo da Silva de Menezes, D. Francisco Mascarenhas, irmão de D. Gileanes, que nas náos que chegaram á barra tinha vindo do Reyno; D. Jorge de Almada, D. Manoel de Lima, Francisco de Sousa Pereira, Gaspar de Carvalho de Menezes, Francisco de Sousa Rosim, Fernao de Macedo, João Barriga Simões, Gaspar Fagundes, Luiz Figueira de Azevedo, Belchior Barbosa, Jane Mendes Pestana, Manoel Alvares Pereira, João Rodrigues Cabral, Manoel Caldeira, Lopo de Atouguia, Pedro Rodrigues, Pedro Velloso, Pedro Fernandes Moricale, Francisco de

de Fronteira, Agostinho Luiz, que hia na Manchua do Capitão Mór. Chegado D. Jeronymo á Costa do Maiavar, achou huma fusta que vinha de Cochim, que lhe deo por novas ser D. Duarte de Menezes com as náos que faltavam. Chegado áquella Cidade, e sem esperar mais, voltou pera Goa acompanhar o Conde seu Tio até Cochim.

C A P I T U L O X.

De como se perdeo o Galeão que hia pera Ceilão, e a gente, e dinheiro se salvou, e outras cousas.

Partido de Goa o Galeão, que hia pera Ceilão, foi fazendo sua viagem até dobrar o Cabo de Comorim, e de Tuto-curiim foi atravessando a Ceilão com bom tempo; e sendo já á vista daquella Costa, lhe deo hum temporal, a que os naturaes ahí chiamam Cachiam, que he vento Norte, que alli fica sendo travessão; e he tão perigoso, que de maravilha escapa o navio que toma no mar, o qual tempo foi muito grosso, e toinou o Galcão já tão abarbadado com a terra, que foi fergado surgirem, porque não havia pera onde correr, e sobre a amarra estiveram alguns dias, e mui-

muito perto, e com grande risco, e trabalho, porque o tempo foi crescendo cada vez mais, e o Galeão com a força do trapear foi arrebatando as amarras por algumas partes, o que os Oficiaes foram sempre remediando o melhor que puderam, sem descançarem nem de dia, nem de noite, e com isso foi o Galeão á casca, levando as amarras a rastos de feição que se acharam hum dia quinze leguas astima, donde surgiram pera a banda do Manar, e tão perto da terra, que estavam aguardando a hora que nella haviam de encalhar. O Capitão Gaspar Barbosa vendo-se naquelle perigo, mandou ter muito resguardo no barcel pera se salvarem nelle, porque por toda a Costa viam surgir os inimigos, esperando que cada hora lhes fosse ter aquella preza as mãos. O Capitão de Ceilão foi logo avisado do trabalho em que o Galeão estava, e despedio com muita pressa Juan Tone ligeiro com cartas a Ambrosio Lertão, que estava com tres navios da Armada, assun pera favorecer a pescaria do aljofar, como pera recolher, e dar guarda nos navios, que haviam de vir da outra Costa com mantimentos pera a Fortaleza de Columbo, mandando-los que deixasse tudo, e que logo acudisse áquelle Galeão. Este Tone chegou a Manar mui apressado, e com

aquele recado se desamarron logo Ambro-
sio Leitão , e foi soccorrer o Galeão , o
qual com o tempo se foi chegando tanto
á terra , que foi necessario coriarem-lhe os
meios pera ver se com isto se podia sus-
tentar mais sobre a amarra , porque as arvo-
res , e as enxarcias tonavam muito vento ;
mas nem isto bastou , porque o Galeão foi
sempre tirando pera a terra , por ter já to-
das as amarras moidas , e desfeitas. Ven-
do-se o Capitão Gaspar Barbosa perdido ,
e sem remedio , e que não poderia deixar
de varar na terra , merco no batel o di-
nheiro que levava , e o preparou de mui-
tos remos , e cousas necessarias , e por con-
selho de todos mandou dar muitos furos
ao Galeão pera se encher de agua , e se ir
a pique , porque não fosse dar accia , e os
inimigos não houvessem aquella artilleria
ás mãos , e se não aproveitassem do rebo-
do , e pregadura : o que se fez com muita
pressa já abordados com a terra , e elle com
os Portuguezes se recolheo ao batel , e se
deixou estar até que a não se assentasse no
fundo. A este tempo chegou a elles hum
dos navios da companhia de Ambrosio Leitão ,
de que era Capitão Diogo Gonçalves ,
que por ser muito ligeiro se adiantou ; e
chegando ao batel , recolheo o Capitão com
alguns Portuguezes , e todo o dinheiro ,

que eram dezoito mil pardaos de El Rey ; e sem esperar por Ambrosio Leitão, se fez á vela pera Colunbo , e o batel com a mais gente pera Manar , ficando a não já toda debaixo da agua ; e indo esta fusta demandar o porto de Colunbo , houve volta de tres navios, que cuidou sahirem da Fortaleza , que eram os dos Malavares , que cliveram até então recollidos em Brijair , e os mesmos sobre quem foi Pedro Clemente de Aguiar , como atraç temos conta do. Domingos Gonçalves , sem embargo de os não conhecer , desviou-se delles , e fez-se na volta da terra , e por anoitecer logo passou por elles , e se foi metter em Colunbo , onde soube que os navios eram de ladrões , que deram todos gracas a Deos por permitir desviallos delles pera lhe escapar aquelle provimento tão necessario pera aquella Fortaleza , e que estava já em estado por falta delles , que os soldados despejavam os Baluarts , por não terem que comer , nem com que se cubrir , e com este dinheiro se remediou tudo , e se tornou a socregar ; e João Correa de Brito , Capitão daquella Fortaleza , mandou logo dinheiro á outra Costa a buscar mantimentos , que lhe depois vieram. Ambrosio Leitão chegou logo ao outro dia após Domingos Gonçalves , e trouxe huma grande caña de man-

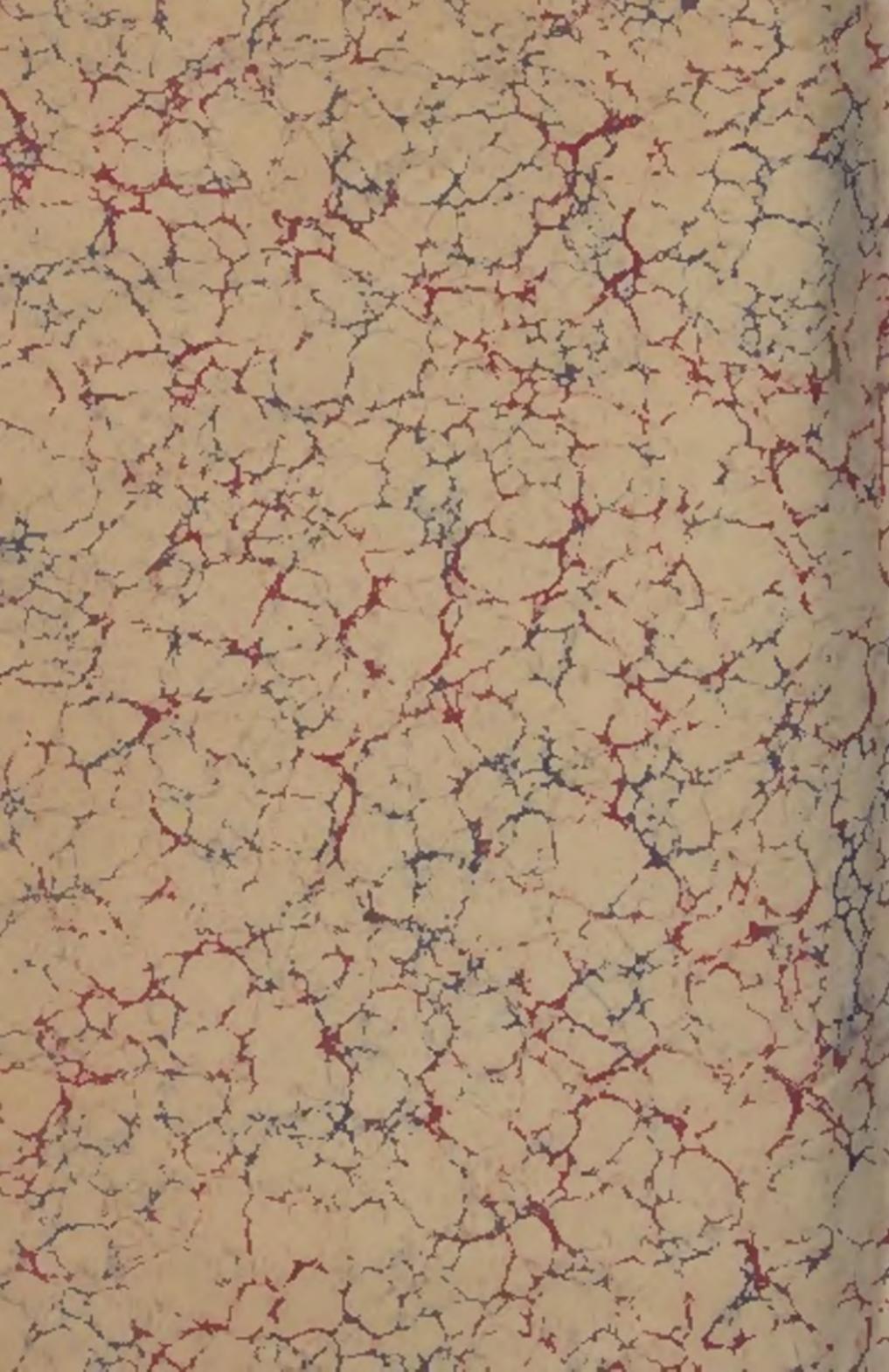
timentos, e passou sem haver vista dos Páraos, porque aquella mesma noite se fizeram na volta da outra Costa: com isto ficou a terra provida, e a Fortaleza desaliada do receio em que estava.

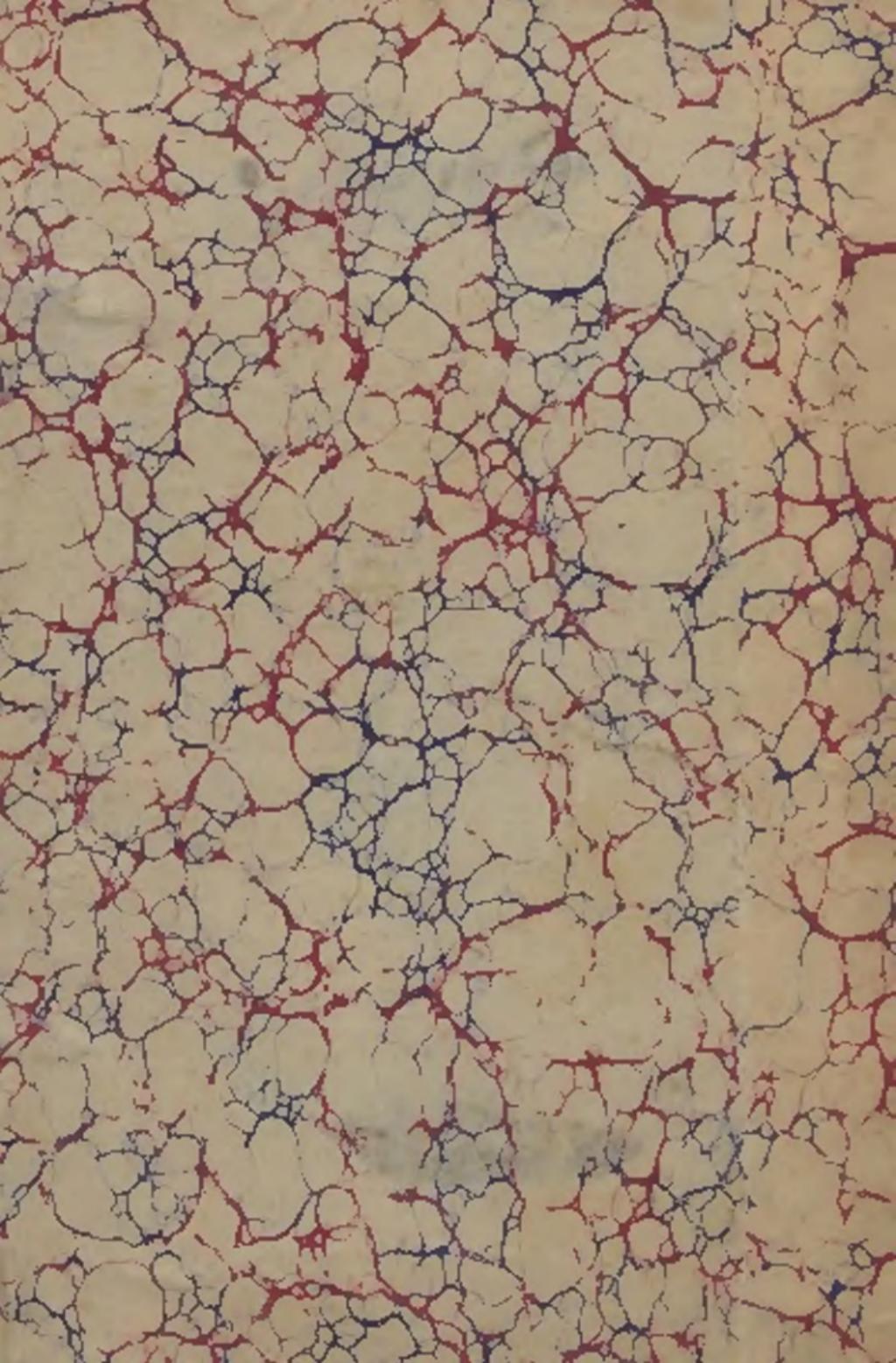
FIM DA L PARTE DA DECA DA X.

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO
THOMAS JOSE DE BARROS QUEIROZ



7946a





NB



4370000001904